



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**ALEXSANDRA DOS SANTOS BARBOSA**

**PROJETO PROFESSOR DIRETOR DE TURMA NA ESCOLA PÚBLICA:  
DESAFIOS E FUNCIONALIDADE**

**FORTALEZA**

**2021**

ALEXSANDRA DOS SANTOS BARBOSA

PROJETO PROFESSOR DIRETOR DE TURMA NA ESCOLA PÚBLICA: DESAFIOS E  
FUNCIONALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- B195p Barbosa, Alexandra Dos Santos.  
Projeto Professor Diretor de Turma na Escola Pública : Desafios e Funcionalidade / Alexandra Dos Santos Barbosa. – 2021.  
223 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2021.  
Orientação: Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira.
1. Professor Diretor de Turma. 2. Escola. 3. Família. I. Título.

CDD 370

---

ALEXSANDRA DOS SANTOS BARBOSA

PROJETO PROFESSOR DIRETOR DE TURMA NA ESCOLA PÚBLICA: DESAFIOS E  
FUNCIONALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 07/01/2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Zilda Maria Menezes Lima  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

*Para nós todo o amor do mundo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma forma de comunicar ao universo que você gostou do que aconteceu. Sou grata por toda a trajetória do mestrado.

Agradeço a minha mãe, que mesmo sem entender direito o que eu estava fazendo, sempre apoiou e acreditou na minha capacidade.

Ao meu companheiro, Lucas, por estar do meu lado em todos os momentos e cuidar tão bem da nossa filha, Laura, enquanto eu me dedicava à pesquisa, enquanto entrevistava professores e professoras nas escolas que estivemos quando a Laura era apenas uma bebê.

Agradeço muito, com todas as minhas forças, ao meu amigo Jarles, por contribuir com a minha orientação, ouvir e sanar minhas dúvidas madrugadas a fio, por se importar e acreditar na minha pesquisa.

Ao meu orientador, professor Almir, pela paciência, pelo crédito e dedicação em ler atentamente tudo o que escrevia.

Às professoras Zilda Maria Menezes Lima e Patrícia Helena Carvalho Holanda, por terem aceitado tão prontamente participar da banca examinadora, por me inspirarem, apontando caminhos seguros para que eu pudesse desenvolver melhor o trabalho.

À Linha de História e Educação Comparada (Lhec), pelo acolhimento, pela força e pelo despertar acadêmico que fez insurgir em mim.

Às professoras e aos professores que ministraram as disciplinas que tive o prazer de fazer, em especial à professora Juraci Cavalcante, por ter despertado em mim segurança para aparecer mais na escrita.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro que tornou possível que eu me dedicasse à pesquisa.

A todos os professores e professoras diretores de turma que se dispuseram a participar da pesquisa, contribuindo de maneira extremamente necessária.

E, com toda a imensidão que a palavra gratidão pode alcançar, todo o amor que ela expressa, agradeço pelos meus alunos, pois eles são, sem dúvidas, o motivo da minha inspiração. Eram o 1º B quando começamos esta jornada, agora são o 3º B, e que, em breve, serão jovens no mundo sem a escola, serão universitários, serão trabalhadores e trabalhadoras, serão artistas [...], mas, seja o que eles e elas se tornarem, serão parte da minha história, assim como sou de suas histórias.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar as contribuições do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT), que, inicialmente, teve sua origem em Portugal e, posteriormente, foi implementado no estado do Ceará pela Secretária da Educação (Seduc) em 2008. Para o desenvolvimento deste estudo foi realizada uma pesquisa documental a partir das leis e decretos portugueses que envolvem o referido projeto, desde o seu surgimento como Diretor de Classe, em 1895, Diretor de Ciclo, em 1936 e, finalmente, Diretor de Turma, em 1968, assim como em manuais de orientações e material de apoio sobre o PPDT cearense. Foram feitas entrevistas com diretores de turma e com o núcleo gestor de quatro escolas da 1ª Coordenadoria Regional de Educação (Crede 01), no município de Pacatuba, sendo uma de tempo regular, duas de tempo integral e uma profissionalizante. Os resultados foram dialogados com eixos temáticos como escola, família e disciplina.

**Palavras-chave:** Projeto Professor Diretor de Turma. Escola. Família.

## **ABSTRACT**

This paper aims to investigate the contributions of the Class Teacher Project based in Portugal and implemented in the State of Ceará by the Secretary of Education in 2008. For this, a documentary research was done on the Portuguese laws and decrees that involve the Project since its emergence as Class Director in 1895, Cycle Director in 1936 and finally Class Director in 1968 as well as in Guidance Manuals and Support Material on the PPDT of Ceará. An interview was made with class principals and the management nucleus of four schools of the Regional Coordination of Education - CREDE 01 of the municipality of Pacatuba being one of Regular Time, two full-time and one professionalizing. The results were dialogued with thematic axes such as school, family and discipline.

**Keywords:** Project Teacher Director of Class. School. Family.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ANPAE	Encontro Estadual de Associação de Políticas e Administração de Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento de Educação
DT	Diretor de Turma
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EP	Escola Profissionalizante
GSA	Gestão de Sala de Aula
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCA	Professor Coordenador de Área
PDT	Professor Diretor de Turma
PPDT	Projeto Professor Diretor de Turma
SEDUC	Secretaria de Educação do Ceará
SIGE	Sistema Integrado de Gestão Escolar
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação da Educação básica do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>EDUCAÇÃO E DISCIPLINAMENTO: UMA QUESTÃO FILOSÓFICA.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1</b>	<b>Conceito de disciplina em Kant.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2</b>	<b>Disciplina em Foucault e a relação professor-aluno.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3</b>	<b>Disciplina e escola: um diálogo entre Kant e Foucault.....</b>	<b>32</b>
<b>4</b>	<b>ADORNO E FREIRE: DA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE À EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA.....</b>	<b>37</b>
<b>4.1</b>	<b>Adorno e a educação: considerações sobre uma educação contra a barbárie.....</b>	<b>37</b>
<b>4.2</b>	<b>Paulo Freire: educação, autonomia e liberdade.....</b>	<b>46</b>
<b>4.3</b>	<b>Adorno e Freire: aproximações de uma educação para a liberdade.....</b>	<b>45</b>
<b>5</b>	<b>HISTÓRIA E CATEGORIZAÇÃO DO PROJETO PROFESSOR DIRETOR DE TURMA.....</b>	<b>50</b>
<b>5.1</b>	<b>Diretor de classe: o decreto de 1895 e suas consequências para a escola portuguesa.....</b>	<b>50</b>
<b>5.2</b>	<b>Diretor de ciclo: Reforma Carneiro Pacheco, entre o controle de alunos e de professores.....</b>	<b>52</b>
<b>5.3</b>	<b>Diretor de turma: a afirmação da tríade aluno-escola-família.....</b>	<b>54</b>
<b>5.4</b>	<b>Projeto Professor Diretor de Turma no Ceará: características e contradições.....</b>	<b>59</b>
<b>6</b>	<b>DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE DO DIRETOR DE TURMA NAS ESCOLAS DA CIDADE DE PACATUBA (CE).....</b>	<b>62</b>
<b>6.1</b>	<b>O perfil dos professores diretores de turma .....</b>	<b>62</b>
<b>6.2</b>	<b>PPDT e relações maternas/paternais.....</b>	<b>65</b>
<b>6.3</b>	<b>Aula de formação para cidadania e desenvolvimento de competências socioemocionais.....</b>	<b>66</b>
<b>6.4</b>	<b>O Projeto diretor de turma e o preenchimento do sistema.....</b>	<b>68</b>
<b>6.5</b>	<b>Sobrecarga docente e o Professor Diretor de Turma.....</b>	<b>71</b>
<b>6.6</b>	<b>Funcionalidade do Professor Diretor de Turma.....</b>	<b>74</b>
<b>6.7</b>	<b>Professores Diretores de Turma pretendem continuar na função?.....</b>	<b>77</b>

<b>6.8</b>	<b>O que pode melhorar.....</b>	<b>78</b>
<b>7</b>	<b>COMBATE À EVASÃO ESCOLAR, DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E FAMÍLIA: OS DESAFIOS DO PROFESSOR DIRETOR DE TURMA.....</b>	<b>82</b>
<b>7.1</b>	<b>O público das escolas, segundo os professores .....</b>	<b>82</b>
<b>7.2</b>	<b>Projeto Diretor de Turma e evasão escolar.....</b>	<b>84</b>
<b>7.3</b>	<b>Professor Diretor de Turma e o trabalho com as competências socioemocionais.....</b>	<b>87</b>
<b>7.4</b>	<b>A presença da família na escola, segundo os diretores de turma.....</b>	<b>92</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>
	<b>APÊNDICE A – FONTES .....</b>	<b>103</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS.....</b>	<b>104</b>
	<b>APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES.....</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT) teve origem em Portugal, no ano de 1968, e foi trazido para o Ceará em 2008, sendo implementado no ano seguinte. Em 2019, o projeto alcança, praticamente, todas as escolas da rede pública estadual de ensino. Tem como objetivo ser elo entre escola e família, de forma que o processo de escolarização se dê da melhor forma possível.

O meu interesse de pesquisa pelo PPDT surgiu assim que o conheci, em 2012, porém, comecei como diretora de turma apenas em 2017, em uma escola que hoje funciona em regime de tempo integral. Fui Professora Diretora de Turma (PDT) de uma turma de terceiro ano, a qual apresentava dificuldades comuns, mas com alunos com grandes reclamações de indisciplina, desrespeito a professores e uso de drogas. A palavra de ordem daquele ano foi “disciplinar”, e as ordens giravam em torno de manter o mapeamento da sala de aula e ligar para os pais. Era algo engessado, quase um cargo na área de segurança, o que me fez se sentir como uma espécie de “guarda suíço” (FOUCAULT, 2013).

No ano seguinte, quando fiquei responsável por uma turma de primeiro ano, a primeira em tempo integral da escola, decidi que seria diferente e que o projeto não seria usado somente como meio de disciplinamento e manutenção da ordem escolar, mas que também não seria algo maternal, como já vi acontecer com alguns colegas. Como a escola é instituição social, vivencia todos os seus problemas. A instituição recebe alunos suspeitos de roubo e tráfico de drogas, assim como um aluno que perdeu a mãe no início do ano letivo e foi abandonado pela família. Outro caso de uma adolescente que foi estuprada pelo padrasto e havia se casado com o primeiro namorado para sair de casa. Diante de todas essas demandas, decidi que minha função como PDT seria humanizada.

Durante o ano fizemos oficinas de inclusão social e escolar, saúde emocional e cuidado de si e de múltiplas inteligências, sempre seguindo a demanda da própria turma. O tão cobrado mapeamento foi feito inicialmente de forma autocrática, como todos costumam fazer, porém, no começo do terceiro semestre sentamos todos juntos e decidimos onde cada um sentaria, sem que eu tomasse a decisão sozinha. Parece pouco, mas é uma grande conquista.

Conquistas simples e diárias são sempre uma manifestação da vontade de desmassificar a escola e tornar os educandos parte de um processo no qual ao mesmo tempo em que são sujeitos são coadjuvantes.

A escola brasileira foi criada para formar, prioritariamente, jovens da classe dominante do país, assim como mostra Romanelli (1978, p. 71): “O sistema educacional brasileiro fora, até então, um sistema acentuadamente dualista: de um lado, o ensino primário, vinculado às escolas profissionais, para os pobres, e, de outro, para os ricos, o ensino secundário articulado ao ensino superior, para o qual preparava o ingresso”. Com a industrialização tardia e a conseqüente necessidade de formar mão de obra barata, a escola foi obrigada a abrir os seus portões para receber outro tipo de público, com outras características sociais e diferentes demandas. Não por bondade ou justiça social, a escola brasileira se massificou, popularizou-se e ao longo dos anos e vem tentando instruir e educar. Para Rodrigo (2014):

A partir de 1971, assistiu-se a um crescente processo de massificação, pelo qual o ensino médio ampliou significativamente seu raio de ação, passando a receber estratos sociais menos privilegiados que antes não tinham acesso a ele. Essa expansão quantitativa foi acompanhada de um rebaixamento na qualidade de ensino, talvez sem precedentes na história educacional do país (RODRIGO, 2014, p. 09).

Na época, a associação entre o aumento quantitativo e a diminuição da qualidade do ensino foi colocada como se fosse o preço a se pagar pela expansão. Rodrigo (2014, p. 10) diz que, nos dias atuais, muitos professores lamentam o rebaixamento da qualidade do ensino e lembram o tempo passado. Para a autora, “Esse saudosismo é inútil, porque aquela qualidade era inerente a uma escola elitista que não existe mais”. A massificação da escola é um fato, não se pode ter saudade de uma época em que a instituição funcionava apenas para um pequeno estrato social privilegiado. O ensino não deve ser inferior simplesmente porque alcança uma parcela maior da sociedade.

Da mesma forma que o saudosismo é inútil, reclamações sobre a escola atual também não mudam a realidade. Rodrigo (2014) coloca que é impossível voltar para a escola elitista. Ora, também não se pode pensar em algo que se sobreponha à escola contemporânea sem se ter em mente que a popularização é sua grande característica e função social. A escola do futuro precisa ser para todos.

Se, por um lado, temos uma escola de massa com grande alcance, por outro, têm-se salas de aula lotadas, alunos com necessidades diferentes que, muitas vezes, não conseguem ser atendidos realmente por não serem notados como se deveria. Mesmo com todos os índices de evasão escolar, que são rigidamente controlados pelas Secretarias de Educação, a escola ainda é um lugar superlotado. Dessa forma, Ainda não se conseguiu garantir uma melhor qualidade na educação brasileira por focar suas demandas em relações capitalísticas, como contextualiza Romanelli (2014, p. 62):

O capitalismo, notadamente o capitalismo industrial, engendra a necessidade de fornecer conhecimento a camadas cada vez mais numerosas, seja pela exigência da própria produção, seja pela necessidade de consumo que a produção acarreta. Ampliar a área de atuação do sistema capitalista industrial é condição de sobrevivência deste. Ora, isso só é possível na medida em que as populações possuam condições de concorrer no mercado de trabalho e de consumir.

A expansão do capitalismo no Brasil contribuiu para a expansão do sistema educacional, porém, essa expansão se deu de forma desorganizada, sem planejamento. O Estado agiu para atender às exigências e às pressões do momento, sem preocupações com qualidade, logo, esse crescimento não aconteceu de maneira satisfatória, assim como continua sendo nos dias atuais.

Mesmo conhecendo a história da educação brasileira e todo o viés capitalista que a escola pública teve e tem que seguir, é possível conceber, principalmente nos anos de mais investimento em políticas sociais, um interesse maior em fazer com que a instituição seja lugar de oportunidades para as camadas menos favorecidas. As ações afirmativas são provas latentes da tentativa de busca por equidade. Têm-se algumas leis que garantem e favorecem a entrada e a permanência de crianças e jovens na educação básica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação — LDB (BRASIL, 1996) garante que o aluno tenha escolarização gratuita o mais perto possível da sua casa e admite que os órgãos responsáveis paguem para que os discentes estudem em escolas da rede privada de ensino caso não seja possível alocar esses alunos em escolas públicas. Com isso, é possível afirmar que há uma espécie de investimento para que o alunado se mantenha dentro da escola massificada.

Ações afirmativas como o programa Bolsa Família — muito conhecido e, até mesmo, criticado — influenciam positivamente para que os estudantes frequentem a escola, já que a infrequência pode gerar a perda do benefício. Em janeiro de 2019 foi sancionada a Lei n.º 13.803, que altera o dispositivo da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para obrigar a notificação de faltas escolares ao Conselho Tutelar do Município quando superiores a 30% do percentual permitido em lei. Infere-se, com isso, que é do interesse do governo garantir que a criança e o jovem estejam na escola, porém, é sempre importante questionar: fazendo o que na escola? Para atender à demanda social de formação de mão de obra barata, que a escola de massa geralmente forma, o estado do Ceará possui três modelos de escola, a saber: profissionalizante, tempo integral e ensino regular.

O PDT tem como uma de suas atribuições aproximar escola e a família, duas instituições de extrema relevância para a sociedade, como bem assenta Clemente e Mendes (2013, p. 06), quando afirmam que:

[...] os grandes núcleos que fundamentam e suportam a educação, especificamente a escola e a família, necessitam de ser aproximados. É nesta aproximação que a intervenção da figura do diretor de turma aumenta. A sua principal função passou a ser interligar a família à escola e vice-versa, através do conhecimento profundo dos dois.

Os professores são cobrados para que seja possível manter o baixo índice de evasão, tanto que os que perderam muitos alunos em suas turmas de direção são penalizados com a não renovação do cargo. Por todos os lados se pensam maneiras de manter o aluno na escola. A mesma instituição que tem turmas com 50 alunos enfileirados, em situações de precariedade, é a que se esforça para ser mais atrativa do que o mundo do crime e, em consequência, da guerra do tráfico; do que os subempregos em que os jovens trabalham muito e ganham pouco, mas que precisam do pouco que ganham para ajudar suas famílias.

Não se quer dizer com isso que o professor não pode contar com a família, mas padronizá-la pode ser algo prejudicial, principalmente para o aluno, e frustrante, para o professor, pois este não vai encontrar em sala de aula um estudante totalmente assistido. A mulher vem mudando e conquistando novos espaços e encarando desafios cada vez mais complexos, mas não tem condições de ser mãe em tempo integral e, com isso, pode não acompanhar a vida escolar dos filhos como poderia acontecer há algumas décadas. Por vezes, o aluno tem uma avó que é responsável pelo mesmo, uma irmã mais velha, apenas mulheres cuidando de sua educação porque foram abandonadas por seus companheiros. Assim, o aluno e essa outra pessoa já é uma família.

Cada instituição deve conhecer o seu papel, como mostram Clemente e Mendes (2013, p. 07): “A primeira atitude prende-se com o facto de ambas conhecerem a sua tarefa e funções específicas na educação. Só existirá coordenação escola-família no momento em que as partes não interferirem nas tarefas que não lhes pertencem”. O PPDT enlaça duas grandes e importantes instituições dentro do contexto de massificação e industrialização da escola enquanto está fisicamente dentro de um ambiente de guerra nas periferias. Além disso, ainda recebe críticas sociais de pessoas que nunca entraram em sala de aula.

É dentro da escola superlotada, com a diversidade de famílias, inserida em uma periferia cheia de perigos, que acontece o trabalho do PDT. Com uma proposta de desmassificação, segundo Ceará (2014, p. 16), “[...] o PPDT pretende trabalhar com o desenvolvimento de aprendizagens por competências, buscando uma mudança da cultura escolar através da prioridade de relações cada vez mais humanizadas nas salas de aulas, ainda que de maneira gradual, mas com vistas ao desenvolvimento integral do aluno”.

Porém, entende-se como no mínimo complexo o trabalho desmassificado e humanístico diante do número de 45 alunos por sala de aula.

A escola é numerosa e atentar para o aluno não muda essa característica. Ela gira em torno de dois eixos de interesse institucional: I) dados estatísticos oriundos das avaliações externas, tais como o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaee); II) controle e disciplina dos alunos. Os dois pontos estão articulados, uma vez que muitos professores afirmam que só é possível ministrar uma *boa aula* para preparar os alunos para tais avaliações se esses estiverem em silêncio, comportados e introspectivos.

O PPDT foi implementado visando estreitar relações entre professor e aluno, e, com isso, possivelmente, exercitar o disciplinamento dos estudantes. Suas principais atribuições são: alimentar um sistema de dados, os quais são utilizados para fins estatísticos; manter contato direto com a família e com os alunos; realizar mapeamentos de sala, buscando evitar a interação entre alunos conflituosos (CEARÁ, 2014, p. 16). Muitas vezes, ocorre uma proximidade entre os envolvidos, com o fortalecimento da afetividade, o que acaba repercutindo no processo de ensino e aprendizagem.

O PDT é cobrado pelo núcleo gestor da escola e por outros colegas para que resolva os problemas de indisciplina da turma, o que geralmente se relaciona com o fato de os adolescentes quererem falar e não aguentarem passar horas sentados apenas *assistindo* aula. Problemas mais graves costumam ter relação com a educação que o jovem poderia ter recebido em casa. De acordo com Sayão (2011, p. 36):

[...] escola e família apresentam um conflito aparentemente irreconciliável: de um lado, a família acusa a escola de não cumprir o seu papel sócio-educativo com seus filhos, transferindo aos professores suas funções e responsabilidades com a educação; no outro extremo está a escola que reclama a participação familiar em tal processo, onde os profissionais argumentam que não possuem formação para educar filhos, e sim alunos.

O PDT é uma espécie de *elo* entre as duas instituições. A minha formação em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) é o alicerce teórico e metodológico que me propicia substanciar tais experiências como professora na educação básica. Sob a óptica filosófica, compreendo a problemática educacional para além dos muros escolares. Assim, o discurso ingênuo de que a escola apenas reproduziria práticas sociais mais amplas, configurando-se como uma instituição passiva, desmorona-se diante do campo social e da complexidade de relações que se processam em seus espaços. Concordo com Bourdieu (2009) quando afirma que, além de reproduzir e reforçar as políticas e normas sociais, a escola também as produz.

Vivemos em um contexto social e político de afirmações de movimentos fascistas e de ataque aos intelectuais, professores e à escola pública. Os filósofos pós-guerra construíram seus pensamentos em premissas como a liberdade e a dignidade humana. Autores como Adorno, em “Educação e emancipação” (1986), e Hannah Arendt, em “Entre o passado e o futuro” (2011), são de grande valia para a compreensão dos problemas sociais como fomentadores de problemas educacionais e, logo, de escolarização. A filósofa aponta a crise na educação como sendo, na realidade, um projeto social para o não acesso de determinadas camadas sociais ao conhecimento e a permanência da ordem vigente. O frankfurtiano sugere que toda educação deve ser pensada tendo como fundamento a não repetição de barbáries.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho teve como objetivo geral investigar as contribuições do PPDT, sua funcionalidade e seus possíveis desafios. Teve como objetivos específicos: historiar e descrever o PPDT desde sua origem, em 1895, em Portugal, até o ano de 2019; comparar práticas educativas de PDT do ensino médio da rede pública de educação do estado do Ceará a partir de três escolas: uma escola regular, uma em tempo integral e a outra profissionalizante, todas vinculadas à Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede 01), localizadas no município da Pacatuba, lócus da pesquisa.

O estudo se aprofundou em acontecimentos humanos, e buscou compreender o fenômeno estudado de forma a colaborar com o meio, tendo o pesquisador como instrumento fundamental. Os sujeitos de pesquisa foram professores vinculados à –Crede 01 que atuam no PPDT das escolas citadas anteriormente.

A pesquisa foi dividida em três fases, embora elas não estejam separadas e se articulem ao longo do estudo, a ver:

**I. Teórica**, sobre conceitos de educação, escola de massa e disciplina com um estudo filosófico e socioeducacional, buscando sempre aproximação com o tema central da direção de turma.

**II. Exploratória**, com um estudo documental, análise e tratamento de documentos, como decretos, leis e manuais de orientação.

**III. Coleta de dados**, com uma pesquisa de campo realizada através de entrevistas com os PDTs (sujeitos da pesquisa) das escolas da rede pública de ensino sediadas na Crede 01 (lócus da pesquisa).

Na primeira fase foi construída uma base teórica sólida, com o objetivo de fundamentar e contextualizar. A partir de uma abordagem filosófica, foram estudados temas como educação, responsabilidade e docilidade, com enfoque na estrutura de disciplinamento levado à sala de aula. Para tanto, foram utilizadas as obras de Immanuel Kant (2018), Theodor Adorno (1986), Hannah Arendt (2011), Paulo Freire (2019), Pierre Bourdieu (2009) e Michel Foucault (2013).

Na segunda fase, foi usada uma abordagem documental de portarias, decretos, leis, manuais de orientação e materiais oficiais de apoio de Portugal e do Ceará (Secretaria da Educação - Seduc). Destacaram-se as categorias de análise, tais como os conceitos de direção de ciclo, direção de classe e direção de turma, articulando-os à base teórica e aos eixos temáticos que envolvem o projeto, bem como escola e família.

A terceira e última etapa da pesquisa foi a coleta e análise dos dados, articulando-os à base teórica e aos eixos temáticos que envolvem o projeto, como escola e família. Foi realizada visitas às escolas a fim de abordar os professores sobre suas concepções e práticas acerca do PPDT. Nessa etapa, foram realizadas entrevistas individuais a partir do recurso metodológico da História Oral (AMADO; FERREIRA, 2008; JUCÁ, 2013; VERENA, 1990). Tal metodologia não se restringe apenas à coleta das falas dos sujeitos, mas envolve técnica, prática e teoria, a partir da qual se dá uma construção que considera a subjetividade e os percursos de cada entrevistado. O discurso dos professores foi analisado tendo em vista a fala de cada sujeito com fins à sistematização de um discurso docente unificado. Para tanto, foi utilizada a metodologia da Análise do Discurso (FOUCAULT, 2014).

Com o objetivo de realizar uma comparação entre os resultados do PPDT em Portugal e no Brasil, foi utilizada, também, a abordagem comparada (CAVALCANTE, 2008; BASTOS, 2011), fruto dos estudos históricos comparados. Trata-se de uma perspectiva histórico-metodológica. O objetivo foi compreender determinado fenômeno histórico-social a partir de outros espaços e experiências, buscando distanciamentos e aproximações. Não se trata, apenas, de comparar um objeto com outro, destacando diferenças e semelhanças. O interesse em utilizar tal metodologia foi buscar compreender por quais motivos o PPDT se consolidou em Portugal e o porquê que o mesmo projeto caminha de forma diferente no Ceará.

Virgínio de Sá (1996) aplicou um questionário para uma amostra de professores de uma escola C+S do concelho de Viana de Castelo, cidade de Praga, Portugal, perguntando aos PDTs e aos ex-PDTs sobre os fatores dos quais dependem o bom desempenho da função de PDT. Os professores deveriam considerar os três mais relevantes para o projeto. Os itens eram: 1) Das qualidades pessoais do diretor de turma; 2) De uma formação especializada para o exercício do cargo; 3) De uma maior redução da carga letiva do diretor de turma; 4) De uma redução de alunos por turma; 5) De uma redução de professores por turma; 6) De uma maior consciência profissional dos professores; 7) De uma regular participação dos pais; 8) De uma articulação entre o desempenho do cargo e a progressão na carreira; 9) Outra(s). Foram entrevistados 54 docentes, sendo que 44 (78,5%) entendem que são as qualidades pessoais dos professores que contribuem para o sucesso do projeto; 34 Professores (60,7%) elegeram uma maior participação dos pais como fator importante para o desempenho do PPDT; apenas 23 (41%) incluem a formação especializada como ponto a ser considerado.

Segundo Sá (1996, p. 145), “[...] a análise das respostas permite-nos uma conclusão inequívoca: o factor apontado como o mais determinante são as qualidades pessoais do detentor do cargo e, talvez por isso, a regular participação dos pais é considerada mais relevante do que uma formação especializada, factor relegado para 3º lugar”. É importante pensar e analisar quais qualidades pessoais são essas, já que, inicialmente, parece ser algo subjetivo e impalpável. Para o autor, essas qualidades são traduzidas na dedicação, na capacidade de diálogo, na capacidade de negociação, na sensibilidade para tratar assuntos delicados, em outras palavras, é um líder natural.

O pesquisador cita o Decreto Lei n.º 211-B/86, que além de designar deveres pedagógicos aos diretores de turma, também sugere que seja selecionado para o cargo pessoa com tais características: capacidade de relacionamento com diferentes intervenientes no processo educativo: alunos, professores, pessoal não docente e pais; a firmeza na decisão aliada a um espírito de tolerância e compreensão; capacidade organizativa e espírito de iniciativa; capacidade de iniciação de modo a agir de forma precoce e eficiente; disponibilidade para responder às exigências do cargo e, tudo isso, condimentado com o “bom senso e ponderação”. Sá (1996, p. 137) adverte que “[...] o discurso do ‘superprofessor’ não é apenas irrealista e utópico mas também falacioso e perverso, e isto porque ‘ao estabelecer um perfil docente utópico permite-se que a realidade seja definida completamente à margem desse perfil’”.

O PPDT está consolidado em Portugal há quase quatro décadas, enquanto que no Ceará está apenas há 10 anos, ou seja, no estado ainda há muito o que ser aprimorado. Diante disso, foi feita uma pesquisa com o objetivo de comparar perfis de PDTs, analisar os dados colhidos, dando uma espécie de retorno para a Seduc sobre o projeto e o que pode ser melhorado. Foi perguntado, também, o que pensam os PDTs sobre a funcionalidade do projeto, qual o público costuma receber e se o projeto contribui, de alguma forma, para o desenvolvimento discente.

A realização da pesquisa foi inspirada nos moldes de Sá (1996), porém, em quatro escolas da Crede 01, sendo duas em tempo integral, uma profissionalizante e uma de ensino regular, para que seja contemplado as três características das escolas da rede e se possa ter resultados a serem comparados.

Foram entrevistados 12 professores com experiência como diretores de turma, sendo que 3 deles estão exercendo, até a presente data<sup>1</sup>, o cargo de coordenador escolar. As

---

<sup>1</sup> As entrevistas foram desenvolvidas durante o período entre mar./2019 e fev./2020.

pessoas entrevistadas não serão identificadas por motivos éticos, dessa forma, no decorrer do texto as mesmas terão como identificação números de acordo com a ordem das entrevistas.

A pesquisa aconteceu na cidade de Pacatuba, que tem uma população estimada de 83 mil habitantes. Localizada na Região Metropolitana de Fortaleza (CE), o município conta com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 5,6 para os anos iniciais do ensino fundamental, de 4,6 para os anos finais do ensino fundamental e de 4,2 para o ensino médio da rede estadual.

Embora as escolas investigadas estejam localizadas na cidade de Pacatuba, as quais são de responsabilidade administrativa da Seduc, receberem, também, estudantes de Maracanaú, cidade vizinha.

A critério de conhecimento sobre as escolhas educacionais do município de Pacatuba, dentre as três escolhas de prioridade colocadas pela Seduc no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estão: inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares, formação inicial de docentes e formação complementar para adequação entre formação de nível superior e as disciplinas que lecionam e alfabetização na idade certa. Essas prioridades contrastam com as metas de prioridade da Seduc para o estado, que são: alfabetização na idade certa, elevação do desempenho dos alunos nas avaliações nacionais de larga escala e ampliação da jornada escolar. Como são redes de ensino diferentes, têm prioridades diferentes, mas que, de qualquer forma, interferem na vida dos discentes da cidade.

A ideia inicial era conhecer uma escola regular, uma escola em tempo integral e uma escola profissionalizante, mas foi preciso fazer adaptações, tendo em vista as mudanças organizacionais de cada instituição. Antes, as duas escolas em tempo integral visitadas eram em tempo regular, dessa forma, esperava-se, de acordo com as conversas iniciais, que uma delas se tornaria em tempo integral, mas, por ordem da Crede 01, a segunda escola também passou para o regime. Além disso, a escola regular passou a não ter mais o PPDT.

As escolas e a localidade foram escolhidas em conjunto com a Crede 01 em conversa realizada em 2018. O município tem seis escolas estaduais, sendo duas profissionalizantes, duas em regime de tempo integral, uma regular e uma indígena. A pesquisa foi realizada em uma das escolas profissionalizantes, nas de tempo integral e, pelo fato de uma das professoras a ser entrevistada ter mudado para a escola regular durante a pesquisa, foi possível conhecer essa realidade também, ou seja, a pesquisa abrangeu quatro das seis escolas do município.

A Crede 01 conta com um número total de 351 PDT, contemplando 20.527 alunos do ensino médio. No município pesquisado, Pacatuba, são 40 PDTs, sendo 1.597 estudantes acompanhados pelo projeto. Os 9 professores entrevistados, lotados em sala de aula como PDT, equivalem a 22,5% do total. Parece pouco, mas, como se utilizou a metodologia de História Oral, o discurso foi aproveitado o máximo possível.

O início das entrevistas foi marcado por um momento pessoal: o retorno às atividades pós-licença-maternidade. Das quatro escolas visitadas, todas foram sensíveis ao fato de eu ter que sair para amamentar ou entrar com acompanhante nas dependências do prédio. Nessas circunstâncias, foi possível perceber como cada escola recebe seus visitantes e, logo de imediato, como se dá a organização das escolas em relação aos alunos. Todas as instituições em questão são amplas e têm estrutura física parecidas entre si, possivelmente construídas no mesmo período: três têm refeitórios para que os alunos possam fazer suas refeições; todas têm quadra de esportes e ar condicionado nas salas dos professores e gestão pedagógica.

Das 12 pessoas entrevistadas, 7 são mulheres. Elas também são maioria na gestão escolar, pois das 3 pessoas que compõem o núcleo gestor, 2 são do gênero feminino. Sobre a área de atuação dos professores na escola, o resultado me surpreendeu, pois são 6 da área de linguagens e códigos, 4 de natureza e suas tecnologias e 2 de ciências humanas. Para ser mais precisa, os professores estão distribuídos da seguinte forma: 3 de letras-português, 1 de educação física, 1 de inglês, 1 de espanhol; 3 de química, 1 de física; 1 de história e 1 de geografia.

Foi perguntado se os professores moram perto da instituição e quanto tempo demoram para chegar no trabalho. 5 professores demoram mais de uma hora para chegar na escola, pois fazem uso do transporte público e se deslocam entre municípios; 4 demoram em torno de 20 minutos para chegar nas dependências do prédio e fazem uso de transporte privado; 3 disseram que moram bem perto do trabalho, no mesmo bairro ou em bairros vizinhos, e fazem uso de transporte privado.

Dos 12 professores entrevistados, 10 tinham experiências a compartilhar sobre as possíveis diferenças entre as escolas de regime integral e as regulares ou de turno parcial. Esses 10 docentes também apontam grande diferença entre os modelos da escola regular e da escola em tempo integral. Nas escolas profissionalizantes o aluno também passa o dia. Alguns desses professores trabalharam em escola da rede estadual e outros em escola municipal, mas quando o assunto é ser regular se segue, geralmente, o mesmo padrão.

Nas escolas em tempo integral os alunos entram por volta das sete horas da manhã, fazem uma refeição por volta de 10 horas, almoçam e no período da tarde merendam. Os discentes que passam o dia na escola terminam por diminuir as despesas financeiras de suas famílias, visto que se alimentam na instituição.

Os estudantes têm aulas das disciplinas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como português, matemática, história, etc.; Clubes Estudantis, momentos em que escolhem, por semestre, os temas que serão trabalhados, ficando sem professor em sala de aula com o intuito de desenvolverem o protagonismo juvenil; e Eletivas, disciplinas variadas a serem escolhidas pelos alunos a cada semestre, como teatro, informática básica, direitos humanos e muitas outras advindas da própria demanda dos discentes.

Os PDTs relataram que existe grande diferença entre as escolas regulares e as escolas em tempo integral, destacando que essa distinção reflete fortemente no trabalho e no desempenho do projeto. Alguns professores colocam que a modalidade da escola também reflete na maneira com que os problemas cotidianos dos alunos são resolvidos, como se pode verificar na fala de um dos docentes: *“Na escola de tempo regular o aluno leva o problema para casa, para solucionar no outro dia, e a de tempo integral já soluciona de imediato”* (Professor Entrevistado N. 01).

Os diretores de turma têm o mesmo tempo para se dedicarem ao projeto, independentemente da organização da escola. Porém, no regime de tempo integral tanto o professor como o aluno passam mais tempo no mesmo ambiente, e, desse modo, *“A gente tem um contato maior [...], eu já percebo quando eles estão bem, quando não estão. Já percebo quando estão doentes. Então, a gente acaba tendo esse contato. Já no tempo regular não”* (Professora Entrevistada N. 09).

Existem comparações até mais incisivas sobre os alunos de cada modalidade, como a do seguinte professor: *“O público da escola de tempo integral é melhor de você trabalhar, de você lidar e de você conversar do que o público da escola de tempo parcial”* (Professor Entrevistado N. 01). Quando perguntado sobre o motivo disso acontecer, foi respondido: *“Eu acredito que a escola de tempo integral influencia de alguma forma, pois há uma seleção natural”* (Professor Entrevistado N. 04). Os alunos da escola regular, como dito em outro momento, geralmente precisam trabalhar ou têm responsabilidades familiares, como também há aqueles que não têm realmente interesse em passar o dia na escola. Diante das justificativas, talvez a seleção seja mais social do que natural.

Nas escolas profissionalizantes os alunos têm aulas da BNCC em um turno e, no outro, de um curso profissionalizante, o qual escolheram no início do ensino médio e não

podem mudar no decorrer dos três anos, fazem estágio e, em teoria, são preparados para o mercado de trabalho. Há cursos na área da saúde, tecnologia, recursos humanos, administração e muitos outros.

Ainda comparando a direção de turma nas escolas regulares e integral, uma das entrevistadas da escola profissionalizante diz que: *“Os professores que assumiam o projeto Diretor de Turma naquela escola regular não vestiam a camisa do PDT, aí era um PDT só no contrato, na realidade não acontecia. Aqui o projeto acontece”* (Professora Entrevistada N. 05). Essa fala deixa no ar um questionamento que não foi respondido na entrevista: o que precisa para que o PPDT funcione melhor em escolas regulares? Como a pesquisa não teve acesso às escolas regulares com o projeto, o estudo não poderá responder ao questionamento de forma eficiente.

No período de adaptação da escola regular para a integral, as turmas de primeiros anos ficam no regime de dois turnos. As que estão no segundo e terceiro anos continuam como estava. Quando as turmas do primeiro passam para os segundos, as novas turmas passam a ser integrais e assim por diante, até todas as turmas da escola estarem no regime de tempo integral. Durante esse período de adaptação apenas as turmas novas tinham diretores de turma, o que, segundo uma das coordenadoras entrevistadas, expôs a falta que o PDT faz, como demonstra sua fala: *“Ano passado a gente tinha as turmas de tempo integral que funcionavam com o projeto diretor de turma e os terceiros não, aí os terceiros acabava ficando um pouco deslocados porque a gente não consegue acompanhar”* (Professora Entrevistada N. 07).

O PPDT está no regimento das duas escolas em tempo integral e da profissionalizante que foram visitadas. Visto que houve, exatamente no período das entrevistas, a mudança de unidade escolar de uma das professoras para uma escola regular que não tem o projeto, essa escola não tem o PPDT em seu regimento. Para as outras escolas, foi reforçado: *“Já faz parte do regimento ter o diretor de turma”* (Professora Entrevistada N. 07).

Nas escolas de ensino regular os alunos passam apenas um turno, o estudante (ou sua família) escolhe um horário em que estudará, nesse caso há apenas uma refeição. Geralmente, esses jovens têm compromissos em outros períodos, como trabalho, estágio de Jovem Aprendiz ou mesmo responsabilidades com tarefas domésticas e cuidados com irmãos. Na região em que a pesquisa comparativa foi realizada só existe uma escola regular por demanda dos próprios alunos, já que nela também funcionam a Educação de Jovens e

Adultos (EJA) e Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos com necessidades educacionais especiais.

Uma das professoras que migrou da escola em tempo integral para a regular conta que percebe grande diferença no cotidiano escolar de uma instituição com PPDT e a sem o projeto. Relata um grave problema, e diz que acaba realizando, de forma voluntária, o trabalho de PDT, apenas no intuito de ajudar alguns alunos:

*Se tivesse diretor de turma, a gente poderia solucionar alguns problemas que, infelizmente, por conta de não haver, a gente não consegue. A evasão em uma escola regular é muito maior, na maioria das vezes. Então, se houvesse Projeto Diretor de Turma a gente poderia diminuir esse problema (Professora Entrevistada N. 08).*

A escola regular tem uma quantidade muito maior de alunos, uma vez que os recebe pela manhã, à tarde e à noite. Talvez esse seja o motivo da diferença apontada pelo seguinte professor:

*Muito, muito grande a diferença, porque na regular eles não davam, assim, tanto apoio ao diretor, ao professor diretor de turma. Não tem essa cultura ainda de Professor Diretor de Turma na regular. Já na profissional eles já têm essa cultura, já trabalham com isso. Então, é totalmente diferente (Professor Entrevistado N. 10).*

Apenas a escola estadual regular do município tem ensino noturno que garante acesso à escolarização a um grupo de estudantes que não tem acesso ao ensino diurno. Porém, as escolas que agora são integrais tiveram ensino noturno, inclusive com turmas de EJA, e duas das professoras entrevistadas têm experiências em ensino noturno como diretoras de turma e colocam que os desafios são outros:

*São dois PDTs totalmente diferentes. O que eu faço com o PDT do integral não é o que eu faço com o PDT da noite, não é. Mas o da noite não, eles já são formados, eles já são cabeça-feita. Eles não aceitam a sua opinião. É melhor você trabalhar com um adolescente, como PDT, porque você tem o apoio dos pais. Eu não trabalho só, com o integral, eu tenho o apoio dos pais. À noite não, eu tenho que resolver com eles (Professora Entrevistada N. 12).*

Outra professora também tem sua visão sobre o assunto: “E quando eu era diretora de turma da turma do tempo noturno o contato era menos ainda, porque a carga horária era bem menor, eles eram mais adultos, mas os problemas são bem parecidos também” (Professora Entrevistada N. 02).

Cada escola tem sua dinâmica, sua logística e talvez até sua personalidade feita, claro, pelos alunos e pela gestão. Seria bastante interessante para os alunos que o PPDT funcionasse bem, independentemente da modalidade da escola, até por que esta atende uma demanda da localidade, como acontece no município pesquisado, que tem apenas uma escola regular para o ensino médio e por ser a única possui turmas lotadas.

Os três modelos de escola adotados pela Seduc são diferentes entre si, recebem públicos distintos, com demandas distintas, mas ambas têm o PPDT por escolha da própria gestão escolar, por entender como importante a figura do PDT. Por esse motivo, foi escolhida uma escola de cada modelo.

O diálogo com a Crede 01 foi estabelecido inicialmente em abril de 2018, porém, antes da aplicação das entrevistas, que ocorreu no segundo semestre de 2019, foi retomado para que a própria coordenadoria avisasse às escolas sobre a pesquisa. De antemão, afirmo que as escolas escolhidas são acolhedoras e abertas a novas vivências.

### 3 EDUCAÇÃO E DISCIPLINAMENTO: UMA QUESTÃO FILOSÓFICA

A escola de massa é aquela que se popularizou e não escolhe seus alunos, acolhe e faz o possível para que eles saiam dela como bons cidadãos. Afirmou-se no Brasil no processo de industrialização e se fez necessária ao Estado por formar mão de obra barata e “[...] satisfaziam, no entanto, as aspirações da demanda escassa, cujos horizontes culturais não iam além da necessidade da conquista rápida de uma profissão” (ROMANELLI, 1978, p. 72).

O presente item tem por objetivo tratar dos conceitos de disciplina que perpassam essa escola e os motivos pelos quais eles são aplicados. Ocupar-me-ei dos conceitos de disciplina em Kant (1724-1804) e em Foucault, fazendo uma comparação das duas ideias e sua aplicabilidade na escola supracitada, já que o primeiro entende a disciplina como fundamental para a liberdade e o segundo como uma violência social e individual.

Estamos em um contexto histórico que muitas pessoas que não são professores e não têm formação para tal costumam dar sugestões sobre o papel do docente e da própria escola pública. Os professores vão construindo, ao longo do tempo, suas identidades enquanto educadores e decidem ser ou não mais rigorosos com os alunos. Os que decidem ser rígidos com a postura, o cumprimento das datas e, principalmente, o comportamento dos alunos, são temidos e assim mais “respeitados” pelos educandos.

Os professores que decidem ser mais flexíveis, mais próximo aos alunos, são vistos pelos próprios colegas e, até mesmo, pela gestão escolar como professores com pouca moral. “Dessa forma, o professor não autoritário, que gostaria de se abster de todos os métodos de compulsão por ser capaz de confiar apenas em sua própria autoridade, não pode mais existir” (ARENDDT, 2011, p. 231). Algumas vezes se pode perceber uma certa disputa para quem tem mais moral, ou seja, a própria escola reproduz uma polarização entre docentes com e sem moral. Escolher “não ter moral”, muitas vezes, não é bem visto pela coordenação escolar, que pretende que todos os alunos fiquem em sala e não saiam para os corredores da escola, ou fazendo qualquer outra coisa que não seja salvaguardado em sala de aula.

Ter mais moral implica dizer: ser mais disciplinador com os alunos. Nesse contexto, disciplinar é ter controle sobre o outro, inclusive sobre o seu corpo e suas atitudes. O contexto do jovem adolescente passando por uma revolução hormonal e emocional é desconsiderado em prol da ordem no ambiente. Para compreender melhor o contexto e a circunstância desse disciplinamento serão expostos dois conceitos diferentes de disciplina.

Seguindo a linha da história da filosofia, Kant será o primeiro com o seu escrito “Sobre a Pedagogia”, escrito em meados do século XVIII, no auge do Iluminismo, período de grandes transformações sociais, científicas, artísticas e filosóficas, dando vazão à elaboração de conceitos universais como a ética kantiana, e, logo depois, o filósofo contemporâneo Foucault, em “Vigiar e Punir” (2014), obra utilizada por várias vertentes do conhecimento humano por sua amplitude conceitual.

### **3.1 Conceito de disciplina em Kant**

Immanuel Kant, em sua obra “Sobre a Pedagogia” (2018), discorre sobre a educação e o conceito de disciplina como fator fundamental para a liberdade. Entende que o ser humano é o único animal que pode ser educado, os outros podem apenas ser adestrados. A educação afirma o homem como ser humano e é o segredo da perfeição da natureza da humanidade. Kant foi considerado por Hegel (1771-1831) como idealista por acreditar que a humanidade caminha para o esclarecimento, a paz perpétua, tendo a educação, nesse caminho, papel fundamental.

Por educação se entende “[...] cuidado, disciplina e instrução juntamente com formação” (KANT, 2018, p. 09). A disciplina, segundo o iluminista, desvia o homem de seus impulsos animais, ou seja, tira-o da animalidade, da selvageria, submete ao homem as leis da humanidade e da sociedade. A disciplina é necessária pelo grande pendor que o ser humano tem para a liberdade.

Para Kant (2018, p. 10), “[...] as crianças são enviadas logo cedo para a escola para aprenderem a sentar em silêncio prestando atenção na fala do outro e para que na fase juvenil ou adulta não faça o que lhe venha a cabeça”. Logo, podemos inferir o papel de escola que Kant aponta ao seu tempo. A questão é que três séculos depois ainda é a mesma estrutura que vinga na vida escolar das crianças. O filósofo aponta que os pais cuidam para que as crianças se mantenham vivas e saudáveis, mas que a educação deve ser dada para o futuro do gênero humano, ou seja, para que a espécie evolua, visto pouco tempo de vida de cada pessoa diante o tempo necessário para o melhoramento da humanidade. Podemos assim fazer um paralelo com o pensamento de Hannah Arendt (2016, p. 235), quando afirma que a “[...] educação é o momento em que escolhemos se amamos a humanidade o suficiente para educar nossas crianças”. Retomando o pensamento kantiano, afirma-se que a falta de disciplina e instrução faz com que algumas pessoas sejam maus educadores de seus educandos.

É colocado em “Sobre a Pedagogia”, obra de teor epistêmico e antropológico, que o descuido com a disciplina é um mal maior do que com a cultura e a instrução, já que quem não foi cultivado é rude, mas quem não foi disciplinado é selvagem, o elemento selvagem jamais pode ser removido. Caso alguém não tenha acesso à cultura na mais tenra infância, pode ter ao longo da vida sem danosos prejuízos. “É possível ensinar alguém a ler e escrever na fase adulta, mas a disciplina deve ser posta logo cedo para que a criança [...]”, segundo Kant (2018, p. 10), vá se familiarizando com a sua própria liberdade. É necessário lembrar que nenhuma disciplina deve ser servil e que a criança deve ser comparada somente a ela mesma e não às demais, ou seja, deve-se fazer com que a criança reconheça suas fraquezas, mas não em demasia à superioridade e ao domínio do adulto.

Kant foi fortemente influenciado por Rousseau (1712-1778), dedicou-se à leitura da obra “Emílio” e dela tirou inspirações para os seus escritos sobre educação. Antes do idealizador de “Do Contrato Social”, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, e os dois filósofos contribuíram para que a educação de crianças e jovens fossem vistas com outros olhos. Para Dalbosco (2011, p. 99), “[...] sem as contribuições de Kant e Rousseau seria difícil pensar a desverticalização do autoritarismo pedagógico exigidos pelas tendências democráticas do pensamento educacional contemporâneo”.

Para o iluminista, o homem deve ser disciplinado, cultivado, prudente e moralizado. A disciplina, como foi dito, impede a animalidade; cultivado refere-se às habilidades desenvolvidas ao longo da vida, algumas são mais úteis que outras, por exemplo, ler e escrever é mais útil que a música; prudente é o ajustamento do homem à sociedade, a sua civilização; moralizado é a capacidade de fazer boas escolhas por um fim bom, fins éticos.

Kant (2018, p. 22) divide a educação em pública ou privada. “A primeira é aquela que une instrução e formação moral e tem como finalidade a promoção da educação privada”. A escola onde realmente acontece essa junção é chamada pelo filósofo de instituto educativo. Kant lembra que nos institutos não pode haver um número grande de educandos, o que requer, para tal feito, uma quantia grande de dinheiro, e coloca como “[...] difícil que crianças pobres possam frequentar os institutos justamente pelo alto valor financeiro”. Se um dia os pais e as pessoas que auxiliam na educação das crianças forem pessoas realmente bem educadas, não serão mais necessários os institutos públicos. Pelo que se pode perceber, os institutos públicos de educação existirão ainda por muito tempo em nossa sociedade.

“Os pais devem cuidar da educação privada, mas caso eles não tenham tempo, capacidade ou mesmo não gostem, devem contratar pessoas para tal função” (KANT, 2014,

p. 22). No entanto, alerta não ser adequado que as crianças sigas as regras dos preceptores e os caprichos dos pais, nesse caso, os pais devem ceder à autoridade dos preceptores.

A educação pública é para Kant mais vantajosa do que a educação doméstica, tanto do ponto de vista das aptidões como na formação do caráter do cidadão. Algumas vezes a educação privada, além de produzir erros, propaga-os. Já a educação pública tem vantagens evidentes quando faz com que o sujeito aprenda a medir suas forças e seus limites através do direito do outro. É pela educação pública que o educando passa por resistências, e elas são de total necessidade para a formação moral da pessoa.

“Sobre a Pedagogia” é dividido na educação física e educação prática. Na primeira, discorre sobre os cuidados familiares para com as crianças recém-nascidas e os jovens, sendo nesse momento que trata dos benefícios da amamentação e dos cuidados para que os pequenos não sejam estragados pelos pais que podem, “[...] ao ouvir os choros, correr para atender as crianças e assim acostamá-los a ganhar tudo no grito” (KANT, 2018, p. 33). Fala sobre a cultura e sua importância para a formação da pessoa.

Kant é um filósofo sistemático, tudo em seu pensamento está interligado. Na educação prática, assim como na “Metafísica dos Costumes” (2005), a finalidade é a moralidade, ou seja, a formação do caráter. Para tanto, deve-se eliminar as paixões e evitar o excesso de compadecimento. O filósofo propõe que as escolas façam uma espécie de catecismo do direito para fomentar as crianças à integridade. Para autor, a escola deve formar para a justiça, já que o ser humano não é moral por natureza, mas o dever e a lei contribuem para que o homem seja moral. “Na educação, tudo se assenta no estabelecimento por toda a parte dos alicerces corretos, e em torná-los compreensíveis e aceitáveis para as crianças” (KANT, 2018, p. 73).

O objetivo último do ser humano é se humanizar, e a educação é o caminho para tal, justamente pelo fato de o homem ter inclinação para a liberdade. Ora, se alguém não conhece os limites, pensará que liberdade é fazer o que quer quando bem entender, porém, para viver em sociedade não se pode ser desenfreado. “A disciplina é exatamente freio necessário para que o sujeito consiga viver sua inclinação para a liberdade de forma positiva e saudável” (KANT, 2018, p. 73).

Toda formação moral só é possível se pensada dentro do princípio do bem maior. Para tanto, é importante reforçar o fato de que os seres humanos são como madeira retorcida, as quais precisam sempre ser aplainadas com frequência, ou seja, a educação é algo contínuo, diário e repetitivo, tanto para o educador como para o educando. É necessário

que o indivíduo aprenda ao longo do tempo se autolegislar e não precise de outros para fazer tal função. A autolegislação é a fala da razão sobre o sujeito.

Autolegislação é o primeiro passo para a autonomia, que significa dar a lei a si mesmo sem a ajuda de tutores, como coloca Kant (1985) em “A Resposta a Questão o que é o esclarecimento”. Quem pensa por si só faz uso da razão, é autônomo, logo, caminha para o esclarecimento. Quem sente preguiça de pensar, covardia e aceita sua situação de fragilidade é tutelado. Assim se dão os conceitos antagônicos de maioridade e menoridade.

A menoridade não se dá por falta de entendimento, e sim por não se ter coragem de se servir dele, de ousar saber. Já a maioridade é a efetivação da autonomia, é o real progresso da sociedade. Para o filósofo, só é possível ser autônomo se houver liberdade, e esta se dá quando escolhemos seguir as regras morais justamente por levarem ao bem comum.

Seguindo a lógica do pensamento kantiano, tem-se: “A disciplina que faz com que o sujeito desde cedo molde suas inclinações e siga o bem moral; a liberdade, princípio modular da racionalidade moderna e afirmação da escolha da disciplina enquanto mediadora deste bem” (KANT, 2018, p. 33). A autonomia e a maioridade, como efetuação prática dos dois conceitos supracitados e para concluir o uso público da razão, dá-se quando os sujeitos eruditos, aqueles que superaram a fragilidade da menoridade e decidiram pensar por si mesmo, podem compartilhar seu pensamento crítico e seu exame rigoroso da sociedade.

Para que se possa fazer uso público da razão é necessário que a sociedade seja democrática, já que os sujeitos eruditos não podem guardar só para si a evolução intelectual que conseguiram atingir, ou seja, precisa da livre circulação de ideias e da presença das outras pessoas. Ora, essa formulação remete aos tempos atuais em que os institutos de educação, professores e intelectuais são atacados em detrimento às notícias falsas e à manipulação de tutores.

### **3. 2 Disciplina em Foucault e a relação professor-aluno**

A relação professor e aluno é uma das provas mais latentes de micropoder no ambiente escolar. Perde-se tempo pedagógico tentando manter a ordem, quando, ao invés, poderíamos (re)pensar estratégias que contribuíssem para um processo de conquista de autonomia. Freire (2019) aponta a autonomia como um princípio pedagógico, em que a educação estaria a serviço dos sujeitos envolvidos, buscando a efetivação de uma educação

libertadora. Porém, como podemos pensar em liberdade quando estamos envolvidos de vigilância, controle e poder?

O mapeamento de sala é o momento em que a falta de autonomia do aluno é deixada de lado, pois não pode escolher onde vai sentar, uma vez que o PDT faz o mapa de sala a partir do qual os alunos ditos *bagunceiros* são separados, reservando lugares na frente para os discentes com problemas de visão ou outros. Ao mesmo tempo em que tal professor conhece melhor os alunos, é realizada uma manobra pedagógica para fazer da sala de aula um lugar de silêncio e harmonia.

De uma forma geral, tem-se a ideia de que autonomia é algo muito complicado para ser aplicada na escola. Para tanto, é necessário que haja uma maioria, não no sentido cronológico, claro, mas sim de tomar decisões sem o auxílio de outras pessoas. De fato, é impossível que os adolescentes que passaram a vida inteira tendo seus corpos docilizados pela escola e por outros poderes tenham autonomia da *noite para o dia*. A autonomia é um exercício no caminho do esclarecimento.

Segundo a Constituição Federal de 1988, todos somos livres e iguais perante a lei. A partir desse princípio podemos inferir a possibilidade de todos construírem sua *maioridade*, mas o filósofo explica que o ser humano “afeiçoou-se a menoridade” (KANT, 2018, p. 08), o que o tornou incapaz de fazer uso de seu próprio entendimento, e os que se arriscam fazem um salto inseguro sobre um fosso estreito, visto que não estão habituados à liberdade. O maior questionamento que se pode fazer diante de tal explicitação é: qual a responsabilidade da escola diante da falta de habilidade do jovem em relação a sua liberdade?

A sala de aula é o ambiente em que o aluno passa grande parte de seu tempo, ao mesmo tempo em que parece ser o lugar na escola que ele menos gosta. Como se sabe, a realidade da escola brasileira é um tanto complicada: possui salas de aula quentes, cadeiras desconfortáveis e, de uma forma geral, estruturada em filas.

O método de enfileirar é bem antigo e nos remonta ao pensamento de Foucault (2013, p. 133) ao comparar o ambiente escolar às fábricas e prisões. A tentativa de disciplinar é útil e tem como propósito o rendimento a custo da docilidade, já que a disciplina, através dos arranjos em filas, “[...] individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações”. (

Assim, é definitivamente incoerente que os planos apresentados pelos filósofos críticos sejam postos em prática se a escola não deixar de exercer poderes e micropoderes sobre os alunos e, também, professores. Desde a mais tenra idade as crianças, ainda no seio

familiar, são expostas às pressões de controle, internalizando crenças de que existe uma divindade que tudo vê e que está posta a reprimir qualquer deslize ético, moral e comportamental. Na escola, tais representações de controle são exercidas por diferentes agentes, sem perder de vista a questão religiosa aprendida outrora na família.

As fileiras podem tornar o ambiente de sala de aula visualmente limpo. “A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios” (FOUCAULT, 2014, p. 144). O professor pode sentir que está em um lugar organizado e que pode, então, passar o seu conteúdo sem interferências, reforçando a ideia de que o ambiente escolar se assemelha a uma “máquina de ensinar” (p. 144). Organizar as salas em filas e escolher onde cada aluno sentará é um recurso usado pela escola e pelos professores para fazer com que os alunos se comportem mais e as aulas tenham um rendimento melhor, com “[...] cada indivíduo no seu lugar, em cada lugar um indivíduo” (p. 140).

Afirmando o pensamento do filósofo se pode perceber que a atitude de alguns PDTs está em consonância com o conceito de controle e de disciplinamento expostos até aqui, e que as ideias de organização e disciplina estão interligadas no imaginário docente:

*A minha prioridade é manter a organização, organização da sala, para que eu possa desempenhar e extrair o máximo deles. Porque se a turma for turbulenta, a turma for indisciplinada, pouco eu vou conseguir fazer. O quê que acontece? Em uma turma indisciplinada, constantemente o PDT recebe várias informações, sejam negativas ou positivas, para que o professor tente solucionar as situações juntamente com a coordenação. Quando eu tenho o controle da turma e a turma ajuda, aí de 80%, apenas 20% é indisciplinado, eu mantenho uma pauta bimestral de organizações (Professor Entrevistado 01).*

Não se questiona aqui a metodologia usada por cada um, falo sobre o uso que se faz da sua posição de poder frente à turma de adolescentes. Essa relação de poder permeia as relações mais básicas. Um exemplo é a relação entre irmão mais velho e irmão mais novo, mesmo que seja de um ano de diferença, o mais velho exerce um poder sobre o mais novo. O mesmo acontece na sala de aula, o adulto exerce poder sobre o grande grupo de adolescentes que não tem real consciência do motivo pelo qual obedece, no entanto, faz com frequência. Os que não fazem são chamados de indisciplinados e, mais que isso, de mal-educados, como se disciplina e educação fossem sinônimos extremamente interligados.

A relação que se faz entre disciplina e educação influencia o processo de escolarização. O “aluno educado” é aquele que não escolhe onde sentar e fica no seu lugar no mapeamento, que não sai de sala sem permissão, que não questiona a autoridade do

professor. O aluno educado, na visão de muitos profissionais, é aquele que não tem autonomia, o educado é o disciplinado, afinal “[...] é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Quando o poder do professor não é suficiente, recorre-se ao poder dos coordenadores e do gestor imediato, tudo em prol de uma máxima:

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 2014, p. 140).

Ensinamos aos alunos a chegar no horário na escola, assim como ele deve fazer quando tiver um trabalho, que vestimentas ele pode usar e que tipo de comportamento deve ter. São os ensinamos de como se comportar na fábrica. A grande questão é: estamos preparando para o mundo? Para ser mais do que trabalhador?

### **3.3 Disciplina e escola: um diálogo entre Kant e Foucault**

No pensamento kantiano a disciplina é meio fundamental para a liberdade, é parte da educação que faz com que o sujeito seja autônomo e consiga viver bem em sociedade. Muitos anos depois, Foucault retoma o conceito de disciplina e a tem como algo violento e feroz. Porém, todo conceito filosófico pode e deve ser comparado com a realidade social. É preciso, para tanto, que consideremos o fato de que o aluno está sendo docilizado pela escola é, muitas vezes, banalizado pela família. O discente tem no ambiente escolar um pouco de amparo para lidar com as dificuldades tanto familiares quanto pessoais, como de formação emocional, por exemplo.

Ao falar sobre educação física, que chamaremos aqui de educação familiar, Kant (2018, p. 38) fala sobre os filhos dos reis e de pessoas que têm condições econômicas de pagar alguém para educar suas crianças. Na escola de massa os pais dos alunos são trabalhadores comuns, geralmente assalariados.

A escola atual, mesmo com todos os desafios estruturais e cotidianos, caminha para ser o que Kant chama de instituto educacional, justamente pelo fato de ser obrigado a oferecer instrução, cultura e formação moral, ou seja, faz escolarização e educação. O aluno chega no ensino médio, por exemplo, necessitando de uma forte educação familiar. A escola pede a presença dos pais, mas os mesmos estão imersos na exploração dos seus trabalhos ou mesmo não querem participar da vida escolar dos adolescentes.

Para confirmar a falta que faz a educação familiar para a vida do adolescente e como a escola não pode sanar todas as necessidades advindas desses sujeitos em formação, uma das professoras entrevistadas relata uma situação de desestrutura emocional de um dos alunos:

*É tem um aluno que ele não gerencia, ele não sabe, tipo, emoções zero, controle zero de emoções. Então, tipo, ele teve um acesso de raiva e quebrou o celular, chutou porta, lixeira, tudo, e foi com uma coisa que não foi nem com ele, não era um grupo de colegas estava conversando, brincando, e aí ele tomou que era com ele a brincadeira (Professora Entrevista 07).*

Kant (2018, p. 12) afirma que “[...] o descuido com a disciplina é um mal maior que o descuido da cultura, pois esta pode ser recuperada posteriormente; o elemento selvagem, porém, não pode ser removido”. Diz, ainda, que tal disciplina deve ser ofertada para bom êxito até os dezesseis anos de idade, e que depois disso fica muito complicado. É justamente isso que a escola popular passa. Os pais não conseguem oferecer uma boa educação familiar, os institutos educacionais não dão conta e, assim, chegamos ao pensamento de Foucault com a tentativa de docilização dos alunos. Nessa perspectiva, o PDT pode está sendo usado como meio de disciplinamento quando: “[...] com a ajuda do PDT, a gente conseguia com que eles (os alunos) seguissem mais a disciplina da escola” (Professora Entrevistada 05).

É possível confundir os conceitos de disciplina kantiano e o foucaultiano, mas se tiver em mente que a disciplina no filósofo iluminista consiste em dar limites às crianças e aos jovens para que eles não cometam absurdos, e a disciplina em Foucault é “A arte de dispor em filas e da técnica para transformação dos arranjos” (2014, p. 143), fica claro que não se trata da mesma coisa. Para o filósofo francês, “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

A docilização dos corpos está intrinsecamente ligada ao poder que exercido sobre ele, sobre a relação de controle que um sujeito ou uma instituição impõe a outro. Um professor não precisa reproduzir, por querer e vontade, o peso que sofre de também está sendo, de certa forma, docilizado. Um dos docentes entrevistados fala com ânimo sobre o controle que pode exercer ao grupo de alunos quando consegue contato com os pais:

*Corrigi algumas questões indisciplinadas a partir do momento que você começa a pegar confiança da família. Quando você pega confiança da família você tem*

*o controle da turma em mãos. E, ele sabendo que você tem esse feedback com os pais, eles têm um receio em fazer coisas erradas na escola* (Professor Entrevistado 01).

Não se discorda aqui que a escola deve ter regras, até por que elas são as bases do exercício da liberdade kantiana quando ajudam a inclinar para o bem comum, porém, pode se perceber que alguns docentes falam com paixão sobre controle de discentes.

A escola é comparada à fábrica e ao quartel talvez por ser um ambiente árido. A postura de alguns professores remete ao uso do poder, a partir do qual também são submetidos por outros, afinal, “O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (FOUCAULT, 2014, p. 167). No ambiente escolar também há a reprodução desse tipo de ação, pois, “As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento” (p. 170).

Como representante da escola, uma das coordenadoras entrevistadas coloca em termos mais claros o que acontece no ambiente escolar, o que faz pensar se o conceito de disciplina colocado pela docente está ligado ao bom desempenho dos alunos em exames externos.

*Então quando o aluno vem para cá ele vem porque quer, sabe que aqui vai ter disciplina, vai ter que estudar. Então, naturalmente, a gente já seleciona um perfil de aluno que é aquele que quer fazer o ENEM, aquele que quer seguir um curso profissionalizante, aquele que tem mais disciplina do que um aluno de escola regular* (Professora Entrevistada 05).

Quando nos apropriamos dos diversos conceitos de Foucault, que não são necessariamente educacionais para falar em escola, estamos fazendo uso de um conceito que se trata, no fim das contas, de problemas sociais em que as pessoas estão inseridas. Kant entende como necessário que a criança e o jovem saibam reconhecer a autoridade do seu educador, que na educação familiar são os pais e na educação pública os preceptores e professores, mas em uma sociedade em que os pais não têm tempo para educar os seus filhos e a escola prioriza a instrução, o sujeito cresce sem reconhecer os limites da sua própria liberdade.

Falo tentativa de disciplinamento por que diariamente é uma guerra de forças entre os professores que escolhem não disciplinar, o aluno que não aceita ser disciplinado e as políticas educacionais, como a de protagonismo juvenil, e a sociedade punitiva que não compreende o contexto social do jovem, o professor “guarda-suíço” e, algumas vezes, a gestão escolar. Exemplo que é sempre uma guerra de forças é o mapeamento de sala. Na

prática, funciona por semanas ou meses, mas os próprios professores e os alunos desfazem o que foi imposto. Ora, os adolescentes de dezesseis anos têm direito de votar e escolher o presidente, mas não podem escolher onde sentar?

Os jovens resistem ao disciplinamento quando usam casacos por cima da farda, lenços e bonés na cabeça, mesmo desconfigurando o fardamento, cadarços coloridos e qualquer outra coisa que os afirmem. Os adultos, pelo contrário, aceitam o enquadramento da fábrica e do quartel por um motivo bem simples: relações financeiras. Os corpos mais docilizados são os dos adultos que aceitam ficar horas sendo o que realmente não são por dinheiro. Mas os jovens resistem o quanto podem, talvez não conscientes que:

Na oficina, na escola, no exército, funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência) (FOUCAULT, 2014, p. 175).

Uma das professoras entrevistadas tem experiências como diretora de turma tanto de adolescentes que estudam em escola regular como de adultos do ensino noturno, e diz que são públicos totalmente diferentes, que os adultos são bastante resistentes a regras. Porém, o problema que ela costuma enfrentar com os maiores de idade é a infrequência devido ao trabalho, mas os adolescentes, segundo a docente, têm um grande problema: *“É a indisciplina. É o entender o que é que eles têm que fazer, o que eles têm que seguir. Porque enquanto eles não completam [...] diz a lenda, enquanto eles não completam dezoito anos você ainda pode ajeitar eles para a sociedade, o que eles devem fazer, o que é correto, você ajuda”* (Professora Entrevistada 12).

Kant entende que um dia os institutos educacionais serão desnecessários, é um filósofo idealista. A escola ensaia as crianças e os jovens para aguentarem ser docilizados por dinheiro. O disciplinamento e a docilização dos corpos são frutos de uma educação familiar deficitária e, algumas vezes, inexistente. A escola de massa está sobrecarregada por ter que escolarizar (instruir) e educar (moralizar) e ainda dar todo o suporte para a cultura que o educando não recebe em casa. Para agravar a situação, a escola é subjugada como incompetente e tem seus profissionais vítimas de intolerância e falta de respeito. No entanto, tem em si a imensa capacidade de contribuir para o fim último da educação, que é, segundo Kant, humanizar pessoas.

Por fim, o conceito moderno de disciplina é princípio do bem moral enquanto o pós-moderno é cruel e compulsório. Fazer um diálogo entre filósofos e aplicá-lo na realidade da escola e da educação atual é um desafio que ajuda a explicar o que vem

acontecendo com a nossa sociedade, como o ideal cosmopolita ainda é algo distante e como se tem a esclarecer para que o controle não seja mais visto como necessário ou mesmo parte da estrutura social.

## **4 ADORNO E FREIRE: DA EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE À EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA**

Toda a história da educação é, também, a história da humanidade, uma perpassa a outra como um sistema integrado, uma conexão necessária e impossível a ser dissociada. Em prol de afirmar essa ligação, será apontado o pensamento de dois grandes ícones que estruturaram em suas obras sugestões valiosíssimas para o melhoramento do ser humano e o papel da educação e da escola nesse feito.

Adorno e Paulo Freire viveram em épocas e em países diferentes, porém, seus pensamentos se coadunam em muitos momentos, e a perspectiva comparada é ideal para a percepção de particularidades e singularidades que o pensamento crítico é capaz de dispor. Já buscando aproximações, ambos viram de perto como o ser humano pode ser cruel. O primeiro é conhecido como filósofo pós-guerra e o segundo como grande crítico da ditadura civil militar no Brasil, em que sofreu tortura e exílio.

Patrono da educação brasileira e reconhecido mundialmente, Paulo Freire sofre em seu próprio país o preconceito de alguns e a má-fé de outros, os quais, sem terem lido sua obra, criticam, verosamente, sua figura. Sobre Adorno, desconheço qualquer tentativa de difamação, pelo contrário, é memorado em seu país, Alemanha, e reconhecido no meio filosófico e artístico pelo seu apreço também pela filosofia da música e da estética no geral. O que aproxima Adorno e Freire é o entendimento que é possível criar um mundo melhor.

### **4.1 Adorno e a educação: considerações sobre uma educação contra a barbárie**

Em “Educação e emancipação” Theodor Adorno sistematiza a ideia de que toda a educação deve ter como foco central a luta contra a repetição de barbáries como Auschwitz. Grande crítico do Nazismo, o filósofo aponta os riscos do nacionalismo e a fragilidade das democracias e o seu não firmamento como sistema político em algumas nações. Para contextualizar o pensamento é interessante lembrar que Adorno deixa claro que se refere à Alemanha pós-guerra, porém, é sabido a possibilidade de aproximação com o Brasil atual e a educação brasileira.

Adorno começa o livro reforçando a necessidade de manutenção da memória e denunciando, de certa forma, os que se dizem esquecidos ou, mesmo, que minimizam as injustiças. O que é recorrente no Brasil, que tem uma redemocratização jovem e, vez por outra, ameaçada por aqueles que se fingem desmemoriados das barbáries ditatoriais e, até

mesmo, fazem questão de tentar apagar a história. A Alemanha tem museus que os lembram, cotidianamente, que a história não se apaga. Para o filósofo, “Apagar a memória seria muito mais um resultado da consciência vigilante do que resultado da fraqueza da consciência frente à superioridade de processos inconscientes” (ADORNO, 2000, p. 33).

As duas grandes guerras mundiais deixaram marcas difíceis de serem apagadas. Qualquer nova ameaça, por mais simples que possa parecer, deve ser imediatamente evitada, de maneira que não haja tempo de se disseminar e causar mal maior. Tratar dessa temática em meio a questões educacionais é compreender que a escola é meio social afetado diretamente por qualquer evento político.

A precarização do trabalho docente não é novidade, porém, os discursos de ódio em relação à figura do professor e do intelectual, assim como das instituições públicas de ensino, aumentaram. Para Adorno, o termo “intelectual” vem sendo difamado desde os nazistas, e diante disso, para o autor, é mais um motivo para se assumir intelectual. Já para a figura do professor, coloca, contextualizando seu país, que “A imagem do magistério como profissão de fome é mais duradoura do que correspondente a realidade” (ADORNO, 2000, p. 98). É bem possível assumir essa informação para a sociedade brasileira.

Dentre as questões sobre educação, o frankfurtiano remete muito à figura do professor, comparando-a com outras profissões ditas socialmente de mais prestígio, como a de médico e advogado, e, nesse prisma, falta seriedade à figura do professor. Porém, aponta que o professor universitário tem mais prestígio do que o da educação básica, e coloca que “[...] uma ambivalência como esta remete a algo mais profundo” (ADORNO, 2000, p. 99).

Não são todas as profissões intelectuais que são subordinadas ao tabu do desprestígio. Adorno usa o exemplo dos juristas para reforçar essa ideia, e afirma que a diferença é que os trabalhadores das leis têm mais oportunidades materiais, têm mais liberdade e é justamente dela que vem o maior prestígio. Até porque “[...] o poder do professor é execrado porque só parodia o poder verdadeiro, que é admirado” (ADORNO, 2000, p. 102).

Pelo que se pode perceber tanto no pensamento do filósofo quanto nas relações sociais atuais é que o grande mal que o professor pode fazer é influenciar. Daí o “[...] êxito como docente acadêmico deve-se à ausência de qualquer estratégia para convencer” (ADORNO, 2000, p. 104). Porém, é interessante se perguntar em que contextos e ambientes pode ou não haver esse convencimento, já que “[...] o aspecto mágico da relação com os professores onde o magistério é vinculado à autoridade religiosa, enquanto a imagem negativa cresce com a dissolução dessa autoridade” (ADORNO, 2000, p. 104).

Se, por um lado, a imagem do professor é socialmente comprometida, por outro, tem que enfrentar, também, relações severas com alunos e com o próprio núcleo gestor o qual é subordinado. Contudo, Adorno entende que a figura do professor se repete na imagem do carrasco, o responsável pelos castigos. Isso ocorre porque muitos docentes suprimem seus sentimentos e seus afetos de forma desnecessária, em prol de que sua falsa autoridade possa aparecer. O filósofo lembra que os professores que demonstram com mais facilidade sua mundanidade são mais próximos dos alunos.

O trabalho direto com seres humanos em formação não é mesmo uma tarefa fácil e tem muitos desafios. A tentativa de não perder a autoridade e a possível necessidade de se impor pode dificultar ainda mais a relação professor-aluno. Adorno sugere que os docentes sejam mais afetivos e demonstrem isso aos alunos, assim, sua humanidade pode ser aflorada e a figura do carrasco retirada aos poucos do imaginário discente. Para Adorno (2000, p. 114), “A solução, se posso dizer assim, pode provir apenas de uma mudança no comportamento dos professores. Eles não devem sufocar suas relações afetivas, para acabar revelando-as em forma racionalizada, mas deveriam conceder essas reações afetivas a si próprios e aos outros, desarmando desta forma os alunos”.

Um dos professores entrevistados, mesmo não sendo estudioso de Adorno, já segue seus ensinamentos, para ele: *“Sempre vai existir uma relação mais afetiva, aquela coisa de você influenciar um aluno, aquela coisa de o aluno te ver como um herói. Muitos desses alunos, antes de virem para a escola, não têm nenhum herói em suas vidas”* (Professor Entrevistado 03). Para o docente, as relações afetivas entre professor e aluno podem influenciar positivamente no rendimento do estudante: *“Então, a gente vai percebendo que essa relação de proximidade com eles muda completamente a relação, muda completamente o processo pedagógico e educativo também”* (Professor Entrevistado 03).

O professor também compreende que é preciso ter cautela nessa relação, mas que pode contribuir para o desenvolvimento discente: *“Essa proximidade a gente tem que tomar muitos cuidados, mas ao mesmo tempo tem que entender que ela é uma ferramenta de extrema importância para a gente poder lidar com o aluno. Conseguir fazer com que ele se desenvolva muito mais”* (Professor Entrevistado 03).

A profissão docente não deixa margem para a relação de distanciamento do seu objeto de trabalho, alguns professores ainda tentam colocar uma espécie de parede transparente entre ele e os alunos, como se houvesse uma relação hierárquica a ser obedecida. Porém, para o filósofo em questão, é impossível separar o trabalho objetivo e o

plano afetivo-pessoal. Quando o professor não reage afetivamente se mostra aos alunos como sendo “[...] desumano e frio e sendo possivelmente rejeitado por eles” (ADORNO, 2000, p. 113).

Ser afetuoso ou demonstrar sentimentos é uma possibilidade e não uma obrigação. “Em nenhum momento a vida privada do docente pode ser submetida a qualquer controle que não seja os das disposições penais” (ADORNO, 2000, p. 144). Ou seja, o professor deve ter sua privacidade resguardada sem que haja exposição alguma da sua intimidade. Em momentos recentes da história do Brasil a vida pessoal de alguns docentes, suas relações partidárias e, até mesmo, sua religião já foram alvos de ataques dos simpatizantes do neofascismo instalado com sucesso no Brasil.

Quando o assunto é escola, Adorno é duro nas críticas quando diz que “[...] a escola constitui quase o protótipo da própria alienação social” (ADORNO, 2000, p. 112). O ambiente escolar é permeado de controle, de regras que, algumas vezes, só reforçam o vício da sociedade de controlar e, mesmo assim, afirma-se como momento necessário na vida das pessoas. Frequentar essa instituição é tão parte do ciclo da vida, todo mundo vai, que nem se questiona esse limite. O filósofo aponta que “[...] seria preciso atentar especialmente até que ponto o conceito de ‘necessidade da escola’ oprime a liberdade intelectual e a formação do espírito” (ADORNO, 2000, p. 116).

Contudo, a escola é fato e tem inclusive o papel social de oportunizar às camadas menos favorecidas. No plano macro, também tem a função de contribuir como força resistente no combate ao caos. Para Adorno (2000, p. 116), “[...] enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto”. Pode parecer pouco, mas resistir à barbárie diante de todo o mal que o próprio ser humano pode causar é, no fim das contas, um trabalho pesado até mesmo para a instituição que se popularizou para atender à massa, tendo como premissa a resistência.

Segundo Adorno (2000, p. 119), o *pathos* da escola é o fato de somente ela pode apontar para a desbarbarização, e afirma:

Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importante frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qualquer que se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão.

É uma grande função para a escola. Quando compreendo a grandeza da sugestão do pensador, e lembro de salas de primeiros anos do ensino médio com quase cinquenta adolescentes, penso se realmente a desbarbarização através da escola também vale para a realidade brasileira, que não parece ter como base a ideia de uma educação para a

emancipação, que investe numa educação profissional, que desvaloriza os seus docentes e se preocupa mais em ter bons resultados em exames externos à escola do que com a aprovação dos alunos em cursos superiores que podem mudar suas vidas.

Impedir a repetição da barbárie é algo objetivo, um plano a ser seguido, uma ideia a ser comprada. Adorno coloca que “[...] as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo”, quando, na verdade, temos a história para nos lembrar onde começa e onde termina o erro e como a repressão às minorias não tem nada de apenas subjetivo. Na Alemanha foram os judeus. Quem seria no Brasil? Os negros? Os pobres? Os professores?

Para que a escola contribua no processo de não repetição é importante que se fale da questão, não há espaço para tabus. Os docentes não podem ser impedidos de tratar do assunto, seja por motivos políticos e ideológicos, seja com a desculpa que esse tema não agrega em nada à formação profissional do aluno. Para Adorno (2000, p. 128), “[...] o perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeio este se tornasse o responsável, e não os verdadeiros culpados”.

Superar a barbárie é, para o filósofo, algo decisivo para a sobrevivência da humanidade. Para ele:

Barbárie é algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento, as pessoas sem encontrem, de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização- e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui ainda mais para aumentar o perigo de que toda essa civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu desordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade. (ADORNO, 2000, p. 155)

Colocar a educação e a escola como papel-chave da desbarbarização é um grande compromisso. Sua urgência é imediata, e dedicar páginas de um escrito a esse assunto, levá-lo até às salas de aula da educação básica, discutir com adolescentes e ouvir suas sugestões é o primeiro passo para a não repetição de Auschwitz. Ainda é pouco diante do desafio e do fato de a barbárie está em todo lugar e parecer estar sempre mais perto dos menos favorecidos, mas é melhor que o silêncio diante de tantas injustiças.

## 4.2 Paulo Freire: educação, autonomia e liberdade

Dedicar a vida à alfabetização do sertanejo, criar metodologias que ganharam o mundo e incomodar o conservadorismo dominante por oportunizar ao pobre a aprendizagem e a criticidade foram alguns dos feitos de Paulo Freire. Entre tantas obras de suma importância para a educação foi escolhida a “Pedagogia da autonomia” por apresentar conceitos a serem desenvolvidos no decorrer da pesquisa e elencar sugestões aos professores que fortalecem sua própria estima e o seu papel enquanto educador da massa.

É famosa a máxima freiriana que diz que a educação não transforma o mundo, a educação transforma as pessoas e as pessoas transformam o mundo. Tomando como base uma escola popular que realmente faça a diferença na vida do povo, Paulo Freire entende como necessária uma prática educativa pautada na reflexão docente. Para ele, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2019, p. 24).

A escola está, de certa forma, consciente dos ensinamentos de Freire, uma das coordenadoras confirma, com suas palavras, que concorda com o pensador da educação quando diz: *“Educação não é só aquisição de conteúdos, também é transformação e para transformar eu preciso transformar meu jeito de pensar, a questão da empatia, a questão do protagonismo, de todas as competências que a gente tem e emocionalmente* (Professora Entrevistada 07).

A relação professor-aluno, para o Freire, deve ser fortalecida cotidianamente, de modo que o educador reforce com frequência a capacidade crítica, a curiosidade e a insubmissão do discente. A tarefa docente vai muito além de passar os conteúdos de sua disciplina, deve ajudar preparar os alunos para a vida pós-escola, ensinar a pensar certo. “O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (FREIRE, 2019, p. 30).

Concordando novamente com o autor, a professora supracitada reforça: *“Ao mesmo tempo que a escola perde ela deixa de cumprir o papel social dela que é o de oferecer oportunidades, de repente tirar um aluno do mundo do crime, por exemplo”* (Professora Entrevistada 07). . Continuando expondo que compreende ser necessário que todos se envolvam com a finalidade última da escola, e diz: *“É um trabalho que tem que ser feito com todo mundo, todo mundo tem que realmente abraçar a causa da educação, que é o*

*que deveria ser, a educação é isso. A educação deveria ser para transformar, deveria servir para transformar as pessoas”* (Professora Entrevistada 07).

O pensador da educação compreende que é dever do professor e da escola respeitar e discutir os saberes que os educandos trazem como bagagem ao chegar na instituição, principalmente aqueles advindos das classes populares. Para uma das docentes que participou da pesquisa: *“Ao mesmo tempo que eles trazem problemas, também trazem soluções”* (Professora Entrevista 11). Para Freire (2019, p. 30), é importante que os alunos entendam “[...] a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”. Dentro desse conceito explica, também, que não se pode transformar a experiência formativa em mero treinamento técnico. Tudo isso faz parte do pensar certo.

Na tentativa de sair de uma abordagem técnica, que algumas vezes é seguida pela escola profissionalizante, uma das professoras entrevistadas relata que na aula de formação para a cidadania costuma trabalhar temas próximos da realidade dos discentes: *“No último roteiro a gente estava falando sobre respeito às minorias. A gente tratou sobre racismo, sobre homofobia, a questão do respeito à mulher, o papel de cada um na sociedade. O pouco que se fala faz eles perceberem a atuação deles dentro da escola, o papel deles”* (Professora Entrevistada 11). Para ela, assim como para Freire, é importante que os alunos se percebam no mundo, tenham consciência dos problemas para resolvê-los: *“Fazer eles meio que entenderem a situação que eles vivem e conseguir contornar eventuais problemas que decorreriam disso”* (Professora Entrevistada 11).

A escola, enquanto instituição de massa, ainda pode melhorar bastante. O professor é figura central nas possíveis mudanças de comportamento, de postura. Aqui não se fala em reformas do prédio, ampliação dos espaços e suporte técnico para o trabalho, mas sim de tratamento entre pessoas. Para Freire (FREIRE, 2019, p. 62), “[...] o respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda zombar do saber que ele traz consigo para a escola”. Infelizmente, já vi isso acontecer. O docente é a engrenagem necessária para a harmonia no ambiente escolar e não pode menosprezar o sujeito de toda a educação.

Ser indiferente aos problemas educacionais é um grande mal, não perceber soluções e cair no fatalismo pode deixar tudo como está e não gerar nenhuma das mudanças necessárias. Claro que é importante ter em mente que o professor não é um herói que resolverá todos os problemas sociais, mas, para Freire (2019, p. 65), “‘não há o que fazer’ é o discurso acomodado que não podemos aceitar”. Daí a relação com a prática política e a luta por direitos.

O poder público usa de descaso com a educação, os problemas cotidianos são diversos e para conquistar as sonhadas melhorias se recorrido às organizações. Diante desse contexto, o professor é, algumas vezes, julgado pela sociedade por se manifestar, por fazer greves e paralisações e por ter um posicionamento político. Freire (2019, p. 65) destaca que “se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito”.

Em 2018, ano de campanha eleitoral e votação nacional para presidência da república, houve pelo país algumas situações de perseguição para com alguns professores. Confesso que tive medo de me posicionar, de criticar na frente dos alunos a postura e a fala de qualquer candidato e ser filmada, perseguida e ameaçada. Foi um período de tensão. Mas, depois de reler Paulo Freire me senti fortalecida para assumir que não há espaço para o medo enquanto meus alunos estão no meio da guerra do tráfico, estão sofrendo racismo ou mesmo sendo mortos pela polícia.

Freire (2019, p. 69) coloca que “[...] em nome do respeito que tenho aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe”. Isso deixaria nossos alunos à mercê das notícias falsas que se espalham como erva daninha e coloca pobre conta pobre. Para reforçar esse pensamento o autor escreve:

Creio que nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação. Desse ponto de vista, que é reacionário, o espaço pedagógico, neutro por excelência é aquele em que se treinam os alunos para práticas apolíticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra (FREIRE, 2019, p. 96).

Na educação não há espaço para a neutralidade, Freire entende que a ideologia dominante costuma inculcar nos dominados a responsabilidade por suas mazelas e fingir fatalismo quando os convém, ao dizer que não havia mesmo o que fazer, ou já não há soluções como aconteceu quando o Museu de História Nacional foi incendiado e, ao invés de buscar recursos para reconstrução, as autoridades políticas cruzaram os braços e veicularam em redes sociais que já estava feito, não havia mais o que fazer.

A criticidade é outro grande eixo do pensamento educacional e político de Paulo Freire, para o qual é importante, também, que o educador progressista tenha como tarefa a “[...] leitura e releitura do grupo, provocá-lo, bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto” (FREIRE, 2019, p. 80). Ou seja, perceber-se como

grupo social e possivelmente afetado por qualquer decisão e/ou mudança política de pequeno, médio ou grande porte. O reconhecimento faz com que o sujeito defenda mais suas próprias causas e lide melhor e de forma mais crítica com sua situação.

Penso que um dos grandes motivos de Paulo Freire ser atacado pela direita conservadora é pelo medo do posicionamento, do seu reconhecimento pelo povo, do convite para a resistência. Para ele, “[...] no fundo, as resistências — a orgânica e/ou a cultural — são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos” (FREIRE, 2019, p. 76). Isso me lembra que já escutei que a minha geração é a geração do “mimimi”, que vemos problemas em simples piadas ou brincadeiras, quando, na verdade, estamos apenas comunicando que não estamos à vontade com falas preconceituosas. O que chamam de “mimimi”, chamo de esclarecimento.

Paulo Freire é muito claro, direto e incisivo na sua escrita, não deixa margem para relativismo. Quando diz que “[...] votar em políticos reacionários é ajudar a preservação do status quo. Como posso votar, se sou progressista e coerente com minha opção, num candidato em cujo discurso farscante de desamor, anuncia seus projetos racistas?” (FREIRE, 2019, p. 78). Ora, quem não é racista não se incomodaria com esse tipo de fala, daí se tira a confirmação do lado certo e do “pensar certo” da história.

Com uma proposta de educação para a liberdade, para a autonomia discente, Paulo Freire entende que o professor precisa estudar, levar a sério sua formação para que possa estar à altura de coordenar as atividades em sala de aula. O bom professor consegue conectar o aluno com o conteúdo de forma que ele não apenas *assista* à aula, mas cria “[...] a intimidade do movimento de seu pensamento, sua aula é um desafio e não uma cantiga de ninar” (FREIRE, 2019, p. 85), para que o educando se encontre no processo de aprendizagem. Para o pensador da educação, é impossível separar o ensino do conteúdo da formação ética, como reforça:

Meu papel como professor progressista não é apenas o de ensinar matemática ou biologia, mas de, tratando de a temática que é, objeto de um lado do meu ensino, de outro, da aprendizagem do aluno, ajudá-lo a reconhecer-se como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva (FREIRE, 2019, p. 121).

É uma grande conciliação de liberdades. A liberdade do professor, do educando, da escola e até do próprio capitalismo de exercer suas atividades, desde que não passe por cima da vida das pessoas. Considero Paulo Freire filósofo brasileiro por conseguir lançar propostas reais para a educação e todo o sistema que a envolve. Pensar a escola como engrenagem social de mudança, pensar a escola como fortaleza de poder positivo e não

apenas de reprodução e repasse de conhecimento, coloca-o no topo de um pensamento libertador.

### 4.3 Adorno e Freire: aproximações de uma educação para a liberdade

Diante o exposto, pode-se perceber que mesmo com nacionalidades diferentes e contextualizando em seus pensamentos a realidade de cada país, os pensadores apontam para a mesma questão: o melhoramento da educação para assim melhorar a sociedade. Mesmo com experiências particulares, colocam em suas ideias um otimismo necessário para quem acredita na educação e na humanidade, já que “[...] se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode” (FREIRE, 2019, p. 110).

Adorno fala sobre a educação após a barbárie, e coloca a educação infantil e, logo em seguida, o esclarecimento no geral como saídas para a desbarbarização. Freire alfabetizou adultos trabalhadores no ensino noturno, mas ambos têm forte em seus conceitos ideias como liberdade, autonomia, educação e política. Como o primeiro mesmo anuncia, as democracias são frágeis, estão sendo constantemente ameaçadas por um fascismo que parece está a postos a todo momento.

Do mesmo jeito que a escola é meio social, a educação é meio político. Como coloca Freire, “[...] a educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador, ela é política” (FREIRE, 2019, p. 108). Tudo que acontece na sociedade, na comunidade em que o prédio escolar está situado, influencia no seu funcionamento, nas suas demandas e nas suas lutas. Enquanto Freire entende que é papel da escola também ajudar no reconhecimento do sujeito, no seu fortalecimento enquanto indivíduo e ser social, Adorno afirma que “A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (ADORNO, 2000, p. 121).

Ambos os pensadores têm forças denunciantes. Adorno denuncia a barbárie, Freire denuncia a miséria, para este:

[...] é imoral afirmar que a fome e a miséria a que se acham expostos milhões de brasileiros e brasileiras são uma fatalidade em face de que só há uma coisa a fazer: esperar pacientemente que a realidade mude. O meu bom senso diz que isso é imoral e exige de minha rigorosidade científica a afirmação que é possível mudar com a disciplina a gulosidade da minoria insaciável (FREIRE, 2019, p. 62).

Confirmando a fala de Freire direto do chão da escola, um dos docentes que participou da pesquisa diz: “*E, às vezes, saem turmas mais cedo, ficam outras, alguns deles não querem ir, eles ficam aqui na escola, ficam sem fazer nada porque têm muitos*”

*que a refeição que eles fazem é aqui na escola*” (Professor Entrevistado 04). Apesar de Adorno e Freire usarem termos diferentes, defendem os mesmos ideais, e esperam que, através da educação, chegue na mente de todos a informação sobre a emancipação, como enfatiza Adorno:

A figura que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 2000, p. 183).

Inspirado nas ideias do iluminista Immanuel Kant, os princípios da emancipação são os mesmos do esclarecimento e, aproxima-se do pensamento freiriano, da autonomia, ou seja, na prática, as três palavras implicam a mesma atitude, já que, para Adorno (2000, p. 143), “[...] emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade”. Contra a barbárie é preciso ter ações significativas de mudança e de movimento, afinal, “[...] não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade” (FREIRE, 2019, p. 75).

Para intervir no mundo e mudá-lo é preciso um plano, o qual precisa estar situado em um contexto. No caso do Brasil, com uma breve leitura da conjuntura é possível perceber que estamos em um momento delicado para as classes menos favorecidas: a alta taxa de desemprego contribui para o aumento da violência, o feminicídio aumenta cada vez mais, a polícia parece ter duas faces quando age de forma truculenta na periferia e de maneira tranquila em bairros nobres. No meio de todos os problemas está a escola.

Recentemente, uma escola situada numa comunidade no Rio de Janeiro colocou uma faixa no teto avisando que ali fica uma escola, com o seguinte pedido: *não atire!* Balas perdidas já mataram alunos da educação infantil naquela região. Crianças e adolescentes negros são os que mais morreram por essas causas. A escola, nessas regiões, não é um ambiente seguro, situação essa que, infelizmente, não é caso apenas em um estado da federação. No Ceará, em alguns municípios, as facções criminosas decidem se os alunos poderão ou não frequentar determinada escola, como confirma um dos docentes que participou da pesquisa:

*Há rivalidades. Então eles, às vezes, “não, você não é para estar em escola, não porque aquela escola ali, que é facção X, então você não vai”. Então, já houve casos de aluno que teve que sair daqui às pressas por receber ameaças. Então, com essa dificuldade é complicado a gente tentar fazer alguma coisa, mas*

*chega um certo ponto que você tem que parar porque se torna perigoso para a própria escola intervir nessa questão* (Professor Entrevista 04).

Os professores e a gestão escolar não têm o que fazer diante da gravidade de alguns problemas sociais que afetam a escola e, logo, a educação. Todo problema social é um problema político, e Freire entende como importante que nós professores tenhamos uma posição sobre isso. Sobre o assunto, afirma que “[...] é reacionário a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica” (FREIRE, 2019, p. 99), e ainda que “[...] a educação é a forma de intervenção no mundo” ( p. 96). Ou seja, é necessário que a escola tenha espaço para discussão e reflexão, e não apenas de reprodução de conteúdo. Reforçando o que diz Freire, um docente que participou da pesquisa diz: *“Para o estudante está dentro da escola, ele precisa ter condições mínimas e básicas para poder, sim, permanecer ali. Não basta ser e não precisar gastar dinheiro, ele precisa estar bem naquele espaço”* (Professor Entrevistado 03).

O que coloco com estas informações é que os problemas que envolvem a escola são maiores que ela. Quando Arendt (2013) diz que toda a crise na educação não é, na realidade, uma crise, e sim um projeto, é para nos lembrar acerca da necessidade de nós professores sermos, também, força de resistência e não fazer parte desse projeto. Para que se consiga tal feito “[...] não devo pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vêm sendo expostos ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas” (FREIRE, 2019, p. 87). É preciso usar o tempo pedagógico para falar da barbárie até que o tema se finde e, assim, “[...] o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou” (ADORNO, 2000, p. 64), o que não é o caso do Brasil no momento.

Adorno e, principalmente, Freire, por retratar a realidade brasileira, aproximam o horizonte da educação e da escola, como o da pesquisa exposta sobre o PPDT, quando *largam as luvas* e pensam práticas educativas que realmente possam fazer a diferença. O caráter denunciante de seus pensamentos e todo o desrespeito à figura de Paulo Freire são provas concretas que existe, sim, um interesse gigantesco de desmontar mais ainda a educação em prol de um projeto de desestruturação da escola enquanto formadora de opinião para que ela seja simplesmente formadora de mão de obra.

Uma pergunta relevante frente ao diálogo comparativo entre Adorno e Freire é: qual o papel do diretor de turma quando o assunto é emancipação da juventude, já que o PDT está situado do mesmo modo que a escola periférica no contexto de caminho rotineiro da barbárie quando a violência é cena comum em seu cotidiano? A escola em tempo integral

tem, teoricamente, a ideação do protagonismo juvenil quando oferece aos adolescentes o direito e a obrigação de escolherem quais disciplinas eletivas cursarão durante o ensino médio. Mas é preciso mais, afinal, “[...] nada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista” (FREIRE, 2019, p. 140).

São muitas as tarefas docentes, e é inaceitável que ainda se tenham mais. Os professores não são heróis, são apenas trabalhadores comuns explorados do mesmo jeito que a maioria dos trabalhadores, porém, escolheu trabalhar na instituição que tem um imenso papel social que não deve ser relativizado. A escolarização não é o mesmo que educação, mas a escola faz parte dela, é momento crucial da educação dos brasileiros e deve servir como ponte para oportunidades.

Seguindo a lógica de aproximação entre Adorno e Freire, é nítido como o brasileiro retrata melhor nossa realidade e se aproxima do objetivo último de qualquer pesquisa na área da educação, a saber: contribuir para o seu melhoramento. Freire está em nosso horizonte assim como a escola está para a resistência, e o autor diz: “Minha resposta à ofensa à educação é a luta política, consciente, crítica e organizada contra os ofensores” (FREIRE, 2019, p. 66).

Para concluir, a comparação dialógica entre Adorno e Freire, além de reforçar o caráter comparativo da pesquisa, proporciona uma ampliação de horizonte, visto às grandes contribuições dos dois para a educação e para a escolarização. É importante que autores de extrema relevância estejam sempre sendo lembrados e estudados para os estudantes do ensino médio saibam onde os seus professores buscaram força e inspiração para continuar acreditando na educação pública.

## **5 HISTÓRIA E CATEGORIZAÇÃO DO PROJETO PROFESSOR DIRETOR DE TURMA**

O PPDT está consolidado em Portugal desde a década de 1960. No Brasil, no estado do Ceará, por meio da Seduc, está implementado desde 2009. Neste capítulo será abordada a história e a categorização do projeto em Portugal e no Ceará, considerando a sua trajetória, mudanças e adaptações ao longo do tempo. Para tal, será feito o uso de fontes documentais, como leis e decretos, de Portugal, e manuais de orientação e instrumentais, do Ceará/Seduc.

### **5.1 Diretor de classe: o decreto de 1895 e suas consequências para a escola portuguesa**

O PPDT não surgiu nos moldes conhecidos hoje, com todas as atribuições e a tentativa de ser elo entre escola e família. Pela pesquisa realizada, o primeiro registro envolvendo o cargo de diretor de turma é de 1895, em um decreto de 14 de agosto que institui o cargo de diretor de classe em Portugal. Em uma conjuntura em que a instrução prevalece sobre a educação, o número de alunos passando a frequentar a escola aumenta com rapidez. A ideia que se pretendia naquele momento era de ensinar a muitos como se fosse um ao mesmo tempo, limitando-se, com isso, a diversidade do alunado, classificando os discentes e os agrupando em classes, seguindo a necessidade imposta de os homogeneizar para que pudessem ser instruídos.

A organização no modelo de classes, adotado pela reforma de Jaime Moniz (1894 a 1895), deu-se “[...] com o objetivo de que todos os alunos recebessem os mesmos livros e programa de ensino com as mesmas disciplinas” (CARVALHO, 1986, p. 630). Ou seja, que fosse instituída uma organização pedagógica perdida desde do fim do ensino jesuítico. Na época da reforma o ensino se dava por meio de disciplinas nas quais cada professor preparava o seu próprio plano de ensino, independente um dos outros, não existindo, assim, uma coordenação pedagógica nos estabelecimentos de ensino.

O decreto de 14 de agosto de 1895 é longo e versa sobre diversos pontos da reforma educacional de instrução secundária que passava o país na época como introdução do regime de classe, extinguindo o arranjo dos estabelecimentos de ensino por meio de disciplinas. “Trata entre outras coisas da organização dos liceus e quais cursos passaram a ser ofertados, das obrigações dos alunos e professores e os meios de aprovação” (PORTUGAL, 1895, p. 666).

Os artigos 52° a 54° do decreto estabelecem que um professor será o diretor da classe, função a ser designada pelo reitor. Ao diretor de classe fica incumbida a responsabilidade de:

Fazer guarda da aprendizagem e da disciplina da classe que lhe foi confiada; reunir-se com os demais professores com fim científico ou disciplinar; regular junto aos professores as aulas e os trabalhos; fazer frequência dos alunos em livro destinado a este fim; prestar informações sobre o aluno ao reitor, responsáveis pela educação ou seus representantes; fiscalizar alunos e professores, promover a ordem e a disciplina nas classes; o diretor é a maior autoridade no meio e não pode assumir mais de uma classe (PORTUGAL, 1896, p. 667).

O artigo 20° do mesmo decreto determina que os professores que faltarem com a ordem superior dos reitores ou do diretor de classe podem ser afastados de suas funções por três meses, em caso de reincidência a pena pode chegar a um ano.

Para Sá (1996, p. 29), o diretor de classe aparece como figura nuclear no sucesso do novo modelo de organização pedagógica pelas responsabilidades que lhe são atribuídas na coordenação de uma equipe de professores. “Descrimina um conjunto de atribuições do director de classe que podem ser arrumadas em três grandes áreas: 1) coordenação de professores e do ensino; 2) controle da assiduidade, comportamento e aproveitamento dos alunos; 3) informações regulares dos pais e encarregados de educação”.

Comparando as atribuições previstas no decreto de 1895 em Portugal com as atividades exercidas pelo PDT no Ceará, apenas a coordenação e fiscalização de professores e do ensino não correspondem com as atribuições oficiais do PDT. Para tal função, tem-se a figura do Professor Coordenador de Área (PCA) exercendo o papel de gestor intermediário de docentes, porém, sem o peso do controle no disposto.

A reforma Jaime Moniz sofreu fortes críticas de várias frentes portuguesas, mas pelo que se teve acesso, ao que se refere ao diretor de classe, o mal-estar se deu pela coordenação de professores como uma das funções a ser exercida e não pelo cargo em si. Sá (1997, p. 30) escreve que:

[...] a maior resistência foram as visitas às aulas por parte do diretor de classe, e mais tarde do diretor de ciclo, coloca que o argumento essencial era contra essa forma de controle e os juízos avaliativos que deviam ser tomados, que a ideia era verificar se o trabalho era efetivamente realizado e se estava de acordo com as especificações prévias.

Ou seja, professores controlando professores. As reclamações foram ignoradas por parte dos gestores oficiais e reafirmado a autoridade do diretor de classe. O decreto n.º 4:650, de 14 de julho de 1918, coloca novos requisitos para o cargo, como no “[...] mínimo cinco anos de efetiva docência, possibilita que assuma agora duas turmas e retira a gratificação nos vencimentos” (PORTUGAL, 1918, p. 18).

O diretor de classe, com todas as atribuições referidas, inclusive com a gestão pedagógica de gestor intermediário, manteve-se por cerca de quarenta anos sendo sempre reconhecido como autoridade maior da classe. Entendo que as mudanças ocorridas ao longo dos anos no que diz respeito à diminuição da autoridade formal do professor diretor foram benéficas para que a tríade escola-aluno-família, afirmada em Portugal e no Ceará, fosse efetivada de uma maneira positiva, melhorando a relação com outros docentes e aproximando o aluno a figura do diretor.

## **5.2 Diretor de ciclo: Reforma Carneiro Pacheco, entre o controle de alunos e de professores**

Em 1932 a sociedade portuguesa passou a vivenciar a ditadura de Salazar, regime autoritário que proibiu greves, sindicatos, a formação de novos partidos, congelou o salário dos trabalhadores e reduziu os gastos com saúde e educação. No então conhecido Estado Novo Português, assim como em toda ditadura, jornais, peças de teatro e livros foram censurados. O ditador negou a independência das colônias portuguesas na África e era contra qualquer tipo de modernização por considerar o povo despreparado. Com aproximações com as ideias fascistas e nazistas, Salazar defendia valores fundamentais, tais como Deus, Pátria e família. Ficou no poder até 1970, quando faleceu.

Para assumir o setor responsável pela educação, foi escolhido, depois de três tentativas pouca sucedidas, António Carneiro Pacheco, em 1936, que transformou o Ministério de Instrução Pública em Ministério da Educação Nacional, reformou a educação portuguesa, deixando-a nos moldes no regime de Salazar. Instituiu, entre outras coisas, a mocidade portuguesa, que deveria abranger toda a juventude, escolar ou não. Com o intuito de oferecer uma formação moral, cívica e física para os jovens, a mocidade portuguesa preparava os meninos com a instrução pré-militar, enquanto as meninas eram tidas como “sentinelas da alma de Portugal” (MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA *apud* HORTA, 2009, p. 66).

Com a reforma, o diretor de classe passa a ser diretor de ciclo, já que o então ministro achou por bem retomar o regime de disciplinas. A partir desse momento, o diretor de ciclo poderia assumir mais de uma classe, o que o possivelmente o sobrecarregaria. Era função de todos os professores a formação para o desenvolvimento do espírito nacionalista, mas como o diretor de classe já carregava em suas atribuições a fiscalização de professores, com o contexto totalizador, ficou cada vez mais latente. O decreto determinava que ao cargo

de diretor de ciclo ficava a responsabilidade pela organização das sessões de educação moral e cívica. Barroso (*apud* SÁ, 1997, p. 39) afirma que:

A coordenação de ensino parece agora dar lugar à coordenação de endoutrinamento operado pela combinação de duas estratégias distintas: utilização dos mecanismos de socialização inerentes ao próprio processo de escolarização; tentativa de “enxertar” na escola uma estrutura organizativa própria à mobilização e enquadramento político-ideológico das crianças e da juventude que permitisse tornar mais expedito e eficaz o processo de inculcação e doutrinação.

A figura do diretor de ciclo como facilitador do enquadramento não remete apenas à era salazariana, mas a um grande percurso da história desse cargo. Em um regime ditatorial essa característica se dar de forma mais visível. Porém, nos dias atuais no Ceará, alguns diretores de turma compreendem que sua função é disciplinar para que a escola funcione. Diante do momento político de fortalecimento da extrema direita, teme-se que a história se repita e a proposta da “escola sem partido” perpetue a ideia do disciplinamento com um propósito formador de pensamento extremista.

Ainda no Estado Novo, o decreto de 02 de julho de 1952 esclarece funções para o diretor de ciclo: “A vigilância constante pela disciplina e pela boa ordem na classe, relação entre escola e encarregados da educação” (PORTUGAL, 1952, p. 08). Nesse período ocorreu o grande aumento do número de alunos e o conseqüente o número de turmas, o que gerou uma série de problemas com relação a espaço, organização, coordenação e controle, dificultando mais ainda o trabalho do professor diretor de classe. O que aconteceu em Portugal é muito parecido com o que ocorreu no Brasil com o processo de massificação da escolarização em prol da formação da mão de obra, razoavelmente qualificada, para o trabalho industrial.

O aumento quantitativo de discentes torna a figura do diretor de classe cada vez mais necessária, no entanto, o início da lotação descaracterizou o regime de classes e dificultou o trabalho da gestão pedagógica, como afirma Sá (1996, p. 42):

O crescimento progressivo da heterogeneidade discente, resultante do alargamento da base social do seu recrutamento, tornava cada vez mais problemática a realização do princípio de ensinar a todos como se fossem um só, pela impossibilidade de reduzir à unidade o que, por natureza, é diverso.

A quantidade de alunos e de classe torna o trabalho disciplinar complicado, mas algo mais relevante e preocupante é a dificuldade em acompanhar o desempenho dos discentes. Os atrasos de alguns ficaram visíveis e a escola passou a ter outra característica. O decreto de 1952 previa que o diretor fizesse o “[...] acompanhamento de alunos que derem prova de atraso na compreensão do conteúdo” (PORTUGAL, 1952, p. 09), com o objetivo de chamar a atenção dos demais professores e da família, mas o elevado número de

alunos que estavam sob a responsabilidade do diretor o impedia de fazer esse acompanhamento de forma minuciosa e eficiente.

A escolarização obrigatória foi fator que contribuiu para a massificação da escola. A ideia de que de a educação é termômetro para o desenvolvimento de um país eleva o número de alunos na escola, mas não garante que haja uma qualidade no ensino. Em Portugal, “[...] foi necessária estipular a quantidade de vagas nas escolas públicas devido ao grande aumento que se dar tanto pela procura da população na busca de qualificação para o mercado de trabalho” (CARVALHO, 1986, p. 754) como exigência desse mesmo mercado, assim como referido anteriormente em relação ao Brasil.

A educação vista pelo capitalismo como mercadoria faz da escola um lugar de desenvolvimento de capital na formação de pessoal, o que faz com que a instituição seja ineficiente tanto na instrução desses futuros profissionais como na formação humana social. Em Portugal, em 1948 houve a reforma do ensino técnico, expandindo o número de escolas técnicas em prol de proporcionar um aumento no crescimento econômico. No Ceará aconteceu algo bastante parecido nos últimos anos, com a criação das escolas profissionalizantes que funcionam em regime de tempo integral, em que um turno é dedicado para a base comum curricular e o outro para a formação técnica.

### **5.3 Diretor de turma: a afirmação da tríade aluno-escola-família**

Ao mesmo tempo em que a escolarização massificada é vendida como objeto tanto pelo Estado como pelo setor privado, é também via de democratização social quando possibilita, mesmo que minimamente, uma ascensão financeira para as camadas menos favorecidas. O negativo é o reforço ao mito da meritocracia que coloca todos em condições análogas quando a realidade social nega muitas chances às classes baixas.

A escola atual é a escola de massa, e uma de suas grandes características é a diversidade de alunos, professores e gestores, o que deixa tudo mais complexo e nega a uniformidade que o ato disciplinar tem em si ao mesmo tempo em que precisa enquadrar na tentativa de educar. É no contexto de aumento quantitativo e superlotação que o diretor de turma é criado com o intuito de salvaguardar a gestão pedagógica pelo ensino e não necessariamente pela disciplina, com olhos nos alunos e não no controle do professorado.

O decreto n.º 48.572, de setembro de 1968, tem 65 laudas e versa sobre diversas questões da organização escolar, como escolha de gestores, formas de avaliação e escolarização de jovens e adultos. Porém, dedica apenas dois artigos para designar as

funções do diretor de turma. Com isso, é possível pensar que o cargo não tem a importância legal que se admite ou que já está por si só afigurado na mente dos professores portugueses.

No artigo 144 do documento pode se inferir a partir da figura do professor um gestor intermediário. Detalhe observado é que logo depois de prever sobre a direção escolar, o decreto estipula as condições para o cargo de diretor de turma. Uma novidade positiva é que o PDT tem sua função direcionada aos alunos, e não aos professores, como ocorre nos cargos anteriores, e é bastante criticado por reforçar o controle de docentes.

O diretor de turma deve ser escolhido pelo diretor da escola entre os membros do corpo docente. O cargo é de aceitação obrigatória, e cada PDT pode assumir até quatro turmas, o que possivelmente é fator dificultador do trabalho pedagógico. As atribuições do novo diretor de turma são:

Presidir o conselho de turma e o serviço de orientação pedagógica, apreciar os problemas pedagógicos e de aprendizagem dos alunos de suas turmas, assegurar o contato com as famílias, assegurar a coordenação entre o grupo de disciplinas, requisitar material didático para o desempenho das disciplinas e quando solicitado pelo diretor da escola deve fazer suas funções e dar conta de todas essas atribuições de forma harmônica (PORTUGAL, 1968, p. 1355).

No referido decreto não aparece o termo “gestor intermediário”, sendo usado por inspirações nas leituras de Sá (1996) quando estuda, de forma profunda e eficiente, a figura do diretor de turma e o coloca como gestor intermediário por entender que o cargo faz ligação entre a gestão da escola e a gestão da sala de aula de forma pedagógica, entendendo por trabalho pedagógico aquele executado diretamente para os alunos e trabalho de gestão o que gere o corpo docente em prol de um bom trabalho pedagógico. Pode se compreender que presidir o conselho de turma nas reuniões está mais próximo de um trabalho de gestão do que necessariamente pedagógico, o que não é ruim e afirma o pensamento do autor citado.

Apreciar os problemas pedagógicos e de aprendizagem do aluno é, sem dúvida, algo fundamental na direção de turma, porém, pode ser um trabalho limitado, uma vez que o professor não tem poder institucional para criar mecanismos de aprendizagem que atenda esse alunado. Outro fator que é recorrente em nosso discurso é que o acompanhamento é deficitário à medida que o diretor assume muitas turmas. Essas considerações são válidas tanto para Portugal quanto para o Ceará.

Assegurar o contato com a família é um grande desafio. Clemente e Mendes (2013, p. 08), ao escreverem sobre direção de turma e a família em Portugal entendem que “De facto, conhecendo a disponibilidade temporal do diretor de turma, afigura-se, pelo

menos difícil, conseguir um acompanhamento pessoal e direcionado às necessidades individuais de cada aluno”. Imagine, então, conseguir contato com famílias com diversas características e interesses pela vida escolar dos adolescentes. No Ceará, alguns diretores de turma que moram perto da escola em que trabalham e conhecem a região tiram dias para ir à casa de alguns alunos, geralmente por motivo de faltas, o que pode gerar evasão escolar. A ação não costuma surtir muito efeito, visto que as ausências se dão quase sempre por motivos superiores à alçada escolar.

Tanto em Portugal como no Ceará a escola está organizada por séries (apenas as escolas em tempo integral adotaram o modelo misto de série e disciplinas eletivas, estas colocando na mesma sala alunos de séries diferentes). Aqui se tem a BNCC, que foi construída com pouca participação docente e que, porém, prever um diálogo entre as disciplinas, a interdisciplinaridade, buscando pontos de aproximação em prol de um melhor rendimento discente. Entendo que seja esse termo que estava sendo pensado em Portugal quando se falou no decreto em coordenação entre o grupo de disciplinas.

Requisitar material pedagógico e assumir tarefas de gestores imediatos não aparece como atribuição nem na direção de turma no Ceará, e não foi encontrado em artigos recentes sobre a direção de turma em Portugal relatos sobre essa função. Quem costuma fazer este tipo de tarefa são geralmente os coordenadores pedagógicos ou, em caso de necessidade, o PCA, no caso do Ceará.

Em 25 de abril de 1974 aconteceu a admirada Revolução dos Cravos, afirmando um novo período para a história de Portugal. A gestão democrática foi marca dos anos seguintes, propondo a escola como autônoma no processo de escolha de seus gestores e colocando o ensino como meio de um desenvolvimento social e democrático. Anos depois, em 1977, tem-se a primeira portaria citando o PPDT pós-redemocratização, porém, foi gasto apenas um artigo para tratar sobre esse assunto.

A portaria prever que “[...] o diretor de turma seja membro do conselho diretivo tendo duas funções no mesmo, a saber, servir de apoio ao conselho diretivo e pedagógico e avisar ao presidente sobre as ocorrências disciplinares que ultrapasse sua competência” (PORTUGAL, 1977, p. 14). Em relação aos alunos, deve esclarecer sobre as eleições para delegados de turma, fazer reuniões sempre que necessário a fim de resolver possíveis problemas ou apenas ouvir suas demandas e manter contato com o aluno delegado para que o mesmo sirva de apoio em relação à turma. Sobre os encarregados da educação:

O diretor de turma deve recebê-los individualmente em dia e hora destinados a esse fim de modo que não atrapalhe suas demais funções; convocar e organizar reuniões para prestar esclarecimentos sobre avaliações, atividades escolares

questões disciplinares dos discentes e informar sobre a assiduidade, aproveitamento e comportamento dos alunos (PORTUGAL, 1977, p. 14).

A portaria de 1997 se aproxima muito da atual situação do diretor de turma no Ceará, mudando apenas os termos utilizados, já que as demais funções como presidente do conselho diretivo é particular do país de origem, tendo aqui outra estrutura organizacional, o que não é ruim, são apenas adaptações para cada realidade. Em todo o caso, o diretor de turma sempre deve estar em diálogo com a gestão da escola para informar problemas em que suas competências não sejam suficientes para resolver.

Em 1980 a portaria n.º 970 revoga a 679, de 1977, e dedica parte dos seus itens para a “[...] participação do diretor de turma no conselho diretivo e pedagógico da escola que tem como uma de suas funções a cooperação na elaboração de atividades escolares” (PORTUGAL, 1980, p. 19). Muitos dos cargos referidos na portaria podem ser acumulados, porém, a direção de turma deve ser assumida com, no máximo, duas direções. No começo do ano letivo devem escolher um coordenador e um subcoordenador para compor o conselho pedagógico.

As turmas contempladas com diretores de turma foram as de ensino diurno, deixando de fora o ensino noturno que é composto, geralmente, de jovens e adultos. No Ceará as turmas de EJA não têm direção de turma, porém, é reconhecida sua necessidade. A portaria determina que seja escolhido “[...] preferencialmente professores profissionalizados” (PORTUGAL, 1980, p. 19), os quais, possivelmente, são docentes efetivos.

Os requisitos para o cargo são múltiplos e subjetivos, tais como:

[...] capacidade de se relacionar com alunos, demais professores, e responsáveis; comunicativos, tolerância e compreensão associadas a atitudes de firmeza; bom senso e ponderação; disponibilidade para responder aos assuntos que surgirão; capacidade de solucionar problemas sem deixar avolumar (PORTUGAL, 1980, p. 20).

Para cada turma que assumir, o professor terá a redução de duas horas-aula. O cargo é de aceitação obrigatória.

Compreendo que seja pouco provável que um professor componha todos esses requisitos. Pode se observar em que nenhum momento se fala em formação específica. São, na verdade, qualidades pessoais que um curso de formação superior não é capaz de oferecer. Com isso, pode se entender que nem todos os professores de uma escola devem ser diretores de turma e que é necessário um tempo para que o gestor imediato reconheça nos docentes tais qualidades. Sobre as atribuições do diretor de turma são postas:

Promover ações que desenvolvam uma boa integração dos alunos com a vida escolar; incentivar condições de diálogo entre escola e família tendo em vista a colaboração para a resolução de problemas de ordem pessoal ou escolar; Criar condições de participação efetiva dos professores na planificação dos trabalhos, na ação disciplinar e nas ações de informação e esclarecimento de alunos e responsáveis; providenciar para os demais professores informações e orientação necessária para o desempenho de atividade (PORTUGAL, 1980. p. 20).

A portaria, além de remeter ao perfil do professor diretor de turma, elenca suas atribuições. Um perfil inalcançável do *superprofessor*, algo idealizado, mas que acaba por perturbar a mente de alguns profissionais que não dão conta de toda a avalanche de tarefas que se espera dele. As competências, como pode se notar, são bem parecidas com portarias anteriores, e que, no geral, aludem à tríade entendida como base do PPDT.

Penso ser normal a série de ajustes feitas na legislação de um país após regimes ditatoriais em prol de que se estabeleçam métodos de afirmação da democracia ou mesmo esclarecimentos em relação às funções de muitas instituições. Prova disso é a extensa Constituição Federal de 1988 no Brasil e o longo prazo até a criação da LDB, em 1996. Visto essa comparação, mais um decreto foi criado em Portugal, em 1986, regulando a função do cargo do PDT.

O Decreto-lei n.º 221- B, de julho de 1986, afirma haver um desajuste entre a realidade escolar e o regulamentado dos conselhos diretivos. Revoga a Portaria n.º 970/80, de 12 de novembro, e toda a legislação que contrariar o disposto no decreto em questão. São algumas atribuições do conselho pedagógico: “[...] contribuir na dinâmica das atividades interdisciplinares, colaborar na criação do plano anual e analisar as propostas dos conselhos dos diretores de turma em relação às necessidades educativas dos alunos” (PORTUGAL, 1986, p. 04).

Grande e positiva novidade do decreto de 1986 é que o ensino noturno passou a ser agraciado com a direção de turma, o que é um avanço visto elucidado anteriormente sobre a EJA. Sobre os critérios para a escolha dos diretores, têm-se “[...] os professores em profissionalização no 2.º ano, professores profissionalizados efetivos, professores profissionalizados não efetivos, professores provisórios com habilitação própria” (PORTUGAL, 1986, p. 06).

As competências dos diretores de turma são consideravelmente parecidas com a portaria anterior, sendo dispensável repetição, já que continua afirmando a imprescindível ligação com a família e acompanhamento discente. O que mudou foram os parâmetros para escolha do professor, colocando um viés menos subjetivo para seleção do diretor de turma, como mostrado acerca do ordenamento da profissionalização docente.

A portaria seguinte envolvendo o PPDT, de 23 de setembro de 1992, também declara apoio aos critérios de escolha demonstrado no decreto supracitado e dispõe de quinze competências que tratam do:

Atendimento individualizado do aluno para fins disciplinares e educativos; elaboração de atividades interdisciplinares; fomento à participação dos responsáveis na vida escolar do educando; apreciação de situações de indisciplina bem como informação aos demais professores, encarregados da educação e conselhos; preparo um plano de ações individualizado para aluno repetente entre outras (PORTUGAL, 1992, p. 07)

O documento de 1992 é o registro mais recente no tocante à direção de turma em Portugal, segundo pesquisa realizada. É completo e contempla tanto os deveres quanto os critérios de escolha do diretor de turma. É possível perceber o grande avanço em termos documentais acerca das responsabilidades do diretor de turma ao longo dos anos e da relação com políticas públicas do país quando, em momento de vigência autoritária, fez uso da escola e de seus apoios pedagógicos para fins de disciplinamento, tanto de aluno quanto de professor.

Termo que perpassa os documentos é a disciplina. Parece ser base do funcionamento escolar e, dependendo do contexto histórico, ainda consegue estar mais carregada de violência. Nos dias atuais, tanto Brasil como em Portugal vivem, em teoria, democracias, mesmo assim a disciplina está envolta na escola justamente por ser ela uma instituição massificada. Porém, é preciso deixar claro que por mais que o termo atravesse a história dos documentos sobre direção de turma em Portugal, a portaria que continua em voga não centraliza o disciplinamento como característica fundamental do projeto.

O PPDT sofreu ao longo dos anos, em Portugal, uma espécie de amadurecimento para que se tornasse possível ser um apoio pedagógico eficiente e capaz de lidar com a diversidade de alunos que a escola vem recebendo. Organizar a sala de aula para que haja um bom aproveitamento é importante para o trabalho docente, porém, o disciplinamento é uma política de docilização que parece ser tomada quando a organização não funciona. De todo modo, a evolução do projeto em seu país de origem mostra que é possível que o mesmo seja feito no Ceará, de maneira que suas propostas de não massificação sejam levadas em conta.

#### **5.4 Projeto Professor Diretor de Turma no Ceará: características e contradições**

Para começar a análise do PPDT Ceará foi usado o Manual de Orientações das Ações do Professor Diretor de Turma, de 2014, formulado pela Seduc, tendo como setor

responsável Gestão de Sala de Aula (GSA). O projeto foi apresentado à Seduc no XVIII Encontro Estadual de Associação de Políticas e Administração de Educação (ANPAE), Seção Ceará em 2007, e no ano seguinte foi implantada em 25 escolas públicas estaduais de educação profissional de tempo integral (Seduc, 2014), dobrando de número em apenas dois anos. Em se torna 2019 um projeto consolidado que abrange praticamente todas as escolas públicas o Ceará.

Logo na apresentação do referido manual se tem a informação de que o projeto se inspira no pensamento de Juan Casassus sobre a busca da mudança de cultura da escola através da humanização da sala de aula. O autor entende que o desenvolvimento emocional deve ser conteúdo presente no currículo dos jovens. Para ele, “[...] somos fundamentalmente emocionais e somos analfabetos nisso” (CASASSUS, 2009, p. 123). Vivemos em um mundo em que pensamos ser racionais, provável resquício da modernidade. Pensar e se dispor a trabalhar as competências emocionais é, de certa forma, afirmar uma característica da nossa era.

Palavra muito presente no manual de orientações é “desmassificação”. A ideia é que o PPDT contribua nesse processo dando atenção individual aos alunos que acompanha. Porém, cada turma tem em torno de 40 alunos e os primeiros anos no começo do ano letivo chegam a ter até 48 estudantes, número alto para que seja feito um acompanhamento profundo, como é necessário para que o projeto funcione como se propõe.

A desmassificação é uma política necessária à escola pública, mas no atual contexto de subdesenvolvimento da educação brasileira, com a demanda crescente do mercado e das próprias políticas públicas para atender a interesses capitalistas, não permite que a escola seja mais humana. Diante disso, digo que o PPDT é um sopro de humanidade e de atenção às questões discentes, como o desenvolvimento emocional. Apenas o estado do Ceará implementou esse projeto no Brasil até os dias atuais, mas secretarias de educação de outros estados já mostraram interesse em sua implementação.

Voltando para o manual de orientações, o documento, assim como os decretos portugueses, também traça um perfil para os PDTs. Coloca que nem todo professor consegue assumir o cargo, o que me parece um bom reconhecimento, já que nesse caso não obriga os docentes a assumirem a função, assim como já aconteceu em Portugal. Prever que “O professor tenha empatia pela turma que assumirá, ser articulado e comunicador, um bom mediador de conflitos, compreensivo em relação à diversidade de realidade que o espera, porém ao mesmo tempo deve agir com firmeza, conhecer o contexto social que os alunos

vivem e ter disponibilidade para ouvir” (CEARÁ, 2014, p. 10). O manual diz que talvez o mais essencial seja acreditar nesse modelo de gestão.

## 6 DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE DO DIRETOR DE TURMA NAS ESCOLAS DA CIDADE DE PACATUBA (CE)

Este capítulo pretende usar as falas dos sujeitos da pesquisa para que seja possível compreender como se dá a realidade docente acerca de diversos temas do cotidiano da função do PDT. Para tanto, será conhecido o perfil dos docentes que exercem tal tarefa. Serão tratados temas como as possíveis relações paternais/maternais entre os PDTs e os discentes e como acontece a aula de formação para a cidadania e desenvolvimento de competências socioemocionais. Foi perguntado aos professores se eles compreendem se o projeto funciona ou não, se conseguem preencher bem o sistema, uma das demandas desses profissionais, e se pretendem continuar na função de PDT.

### 6.1 O perfil dos professores diretores de turma

Em complemento ao manual de orientações, foi perguntado em entrevista aos professores como é esse perfil e se eles acham que se encaixam nas qualidades previstas. Cada docente respondeu ao seu modo e ficou muito à vontade com suas respostas, porém, quatro dos entrevistados disseram que não sabem. Serão comentadas, a seguir, as falas dos que se dispuseram a tentar uma resposta.

A maioria das respostas tem como característica adjetivos um tanto subjetivos: *“Flexível [...] se o professor é flexível em algumas situações. Quais situações? De saber ouvir e ser ouvido pelos alunos”* (Professor Entrevistado N. 01). Talvez isso implique em conceitos que são trabalhados nas aulas de formação para a cidadania, tais como empatia. Outros tentam ser acessíveis em suas falas para demonstrar sua opinião: *“Vou usar um termo bem popular, cabeça fria, não se estressar com bobagens porque vão saber lidar com conflitos, mediar conflitos”* (Professor Entrevistado N. 04). Um professor explica, também, o que é o oposto de ter perfil:

*Acho que o ponto principal, quando você percebe que a pessoa não tem perfil de diretor de turma, quando ela não gosta de aluno. Porque, tipo, eu não consigo conceber um ser humano que é professor e não gosta de aluno, sabe? E são essas mesmas pessoas que, de forma contraditória, reclamam que não sabem porque não é diretor de turma* (Professor Entrevistado N. 03).

De certa forma isso implica dizer que os coordenadores que escolhem os professores conseguem mesmo identificar o professor com e sem perfil para o cargo. O

mesmo professor explica que a tarefa do PDT não é advertir ou disciplinar alunos. O que faz pensar que o trabalho é realmente não objetivo: *Então eu acho que é por isso que eu vejo como um estado de espírito, tem muita gente que não vai conseguir suportar ser diretor de turma porque para essas pessoas diretor de turma é você dar advertência para o aluno. É, tipo, você chegar e dar bronca e tal. Não é isso. Está muito longe de ser isso* (Professor Entrevistado N. 03).

“Sensibilidade” foi a palavra usada por uma das professoras entrevistadas para resumir o perfil que deve ter o PDT: *“A questão da sensibilidade, de ter essa sensibilidade, a empatia, de perceber além do grosso modo os alunos, a gente conseguir perceber para além do que tá ali na nossa visão, a gente conseguir captar o que é o aluno, o emocional dos alunos”* (Professora Entrevistada N. 08). Reforçando o fato de a questão socioemocional ser tão latente no projeto.

Uma professora relatou que acontece escolhas que não são feitas exclusivamente através de um perfil a ser preenchido: *“Eu acho que não é por um perfil que a gente tem. Eu entrei com a saída de uma professora, a professora que estava como titular da turma. Então, eu entrei no meio do ano letivo”* (Professora Entrevistada N. 11). A coordenadora, ao ser questionada sobre esse tipo de situação, disse que tem a opção de deixar a turma sem PDT até encontrar alguém com o perfil, e que não é necessariamente obrigada a atribuir à turma a pessoa que chega à escola nessas circunstâncias.

Analisando a fala das pessoas que escolhem esses profissionais, a saber, os coordenadores escolares que formam a gestão, é possível perceber uma harmonia nas falas sobre o perfil dos PDTs, apesar de ter relatos bem abertos:

*Eu acho que o perfil do diretor de turma é gostar de gente, isso aí seria o essencial, o fundamental. Eu não posso colocar qualquer professor como diretor de turma porque a gente sabe que o Projeto Diretor de Turma faz efeito, isso é fato, ele muda a escola, ele muda a turma. O perfil maior é isso, é gostar de gente, é ter a sensibilidade de entender os problemas, entender as pessoas, tentar conscientizar, tentar mostrar para eles uma outra direção, uma outra luz* (Professora Entrevistada N. 07).

A gestão escolar, por mais eficiente que possa ser, nas escolas pesquisadas é composta, geralmente, por três pessoas, uma na direção e duas na coordenação, e não tem como dar conta de todos os detalhes, por esses motivos, um dos coordenadores relata:

*O professor que tem uma certa afinidade com os alunos, que tem uma certa disponibilidade. O que a gente percebe, tanto da gestão como os PDTs, é que, por exemplo, as coisas acontecem muitas vezes fora do horário escolar e do ambiente escolar. Às vezes um aluno que precisa, por exemplo, passar uma*

*situação que aconteceu na escola por telefone, WhatsApp [...] os professores também gerenciam grupo de WhatsApp, não vou dizer todos, mas a maioria dos professores PDTs eles gerenciam o grupo de WhatsApp da sala. Então, ali acontecem muitas coisas, ele tem que apaziguar conflitos. Então, nem todos os professores estão disponíveis para esse tipo de trabalho (Professora Entrevistada N. 06).*

A gestão da escola já tem muitas tarefas, certamente não pode resolver todos os problemas cotidianos que existem com os alunos, como, por exemplo, conflitos entre alunos por situações diversas, e para isso uma das coordenadoras afirma:

*Tem professor que sabe lidar com um aluno na resolução de problemas, tem professor que tem dificuldade para isso. Então, o PDT tem que ter essa facilidade para chegar no aluno, conseguir conversar, ser parceiro, ter mesmo essa sensibilidade de compreender o aluno como pessoa (Professora Entrevistada N. 05).*

Resolução de conflitos é uma habilidade que mostra inteligência emocional, devendo ser uma das características do PDT, segundo esta entrevistada:

*Tem aquele professor que, mesmo não tendo essa habilidade para ter uma conversa com o aluno, ele é um professor que conquista o aluno, o aluno gosta dele, que ele é mais brincalhão, é mais descontraído, não é fechado. Então, a gente procurar essas habilidades que torne o professor mais próximo do aluno porque isso, eu acho, é o principal (Professora Entrevistada N. 05).*

Pode-se perceber como o perfil traçado apenas em um manual é amplo, diverso, complexo e subjetivo. Porém, nada melhor do que a fala dos próprios docentes envolvidos no processo para deixar claro que não se trata necessariamente de competências em relação à formação acadêmica ou ser um bom professor de determinada disciplina. É o *algo a mais* que se espera do professor. O que é colocado no manual cearense se aproxima muito com tudo o que já foi exposto nos decretos e leis de Portugal sobre como deve ser o diretor de turma. Sobre as funções a serem desenvolvidas, também é possível ver muitas aproximações.

Acompanhar cada aluno individualmente; intervir em comportamentos e atitudes; mediar interesses e conflitos envolvendo alunos, escola e família; observar e registrar rendimento, assiduidade e outros buscando sempre melhorar; atender aos pais e os informar das atividades escolares e os registros dos dossiês; cooperar nas propostas pedagógicas; presidir as reuniões de conselho e ministrar aulas de formação para a cidadania e desenvolvimento socio-emocional (CEARÁ, 2014, p. 11).

## 6.2 PPDT e relações maternais/paternais

Alguns alunos mostram demandas frequentes de comportamento, o que leva ao professor ter mais atenção com ele. Outros são mais quietos e calmos, o que acaba fazendo com o diretor de turma não se preocupe tanto assim. Comparo essa relação com relações maternas no sentido de que algumas mães têm mais cuidado e preocupação com filhos problemáticos, enquanto os outros podem se sentir colocados de lado. Enquanto diretora de turma, afirmo que damos atenção aos mais necessitados em cada situação.

Uma curiosidade que me veio à mente ao pesquisar sobre o PPDT é se existe uma relação quase maternal/paternal por parte dos docentes, visto que eles são próximos aos alunos, aos seus problemas pessoais e familiares e são mediadores de conflitos no ambiente escolar. Foi perguntado na entrevista se isso ocorre e as respostas foram variadas.

Um dos professores, assim que perguntado, respondeu imediatamente: *“Quando a gente se torna diretor de turma, no meu caso, a gente se torna um pai”* (Professor Entrevistado N. 03). A questão aqui não é pensar o que é paternidade, mas dar relevância ao fato de um docente se perceber pai de um aluno e suas possíveis implicações para o desempenho do seu trabalho e a possível transferência que pode ser feita. Para isso, o entrevistado disse: *“Então a gente substitui uma figura super importante”* (Professor Entrevistado N. 03). Apesar disso, parece consciente do seu real lugar: *“Você não é pai dela e nem ela é sua filha ou ele é o seu filho, então é complicado”* (Professor Entrevistado N. 03).

É uma tarefa peculiar, pois parece que alguns dos professores entrevistados separam mais sua relação com os alunos do que outros. Um dos colegas afirma: *“Semana passada aconteceu um problema com meu filho e eu fui, enquanto isso, tinha mãe me ligando, falando de alunos, que não sei o quê, preocupada com a filha dela e eu com o meu”* (Professor Entrevistado N. 03). Esse tipo de situação deixa o trabalho extremamente delicado, em relação ao que é atribuição e o que é feito apenas por vontade do docente.

Pelos relatos, os próprios alunos também se confundem nas relações. *“Eles costumam dizer que eu sou o pai da turma. Inclusive uma vez teve uma brincadeira, tem uma meninazinha que engravidou, aí disseram ‘professor, vai ser seu neto’”* (Professor Entrevistado N. 04). Uma das professoras diz não se importar, pois entende que: *“A gente acaba fazendo o papel que muitas vezes eles não têm lá fora”* (Professor Entrevistado N. 09). Outra colega diz com tranquilidade: *“Eu já fui chamada de mãe. Não me importo, eu não me importo. Eu vejo como afeto. Eu vejo respeito, pronto, eu gosto porque tem o*

*respeito. Eu vejo que eles me respeitam e confiam em mim. Mas alguns já me chamaram de mãe e é sem perceber e me pediram desculpa”* (Professor Entrevistado N. 12).

Outros dos professores entrevistados têm posturas diferentes: *“Alunos costumam me chamar de pai. ‘Ei, pai, pai’. ‘Eu não sou seu pai’. Tentei explicar, sensibilizar, não dizendo que sim ou que não, mas de não tomar o lugar do pai”* (Professor Entrevistado N. 04).. Outra colega é mais incisiva no seu pensamento: *“Primeiro de tudo, eu peço que eles não me chamem de mãe porque eu acredito que eu não vou suprir o lugar da mãe de ninguém e o meu trabalho não é ser mãe”* (Professor Entrevistado N. 11).

Diante dos relatos, aceitando e rejeitando as relações paternas e maternas da profissão professor, o que se pode apontar é o risco de transferência por parte dos adolescentes, já que se presume que os professores são os adultos dessa relação e devem manter a postura de acordo com sua figura e responsabilidade emocional com os discentes e além da postura social com a profissão.

### **6.3 Aula de formação para cidadania e desenvolvimento de competências socioemocionais**

A equipe GSA, elaboradora das orientações, considera que a “[...] formação cidadã ultrapassa o conceito de aula e deve ser trabalhada com viés transdisciplinar, trabalhando questões diversas que possam contribuir para o crescimento e amadurecimento dos alunos enquanto sujeitos críticos e participativos” (CEARÁ, 2014, p. 13). Ao longo do ano de 2018 trabalhei com minha turma oficina de inclusão social e escolar, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, saúde emocional e cuidado de si, entre outras. Foi produtivo e os alunos participaram muito.

Uma das atribuições dos professores diretores de turma é ministrar a aula de formação para a cidadania e desenvolvimento de competências socioemocionais uma vez por semana, por uma hora-aula, na turma em que está lotado como docente. Todos os professores entrevistados, com exceção dos que estão coordenadores no momento, devem se organizar para ministrar aula nessa disciplina. Alguns docentes relataram que não receberam formação específica para exercer essa função e que se organizam de diferentes formas para darem conta da tarefa.

As falas sobre ter um roteiro de atividades para as aulas de formação para cidadania e desenvolvimento de competências socioemocionais são contraditórias entre os professores, mesmo sendo da mesma instituição de ensino. Três dos nove docentes não

responderam sobre o roteiro quando foi perguntado e nem em outro momento da entrevista, que durou entre vinte e quarenta minutos. Dos seis que responderam, todos indicam que não o seguem por diferentes motivos.

As justificativas para as adaptações são consistentes e demonstram que os professores têm interesse em ajudar suas turmas e melhorar o seu trabalho, como aponta um dos docentes:

*Só que o roteiro em si, eu sou muito sincero, não sigo [...] eu comecei seguindo, só que, como eu falei, diante da circunstância da minha turma, eu analisei e vi que eles precisavam de outro método a ser trabalhado, que era saber o motivo do qual eles não conseguem se expressar com os familiares, com os pais, os responsáveis (Professor Entrevistado N. 01).*

A mudança feita pelo professor, segundo ele, resultou numa melhora de comunicação entre ele e os alunos. Na mesma escola, uma professora coloca que não vem um roteiro de trabalho, mas sugere que seja feito pela Seduc: “*Eu mesmo monto porque eu acho que deveria vir um roteiro previamente [...] é claro que a gente tem que ter autonomia, o professor de escolher e tal, mas eu acho que devia vir um roteiro para dar um norte, dar um guia para a gente*” (Professora Entrevistada N. 02).

No entanto, continua e explica que as demandas cotidianas acabam por interferir no seguimento do seu próprio plano de ensino: “*Acaba que os conflitos vão acontecendo durante a semana, como a minha aula de formação cidadã é na sexta, o que aconteceu na semana eu pego algum conteúdo específico sobre aquilo, algum tema, e coloco na aula*” (Professora Entrevistada N. 01).

Seguindo a linha de adaptações no roteiro ou plano de ensino, um professor explica o que costuma fazer:

*Mas, assim, são sugestões genéricas, são coisas que podem funcionar em outras escolas. Então eu parto da minha realidade. Então, com os meninos eu às vezes faço assembleia [...] bem no modelo da assembleia mesmo. Então os meninos vêm, falam o que eles querem, as suas insatisfações. Eu falo as insatisfações dos professores em relação a eles. E aí eles rebatem, reclamam. Funciona mais ou menos dessa forma (Professora Entrevistada N. 03).*

O exposto pela professora me parece muito eficiente, visto que os alunos são escutados e suas necessidades são levadas em conta no meio escolar. O pouco tempo que se tem em sala de aula é insuficiente para trabalhar a gama de conteúdos que envolvem a questão emocional, segundo um dos professores, que complementa: “*50 minutos para trabalhar com a parte da formação cidadã. Então a gente tenta, nesses 50 minutos, repassar o mínimo que a gente pode para ver essa questão da formação cidadã e trabalhar*

a questão de direitos e deveres” (Professora Entrevistada N. 04). Esse mesmo docente afirma que há um roteiro, mas que prefere seguir as demandas dos alunos:

*A gente tem um material que a própria Seduc nos envia, mas eu acabo, particularmente, às vezes perguntando a eles o que é que eles queriam ver, tipo de assunto, que vocês queriam perguntar que vocês não têm coragem de perguntar, a gente pode transformar essa aula para tirar dúvidas, sugerir temas e acaba sendo mais assim, mais do que roteiro da própria Seduc (Professora Entrevistada N. 04).*

As questões que são tratadas nas aulas de formação para a cidadania e desenvolvimento de competências socioemocionais são muito pertinentes, como conta uma das professoras entrevistadas:

*Tratamos sobre questão de liderança, relacionamento interpessoal. A gente estava falando sobre respeito às minorias. A gente tratou sobre racismo, sobre homofobia, a questão do respeito à mulher, o papel de cada um na sociedade. Fazer eles perceberem, tipo, qual é o papel da mulher, qual é o papel do homem na sociedade. Por que eu devo respeitar os negros? Por que eu devo respeitar os homossexuais? Trabalhando essa questão social com eles (Professora Entrevistada N. 011).*

O diretor de turma acompanha a infrequência dos alunos, o que pode diminuir consideravelmente o índice de evasão escolar. O estado do Ceará tem um dos índices mais baixos do Brasil, com apenas 5% dos alunos evadidos. Existe uma tentativa que esse número chegue a zero, ou seja, que nenhum aluno abandone a escola. Porém, o próprio acompanhamento mostra que os alunos a deixem por motivos diversos, o que não cabe ao diretor de turma resolver, talvez apenas às famílias e ao estado. Para tal tema será dedicado um capítulo à parte, visto sua abrangência e amplitude.

O PDT tem atribuições junto aos pais, são elas: “[...] apresentar o funcionamento do projeto, eleger representante dos pais, informar sobre os horários de atendimento, os manter informados sobre a assiduidade e do rendimento dos filhos e realizar reuniões bimestrais para tratar de assuntos diversos envolvendo a escola e os alunos” (CEARÁ, 2014, p. 17). O diretor de turma tem quatro horas por semana para exercer todas as atribuições dispostas no manual, o que é insuficiente para um efetivo trabalho.

#### **6.4 O Projeto diretor de turma e o preenchimento do sistema**

O Manual de Orientações das Ações do Professor Diretor de Turma dispõe de vinte laudas para explicação da elaboração do dossiê e seu preenchimento no sistema, o que

é um trabalho burocrático extenso para ser feito nas poucas horas que o professor tem para se dedicar ao projeto, além das outras tarefas relacionadas a sua própria disciplina e aos projetos criados pelas escolas. Muitos dos dados poderiam migrar automaticamente do Sistema Integrado de Gestão Escolar (SIGE), mas não se tem a informação do motivo pelo qual isso não ocorre. Não será dedicado tempo para o sistema de dados do diretor de turma, visto promessa de atualização para o ano letivo de 2019.

Os PDTs têm como uma de suas atribuições o preenchimento do sistema Diretor de Turma, em que colocam dados sobre os alunos, suas questões socioculturais, familiares e escolares. Para tal tarefa, o professor possui carga horária semanal de uma hora-aula, porém, muitos docentes relataram que não conseguem dar conta dessa atribuição e um dos principais motivos é a questão do pouco tempo para muita tarefa do cotidiano escolar e as demandas discentes, como afirma um docente: *“A gente tem um tempo disponível, só que esse tempo não dá, não dá”* (Professora Entrevistada N. 09).

Uma professora entrevistada, que assumia também o cargo de PCA, diz que muitas vezes usava o horário dessa atribuição para preencher o sistema ou mesmo levava trabalho para casa, já que se usar o tempo como PCA para fazer atividades de PDT precisaria compensar em outro momento, como nos finais de semana e feriado. *“Olha, na terça-feira que eu tenho planejamento, inclusive eu pegava do PCA e chamava, vou chamando”* (Professora Entrevistada N. 12). Um dos entrevistados diz que um grande problema é o próprio sistema que, por vezes, encontra-se fora do ar:

*Às vezes o sistema está inoperante. E muitas vezes no dia que o professor DT está ali, que é justamente as três horas disponíveis para alimentar o sistema, atender os familiares, o sistema não funciona. E esse ano eles tentaram enxugar, enxugaram bastante o sistema. Mesmo assim o sistema ainda falhou* (Professor Entrevistado N. 01).

O que dificulta o preenchimento, como diz uma professora de outra escola: *“Instrumental, as folhas de acompanhamento, as atas [...] não, não consigo. Tipo assim, às vezes o sistema abre e está com problema, você não consegue mandar o arquivo. É um problema”* (Professora Entrevistada N. 09).

Os relatos são muitos e se pode perceber que os professores não estão contentes com a atribuição do preenchimento do sistema por não terem ajuda para tal, como diz uma das professoras: *“A gente não tem suporte, o sistema em si não dá suporte, com várias falhas”* (Professora Entrevistada N. 11). Com isso, a prioridade docente passa a ser outra. Quando perguntado se tem o hábito de preencher o sistema, um dos entrevistados diz:

*“Difícilmente. Difícilmente. Isso fica sempre em segundo plano. Sempre em segundo plano. O lado socioemocional, o trabalho efetivo do diretor de turma, ele é mais importante”* (Professora Entrevistada N. 03).

Mais uma das pessoas entrevistadas entende que a prioridade não é o sistema, o que penso não ser um problema, visto que a prioridade é o atendimento ao discente:

*A questão do sistema, realmente, eu acredito ser algo negativo, porque a gente tem muito problema. Às vezes, a gente não consegue terminar em tempo hábil, não consegue acompanhar essa questão do sistema, sempre ficava atrasado. Eu acredito ser o menos importante. Acredito ser o menos importante, ser o último lugar”* (Professora Entrevistada N. 11).

Reforçando ainda a questão do não preenchimento, uma professora diz: *“O sistema [...] eu nem mexo naquilo ali. Tem coisa no sistema que, realmente, para mim não faz sentido. Eu não alimento. E às vezes eu olho e nem entendo o que é que eles estão falando, eu ‘ah, meio que não dá’, não tenho paciência não para essas coisas. Meu negócio é aluno”* (Professora Entrevistada N. 09).

Mesmo sendo uma das tarefas dos PDTs, muitos docentes não executam essa atribuição como deveria ser por entenderem que há pouco tempo e que ele deve ser usado para dar conta das demandas dos alunos. Por entender que tal justificativa faz sentido, não entrarei em mais detalhes sobre o sistema de acompanhamento da direção de turma.

O tempo que o diretor de turma gasta preenchendo fichas e atualizando o sistema poderia ser direcionado para formações ou mesmo tempo pedagógico para que o professor possa estudar e elaborar boas aulas, pensar atividades tanto do interesse dos alunos como necessárias para o desenvolvimento emocional e a proposta de desmassificação. Ora, o projeto adaptado para a realidade das escolas cearenses se inspira nas ideias de Casassus, faz todo sentido que os professores tenham tempo para leitura das obras do autor.

Outra atribuição do diretor de turma é o Conselho de Turma, no qual ele é o presidente e deve ser realizado bimestralmente, devendo contar com o apoio dos demais professores da turma, representantes do núcleo gestor, representantes dos pais, líder e vice-líder da sala. Tem como objetivo:

Diagnosticar realidade socioeconômica e cultural dos alunos, assim como problemas que possam interferir no processo de ensino-aprendizagem; propiciar análises dos aspectos cognitivos e afetivos de cada aluno; promover avaliações quantitativas e qualitativas; refletir sobre o currículo a ser desenvolvido; ouvir e atender possíveis demandas; direcionar críticas, reclamações, pedidos e sugestões ao núcleo gestor; apontar estratégias para superar dificuldades e favorecer

integração dos vários segmentos da comunidade escolar em torno de sua função primordial: o sucesso dos alunos (CEARÁ, 2014, p. 18).

Muito do que é sugerido no documento é feito diariamente ou mesmo tirado tempo das aulas de formação cidadã para ouvir as demandas dos alunos e levá-las ao núcleo gestor. A reunião de conselho de turma é importante para o projeto e o aproxima um pouco mais do que acontece em Portugal, já que lá a direção de turma é compreendida como gestão intermediária e no Ceará como apoio à gestão escolar, tanto que é a coordenação pedagógica da escola que deve ficar responsável pelas atividades do PDT.

O documento chamado “Formação para a Cidadania e Desenvolvimento de Competências Socioemocionais” é um guia para os diretores de turma utilizarem em suas primeiras aulas do ano letivo, e reforça o que é colocado no manual de orientações supracitado sobre o momento de a formação cidadã ir além do conceito de aula e tem o objetivo de provocar mudanças individuais e coletivas. Trata-se de um roteiro que pode ajudar o professor a trabalhar dentro do conceito de educação integral, ou seja, “[...] está aliado à formação do ser humano” (CEARÁ, 2018, p. 08).

## 6.5 Sobrecarga docente e o Professor Diretor de Turma

A sobrecarga docente não é novidade para ninguém, de acordo com os relatos dos professores, a ausência de profissionais especializados, como psicólogos, nas escolas faz com que os docentes assumam papéis de escuta e de conselheiros que ficam no limiar entre o trabalho terapêutico que deveria ser feito por pessoas formadas em psicologia.

A pouca presença dos pais no ambiente educacional também contribui para que os professores assumam funções de muita proximidade com os alunos, o que não é ruim, porém, pelo que podemos ver nas entrevistas, beira a transferência ou mesmo se afirma quando alguns alunos chamam seus diretores de turma de pais e mães, como relata um dos professores entrevistados: *“É como se fosse o pai e a mãe, qualquer coisa que acontece eles correm e abraçam [...] se é para chorar, se é para reclamar, se é para ir atrás de apoio moral, apoio mental, eles correm para o professor, ou seja, o professor PDT é um psicólogo específico da turma”* (Professor Entrevistado 01).

Durante as entrevistas com os docentes destacaram que não têm formação acadêmica para trabalhar como psicólogos, porém, como foi dito, fazem esse trabalho. O professor continua e afirma: *“O PDT, quer queira ou não, é um multiprofessor”* (Professor Entrevistado 01). Um questionamento viável a ser levantado é: não é prejudicial que a

escola supra uma necessidade tão importante de forma improvisada? O fato de o professor assumir essa tarefa não atrasa, de certa forma, a emergência pelo profissional especializado?

Muitos professores também relatam que a responsabilidade de ser PDT é algo maior que a própria responsabilidade de ser professor, como afirma uma das docentes:

*O que eu acho é que é uma carga muito grande em cima do diretor de turma porque tudo recai sobre, em cima do diretor de turma, se o aluno é indisciplinado, se a turma é indisciplinada, cai em cima da gente, se o aluno tira nota baixa, vem os professores de outras disciplinas falar com a gente por que o aluno tirou aquela nota, por que ele não participou da prova [...] trabalho. Então, tudo o que é relacionado à turma vem para cima da gente, sendo que, a maioria, acho que quase todos os professores que são diretores de turma [...] são diretores de turma e ainda têm outras funções na escola (Professor entrevistado 02).*

As demandas do PDT vão além das contabilizadas pelo sistema que tem que preencher cotidianamente, uma professora chama a atenção para o envolvimento que tem com os alunos: *“Então, é um fardo muito grande porque ao mesmo tempo que a gente não pode se envolver com eles emocionalmente, não ter essa dependência, eles puxam muito isso da gente”* (Professora Entrevistada 09). Para mostrar como o trabalho vai além dos muros da escola e de como os alunos têm, de certa forma, uma carência, ela coloca: *“Eles ligam tarde da noite porque estão com algum problema em casa”* (Professora Entrevistada 09).

Outra espécie de denúncia que é feita é sobre o planejamento das atividades docentes ser prejudicado pelo trabalho como diretor de turma: *“Acabo que levando trabalho para casa, como muitos professores fazem. Acabo levando trabalho para casa para preencher essas papeladas virtuais, tudo isso”* (Professora entrevistada 02). Outro professor diz usar o seu horário de planejamento de outras disciplinas para arcar com as demandas da direção de turma: *“Eu tenho um privilégio, entre muitas outras, que as aulas do núcleo já estão planejadas. Então preciso só organizar os materiais, é muita coisa, leva para sala às vezes. Mas, muitas vezes eu me envolvo nos projetos da escola”* (Professora entrevistada 03).

Um dos professores relata ter trabalhado durante as férias escolares: *“Continuei [...] Não tem férias diretor de turma. Eu, pelo menos, eu não [...]”* (Professora entrevistada 03). Eu, como diretora de turma também, segui a afirmação dos professores e disse que trabalhei na licença maternidade, não por pedido da escola, mas por demanda dos próprios alunos. A sobrecarga também afeta o emocional dos professores quando precisam, enquanto

peessoas, lidar com seus próprios problemas, e enquanto diretores de turma, lidar com problemas de mais de 40 alunos e suas respectivas famílias.

*Eu estava com várias crises de tanto receber problemas de alunos, e tentar resolver os problemas dos alunos. Então, vários problemas eu já resolvi aqui na escola dos meninos [...] problemas de assassinato, gente que veio aqui tentar matar aluno meu. Tentar esconder aluno dentro de carro para poder chegar em casa vivo. E aquele fato de a aluna ter sido colocada em cativo. É uma série de somatórias que eu acho que uma pessoa que não está preparada para isso não [...] eu acho que nem um psicólogo está preparado para ser diretor de turma (Professora entrevistada 03).*

O mesmo professor, ao relatar tamanha sobrecarga, foi perguntado se tem tempo de dormir, e respondeu algo preocupante: *“Dá não. Eu durmo pouquíssimo, durmo pouquíssimo mesmo. Fim de semana [...] sábado eu durmo muito, domingo eu faço alguma coisa. E a gente vai atendendo, vai conversando com os meninos, e, às vezes, não sobra tempo para planejar”* (Professora entrevistada 03). Pelo que é possível perceber, a gestão escolar está ciente da realidade dos professores e aponta: *“É uma responsabilidade maior; é um trabalho a mais e, geralmente, é um professor que já se acha muito atarefado e a gente também analisa isso* (Professora entrevistada 05).

Afirmando essa consciência da sobrecarga emocional, uma das coordenadoras diz que os professores costumam ficar atribulados com as tarefas da direção de turma:

*Ficam, por isso que o professor é atribulado. Por isso que tem professor que não quer assumir PDT que sabe que é um trabalho a mais, por isso que tem professor que leva trabalho para casa quando não dá tempo fazer aqui, porque deixa de planejar para resolver as coisas de PDT. Aí o que ele deveria planejar aqui, ele planeja em casa, que é elaboração de prova, elaboração de aula, correção de trabalho ou de prova (Professora entrevistada 05).*

Ainda na perspectiva da coordenação escolar em relação ao excesso de trabalho do diretor de turma, a professora continua:

*Os professores que não querem assumir o PDT porque sabe que é mais trabalho sem o tempo hábil, sem o tempo que eles precisam ter. Eles sabem que vão ter que tirar do planejamento deles. Então, tem que ter um jogo de cintura para não levar nada para casa, para fazer porque o tempo que eles têm para planejar as aulas deles, elaborar o material deles, eles vão ter que tirar dali para poder assumir essa função que não é fácil, porque entra também a questão emocional, como a gente já comentou aqui (Professora entrevistada 05).*

A sobrecarga faz com que o professor repense o seu gosto pelo projeto, como aponta uma das professoras entrevistadas: *“Talvez eu não goste porque é puxado, é como se eu tivesse mais de trinta filhos, e sem querer [...]. Aí fica pesado”* (Professora Entrevista

12). Para a professora a alta demanda é causada pelo pouco tempo que tem: “*Você acaba usando até mesmo o planejamento da sua disciplina para o PDT. Não há como você ajudar a turma com três horas, não dá, não existe. Não dá, não dá certo*” (Professora Entrevista 12). E quando perguntado em que horário costuma planejar, as respostas parecem ser repetitivas e afirmando o que diz os outros colegas:

*Quando dá. Se eu mexo no meu planejamento pessoal, quando eu tiver um horário, uma hora vaga, no domingo, no sábado, às vezes fica assim. Por quê? Porque o que eu tinha de planejamento na semana eu resolvi algumas coisas do PDT. Sempre tem alguém para conversar, sempre tem um pai para te procurar [...] ou você tem que fazer alguma ligação. Tem semana que é calmo? Tem, aí corre tudo muito bem. Mas tem semana que não é. Tem semana que você pega todo o PDT (Professora Entrevista 12).*

A escola regular que visitamos não tem o PPDT de forma institucionalizada, porém, a professora relata fazer um trabalho parecido: “*Como eu gosto dessa proximidade com os alunos, eu acho um pouco ruim porque você não tem meio que a função, mas você acaba fazendo isso involuntariamente. É como acordo interno, a gente, a gestão colocou essa demanda e os professores aceitaram que é assim, adotar uma turma*” (Professora entrevistada 08).

Quando perguntei se é trabalhar de graça, a docente sorriu e respondeu:

*A seu gosto, né, então assim, a gente optou pelos primeiros anos, já que estavam chegando, para se adaptarem, ficaram dois professores por turma, para a gente tentar integrá-los, ajudá-los, fazer mapeamento, essas coisas, a função de um diretor de turma. Eu aceitei de boa porque, como eu te falei, eu gosto dessa turma (Professora entrevistada 08).*

Diante de todos os relatos é possível perceber como a direção de turma vai além do trabalho no ambiente escolar, dos muros da escola, e como pode afetar a vida privada dos professores, sobrecarregando-os, deixando-os vulneráveis emocional e psicologicamente. Compreendo que um docente nessas condições tem habilidades comprometidas para exercer um bom trabalho de escolarização e educação socioemocional como é demandado dele.

## **6.6 Funcionalidade do Professor Diretor de Turma**

Foi perguntado aos docentes se o PDDT funciona, se é efetivo na escola. Dos 12 professores entrevistados todos responderam que sim, que funciona e que é até vital para a rotina da instituição, como mostra alguns colegas entrevistados: “*A escola funciona por*

*causa do PDT. Se a gente pudesse estabelecer as pernas da escola, o PDT é uma das pernas”* (Professor Entrevistado N. 06).

Mesmo com falas positivas em relação à funcionalidade do projeto, também foram apontados os seus limites: *“O PDT não soluciona o problema, ele apenas identifica. Ele identifica o problema, ele tenta solucionar, mas não consegue. Ele passa para a coordenação, para as esferas superiores”* (Professora Entrevistada N. 01).

Mesmo assim, outras questões são resolvidas diretamente com os alunos, como afirma um dos docentes: *“Ele se envolve diretamente com a turma. Em quais sentidos? Ele tem uma assistência, essa assistência que é o acompanhamento de perto. Em relação às notas, quantidade de faltas”* (Professor Entrevistado N. 01).

A proximidade com os alunos contribui para que o PDT perceba e remeta os problemas, mas isso também faz com que outros docentes o responsabilize por diversas situações, como aponta uma das professoras:

*O que eu acho é que é uma carga muito grande em cima do diretor de turma, porque tudo recai sobre, em cima do diretor de turma, se o aluno é indisciplinado, se a turma é indisciplinada, cai em cima da gente, se o aluno tira nota baixa, vem os professores de outras disciplinas falar com a gente por que o aluno tirou aquela nota, por que ele não participou da prova [...] trabalho* (Professora Entrevistada N. 02).

Nada foi dito para o caso da turma e dos alunos irem bem nas atividades curriculares e exames. Não existe uma dedicação exclusiva para que o professor faça apenas o trabalho de diretor de turma, então: *“Acho que quase todos os professores que são diretores de turma ainda têm outras funções na escola, que é lecionar o seu conteúdo em outras turmas. Então, acaba que o diretor de turma sufoca muito porque a carga horária que é destinada eu acho muito pouca”* (Professora Entrevistada N. 11).

Outra entrevistada reforça: *“Eu acho que deveria ser uma carga horária maior porque a gente só tem uma carga horária de 4 horas”* (Professora Entrevistada N. 02). Contudo, têm-se falas que reafirmam a funcionalidade do PPDT: *“O diretor de turma consegue, com essa intimidade maior que o professor tem com a turma, ele consegue sim recuperar alunos, ele consegue fazer com que o aluno permaneça na escola, permaneça para terminar aquele ano letivo. Então, sim, faz uma grande diferença”* (Professora Entrevistada N. 02).

Assim, é possível compreender as dificuldades e as positivities do PPDT. Um professor coloca que existe uma justificativa simples para que, segundo ele, o PPDT funcione:

*Parece clichê ou frase de Facebook, mas empatia nem todo mundo tem. O fato de você se colocar no lugar do outro, o fato de você conseguir se colocar no lugar do outro é muito difícil, muito difícil, muito difícil. Quando se consegue, o Projeto Professor Diretor de Turma funciona. A palavra é “empatia”* (Professor Entrevistado N. 01).

Um dos professores aponta que o PPDT funciona por estar realmente próximo aos alunos e estes saberem disso: *“Eles acham legal porque tem essa ponte entre escola e família, eles têm uma pessoa a quem se direcionar antes de chegar na direção ou coordenação”* (Professora Entrevistada N. 10). E o mesmo vale para os pais: *“Então isso é bom, eles confiam na escola e se torna mais fácil para eles porque têm onde deixar o filho, e ainda uma pessoa com quem eles possam contar. A escola ganha com isso e os pais também”* (Professor Entrevistado N. 04). Mostrando assim as vantagens do Projeto.

Alguns professores foram mais diretos e objetivos em relação aos relatos sobre a funcionalidade do PPDT: *“Sim, acho que sim, pelo menos aqui na escola a gente tem realmente um dia para conversar com os alunos, tem a aula de direção de turma que ajuda muito. Aqui, realmente, é aula de diretor de turma. Então, funciona assim”* (Professora Entrevistada N. 11).

Tem-se, também, respostas que já vêm com reivindicações: *“Apesar de os problemas, dos entraves, eu acredito que ele funciona, pode funcionar mais, mas nós poderíamos ter um aparato melhor: mais tempo”* (Professora Entrevistada N. 05). Mais tempo sempre aparece como sugestão de melhora no PPDT.

A fala dos professores que no momento estão no cargo de coordenadores escolares são bem parecidas, e apontam que o PPDT está na rotina da escola. Mas também há denúncias ao mesmo tempo em que afirma sua boa funcionalidade:

*“É um projeto que foi jogado, que por incrível que pareça, ele até hoje está funcionando porque as pessoas o adoraram, as escolas o adotaram porque ele funciona. Mas ele funciona porque a gente quer, entendeu? Pelas pessoas, não pelo apoio do governo”* (Professora Entrevistada N. 05).

Um dos coordenadores é bem incisivo sobre a importância do PPDT para a escola: *“A escola funciona por causa do PDT. Se a gente pudesse estabelecer as pernas da escola, o PDT é uma das pernas”* (Professor Entrevistado N. 06). Outra coordenadora também confirma a fala do colega: *“Ah, isso aí eu não tenho dúvida, não tem como a escola sobreviver sem o projeto diretor de turma, eu acho que a escola ia perder muito”* (Professor Entrevistado N. 07). E ainda afirma a obrigatoriedade do PPDT na escola que leciona: *“É*

*obrigatório ter o projeto Diretor de Turma na escola de tempo integral”* (Professor Entrevistado N. 07).

Com todos os relatos, pode-se perceber que o PPDT é muito importante e contribui bastante para a rotina da escola, que os professores têm demandas pertinentes em relação ao projeto, mas sempre com o intuito de o melhorar e o tornar mais amplo em seu funcionamento e finalidade.

### **6.7 Professores Diretores de Turma pretendem continuar na função?**

Os diretores de turma são escolhidos pela gestão escolar, não há seleções externas para o cargo, é uma espécie de cargo de confiança, mas caso o docente seja PDT em um ano e não goste da experiência tem todo o direito de não continuar na tarefa no ano letivo seguinte, ou caso haja algum problema sério, pode entregar o cargo. Em todo caso, fica sempre a critério do professor continuar ou não sendo PDT.

Foi perguntado em entrevista se os PDTs pretendem continuar na função. Todos os entrevistados disseram que pretendem continuar, como aponta alguns relatos bem interessantes: *“Atualmente, de uns 2 ou 3 anos para cá, eu senti mais segurança nesse trabalho”* (Professor Entrevistado N. 04). *“O interessante é uma das filosofias do tempo integral, é que o diretor de turma ele permaneça, se a turma continuar, os três anos, eu também continuo”* (Professor Entrevistado N. 02).

Uma das coordenadoras aponta que o índice de desistência do projeto por parte dos professores é muito baixo e que na escola em que ela trabalha a adesão ao PPDT é o que faz funcionar: *“Pouquíssimos não têm afinidade com o projeto. Até nas outras escolas, pelas quais eu passei, sempre era assim, no máximo 3, num quadro de 13 professores só 3 não gostariam de assumir porque, realmente, é uma responsabilidade maior”* (Professor Entrevistado N. 05).

Um relato que me chamou a atenção tanto pela fala emocionada como pelas palavras apaixonadas foi o de um professor entrevistado que fez praticamente uma declaração de amor ao PPDT:

*É algo fundamental e demonstra uma importância muito grande, um impacto muito grande na educação e eu acho que isso me faz estar mais vivo na educação, porque, assim, às vezes eu penso que a sala de aula é um espaço tão pequenininho para gente fazer tanta coisa que a gente pensa. Se a gente pudesse, transformaria tudo isso aqui num espaço cultural, mas não dá, a gente tem que se submeter às regras de cima para baixo. Então, acho que a direção de turma me faz estar mais vivo dentro da escola. Perceber a minha própria*

*importância de se trabalhar a educação, é a partir do lado emocional dos alunos (Professor Entrevistado N. 03).*

## 6.8 O que pode melhorar

Foi perguntado aos PDTs o que eles sugerem como possível mudança no projeto com o objetivo de o melhorar. A resposta foi quase unânime: *mais tempo*. Dos 12 entrevistados, 11 pediram mais tempo para se dedicarem melhor ao projeto e assim dar conta de todas as demandas advindas dos alunos, da família e da escola.

Professores relatam usar horário de planejamento para as atividades do projeto, visto o pouco tempo:

*Eu acho que falta mais tempo, essas 4 horas não são suficientes para a gente trabalhar efetivamente. Então, muitas vezes eu uso meus horários de planejamento da aula do núcleo para poder atender aluno, pai e mãe, porque não dá, é inconcebível você ter 1 hora-aula para atender o pai e a mãe (Professor Entrevistado N. 01).*

São geralmente 45 alunos por turma, e uma hora semanal para atendimento aos responsáveis não se mostrou suficiente. Um professor afirmou que chegou a fazer uma lista de atendimento para os alunos e que, mesmo assim, ainda não conseguiu dá conta do trabalho:

*Mais tempo para o professor diretor de turma. Mais tempo para atendimentos individuais. Os alunos necessitam disso, eles precisam disso. Assim, eu tenho uma lista na ordem de quem que eu devo conversar. Mas, às vezes, eles estão tão assim, tão angustiados, que aí eu, às vezes, tenho que colocar eles na frente (Professor Entrevistado N. 10).*

Alguns professores demonstraram até angústia ao relatar a necessidade de mais tempo para se dedicar ao projeto:

*Eu acho que teria que ter mais horas, porque, no caso, a gente tem uma de sala e três de planejamento. Essas três de planejamento não existem. Por quê? Porque você usa mais de três, você acaba usando até mesmo o planejamento da sua disciplina para o PDT. Não há como você ajudar a turma com três horas, não dá, não existe. Não dá, não dá certo (Professor Entrevistado N. 03).*

Nesse caso, os docentes, além de usarem o horário de planejamento, acabam levando trabalho para casa.

Outra demanda que apareceu na fala dos professores entrevistados é a necessidade de formação para lidar com questões socioemocionais, sexualidade e adolescência.

*E a questão socioemocional, querendo ou não, na nossa formação, pelo menos na minha, de licenciatura, a gente não teve esse acompanhamento de como acompanhar esses problemas socioemocionais, então tudo é um aprendizado, mesmo na prática a gente não teve a teoria para nos ajudar* (Professora Entrevistada N. 11).

O professor se sente, de certa forma, desamparado no trabalho como PDT. O pedido por formação é realmente algo latente no discurso: *“Acho que falta mais formação para nós, professores. Sou formada em português, eu não sou formada em psicologia para saber tratar desses assuntos”* (Professora Entrevistada N. 11). A docente diz que precisa tratar de alguns temas dos quais não se sente completamente preparada:

*Se a gente tivesse uma formação direcionada para o diretor de turma [...] uma formação de como a gente pode lidar com essas questões socioemocionais, como transpor alguns assuntos para dentro da sala de aula, que na idade dele o assunto mais bombástico e polêmico é a sexualidade* (Professora Entrevistada N. 11).

É importante lembrar também que não há professor que dê conta de tudo, é sempre uma aprendizagem. As escolas pesquisadas foram contempladas recentemente com profissionais de psicologia, porém, são apenas três psicólogos para atender todas as instituições da Crede 01, que gere todas as escolas estaduais da região metropolitana de Fortaleza. Mesmo com isso, uma professora entrevistada sugere: *“Nós também, professores, já que trabalhamos com essa questão socioemocional, nós poderíamos ter um acompanhamento também. Ajudaria também se a escola tivesse acesso a psicólogos, que nos ajudaria bastante, muitas das vezes nós não conseguimos* (Professora Entrevistada N. 09). Além das demandas em relação a tempo e formação, foi dito por um dos docentes que seria melhor caso a família participasse mais, porém, não se tem como obrigar que os responsáveis pelos alunos fiquem mais próximos da escola, contudo, sugere: *“Se a escola tivesse um transporte que a gente pudesse ir até a casa ou pedir para o pai vir aqui, acredito que melhoraria muito, muito mesmo essa questão. O ponto mais importante seria esse, ter a presença mais constante dos pais aqui na escola”* (Professora Entrevistada N. 04). As escolas não têm transporte específico para visitas às famílias dos alunos, alguns colegas relataram que quando necessário fazem uso do seu transporte particular ou mesmo se aventuram pelas ruas do bairro quando os alunos moram próximo à escola.

Os professores coordenadores também tiveram espaço para fazer sugestões, na linha de denunciar o pouco tempo que os PDTs têm para se dedicarem ao projeto. Uma das coordenadoras aponta:

*Por isso que tem professor que leva trabalho para casa, quando não dá tempo fazer aqui porque deixa de planejar para resolver as coisas de PDT. Esse projeto é um projeto que eu gosto muito, eu o acho encantador e que eu lamento ele não ter um apoio do governo. Que é um projeto assim, que foi lançado, não tem apoio nenhum, pelo contrário, o professor diretor de turma fez foi perder 1 hora. Então, assim, eles tinham que ter mais tempo, uma carga horária maior porque exige muito tempo o projeto diretor de turma. O professor que veste a camisa e, realmente, exerce a função de diretor de turma, precisa de tempo para acompanhar a turma (Professora Entrevistada N. 05).*

A outra sugestão dada pela professora coordenadora é um reforço a algo conhecido socialmente, o baixo salário dos docentes da educação básica em comparação a outros profissionais com o mesmo nível de formação:

*É um projeto que até hoje acontece porque as escolas, os educadores dessas escolas, vestiram a camisa e fazem com que ele aconteça, mesmo não tendo as condições que deveria ter. O principal é o tempo, o segundo eu nem relato, que é o mais difícil, é a remuneração (risos). Mas, deveria sim, ter uma remuneração, uma gratificação, para quem é professor diretor de turma, e ter uma carga horária maior de planejamento para poder acompanhar os meninos. Seria maravilhoso, seria perfeito (Professora Entrevistada N. 05).*

Os professores não recebem nenhuma gratificação e em momento algum se soube de qualquer ação nesse sentido.

Outro coordenador também apontou a perda de carga horária que os professores tiveram em 2016: *“A reclamação que a gente escuta diariamente, o PDT já teve 5 horas, agora são só 4, diminuiu 1 hora”* (Professora Entrevistada N. 06). Quando perguntado o motivo, disse-se apenas que para conter gastos. O gestor chama a atenção com um cálculo rápido sobre os possíveis atendimentos que o PDT conseguirá fazer com a carga horária que tem: *“Então, toda semana ele chama os pais, então ele vai conseguir atender 4 ou 5 pais [...] numa semana. Então, num mês, ele só atendeu 20 pais. Aí você percebe que as demandas voltam. Não tem como atingir 40 alunos. Sem contar que ele atende pai e também atende alunos”* (Professora Entrevistada N. 06). Outro professor resume: *“São 3 demandas: mais estruturado, mais tempo e menos burocrático”*.

Concordando com os colegas gestores, a terceira coordenadora também afirma: *“A gente ter 1 hora não é suficiente para atender tanta demanda em relação a acompanhamento dos alunos e receber a família também. Então, eu acho que às vezes é a questão do tempo mesmo”* (Professora Entrevistada N. 05). Diante disso, pode-se perceber que os PDTs têm, em resumo, demandas em relação a mais tempo para se dedicarem ao

projeto e formações para que possam lidar de forma realmente satisfatória com temas pertinentes aos alunos adolescentes.

## **7 COMBATE À EVASÃO ESCOLAR, DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E FAMÍLIA: OS DESAFIOS DO PROFESSOR DIRETOR DE TURMA**

Pela pesquisa aplicada, três temas se sobressaíram na discussão por terem relevância direta com os alunos e afirmar a tríade aqui destacada. O combate à evasão pode ser muito eficiente, mas precisa de políticas sociais para ser realmente efetivo; o desenvolvimento de competências socioemocionais faz com que o jovem saia da escola pública mais preparado para a vida; a família é o grande desafio da educação, e se aproximar dela aproxima a solução para o melhoramento da mesma. Para tratar desses assuntos, conheceremos, primeiramente, o público que as escolas recebem.

### **7.1 O público das escolas, segundo os professores**

Foi perguntado em entrevista aos professores sobre o público que recebem em suas escolas, as respostas foram diversas frente ao contraste de modelo escolar, como afirma um professor: *“Os meninos estão completamente diferentes”* (Professora Entrevistada N. 03). Uma das professoras relata: *“Os alunos que procuram a escola de tempo integral são os que não conseguem vagas nas escolas conceituadas no município vizinho, ou nas profissionalizantes. Ou então, também, porque não conseguiram vaga na regular”* (Professora Entrevista N. 02). Existe, também, aqueles que apontam qualidades bem interessantes: *“As turmas são boas, o público é bom de você conversar, eles te escutam, eles compreendem”* (Professora Entrevistada N. 10).

A escola pública é meio social e recebe todo tipo de aluno, e infelizmente, às vezes, esses passam por situações sociais bem complicadas, como descreve um professor: *“Pais separados, violência doméstica, drogas na família, bairro perigoso, muitos deixam até de estudar porque o próprio sistema da localidade deles não permite porque há rivalidade [...]”* (Professora Entrevistada N. 04). Ao ser perguntado que tipo de rivalidade estava se referindo, o docente respondeu que existe guerra entre facções criminosas em algumas regiões e complementa:

*Já houve casos assim de aluno que teve que sair daqui às pressas por receber ameaças, então é essa a dificuldade, complicado, a gente tentar fazer alguma coisa, mas chega um certo ponto que você tem que parar porque se torna perigoso para a própria escola intervir nessa questão* (Professora Entrevistada N. 04).

Algumas famílias vivem em situações de vulnerabilidade social, como aponta um dos professores coordenadores:

*São alunos que são bem carentes, alunos que os pais não têm muito estudo, muitos pais não assinam, por exemplo. Muitos dos alunos moram que no meio quase que rural. Às vezes que eu tive necessidade, oportunidade, de deixar ou buscar aluno por questão, por exemplo, de saúde, a menina passou mal, vamos deixar em casa. Percebi que alguns não têm saneamento, que as estradas são ruins, então vivem um pouco à margem* (Professora Entrevistada N. 06).

Nesse momento que se conhece de perto a realidade dos alunos se tem a ideia do que se passa na vida de alguns discentes e como isso interfere nas atividades escolares.

Outra realidade que estudantes das escolas pesquisadas vivenciam, pela visão dos professores, é a gravidez na adolescência. “*Nós temos muito histórico de alunos, ainda adolescentes, que já viram pais, mães [...] e, realmente, abraçam o mundo da vida adulta de forma precoce. Então, não tem como ficar no tempo integral, o dia todo na escola, somente estudando*” (Professora Entrevistada N. 03). Por esse motivo precisam de uma escola regular nas proximidades de sua residência para que não percam a oportunidade de estudar.

Mesmo com muita discrição, um dos docentes relata: “*Alunos que foram abusados por padrastos ou por primos ou alguém da família, a família, às vezes, sabe e não faz nada; histórias que mexem com o aprendizado do aluno*” (Professora Entrevistada N. 03). Imagino que esse tipo de história não seja exclusividade de estudantes da escola pública, mas, sem rede de apoio para lidar com problemas, deve haver muitas interferências no desempenho do aluno que não são vistas em avaliações ou gráficos de rendimento.

Na contramão dos relatos de violência ou mesmo de problemas sociais, uma das coordenadoras diz que a escola vem se esforçando cada vez mais para se adequar às demandas: “*Para a escola de tempo integral conseguir pegar esse adolescente que está na rua ela tem que ser muito atrativa, mais atrativa do que o crime*” (Professora Entrevistada N. 07). Esse é, no mínimo, um grande desafio que ultrapassa os limites docentes, mas vem sendo um dos papéis da escola atual. O discurso docente na escola profissionalizante é distinto das demais escolas sobre o perfil dos alunos, daí é possível fazer uma análise comparativa.

*Aqui na escola, como eu vejo em outras escolas profissionalizantes, o perfil dos alunos é mais disciplinado. Eles buscam mais do que alunos de escola regular, até porque como a gente tem uma seleção, quem vem a gente seleciona a partir das notas. Então, quando o aluno vem para cá ele vem porque quer, sabe que*

*aqui vai ter disciplina, vai ter que estudar. Então, naturalmente, a gente já seleciona um perfil de aluno que é aquele que quer fazer o Enem, aquele que quer seguir um curso profissionalizante, aquele que tem mais disciplina do que um aluno de escola regular* (Professora Entrevistada N. 11).

Mesmo com o termo “disciplina” em foco, os problemas sociais apontados pelos outros professores das outras escolas não são tão presentes nesse discurso.

Professores apontam vantagens em trabalhar nesse modelo de escola, como diz um dos docentes: *“É uma escola muito boa. Os alunos são bem mais dedicados, muito mais dedicados. São alunos mais interessados, são alunos mais participativos, tem baixa evasão escolar. É um público muito bom de se trabalhar”* (Professora Entrevistada N. 09). Isso nos faz questionar: como alunos de uma mesma cidade, da mesma região, podem ter histórias de vida tão distintas? Qual o papel da família e do PDT na vida desses estudantes?

## **7.2 Projeto Diretor de Turma e evasão escolar**

O controle da evasão escolar é algo que garante o desempenho de uma escola: quanto menos alunos deixam a instituição durante o ano mais estudantes têm acesso a um processo de escolarização, com deficiência ou não. Anterior à evasão está a infrequência, quando o aluno falta constantemente sem justificativas razoáveis. Um dos trabalhos do PDT é garantir que a infrequência seja controlada, assim, controlando a evasão.

Outro fator de extrema importância relacionado à evasão escolar é que existem diversos fatores para que o aluno deixe de frequentar a escola, fatores inclusive que não dizem respeito à instituição, como cita um dos professores ao dizer que alguns alunos faltam quando não há transporte escolar que os levem até a escola. Mesmo diante dos fatos, garantir o menor índice de evasão é garantir que os alunos estejam em um ambiente de possível ascensão social, talvez até o único que pode proporcionar alguma melhora na qualidade de vida deles a longo prazo.

O percentual de pessoas que abandonam a escola é muito grande. O IBGE divulgou a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) referente ao ano de 2019<sup>2</sup>, em que mostra que “[...] das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20,2% (ou 10,1 milhões) não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 21 dez. 2020.

pardos” (site do IBGE) o que é um número alarmante e impactante para a educação brasileira.

A pesquisa também mostrou que os maiores percentuais se deram a partir dos 16 anos, faixa etária das escolas pesquisadas, chegando a 18,0% aos 19 anos ou mais. “O atraso ou abandono escolar atingia 12,5% dos adolescentes de 11 a 14 anos e 28,6% das pessoas de 15 a 17 anos” (site do IBGE). Os motivos são diversos os mais apontados foram necessidade de trabalhar e até mesmo falta de interesse. Entre as mulheres tiveram respostas referentes a gravidez na adolescência e afazeres domésticos. O que implica em dizer que a desigualdade social no Brasil gera mais desigualdade.

Outro dado que também é relevante para a compreensão da pesquisa aplicada nas escolas da Crede 01 em comparação a PNAD é que no Nordeste, região situada o Estado com PPDT, “três em cada cinco adultos (60,1%) não completaram o ensino médio. Entre as pessoas de cor branca, 57,0% tinham concluído esse nível no país, enquanto essa proporção foi de 41,8% entre pretos ou pardos”.

Em comparação à taxa de abandono escolar nacional, tem-se a evasão do estado do Ceará de 2018 de 5,0%. Comparando a taxa de 2018 com a de dez anos antes, quando o PPDT começou a ser implementado no estado, houve uma diminuição de 10,5%, ou seja, em 2008 a taxa de evasão era de 15,5%. O Ceará é o estado que tem projeto que direciona forças para o combate da infrequência e do abandono escolar. Foi perguntado aos professores entrevistadas se o PPDT interfere de alguma forma nesses dados. Dos 12 entrevistados apenas 01 disse que não ver relação entre o trabalho de PDT e o baixo índice cearense de evasão escolar.

Para um dos professores entrevistados *“O Professor Diretor de Turma ele já entra em contato diretamente com a família, ele tem essa autonomia, dada pela gestão, de entrar em contato com a família para saber o motivo real do aluno está faltando”* (Professor Entrevistado N. 01). Esse contato garante ao familiar a seguridade de que alguém, em algum lugar do mundo, está preocupado com a presença do adolescente na escola e na sala de aula. Possivelmente essa preocupação da parte do PDT contribui para que o aluno também se preocupe com sua presença na escola.

Os relatos também mostram que algumas vezes a própria família não sabe ao certo o paradeiro do estudante, como demonstra uma das professoras: *“Muitas vezes os pais nem sabem que aquele aluno está faltando porque eles saem dizendo que vêm para a escola e acaba que não vêm. Então, com a nossa ligação o menino vem para escola, então tudo isso tem sua importância”* (Professor Entrevistado N. 02). Ou seja, além de garantir a

presença do aluno na escola o professor também acaba por avisar à família a infrequência do aluno, fazendo com que ele esteja onde a família acha que ele está.

O combate à evasão é necessário, mas como coloca um dos professores: “*O necessário é tão difícil, tão difícil, tão difícil que eu acho que é raro você encontrar um diretor de turma que consiga ser efetivo, 100 por cento efetivo, no seu trabalho como diretor de turma*” (Professor Entrevistado N. 03). Diante de todas as tarefas e demandas “*Para o estudante está dentro da escola, ele precisa ter condições mínimas e básicas para poder, sim, permanecer ali*” (Professor Entrevistado N. 03). Às vezes, o diretor de turma simplesmente não dá conta, como relata o colega. Para explicar a metodologia de como é feito o combate à evasão, um professor explica:

*Nós temos um trabalho de busca ativa dos alunos. Então, quando percebe que o aluno está faltando com frequência, por exemplo, o aluno faltou 2, 3, 4 dias. Então, esse aluno o professor DT que está ficando com mais atenção, de forma mais assertiva, ele vai ter mais contato, ele percebe, já começa entrar em contato com os alunos [...]. Quando um professor ou o coordenador liga para o aluno e diz que está sentindo a sua falta, aquela pessoa se sente pertencendo àquele ambiente, um sentimento de pertença* (Professor Entrevistado N. 06).

Uma das coordenadoras entrevistadas fala como gestão: “*O diretor de turma consegue mapear, ele consegue ser esse farol que a gente, da gestão, precisa para saber onde é que anda o aluno, qual o aluno que está faltoso, é essencial* (Professor Entrevistado N. 07). E ainda aponta que o PDT consegue ajudar com outros assuntos:

*O diretor de turma consegue identificar rápido o problema em relação à violência, ao crime, à questão de drogas, qualquer problema que aconteça na escola ele é um dos primeiros que consegue descobrir isso e trazer para gente. A gente tenta chamar, fazer esse elo com a família e tentar resolver, procurar soluções para esses problemas* (Professor Entrevistado N. 07).

O PPDT é a tríade que contribui para a funcionalidade da escola, para uma das professoras entrevistadas: “*Ele acaba melhorando esse acesso com a família, escola e o próprio aluno* (Professor Entrevistado N. 09). O trabalho do PDT é minucioso, como conta um dos professores:

*Eu acompanho cada aluno individualmente. Eu olho as notas deles aí eu pergunto: ‘você está bem nisso?’ Eu vejo como é que estão as notas deles, chamo ele para conversar individualmente. A questão da evasão se responde assim, no acompanhamento pessoal. Quando a gente sabe o que está acontecendo com o aluno* (Professor Entrevistado N. 10).

Mesmo demonstrando uma possível eficiência do PPDT, ele não está presente em todas as escolas, como questiona uma das professoras: “*A gente fica se questionando porque essa questão do diretor de turma não é em todas as escolas, mas eu acho assim, que*

*é algo, realmente, facilitador”* (Professora Entrevistada N. 08). Das 6 escolas estaduais do município de Pacatuba apenas duas não têm PPDT.

Nem todos os professores concordam que o PPDT contribui para a diminuição do índice de evasão da escola cearense. O único professor entrevistado que discorda aponta que:

*A gente não tem esse poder, o diretor de turma, de influenciar na saída e permanência do estudante não. Acredito que a grande maioria, a grande massa mesmo das fugas da escola, da desistência deles, é mais a questão mesmo pessoal, familiar, questão financeira, não chega a influenciar”* (Professora Entrevistada N. 05).

Para finalizar a leitura em relação à evasão escolar e ao PPDT, podemos inferir que na maioria considerável dos casos os próprios docentes e os coordenadores escolares colocam que existe uma correlação entre os dois, que o diretor de turma contribui positivamente para a permanência do estudante no ambiente escolar e que isso tem grandes consequências na vida particular dos alunos e, a longo prazo, pode ajudá-los a ter acesso à escolarização e à educação. Porém, não é única via, visto que existem outros fatores sociais que podem influir na evasão escolar.

### **7.3 Professor Diretor de Turma e o trabalho com as competências socioemocionais**

Como foi dito, o PPDT cearense se inspira e cita em seus documentos o pensador chileno Juan Casassus, autor do livro “Fundamentos da educação emocional” (2009), em que deixa claro quais são as competências que os documentos cearenses falam que devem ser desenvolvidas com a ajuda da direção de turma. São características do PDT cearense — uma vez que não se teve acesso a documentos portugueses, falando em desenvolvimento de competências emocionais — adaptações e particularidades em relação ao projeto português, dimensões que a comparação pode nos deixar perceber. Casassus (2009, p. 139) identifica as seguintes competências para conhecer e agir no mundo emocional:

Capacidade de estar aberto ao mundo emocional; capacidade de estar atento: escutar, perceber, ponderar, nomear ou dar sentido a uma ou várias emoções; capacidade de ligar emoção e pensamento; capacidade de compreender e analisar informações relacionadas com o mundo emocional, capacidade de regular emoções; capacidade de modular a emoção e capacidade de acolher, acalmar e apoiar o outro.

É possível perceber que a escola, com todas as características de sua popularização, volta-se com mais frequência para as inteligências lógico-matemática e linguística, porém, Casassus explica com mais atenção a diferença entre intra e interpessoal, deixando claro que a primeira trata da capacidade de ver dentro de si, de perceber seus próprios sentimentos, compreender o que *me* ocorre para que decisões sejam tomadas, enquanto a segunda é a capacidade de notar distinções no outro, suas vontades e desejos, tem a ver com empatia.

O desenvolvimento dessas habilidades é, sem dúvida, algo necessário para qualquer pessoa, independentemente da faixa etária. Se um adolescente tem acesso a esse conhecimento fará muito bem a ele e ao seu desempenho como um todo. As sugestões dadas pelo roteiro das aulas de formação para a cidadania são tímidas visto os desafios de uma educação emocional. Discorrem sobre a apresentação do PPDT e suas atribuições: a realização de eleições para líderes de sala, o preenchimento de fichas biográficas e registro fotográfico que servem para alimentar o banco de dados da Seduc, o que é ser um estudante protagonista e o projeto de vida que deve ser elaborado pelo aluno durante o ensino médio. Não será dedicado tempo para a parte referente às atividades mais burocráticas, já que essa pode ser realizada por qualquer pessoa, independentemente do perfil traçado tanto em Portugal como no Ceará.

A ideia do protagonismo juvenil é colocar o aluno como sujeito de sua educação e de suas conquistas, nada novo, visto todas as propostas pedagógicas de autores como Paulo Freire, por exemplo. As escolas profissionalizantes têm uma disciplina chamada “Projeto de vida”, em que os alunos elaboram e traçam seus planos para os seus próximos anos, porém, não é a realidade de todas as escolas da rede, mas parece ser algo que contribui bastante para o desenvolvimento de competências emocionais.

Dentro do roteiro apresentado pela Seduc (2018) sobre o momento envolvendo o “Projeto de vida” é sugerido que a sala seja organizada em roda de conversa em prol de facilitar o diálogo e a participação de todos. Sugere-se que:

O exercício da fala e da escuta ativa na roda seja algo a ser construído, pois envolve o estabelecimento da relação de confiança no grupo. Aproveitar o momento para identificar as expectativas que os estudantes trazem sobre o componente Projeto de Vida e seu desenvolvimento de competências para o século 21. Dialogue com eles/elas sobre a importância de, progressivamente, assumirem as rédeas da própria aprendizagem, sendo os encontros de Projeto de Vida momentos singulares para refletir sobre a vivência que estão tendo na escola (SEDUC, 2018, p. 03).

Diante exposto nos documentos, o PPDT pode contribuir para a escolarização dos jovens cearenses, mas ainda há muito a se fazer. Alguns questionamentos precisam ser feitos, tais como: se é suficiente o tempo de quatro horas-aulas semanais destinadas ao projeto; se os professores recebem ou vão receber formação sobre as competências emocionais tão faladas nos manuais e roteiro; e se há desenvolvimento por parte dos alunos em relação as suas questões emocionais.

O trabalho com as competências socioemocionais é o que diferencia o PPDT cearense do português. Inspirado nas ideias do filósofo, sociólogo e educador chileno Juan Casassus, o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais contribui para que o aluno se sinta bem no ambiente escolar e assim possa aprender de forma satisfatória. Pela pesquisa realizada, o projeto português se dedica ao combate à evasão e à proximidade com a família, não se teve indício de um trabalho com competências socioemocionais.

Foi perguntado aos professores como acontece o trabalho com as competências socioemocionais, visto que é, de certa forma, a identidade do PDT do Ceará. Todos os professores entrevistados falaram que trabalham de alguma forma a questão socioemocional, alguns de forma direta em sala de aula, de forma expositiva, outros de modo particular com cada aluno, através de demandas ocorridas durante o ano letivo. Nenhum dos professores entrevistados recebeu formação específica para trabalhar o tema com os alunos. Pode se perceber na fala dos docentes que não há consenso sobre o que é e como se deve trabalhar as questões socioemocionais.

Um dos professores entrevistados relata problema em fazer com que os alunos participem de forma efetiva das aulas de formação para a cidadania, e explica que a não participação descamba no não aproveitamento dos diálogos entre professor e aluno:

*A grande problemática de trabalhar a questão socioemocional dos alunos, que eles, diante de uma roda de conversas, pouco se sentem confortáveis na hora de se expressarem. Falar um pouco de si, falar de como é a família, como é ele, como é sua personalidade e muitos não reconhecem e não sabem identificar sua própria personalidade e dizer como 'eu sou', e isso é um dos fatores que o professor diretor de turma, diante das suas aulas de cidadania, ele acaba quebrando o seu roteiro (Professor Entrevistado N. 01).*

O professor continua e afirma que falta formação para que o diretor de turma possa gerir esse tipo de acontecimento e assim fazer um trabalho melhor:

*Não temos formação para isso, e volto, e reitero, apenas identificamos, tentamos identificar. E quando identificamos, passa para a escola, a escola entra em contato com a família, se a família não resolve entra o Conselho*

*Tutelar. E isso também serve para evasão escolar, que entra o conselho e entra as outras instâncias (Professor Entrevistado N. 01).*

Quando perguntado se o Conselho Tutelar da cidade funciona de forma satisfatória, o docente não soube responder. Pôde-se perceber que alguns diretores de turma não deixam realmente claro como funciona o trabalho com o desenvolvimento de competências socioemocionais, porém, mostram esforço com a função: *“Vejo que muitos deles se espelham na gente, às vezes se sensibilizam, querendo ou não acabam se apegando. Então a gente acaba sabendo das histórias, eles desabafam com a gente, tudo. Então, eu acho que na minha turma surtiu esse efeito”* (Professor Entrevistado N. 12).

Como o objetivo da pergunta não era arguir o professor sobre o conceito de desenvolvimento emocional, cada entrevistado ficou à vontade para se expressar do modo que pensou ser o melhor. Uma docente relatou melhor entrosamento social de alguns alunos: *“Eu realmente tive essa facilidade com eles, de trabalhar essa parte socioemocional, de ajudá-los, de ver a diferença, a mudança contínua de alguns que eram mais acuados ou mais agressivos e foram melhorando, foram se integrando mais”* (Professora Entrevistado N. 11).

Houve, também, professor que aproveitou o momento para fazer um desabafo. A fala mostra mais uma vez o esforço do docente em conseguir dar conta do trabalho com as competências:

*Eu não vou mentir para ti, é difícil. Primeiro, porque a gente não tem preparo, não tive preparo, preparo que a gente tem é da vida, de algumas cadeiras que a gente vê na faculdade que é psicologia do ensino ou então didática, que a gente vê muito pouco [...] Tento trabalhar em todas as aulas competências que eu vejo que a turma, no geral, precisa, questão de respeito, questão da amabilidade, questão de gestão de tempo* (Professora Entrevistado N. 10).

Ainda na linha de usar o momento de fala para desabafar ou denunciar, de certa forma, o descaso, uma professora coloca: *“E esse projeto todo acaba ajudando, a gente acaba vendo os meninos de outro modo. O problema é que são duas psicólogas para a Crede 01. Daqui que ela encontre na lista dela a nossa escola, vai terminar o ano”* (Professora Entrevistado N. 09).. Como dito anteriormente, a assistência psicológica é muito aquém da necessidade mostrada pela fala dos professores.

Como cada professor teve liberdade para falar o que pensava sobre o trabalho com as competências socioemocionais, uma das professoras entrevistadas elencou o que pensa sobre o que é esse trabalho: *“Melhoria psicológica, acompanhamento, gerenciamento do emocional deles porque eles também têm que aprender a lidar com as emoções”*

(Professora Entrevistado N. 11). *E aponta as dificuldades que costuma enfrentar envolvendo esse tema:*

*A questão do diretor de turma transcende a relação aluno-professor, porque querendo ou não a gente tem que está, claro que não é uma obrigação, não é obrigatório a gente está atendendo depois do nosso expediente de aula, mas eles têm essa demanda que, se a gente não atender, é como se a gente rechaçasse essa relação com eles. É bem, bem complicado fazer entrar na cabeça do adolescente que ele não é o centro das atenções* (Professora Entrevistado N. 11).

Alguns professores relataram que receberam o que chamaram de “diálogos socioemocionais”, mas apenas um falou um pouco mais sobre eles:

*Então, a gente começou a trabalhar, mas não deu, não dá para avaliar a influência desse material na vida deles ainda não. O que eu tenho ainda são as experiências mesmo do contato que eu sempre tive. Dizer que esses diálogos socioemocionais influenciaram [...] não, não nas minhas turmas não, ainda não* (Professora Entrevistado N. 04).

Pelo que tive a chance de levantar, os diálogos socioemocionais são perguntas norteadoras para os alunos sobre diversos temas que contribuem para uma espécie de autorretrato de sua personalidade e tentativa de introdução ao “Projeto de vida”.

Em resumo à pergunta sobre o trabalho com as competências socioemocionais, uma professora afirma: *“Funciona, funciona. Não funciona do jeito que o governo quer porque socioemocional você vai trabalhando é dia a dia, na sala de aula é que você vai conhecendo, não preenchendo aquela ficha. Ali eles colocam porque eles querem”* (Professora Entrevistado N. 12). As fichas as quais se refere a docente são dossiês sobre família, contexto sociocultural e outros. Ela diz que não recebe retorno sobre os dados que coloca no sistema e que prefere o trabalho no cotidiano.

As escolas profissionalizantes têm a disciplina de “Projeto de vida” a partir das quais o estudante usa das competências socioemocionais para desenvolver planos futuros, de médio e longo prazo. As outras escolas que foram visitas não têm. De qualquer forma, uma das coordenadoras afirmou: *“O diretor de turma está muito alinhado à questão da própria base nacional curricular que já prevê a questão do Projeto de vida”* (Professora Entrevistado N. 07).

Um professor que está coordenador apontou para o fato de a aprendizagem está ligada ao emocional do aluno:

*Essa questão só do cognitivo do aluno já caiu por terra há muitos anos. A gente tem estudado os materiais sobre a questão das competências socioemocionais, essas coisas, e anteriormente, material dos anos 1990, já existia, já falava sobre*

*as competências socioemocionais como inteligência emocional, e entre as competências socioemocionais a motivação é uma questão motivacional. Como é que eu vou motivar o aluno a querer aprender se ele não vê perspectiva? Então, essas competências como resiliência, flexibilidade e abertura ao novo têm que ser trabalhadas com o aluno para poder ele entender (Professora Entrevistado N. 06).*

O professor continua e explica que a questão socioemocional complementa a educação escolar:

*Então, essas competências socioemocionais elas vêm exatamente para trazer esse pedaço que faltava da educação para ser mais integral. Porque o integral não está só no sentido do tempo não, mas a educação ser integral, ela ver outras partes das inteligências múltiplas. Então, eu vejo com bons olhos, acho necessário e hoje nós temos na escola uma carga horária maior, nesse sentido, porque nós temos o PDT (Professora Entrevistado N. 03).*

Diante do levantado, é possível apontar grande importância no trabalho que vem sendo feito pelos professores, porém, não é deixado claro por eles o que realmente é o desenvolvimento de competências socioemocionais, provavelmente pelo fato de não terem recebido formação para tal tarefa, o que dificulta o desempenho da função e a elaboração de conceitos sobre o tema.

#### **7.4 A presença da família na escola, segundo os diretores de turma**

A família é instituição fundamental para o bom funcionamento da escola. O PDT tem como uma de suas atribuições manter contato direto com os pais para que saiba o que se passa na vida do aluno e tente ajudar dentro de suas condições e limitações enquanto profissional da educação para que não ultrapasse sua tarefa de educador escolar.

Os professores entrevistados relatam que conseguem contato com a família dos alunos, mas em níveis diferentes. Quando foi pedido que dissessem uma média, em porcentagem, da quantidade de responsáveis dos estudantes por turma a média fica em torno de 69%, o que é pouco quando se pensa na quantidade de alunos possivelmente desassistidos. A escola com maior média é a profissionalizante, que registra 80% de presença de pais em contato com os diretores de turma ou a gestão escolar. Dois professores dos três entrevistados relataram que a escola usa da artimanha de ligar a entrada do aluno à presença dos pais nas reuniões ou em momentos posteriores dentro do quadro do bimestre vigente. Com 78% está uma das escolas integrais. A escola que registrou menor índice, de 50%, possui alunos oriundos de Zona Rural sem transporte adequado de estudantes, e menos

ainda de pais para ir às reuniões, como explica o professor: *“A questão também das vezes não vir é a distância. Há localidades aqui na Pacatuba que o acesso é muito ruim, muito distante, então, para ele se deslocar do seu local para vir para cá demora, às vezes, duas horas. A estrada é ruim, eles preferem não vir”* (Professor Entrevistado N. 04).

A maioria considerável dos motivos expostos pelos diretores de turma pela ausência dos pais nas reuniões é ligada a trabalho.

Os PDTs também relatam que tentam manter contato com os pais via telefone, mesmo esbarrando em problemas, como mostra um professor: *“A gente tem que ligar e liga para o vizinho, para o vizinho falar com o vizinho, para falar com a pessoa”* (Professor Entrevistado N. 03). Mas também existem relatos positivos: *“Tem muito pai e mãe aqui que eu já mantenho relação quase de amizade”* (Professor Entrevistado N. 04). Quatro dos entrevistados falam em grupos em redes sociais para fazer com que esse contato seja facilitado, mesmo com esse despendimento a mais de tempo. Contudo, o entrevistado disse: *“Os pais que a gente queria mesmo conversar são os que nunca aparecem”* (Professor Entrevistado N. 04).

Outro motivo relatado é a questão financeira unida ao problema da distância da casa dos pais da escola: *“Uns não têm condição de gastar mesmo, não têm de jeito nenhum como pagar passagem, eles aproveitam e fazem um serviço só, vêm aqui na escola, a gente tem que deixar o trabalho que a gente está fazendo em sala de aula para atender esses pais”* (Professor Entrevistado N. 04).

Esse tipo de problema social não pode realmente ser resolvido pelo PDT, que dentro desse contexto apenas recebe as demandas e tenta compreender a situação de ausência do responsável pelo seu aluno. Parece existir caso em que a família não se faz tão presente, como mostra uma das coordenadoras:

*Às vezes, a família joga o aluno na escola, matricula o aluno na escola e acha que aquilo ali já está resolvido. A gente consegue contato na hora que a gente pede, eles vêm aqui, mas a maioria não está nem aí, se o aluno puder resolver de matricular e pedir transferência, a família agradece* (Professor Entrevistado N. 07).

Outra professora, de outra escola, também relata algo parecido quando fala sobre o contato com os responsáveis dos alunos:

*A gente é mal atendido, eles realmente colocam toda a responsabilidade para cima da escola. Ficam chateados quando a gente liga para avisar sobre algum problema ou alguma advertência que o filho sofreu, realmente, têm alguns que são bem difíceis de gente manter contato* (Professor Entrevistado N. 04).

Uma professora conta que consegue contato com os pais, mas enfrenta alguns problemas: *“Porque nem sempre a gente pode contar com a ajuda da família também não. Às vezes, a família chega para contar com você dizendo que não sabe o que fazer com isso ou aquilo”* (Professor Entrevistado N. 12).

Percebamos, agora, como os relatos a seguir são diferentes dos já expostos aqui sobre a presença dos pais na escola e o contato que os professores diretores de turma têm com os responsáveis por seus alunos:

*Quando eles matriculam os alunos aqui a gente já coloca no “contratozinho”, no termo de responsabilidade que eles assinam. Eles têm que comparecer, no mínimo, três vezes ao ano, que é nas reuniões de boletins. A gente apresenta dois aspectos, o cognitivo, que são as notas, o rendimento e o lado socioemocional: como aquele aluno é, como ele convive, com quem ele vive, como ele está emocionalmente, como ele é, como pessoa.*

*Eles sempre aparecem na escola. Isso é muito bom porque aí eles se tornam presentes. Algumas vezes eles vêm assim, do nada, mas, às vezes, é necessário mesmo eu mandar um recadinho pelos meninos.*

*Se o pai não vier para assinar o boletim, o aluno não entra. Aí quando a gente faz isso, aí o pai vem. Em reunião de pais, vêm uns 80%, vem muita gente.*

*Digamos que na reunião venha 70% por conta do horário, alguns estão no trabalho, não conseguem vir e aí, mas logo na semana seguinte, ou até mesmo um pouco antes, um dia ou dois dias antes, já começam a vir pais que não vão poder vir no dia, na data marcada.*

Esses são relatos de professores e da coordenadora da escola profissionalizante, algumas quadras depois fica a outra escola pesquisada em que os relatos são bastante diferentes dos mostrados acima. Isso mostra como o perfil da escola interfere no perfil dos alunos e, logo, na relação escola e família. Possivelmente, com essa relação mais próxima, o rendimento dos alunos seja maior. Ou o rendimento dos alunos é maior justamente por essa relação mais próxima? É um bom questionamento.

Ainda há muito a discutir acerca da temática família e sua relação com a escola. Pelo que foi levantado, é possível perceber que os responsáveis pelos alunos poderiam participar mais da rotina dos filhos no ambiente escolar. O que parece está acontecendo é uma espécie de transferências de responsabilidades por parte da família para a escola. Holanda (2020) explica que isso ocorre por diversos motivos:

Nas últimas décadas do século XX, as mudanças da família contemporânea, que estavam desde então em processo, sob o impacto de diferentes fases da industrialização, que vem atravessando grande transformação, face ao crescimento

da urbanização, do êxodo rural, do consumo, do ingresso da mulher no mercado, dos meios de informação e comunicação e da mobilidade geográfica. Tais processos, formam um conjunto de fatores que têm contribuído para a quebra dos padrões tradicionais no modo de organização das famílias, que resultam, por exemplo na diminuição da autoridade paterna, na expectativa de aumento da responsabilidade do Estado como poder disciplinador das relações sociais básicas e , no âmbito jurídico- social, a responsabilidade da família vem sofrendo um movimento de transferência para instituições como a escola, os institutos de previdência social, o juizado de menores, dentre outros (HOLANDA, 2020).

Os professores esperam que a família participe. A família espera que a escola consiga educar. Existem expectativas nessa relação que não poderão ser sanadas diante da imensa tarefa que envolve sujeitos em construção, em desenvolvimento, como estudantes do ensino médio, como é o público acolhido pelos PDT. Há muito o que ser feito, discutir o assunto, estudar, é um bom passo para que melhorias aconteçam.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou pesquisa sobre o PPDT, sua funcionalidade e seus desafios. Teve como um dos objetivos comparar práticas educativas entre docentes envolvidos no projeto. A pesquisa aconteceu em quatro escolas da cidade de Pacatuba (CE), sendo duas delas em regime de tempo integral, uma profissionalizante e uma de ensino regular.

Para compreender o que acontece agora com o projeto nas escolas foi preciso fazer uma historicização de como e onde surgiu o PPDT. A pesquisa apontou que o mesmo foi criado em Portugal nos meados dos anos 1960, porém, teve roupagens anteriores que datam de 1895. O que se aponta como achado da pesquisa sobre essa história comparada entre o Portugal e Ceará é que o projeto está consolidado nos dois lugares, de diferentes formas, claro, mas dentro das características e demandas de cada região.

Antes de ser diretor de turma em Portugal, o projeto já foi diretor de classe. Na época, respondia diretamente ao reitor da instituição que estava vinculado, não podendo faltar com suas ordens. Foi fortemente criticado por ter como uma de suas atribuições vigiar a aula de outros docentes. As reclamações foram simplesmente ignoradas por parte das autoridades da época e assim permaneceu por 40 anos.

Depois de ser diretor de classe, o projeto passou a ser diretor de ciclo. Na ocasião, Portugal passava pela ditadura de Salazar que influenciou a educação e fez reformas que endureceram o disciplinamento. A sobrecarga docente também atrapalhou o trabalho minucioso de acompanhamento dos alunos. Em 1968 surgiu o diretor de turma, tendo como um de seus objetivos ser elo entre escola e família, salvaguardando a gestão pedagógica. O diretor de turma tinha funções relacionadas apenas aos alunos e não a outros professores, como ocorreu antes. A Revolução dos Cravos, em 1974, influenciou positivamente na implementação do projeto e na educação no geral.

Para fundamentar uma boa base teórica, foram usados conceitos como disciplina, controle e docilidade, um diálogo entre o tradicional filósofo alemão Immanuel Kant, o inovador Foucault e os professores e professoras das escolas públicas participantes da pesquisa. Confesso que de início, antes de começar as entrevistas, pensei que o uso da disciplina no sentido foucaultiano de controle era ainda mais usado pelos PDTs do que aparece como resultado da pesquisa. Isso é ótimo, afinal, não se pode começar uma pesquisa sabendo de tudo previamente, pois assim não faria sentido pesquisar.

Tira-se do diálogo entre disciplina e direção de turma assuntos para além do próprio conceito de disciplina, já que para chegar ao entendimento de como a disciplina para Kant contribui para o desenvolvimento da liberdade do educando foi preciso compreender conceitos como educação privada e educação pública. Chamei a educação privada de educação familiar para não ser de forma nenhuma confundida com escolarização particular. A educação familiar é algo necessário, imprescindível e indispensável. Mas nossos alunos chegam no ensino médio sem a devida educação familiar.

Durante todo o trabalho sempre retomei a questão da família. A tríade do PPDT de Portugal, o de 1968, é formada pelo professor, aluno e família, porém, muitas vezes o docente se vê sozinho com o estudante para resolver problemas que não é necessariamente nem da escola e nem do aluno. Não se pode apenas reclamar as lamúrias dos discentes não terem famílias perfeitas, os professores também não têm, mas a fala dos entrevistados mostrou como os adolescentes da escola de massa enfrentam problemas de adultos.

Há uma espécie de transferência de função entre família e escola. A escola está assumindo a educação pública e a educação privada, a qual chamei de educação familiar. É claro que isso sobrecarrega os docentes. Houve professor que relatou problemas psicológicos sérios, que afirmou dormir muito pouco em decorrência do trabalho docente, que se preocupou com problemas dos seus alunos enquanto seu filho estava doente. O fato é que essa escola sobrecarregada funciona a custo do adoecimento dos seus profissionais.

É sabido que os pais e mães dos alunos da escola pública são quase sempre trabalhadores assalariados, pessoas em situação de pobreza, como não necessariamente ocorre em Portugal, *berço* do projeto aqui estudado. Os responsáveis pelos alunos faltam reuniões de pais, algumas vezes por medo de faltar no trabalho e ser demitido. Isso é plenamente justificável e ao mesmo tempo não, mas é como confiar os filhos à própria sorte, ou terem a certeza de que na escola terão a educação familiar que em casa é deficitária.

Com o objetivo de dar limites para que os adolescentes e jovens não cometam absurdos (disciplina para Kant), a escola que não deveria ter essa função, visto que é responsabilidade da família e deveria ser feita de forma individual, enfileira para tentar dar limites a 50 adolescentes por sala. É claro que é uma tarefa fadada ao fracasso. Daí a disciplina no sentido foucaultiano se faz necessária e o jovem sai da escola sem a devida educação e resistente à docilização.

Para Kant, a criança vai desde cedo para a escola para aprender a sentar e ouvir atentamente o adulto. Na tentativa de ser escutado, o professor, fazendo uso de seu micro poder em um ambiente de poderes, que, para Adorno, apenas parodia o real poder, faz

ameaças, diz que vai chamar o representante de um micro poder um pouco maior, a saber: o da gestão. É uma falha sistemática. Houve fala de PDT empolgado de como consegue controlar o grupo de adolescentes, penso que isso seja lamentável. Em contraponto, houve falar de professor que, mesmo cansado, entende que a afetividade muda o retorno pedagógico e a ideia de professor carrasco, o que melhora toda a educação.

Conciliar no mesmo ambiente os conceitos de disciplina aqui abordado é uma tarefa difícil, são muitas as demandas e, por mais denúncias de como a instituição escolar consegue ser conteudista, os conteúdos precisam ser abordados, os alunos precisam aprender. Mais que isso, é meio de ascensão social para os estudantes. A escola pode ser o único lugar que o aluno tenha alguma oportunidade de ter um bom emprego, uma carreira e coisas simples, que para eles é um sonho distante.

Articulei os pensamentos de Paulo Freire, Adorno e docentes da escola pública periférica de um Município da Região Metropolitana de Fortaleza, com a finalidade de unir teoria e prática, o que é pensado e o que é realizado no chão da escola, de ouvir os profissionais que estão na *linha de frente* contra a crise na educação ou, na verdade, projeto, como aponta a filósofa que também aparece na pesquisa, Hannah Arendt.

Foi possível perceber como professores e professoras estão conscientes dos problemas sociais que a escola enfrenta e dos limites que ela tem. Penso que poderíamos ter tido falas com posicionamentos políticos mais claros, como Freire sugere, mas o fato de as entrevistas terem tido um tempo médio de 40 minutos e em nenhuma delas os entrevistados ou mesmo eu abordamos no assunto, também é sintomático, também comunica muito, afinal, é um ambiente com graves problemas.

As falas dos professores foi o fio condutor que estruturou a espinha dorsal da pesquisa, que deu norte ao que precisava ser feito. Tomada através de uma abordagem de História Oral, os entrevistados ficaram à vontade para falar sobre o que queriam. Pude sentir durante as entrevistas que os docentes dispostos a participar estavam realmente dispostos e queriam contribuir de alguma forma, mesmo que denunciando a sobrecarga, a carga horária insuficiente e a falta de formação para trabalhar com os alunos.

Como dito anteriormente, o início das entrevistas foi marcado pelo meu retorno ao trabalho acadêmico pós-licença maternidade. Tanto os docentes como o núcleo gestor de todas as escolas foram sensíveis ao fato de eu entrar acompanhada no prédio escolar, visto que precisava amamentar, três das quatro escolas, inclusive, ofereceram lanche a mim e ao meu companheiro que cuidava da minha filha enquanto eu conversava com os diretores de turma. Posso dizer que fomos bem recebidos em todas as instituições.

Não houve momento específico nas entrevistas para falar da estrutura física das escolas, que apesar de se assemelharem entre si, recebem recursos financeiros um pouco diferentes. O número de professores em contrato temporário mostra como o governo realmente trata a escola pública. Uma das coordenadoras relatou que a quebra do contrato anualmente prejudica o projeto, visto que se tem a ideia de que cada docente acompanhe uma turma pelos três anos do ensino médio e assim finalize um ciclo.

São muitos os desafios do PDT. Está imerso na escola de massa como figura de extrema importância e ser o responsável por resolver tantos problemas, ter tantas demandas, sobrecarrega realmente qualquer pessoa. Como visto nas entrevistas, muitos docentes recusam a tarefa de diretor de turma, geralmente os professores efetivos. Os professores temporários que aceitam a função recebem em torno de 300 reais por mês para fazer tudo que a pesquisa mostrou.

A realidade não é fácil e os teóricos que embasam a pesquisa apontam isso. Mesmo que Freire coloque como importante que o professor tenha um posicionamento político progressista, e Adorno ressalte sempre que a educação deve acontecer tomando como meta que barbáries não se repitam, falta ócio docente para filosofar. Penso se a barbárie não já está sendo repetida, claro, compreendendo todo o mal que as guerras trouxeram, mas também é bárbaro adolescentes sendo mortos hora pelo tráfico, hora pela polícia.

Peço licença ao leitor para contar um episódio que aconteceu comigo que retrata como os muros da escola não a protegem do restante do mundo. Eu estava a caminho da sala de aula quando passei em frente ao portão da escola. Um homem chamava aos berros um dos alunos da minha sala de direção de turma, como conhecia algumas pessoas da família dele, sabia que não se tratava de alguém do meio familiar. Parei e disse que o aluno estava em aula e não poderia atendê-lo naquele momento. Ele disse com arrogância que queria falar com o aluno imediatamente. Eu disse que não. Ele insistiu com ignorância.

Um dos alunos falou baixo no meu ouvido que se tratava de um dos traficantes da região. Eu disse para ele: *“Enquanto ele (o aluno) estiver aqui, quem manda nele sou eu e ele não vem falar com você. Eu não te incomodo, você não me incomoda”*. Até hoje me arrependo de ter parado naquele portão. Infelizmente, o aluno reprovou e foi convidado a deixar a escola. De qualquer forma, a situação faz pensar para além do problema do tráfico. Perguntei-me como não tive medo de “peitar” um traficante, mas tive medo de falar para os meus alunos não votar em candidato fascista, racista e homofóbico. Não fui, na época, a professora progressista que Freire gostaria. Agora sou.

Para uma das docentes que participou da pesquisa, a escola é *berço* de acolhimento. Parece-me, então, que por ser feita de humanos, a escola adquiriu característica humanoides. Não entro aqui em critérios maniqueístas, é maior que isso. É mais objetivo. Adorno nos lembra como o combate à barbárie é mais objetivo possível e a falácia sobre subjetividade apenas distancia o que ainda precisa ser feito.

O fato é que a escola de massa recebe todos, que diretores escolares e diretores de turma gastam sua gasolina e arriscam sua vida ao entrar em comunidades para fazer busca ativa sem ter certeza que aquela região não é dominada por facções criminosas. O PDT resolve a custo zero problemas graves e ainda adia, por ser mais cômodo para o Estado, a aplicação de políticas públicas que poderiam ser mais eficazes. Mas, a seu modo, segundo os professores entrevistados, o PDT funciona.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1986.
- ARENDT, Hannah. **A crise na educação**. Entre o passado e o futuro. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Comparar o (in)comparável: somos estrangeiros em todas as partes. A história comparada da educação e as transferências culturais. *In*: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; ARAÚJO, José Edvar Costa de; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho. (org.). **História da Educação Comparada**: discursos, ritos e símbolos da educação popular, cívica e religiosa. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.393, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.
- CARVALHO, Rómulo de. **História do ensino em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília, DF: Editora Unesco, 2009.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **História educacional de Portugal**: discurso, cronologia e comparação. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- CLEMENTE, F. M.; MENDES, R. M. Perfil de liderança do diretor de turma e problemáticas associadas. **Exedra-educação e Formação**, Coimbra, n. 7, p. 71-84, 2013.
- DALBOSCO, Cláudio A. **Kant e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. História oral e pesquisa histórica: influência europeia e recepção brasileira. *In*: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho; LEITÃO, Antônia Regina Pinha da Costa; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; ARAÚJO, José Edvar Costa de (org.). **História da educação comparada**: missões, expedições, instituições e intercâmbios. Fortaleza, Edições UFC, 2013.
- KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1985.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Lisboa: edições 70, 2018.

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1998.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula**. Teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2014.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SÁ, Virgínio de. O diretor de turma na escola portuguesa: da grandiloquência dos discursos ao vazio de poderes. **Revista Portuguesa de Educação**, Local, v. 9, n. 1, p. 139-162, 1996.

SÁ, Virgínio de. **Racionalidades e práticas na gestão pedagógica: o caso do director de turma**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997. (Coleção Ciências da Educação).

SAYÃO, Rosely. Filhos...melhor não tê-los? *In*: SAYÃO, Rosely; RIZZO, Sérgio; LA TAYLLE, Yves de; GROPPA, Júlio Aquino. **Família e educação: quatro olhares**. Campinas: Papyrus, 2011.

## APÊNDICE A – FONTES

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Manual de orientações das ações do professor diretor de turma**. Fortaleza: SEDUC/COPEM, 2014.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Formação para a cidadania e desenvolvimento de competências socioemocionais (FCDCSE)**. Fortaleza: SEDUC/COPEM, 2018.

PORTUGAL. **Decreto de 14 de agosto de 1895**. Colleição oficial da Legislação Portuguesa, anno de 1896. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896.

PORTUGAL. **Decreto lei nº 27:084, de 14 de outubro de 1936**. Colleição oficial da Legislação Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1936.

PORTUGAL. Decreto Nº 48. 572 de 09 de setembro de 1968. **Diário do Governo**, Lisboa, n. 213/1968, 1º suplemento, Série I de 1968-09-09.

PORTUGAL. Portaria 679 de 08 de novembro 1977. **Diário da República**, Lisboa, n. 258/1977, série I de 1977-11-08.

PORTUGAL. Portaria 970 de 12 de novembro de 1980. **Diário da República**, Lisboa, n. 262/1980, Série I de 1980-11-12.

PORTUGAL. Decreto lei 221/B de 31 de julho DE 1986. **Diário da República**, Lisboa, n.174/1986, 3º Suplemento, Série I de 1986-07-31.

PORTUGAL. Decreto lei 172 de 10 de maio de 1991. **Diário da República**, Lisboa, n. 107/1991, Série I-A de 1991-05-10.

PORTUGAL. Portaria 921 de 23 de setembro de 1992. **Diário da República**, Lisboa, n. 220/1992, Série I-B de 1992-09-23.

## APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

- Qual O seu nome?
- Você mora perto da escolar?
- Quanto tempo demora da sua casa para a escola?
- Que tipo de transporte utiliza?
- Há quanto tempo é PDT?
- Qual sua área de formação?
- Sua disciplina de formação contribui para o seu desempenho no PDT?
- Leciona outra disciplina além da disciplina que tem formação?
- Trabalha em outra escola? Quantas?
- Já trabalhou em outra escola que tinha o PPDT? Como funcionava?
- Quantas turmas têm?
- Gosta de ser PDT?
- Todas as turmas da escola têm diretor de turma?
- Percebe diferença entre os alunos das turmas que têm PDT e as que não tem?
- Se considera um bom PDT?
- Como é sua relação com os alunos?
- Na sua opinião, quais qualidades deve ter um PDT?
- Na sua opinião, qual o motivo de ter sido escolhido como PDT?
- Qual a maior dificuldade enfrentada por um PDT?
- Consegue preencher o sistema?
- Como acontece o trabalho com as competências socioemocionais?
- A seu ver, o PPDT funciona bem? O que pode melhorar?
- Consegue contato com as famílias dos alunos quando precisa?
- Qual o maior benefício do PPDT para a educação?
- Como escolhe os PDTs? (para gestão)
- Por que escolheu manter o projeto na escola? (para gestão)

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

### ENTREVISTA 01

[ALEXSANDRA / AL] Primeiro eu peço que você diga o seu nome completo, a tua área de formação e a disciplina que você tá lecionando. Tu é da linguagens, né?

[PH / PH] Paulo Henrique, professor de Educação Física, atualmente tô lecionando as duas, né... Educação Física e trabalhando com projeto PDT, Professor Diretor de Turma. E?

[AL] E ainda tem o NTPPS também, né.

[PH] E tem o NTPPS que são dois projetos vinculados à escola, né, que tem umas vertentes bem interessantes. O PDT já é um projeto que eu venho desde 2017 trabalhando com ele e são várias formas e várias realidades a ser aplicadas, mesmo né. Depende de onde você tá trabalhando para que você possa extrair o máximo do aluno.

[ALEXSANDRA / AL] Desde quando que você trabalha como diretor de turma? Quantas turmas você tem?

[PH / PH] Só uma. De PDT.

[AL] De PDT.

[PH] Tudo direcionado ao PDT, né.

[AL] Hrum.

[PH] Pronto, PDT só tenho uma que é o primeiro A.

[AL] Sim.

[PH] Mas de núcleo eu tenho C e D, Educação Física eu tenho A. Entendeu aí?

[AL] Tá, é...

[PH] Eu tenho que fazer isso?

[AL] Tá.

[PH] Explicando...

[AL] Você pode ficar à vontade que aí depois eu vou digitar a entrevista e aí eu vou dar pra você assinar e você vai colocar que você concorda.

[PH] Beleza.

[AL] Tá? Então... é bem tranquilo deixa eu colocar no roteiro que aí talvez seja mais... É...

[PH] Como vai ser editado o...

[AL] O texto.

[PH] O áudio, né, tu vai digitar.

[AL] Isso.

[PH] Pronto, aí tu vai... se eu perder ali alguma pergunta tu vai me dizendo. Pensei que fosse...

[AL] Não, é super, super de boas, uma coisa assim da gente. É... se você lecionou outra disciplina além da disciplina de Formação, você disse que Núcleo, né.

[PH] É, tem o Núcleo, bom especificar que é o NTPPS, Núcleo de Trabalho e Pesquisa de Práticas Sociais. Tá gravando?

[AL] Tá.

[PH] Show.

[AL] Você acha que a direção de turma ela é próxima do Núcleo? De que ponto de vista que você acha que pode ser próximo?

[PH] Bom, quando trabalha o lado emocional do aluno, né. O PDT, em si, ele tem uma proximidade muito mais forte do que o próprio Núcleo. Eu acho porque você entra em contato direto com o aluno e com a família. Corrige algumas questões indisciplinadas a partir do momento que você começa a pegar confiança da família. Quando você pega confiança da família você tem o controle da turma em mãos. E, ele sabendo que você tem esse feedback com os pais, eles têm um receio em fazer coisas erradas na escola.

[AL] Você acha que tem contato com a família? Se fosse por porcentagem, de quanto da turma você tem contato com os pais?

[PH] Eu creio que 75 por cento. 75 por cento eu tenho contato porque... falando na, em porcentagem, alguns pais ainda não tenho contato, não compareceram às reuniões intercalares por conta de trabalho, mas uma grande maioria eu já conheço todos, até por telefone e pessoalmente.

[AL] Hrum. Tem alguma resistência da parte das famílias em relação ao diretor de turma?

[PH] Em qual sentido? De aceitar as informações negativas ou positivas dos filhos?

[AL] Pode ser.

[PH] É... nesse sentido, os pais apoiam por conta que é algo que nas outras escolas, ou seja, esses meninos que estão entrando agora no sistema de Tempo Integral com o Ensino Médio, no Fundamental eles não têm esse contato direto porque não tem o professor dando assistência, praticamente, 4 horas, ou então, 8 horas, 7 horas por dia. E o PDT, como se diz, o nome diretor de turma, é um diretor diretamente ligado a eles. Então essa proximidade ela pode ser prazerosa ou não, no sentido de que o aluno ele tem confiança em você. Se ele não tem confiança em você, ele acaba fazendo tudo ao contrário daquilo que você quer extrair dele. E no meu caso, a minha turma ela necessita, e eu fiz um leve levantamento em uma simples pergunta, em saber quem tem diálogos com os pais. E... numa turma de 39 alunos só 4 levantaram a mão. Então essa defasagem da questão disciplinar ela acarreta muito na questão da atenção que os pais não dão a eles. E eles acabam puxando negativamente da sala, fazendo as coisas erradas, para ter essa atenção. E essa atenção acaba acarretando a ele um ponto negativo. Qual o ponto negativo? Que eles se expressem de forma errada. E quando você começa a trabalhar diálogos em famílias, o que é? Qual o sentido dessa aula de cidadania? É saber se o aluno é aberto com o pai ou com a mãe. E só 4 alunos levantaram o braço dizendo que tem um contato, um diálogo que muitas vezes eles entendem como briga.

[AL] Você tem um roteiro para a aula de Formação Cidadã?

[PH] Tem, tem roteiro. Só que o roteiro em si, eu sou muito sincero, não sigo... eu comecei seguindo, só que, como eu falei, diante da circunstância da minha turma, eu analisei e vi que eles precisavam de outro método a ser trabalhado, que era saber o motivo do qual eles não conseguem se expressar com os familiares, com os pais, os responsáveis. Eles têm dificuldade, eles têm medo... Qual é o medo deles? De saber a reação daquilo que o pai vai fazer contra ele, a um pedido ou, então, uma fala ou uma afirmativa.

[AL] Parece um relacionamento abusivo.

[PH] Isso. Eles têm medo, eles não... por mais que os pais, nesse diálogo de família que eu coloquei lá pra eles, por mais que coloquemos na situação de que eles têm que ter confiança, que os pais são os amigos deles, eles não se sentem confortáveis. Eles... o conforto deles...

é mais fácil dizer ‘eu te amo’ para o primeiro namorado que conheceu há menos de 30 dias do quê para o pai ou pra mãe que já vem acompanhando ele na...

[AL] Na vida inteira.

[PH] Na vida inteira.

[AL] Você gosta de ser diretor de turma?

[PH] Demais. Eu tenho, eu tenho essa... eu tenho... a palavra me fugiu agora.

[AL] Perfil?

[PH] Eu tenho esse perfil, não era essa palavra não, mas encaixa. Eu tenho esse perfil, esse dom, eu gosto de trabalhar esse lado socioemocional com os alunos.

[AL] Você já trabalhou em outra escola como diretor de turma?

[PH] Já, na Escola Carneiro de Mendonça, em 2017, em 2018.

[AL] E era diferente a direção de turma daqui e de lá?

[PH] É.

[AL] Lá é regular?

[PH] Lá era regular quando eu comecei há dois períodos. Que eu peguei duas turmas, 2017 segundo ano, e dei sequência no trabalho no ano seguinte, em 2018 com a turma de terceiro ano.

[ALEXSANDRA / AL] Que você... A aula de cidadania...

[PH] Pronto, a aula de cidadania ela é 50 minutos. Você entra lá, no instante passa. Você faz um contexto, você faz uma fala, você faz uma... organização, muitas vezes você tenta corrigir algo que aconteceu num período curto. Já na escola de tempo integral eles estão praticamente o dia todo.

[ALEXSANDRA / AL] Você tava falando sobre a diferença de ser PDT na escola regular e na escola em tempo integral.

[PH / PH] Isso. Na regular, reforçando, você tem um tempo muito curto com eles. E a probabilidade de erros é mínima. Quer dizer, isso não quer dizer que não aconteça, acontece, só que os alunos que ficam na escola em tempo integral, praticamente às 7 horas, 8 horas, o dia todo, eles têm uma probabilidade de erro maior. E nesses erros, tendo o acompanhamento do PDT, fica mais notório que a solução seja mais rápido, até por conta da assistência da coordenação. Quando se tem PDT, a visão do PDT da escola de tempo regular, tempo corrido, que na verdade tem assistência que é a aula de Cidadania, que é a

sala de aula, e a PDT que é assistência aos pais, ligações, intermédios e resoluções de conflitos que acontecem diariamente tanto na escola quanto na parte interna, sala de aula. A diferença é essa que o que acontece já se resolve de imediato. Na de tempo regular o aluno leva o problema pra casa pra solucionar no outro dia e a de tempo integral já soluciona de imediato. Como é a resolução? Ligação diretamente para o responsável ou os pais.

[AL] Você gosta de ser PDT? Eu já perguntei, né?

[PH] Já, eu gosto.

[AL] Você acha que você é um bom PDT?

[PH] Bom, eu me acho bom porque sou muito detalhista, eu sou perfeccionista, eu tenho esse problema, eles me acham, é tudo tem que ser nos detalhes, tudo tem que ser detalhado e eu tenho, assim, e eu dou assistência muito próxima a eles. Eu acho que a parte boa de me achar porque eu estou acompanhando eles diariamente, constantemente.

[AL] E o que é o perfil?

[PH] O perfil é, na minha visão, a gestão ela tem uma análise se o professor ele é flexível... se o professor é flexível em algumas situações. Quais situações? De saber ouvir e ser ouvido pelos alunos. Eu acho que tem essa, eu acho que seja um dos critérios que a gestão escolha um professor PDT por conta da afinidade, a palavra era essa que eu estava procurando, afinidade com determinado tema, disciplina ou quaisquer outras situações.

[AL] Você acha que o Projeto Diretor de Turma é um projeto que funciona?

[PH] Ahh, com certeza. São dois projetos que é gritante quando você trabalha numa escola que tem e a outra que não tem. Por que? A escola que não trabalha com PDT é como se os alunos fizessem o que eles quisessem e não tivessem proximidade diretamente da coordenação. E... e essa proximidade, esse elo entre a sala, porque o professor PDT ele tem sim durante a semana, ele tem essa aula de Cidadania que é uma formação... eu considero uma formação continuada, que é o ano todo. E a escola que não tem eu vejo uma escola... me foge até a palavra agora no sentido que é uma es... escola organizada ou desorganizada no sentido que o aluno sabe que tem uma pessoa por eles ali, eles confiam nessa pessoa. São dois projetos que muda completamente a escola. Que é o NTPPS e o PDT. É como se os alunos da turma eles percebessem, e eles sentem que tem um professor por eles, responsável. Então tudo o que acontece na turma eles recorrem diretamente a esse professor,

ou seja, é o braço direito deles, é a pessoa de confiança. É como se fosse o pai e a mãe, qualquer coisa que acontece eles correm e abraçam... se é pra chorar, se é pra reclamar, se é pra ir atrás de apoio moral, apoio mental, eles correm pra o professor, ou seja, o professor PDT é um psicólogo específico da turma.

[AL] Mas a gente não tem formação pra ser psicólogo.

[PH] Não temos formação pra isso, temos uma base de comunidade, tentar solucionar. O PDT é um detalhe muito importante disso. O PDT não soluciona o problema, ele apenas identifica. Ele identifica o problema, ele tenta solucionar, mas não consegue. Ele passa pra coordenação, para as esferas superiores.

[AL] Qual a maior dificuldade que você já enfrentou?

[PH] Dificuldade... até agora, por incrível que pareça, eu não me recordo de nenhum... ah, graças a Deus, ainda nenhuma problemática muito agravante que eu não tenha conseguido resolver de imediato. Não, não me recordo.

[AL] Qual o benefício do PDT para a educação no geral? Aí eu queria até contextualizar um pouco. Tem uma matéria de jornal que saiu há alguns meses atrás que coloca o índice de evasão do Ceará de 5 por cento, que é bem abaixo do Brasil. Você acha que tem alguma relação, o PDT e o baixo índice de evasão?

[PH] Tem. Diretamente. O PDT, quer queira ou não, é um multi professor. Ele se envolve diretamente com a turma. Em quais sentidos? Ele tem uma assistência, essa assistência que é o acompanhamento de perto. Em relação à notas, quantidade de faltas. O que é que causa a maior evasão das escolas? É quando o aluno começa a faltar, aí entra a questão da escola regular. Quando o aluno ele é do tempo integral que ele começa a ter uma sequência de faltas, o PDT ele já tem um cuidado, ele já vai bater em cima. E ao combate da evasão é porque o Professor Diretor de Turma ele já entra em contato diretamente com a família, ele tem essa autonomia, dada pela gestão, de você entrar em contato com a família pra saber o motivo real do aluno estar faltando. E muitas vezes os pais saem 5 horas da manhã, 5 e meia e... deixa o filho já praticamente ajeitado pra vir pra escola e ele acaba tendo a sua própria autonomia de continuar dormindo porque foi dormir duas horas da manhã, 3 horas, meia-noite, não tem o controle de se levantar. E começa a se dar por aí. Quando a família não é

assistida pelo Professor Diretor de Turma acaba que só vai saber dos fatos quando acontece... no final do ano. E tendo o apoio do PDT é aonde entra também a aprovação dos pais que constantemente o PDT está entrando em contato direto com os pais e os responsáveis. Eu acho que tenha sido esse um dos motivos de ter batido essa evasão.

[AL] É... pelas pesquisas que eu fiz, o projeto veio de Portugal, está lá desde da década de 40, mas tem um diferencial aqui no Ceará que é a questão do socioemocional. Como você trabalha essa questão?

[PH] O lado socioemocional é a parte mais delicada do adolescente. Pega mesmo no calo deles. E quando se trata esse lado emocional, reconhecer o EU, ter controle das suas emoções, ter controle da sua própria personalidade, é notório que eles não se sentem confortáveis. A grande problemática de trabalhar a questão socioemocional dos alunos, que eles, diante de uma roda de conversas pouco se sentem confortáveis na hora de se expressar. Falar um pouco de si, falar de como é a família, como é ele, como é sua personalidade e muitos não reconhecem e não sabem identificar sua própria personalidade e dizer como eu sou, e isso é um dos fatores que o professor diretor de turma, diante das suas aulas de cidadania, ele acaba quebrando o seu roteiro, que você me perguntou anteriormente, o roteiro para que você possa focar naquilo que você vê na turma, ou seja, a identificação do possível problema. E esse possível problema encaixa, justamente, nesse problema familiar.

[AL] Uma das atribuições do diretor de turma é o preenchimento do sistema. Como é que você está fazendo? Você dá conta do preenchimento e das outras atividades? Como é que funciona?

[PH] Pronto, a parte burocrática do sistema. O sistema esse ano foi um dos anos que, realmente, mais deu problema. Inclusive, o primeiro semestre, pouco foi alimentado. É... entre a problemática de internet na escola, a quantidade necessária de computadores para que possa ter um controle. As rubricas elas foram, dentro dos seus padrões, dentro do tempo limite, da data limite que foi estipulada pela crede, foi dando certo. Mas, o preenchimento em si, a parte burocrática propriamente dito, o sistema aluno por aluno, até agora não tá fechado 100 por cento. Por conta do professor? Não, o sistema. O que é o problema do sistema? As vezes o sistema está inoperante. E muitas vezes no dia que o professor PDT está

ali, que é justamente as 3 horas disponíveis para alimentar o sistema, atender os familiares, o sistema não funciona. E esse ano eles tentaram enxugar, enxugaram bastante o sistema. Mesmo assim o sistema ainda falhou.

[AL] O que você coloca como prioridade, então? Você tem uma série de atividades pra fazer, você coloca qual prioridade?

[PH] Não entendi.

[AL] No diretor de turma você tem várias atribuições, né. Tem o sistema, aí tem a família, tem os alunos, tem as próprias demandas das escolas, o que é que você elenca como prioridade?

[PH] A minha prioridade é manter a organização, organização da sala, pra que eu possa desempenhar e extrair o máximo deles. Porque se a turma for turbulenta, a turma for indisciplinada, pouco eu vou conseguir fazer. O quê que acontece? Uma turma indisciplinada, constantemente o PDT ele recebe várias informações, seja negativas para que o professor tente solucionar as situações juntamente com a coordenação. Quando eu tenho o controle da turma e a turma ajuda aí em 80 por cento, só 20 por cento indisciplinado, eu mantenho uma pauta bimestral de organizações, no sentido de que eu vou conseguir montar uma roda de conversa e ali eu vou ter um pré-diagnóstico de como está minha turma. Diante dessa roda de conversa eu tenho ainda professores que me ajudam nessa assistência de dizer como está o andamento da turma. Eu, como PDT, eu vejo a parte do sistema como uma segunda opção. Eu vou priorizar sempre a sala de aula.

[ALEXSANDRA / AL] Pronto. Acho que é isso, né. O sistema você pode parar e refazer e as demandas são mais imediatas.

[ PH/ PH] É. As demandas em si já falam porque a turma em si precisa dessa assistência. O sistema é obrigatório o preenchimento, mesmo o sistema entra as atas de reuniões intercalares que são as reuniões bimestrais que o professor também é responsável por estar intermediando essa situação, e isso, no decorrer do tempo, num outro dia, no planejamento de linguagem, de outras áreas, você pode tá fazendo essa alimentação desse sistema. No dia que ele está disponível.

[AL] É... eu tive outras entrevistas e algumas pessoas falaram que uma das grandes problemáticas que tá tendo com os alunos agora é a questão da depressão e ansiedade. Você consegue ver isso também nos alunos daqui?

[PH] É, infelizmente a nossa juventude está se deparando com esses dois maus, depressão e ansiedade. Eu consigo identificar alguns ansiosos. Na minha turma, eu ainda não consegui identificar nenhum depressivo. É até bem difícil, não é fácil você identificar um aluno depressivo.

[AL] Lembrando que nós não temos formação pra isso.

[PH] Não temos formação pra isso e volto, e reitero, apenas identificamos, tentamos identificar. E quando identificamos, passa pra escola, a escola entra em contato com a família, se a família não resolve entra o Conselho Tutelar. E isso também serve para evasão escolar, que entra o Conselho e entra as outras instâncias.

[AL] Essas outras instâncias, essa rede, funciona?

[PH] Eu não vou falar com propriedade porque ainda não peguei nenhum caso parecido, então eu não tenho como falar com propriedade nesse sentido. E nem relatos de colegas que passaram por essa situação.

[AL] Você quer continuar sendo diretor de turma?

[PH] Pretendo dar sequência porque... você vai ver o seu trabalho a longo prazo. Eu iniciei, eu estou PDT no 1ºA e se ano que vem eu estiver aqui na escola e se eles seguirem a cartilha que é a sequência da turma, provavelmente estarei no 2º Ano acompanhando eles porque o trabalho de PDT ele é trabalho de formiguinha, é uma construção. É igual o trabalho do núcleo, do NTPPS, você começa construindo uma sequência pra poder fechar o ciclo. É... eu não fechei um ciclo ainda por conta que eu não comecei com o 1º Ano nessa escola de 2017. Eu fechei meio ciclo, que eu comecei no 2º e concluí no 3º. E o trabalho ele é mais reforçado porque é aquilo que eu digo, é o apoio que eles sentem dos professores.

[AL] Obrigada. Obrigada. Vou... parar de gravar, tá bom? Obrigada!

**ENTREVISTA – 02**

[Alexsandra / AL] Essa é a entrevista da professora Suyane. É diretora de turma do 1º D, né?

[Su / SU] Sim.

[AL] Aí você pode me dizer a tua área de formação e a disciplina que tu leciona?

[SU] Minha área de formação é química, com mestrado no ensino de ciências matemáticas, e eu leciono química e formação cidadã. Sou diretora de turma do 1º D.

[AL] Você mora aqui perto?

[SU] Moro no Maracanaú.

[AL] Quanto tempo você demora pra chegar na escola?

[SU] Pertinho, 15 minutos.

[AL] Você consegue perceber qual o público-alvo da escola? Como é que são os alunos no geral?

[SU] Os alunos... que eu percebo, moram aqui próximo ou então na Pavuna, que é um pouquinho mais distante. E... o público que vem pra cá são... posso dizer ou não posso? Dá pause aí.

[Su / SU] Certo, então os alunos são daqui próximo... alguns são mais distantes, que moram na Pavuna, e os alunos que procuram a escola são quando não conseguem umas escolas conceituadas no município vizinho, ou nas profissionalizantes. Aí optam pela, né. Ou então, também, porque não conseguiram vaga na regular, já que depois dessa mudança, né, na questão das escolas, tá muito concorrido essas vagas.

[Alexandra / AL] Como é a tua turma? O 1º D, como é que eles são?

[SU] Minha turma... eu fui agraciada, contemplada... é considerada a pior turma da escola, né, entre os 1º anos, porque são alunos fora de faixa, a maioria são fora de faixa, já tem alunos até maior de idade. São alunos com vários problemas psicológicos que a gente percebe que tem problemas psicológicos, mas não tem o laudo comprovando. São alunos que tem problemas familiares sérios, desde casos de, de violência sexual, violência doméstica. São alunos também que tem problemas com a justiça, que já passaram pelo

sistema até mesmo, judiciário, tão cumprindo pena, então é uma turma complicada nesse sentido.

[AL] E o que é que o diretor de turma faz quando se depara com problemas desse nível? Que não são necessariamente escolares, né.

[SU] Isso. A gente... luta pra esse aluno permanecer na escola de todas as formas. A gente luta pra isso, pra ele continuar na escola, continuar... tentar terminar pelo menos o ano letivo. Que muitos não conseguem se adaptar à rotina do dia todo, do ensino integral, então a gente luta pra ele terminar, pelo menos, o ano letivo de 2019.

[AL] Você tem algum aluno com laudo?

[SU] Tem. O laudo que ele tem é auditivo, mas, assim, não... isso não interfere. Mas a gente percebe, todos os professores, núcleo gestor, percebe que ele tem problemas neurológicos sérios. Mas, a mãe também já está procurando ajuda, com psiquiatra e tudo, mas até agora o laudo não chegou, desde o início do ano que a gente pede esse laudo, mas não, não veio ainda.

[Alexsandra / AL] Pois é... E os que não tem laudo não tem o que fazer, é isso?

[Su / SU] Os que não tem laudo, né... são alunos fora de faixa, já quase de maior ou alguns... de maior, têm 18 anos, são alunos complicados porque não querem estudar, vem pra escola porque... não tem nada pra fazer em casa, então se apoia na escola pra vir, só pra conversar, pra brincar. Então... a turma é essa. Claro que tem alunos que são bons, que a gente percebe que a família é estruturada, eles gostam de estudar, mas a sala mesmo, é... a maioria dos que compõe a sala são... desse nível.

[AL] Você consegue contato com a família?

[SU] Consigo. Alguns, sim. Apesar de ter todo esse problema eu ainda consigo contato.

[AL] Se você fosse colocar uma porcentagem, você diria quanto? Tipo... 100 por cento da turma consegue contato?

[SU] Não, 100 por cento não. Mas 80, 80 por cento consigo. Mas, eu tenho contato com os pais, mas os pais mesmo falam que não sabem mais o que fazer. Eu tô com um caso de um aluno que ele simplesmente se viciou no Free Fire, joga direto online e... a mãe já disse que não sabe o que fazer. A mãe já veio aqui, até chorou, e não sabe mais o que fazer. O aluno simplesmente não vem pra escola. Ou quando vem, tá vindo só pra fazer as provas.

[AL] Suyane, você, no geral, assim, você acha que o diretor de turma funciona? Tu gosta de ser diretora de turma? São duas perguntas, responde qual tu achar melhor primeiro.

[SU] Não, diretor de turma funciona. O que eu acho é que é uma carga muito grande em cima do diretor de turma porque tudo recai sobre, em cima do diretor de turma, se o aluno é indisciplinado, se a turma é indisciplinada, cai em cima da gente, é... se o aluno tira nota baixa, vem os professores de outras disciplinas falar com a gente por que o aluno tirou aquela nota, por que ele não participou da prova... trabalho. Então, tudo o que é relacionado à turma vem pra cima da gente, sendo que, a maioria... acho que quase todos os professores que são diretores de turma... são diretores de turma e ainda tem outras funções na escola, né, que é lecionar o seu conteúdo em outras turmas. Então, acaba que o diretor de turma, ele, ele sufoca muito porque a carga horária que é destinada eu acho muito pouca. Eu acho que deveria ser uma carga horária maior porque a gente só tem uma carga horária de 4 horas, né, 4 horas aulas. Sendo que, 1 hora aula já é pra lecionar disciplina de Formação Cidadã. As outras 3 é dividida em atendimento ao aluno, atendimento aos pais, e, e planejamento, então é muito pouco tempo pra fazer tudo isso. Acaba que, no meu caso, eu tiro as minhas horas de planejamento das minhas aulas de química de outras turmas pra resolver assunto de diretor de turma. Já aconteceu de eu sair de sala de aula pra resolver assunto da turma. Então, atualmente a carga horária é muito pouca, né. E a responsabilidade é muito grande. Até mesmo o, o núcleo gestor acaba voltando essa responsabilidade pra gente porque quer que a gente resolva algum conflito, assim, quando é menor, né, quer que a gente resolva. Se, caso o diretor não consiga, que vai para a, a gestão. Então, acaba que a gente fica um pouco sobrecarregado.

[AL] Se você ajeita as coisas do diretor de turma no horário do seu planejamento, em que horário que você planeja?

[SU] Pois é, acabo que levando trabalho pra casa, como muitos professores fazem. Acabo levando trabalho pra casa ou então... tento, né, juntar ainda na sala de aula, as vezes falta um professor, adianta aula, que não tem tempo livre, não vou pra casa, que era o certo, fico na escola planejando. Essa forma.

[AL] Suyane, deixa eu ver melhor outra coisa que eu ia te falar...

[SU] Sem contar os relatórios que a gente tem que preencher.

[AL] A.

[SU] São vários relatórios, sendo que a gente não tem suporte.

[AL] Isso o tal sistema.

[SU] Isso, o tal sistema. A gente não tem suporte, o sistema em si não dá suporte, com várias falhas. Pelo menos esse ano de 2019, o sistema diretor de turma, e anos anteriores, o sistema esse ano ele mudou totalmente e acabou que veio informações pra gente preencher, alimentar o sistema de última hora, o sistema não abria. O laboratório de informática que tem na escola não dá suporte, a internet não ajuda. Então, isso tudo complica porque além de toda essa função de diretor de turma, né, de resolver esses conflitos, ainda tem a questão do sistema que demanda muito tempo, acaba que a gente as vezes vai, leva pra casa, também pra preencher, essas papeladas virtuais, né, tudo isso.

[AL] Você consegue seguir um roteiro pra aula de Formação Cidadã?

[SU] Consigo, eu consigo porque eu mesmo monto porque eu acho que deveria vir um roteiro previamente... é claro que a gente tem que ter autonomia, o professor de escolher e tal, mas eu acho que devia vir um roteiro pra dar um norte, dar um guia pra gente. Mas não. Acaba que os conflitos vão acontecendo durante a semana, como a minha aula de Formação Cidadã é na sexta, o que aconteceu na semana eu pego algum conteúdo específico sobre aquilo, algum tema, e coloco na aula.

[AL] Então durante a semana que você vai planejando o que é que vai ser na sexta.

[SU] Isso, isso.

[AL] Entendi. É... na pesquisa que eu fiz, Suyane, o projeto veio de Portugal e ele está no Ceará desde 2008, 2009. Uma das diferenças que aponta aqui no Ceará é a questão socioemocional. Você acha que isso veio porquê? Você acha que essa questão socioemocional a gente está conseguindo dar conta, os diretores de turma? Essa demanda existiu porque?

[SU] Questão do socioemocional. Assim, na minha turma eu acho que com alguns deu certo porque eu vejo que muitos deles, se espelham na gente, as vezes se sensibilizam, não é, com o que a gente tá... querendo ou não acaba se apegando. Então eles... a gente acaba sabendo

das histórias, né, eles desabafam com a gente, tudo. Então eu acho que na minha turma surtiu esse efeito.

[AL] Você acha que a gestão escolhe um diretor de turma porque? Porque que você acha que escolheram você?

[SU] Não sei. (risos)

[AL] Não sabe?

[SU] Não sei.

[AL] Porque as pessoas falam de um tal de um perfil, né.

[SU] Eu não sei, eu... assim, eu particularmente eu... não, não... já fui diretora de turma, né, anteriormente, eu não, eu não quis mais. Eu sempre falei, né, pra quem quisesse ouvir, que eu não queria ser diretora de turma. E quando cheguei na lotação esse ano, né, no início do ano, eu me deparei lotada como diretora de turma. Até questionei e disse... porque... eu era capaz, só falaram isso. Mas, eu, particularmente, não, não queria inicialmente, né. Aceitei o desafio, mas eu não queria.

[AL] E você pretende continuar? Tipo, porque os meninos vão pro 2º ano e depois pro terceiro e... seria interessante ou não que você ficasse?

[SU] O interessante, é uma das filosofias do tempo integral, é que o diretor de turma ele permaneça, se a turma continuar, os três anos. Só que eu não sei porque, devido esse N problemas que eu tenho com a minha turma, muitos alunos vão sair, eu já escutei alguns relatos que muitos vão sair; outros a escola não vai renovar a matrícula. Então, acho que muito provavelmente a minha turma ela vá se desfazer e vá se juntar com, com outro, né, porque até então a escola não tem espaço físico pra comportar quatro segundos anos. Então eu acho que eu não sei se eu vou continuar sendo diretora de turma, essa turma especificamente. Possa ser que eu seja diretora de turma de uma turma mesclada, mas dessa turma específica, assim, integralmente, acho que não.

[AL] Suyane, você foi diretora de turma de uma outra turma, mas era tempo regular, não é.

[SU] Isso, era um pela manhã, com o 3º ano, e a outra foi 1º ano noturno, também regular.

[AL] Em outra escola esse 1º ano?

[SU] Em outra escola, isso. 3º ano foi aqui mesmo, já o 1º ano foi em outra escola.

[AL] Era regular também?

[SU] Regular também, só que o 1º ano era a noite, turno da noite.

[AL] Você pode fazer uma breve comparação entre como é ser diretora de turma de uma escola regular e de uma escola em tempo integral?

[SU] A escola regular a gente só está aqui meio período, então eu era diretora de turma apenas meio período. Não tinha tantos conflitos porque eu não passava o dia com eles, eu não passava o dia aqui na escola com eles, então, a gente tinha contato sim, mas era... só que durante o quê, 4, 4 horas, 5 horas, né, mais ou menos. Então, já no tempo integral a gente passa o dia todo com eles 5 dias por semana, então a gente têm um contato maior, a gente sabe, a gente já... eu já percebo quando eles estão bem, quando não estão. Já percebo quando estão doentes. Então a gente acaba tendo esse contato, é tanto que muitos me chamam de mãezona. A gente acaba sendo apelidada por isso porque a gente, devido o contato, acaba percebendo tudo isso. Já no tempo regular não. E quando eu era diretora de turma da turma do tempo noturno, o contato era menos ainda porque a carga horária era bem menor, eles eram mais adultos, mas os problemas são bem parecidos também.

[AL] Mas é interessante essa, essa comparação, né, do tempo.

[SU] É porque a gente passa o dia todo aqui, então eles...

[AL] Ah, aqui na, na escola tem uma turma que não tem direção de turma, são, na verdade, são duas turmas, o 3º A e o 3º B. Você consegue ver diferença entre turmas que tem direção de turma e turmas que não tem professor diretor de turma?

[SU] Sim porque... não tem levantamento. 'Por que que fulano faltou?' De cara, o diretor de turma já sabe responder. Então, nessas, nessas turmas que não tem diretor de turma fica, né, fica difícil de saber, aí tem que ligar. As vezes o contato com os pais não tem. Então tem, tem diferença sim. As vezes acontecem uns conflitos e a gente vai tentar entrar em contato com os pais, não consegue, então tem tudo isso.

[AL] Do ponto de vista geral, pra educação, você acha que o diretor de turma, pra educação, não só pra, pra uma escola, pra educação no Ceará, o diretor de turma faz alguma diferença?

[SU] Faz, faz sim. O diretor de turma consegue, com essa intimidade maior que o professor tem com a turma, ele consegue sim recuperar alunos, ele consegue fazer com que o aluno

permaneça na escola, permaneça pra terminar aquele, aquele ano letivo. Então, sim, faz uma grande diferença.

[AL] Tem uma reportagem no jornal O Povo que saiu há algumas semanas atrás que fala que o Estado do Ceará tem um dos menores índices de evasão do Brasil, menor até do que o do Brasil, acho que é de 5 por cento nossa evasão. Você acha que tem a ver? Porque, pelas pesquisas que eu fiz, Ceará é o único estado do Brasil que tem diretor de turma.

[SU] Tem, tem a ver sim, porque quando o aluno falta a gente já liga pros pais perguntando o porquê. Muitas vezes os pais nem sabem que aquele aluno tá faltando porque eles saem dizendo que vem pra escola e acaba que não vem. Então, com a nossa ligação o menino vem pra escola, então tudo isso tem sua importância. Então eu acho que esse índice, do Ceará ter o menor índice de evasão, eu acho que o diretor de turma tem uma grande parcela positiva para contribuir com esse resultado.

[AL] Se você for dar uma sugestão, assim, pro Governo do Estado fazer alguma coisa pra melhorar o diretor de turma, o que é que você sugere?

[SU] O que é que eu sugiro? Já falei, mais tempo. Mais tempo pra gente se organizar porque a gente é diretor de turma e nas coisas na escola, então acaba que a gente se sobrecarrega muito, né. E a questão socioemocional, querendo ou não, é... na nossa formação, pelo menos na minha, de licenciatura, a gente não teve esse acompanhamento como acompanhar esses problemas socioemocionais, então tudo é um aprendizado mesmo na prática a gente não... não teve a teoria pra nos ajudar, então, é... a gente acaba aprendendo tudo mesmo na força, praticamente, então eu acho que, se a gente tivesse mais tempo, seria, eu acho, o projeto ele seria, assim, bem feito pelos professores.

[AL] Tu já foi pra alguma formação dos diretores de turma?

[SU] Não fui.

[AL] Nunca.

[SU] Nunca fui. Por que? Porque sempre que as formações que tem eles limitam o número de professores, né, aí nunca... não tem uma escola... cada turma tem seu diretor de turma é escolhido, né, e como é esse critério de escolha? É quem está de planejamento no dia ou

então quem tem menos aulas no dia. Então, por esse motivo que eu nunca fui pra uma formação.

[AL] Que paia. Acho que é isso, Suyane, se eu lembrar de alguma pergunta a mais eu, eu te peço de novo. Mas é isso, obrigada, viu!

[SU] Nada!

**ENTREVISTA 03**

[Ti / TI] É... meu nome é Tiago, sou professor da escola Casimiro Leite de Oliveira. Tiago Sousa de Jesus.

[Alexsandra / AL] E você é diretor de turma de quantas turmas?

[TI] Esse ano de 2019 eu sou diretor de turma só de uma turma, 2º ano B. Mas no ano passado era diretor de turma de duas turmas, o 1º B e o 1º D.

[AL] As duas eram integrais?

[TI] Sim, as duas turmas eram integrais. Eu comecei o ano com o planejamento da escola, comecei o ano com o 1º ano D, e fui até abril com o 1º ano D, somente com o 1º ano D, abril de 2018. E aí quando foi em abril de 2018, uma professora diretora de turma do 1º B saiu e aí o 1º B fez toda uma campanha dentro da escola, pediu pro diretor, fizeram vários movimentos, e insistiram por várias semanas à direção e à coordenação da escola que eu virasse diretor de turma deles. É então, o diretor até fala que eu sou o diretor de turma do 1º B, que eu fui, né, diretor de turma do 1º B, por aclamação porque eles não tinham escolhido, me escolhido como diretor de turma, né. E aí a partir daí eu comecei a virar... eu comecei a ser diretor de turma de duas turmas.

[AL] Você foi adotado por eles...

[TI] Fui, me falaram esse termo foi muito utilizado. Os meninos, na época, teve uma guerra porque os meninos, quando a gente se torna diretor de turma, no meu caso, a gente se torna um pai, pra eles, assim. E a figura do pai, e as vezes da mãe também, muitas situações da mãe, é uma figura ausente na vida do aluno, desses alunos que a gente tem. Então a gente substitui uma figura super importante e eles se sentem, assim, trocados... se sentiram trocados, se sentiram...

[AL] Enciumados?

[TI] Muito enciumados, eles se sentiram... eles se sentiram muito...

[AL] Sua área de formação?

[TI] História.

[AL] Ciências humanas, né.

[TI] Ciências humanas.

[AL] Você acha que tem uma maioria de professores de alguma área?

[TI] Não, aqui, no caso, somente eu sou de ciências humanas, os outros são de linguagens, português, no caso, os outros são ciências da natureza e matemática, química e tem um professor de artes também. Então, eu aqui, na minha realidade eu me sinto minoria.

[AL] Hrum, concordo.

[TI] Na minha, na minha realidade eu me sinto minoria. O meu grupo é menor. É... só, só eu mesmo.

[AL] Você mora aqui na Pacatuba?

[TI] Eu morava na Pacatuba quando eu cheguei aqui na escola. Até o ano passado. Depois eu me mudei pra Maracanaú. Tô morando no centro.

[AL] Quanto tempo você demora pra chegar?

[TI] Daqui de casa pra escola, é... eu levo cerca de 35 minutos, 40 minutos de ônibus, né. De carro, quando eu venho de carona com um colega meu, é 20 minutos, mais ou menos, é rapidinho.

[AL] Você consegue dizer como que é o público que vocês recebem? Como é que são os alunos?

[TI] Aqui na escola? É... tá mudando. A escola se tornou tempo integral no ano passado, 2018, né, era somente o 1º ano do Ensino Médio, era integral. Esse ano é 1º e 2º, ano que vem, 1º, 2º e 3º. Quando eu cheguei em 2017 aqui era muito mais complicado. Era somente parcial, escola toda parcial. E os meninos que vinham pra cá pra escola eles eram meninos, assim, é... como é que eu posso dizer? Com outras influências da sociedade, né. Recebiam outras influências da sociedade. E então, assim, o ano, em 2017 eu tive alunos que morreram, no final do ano. Tive alunos que morreram em 2018 que era meus alunos de 2017. É que eram muito envolvidos com o crime, crime organizado mesmo. E tinham pouquíssimos alunos que eram interessados nos estudos mesmo, que vinham pra cá, aquela coisa, aquela imagem do aluno interessado nos estudos que é aquela imagem que não fala nada, só fica calado, faz os deveres e volta pra casa cedo. É esse tipo de aluno. Mas tinham outros alunos muito inteligentes também, mas que tinham outras influências, né. As vezes não tinha, um apoio familiar, e nem de amigos, assim, que pudesse dar conselhos positivos

pra eles. 2018 entrou a primeira turma do tempo integral. Os meninos estão completamente diferentes. Eram completamente diferentes, completamente diferentes. É a turma do 1º ano D que eu peguei era a turma mais complicada. Os meninos, a maioria deles, eu fiz um mapeamento da sala do perfil desses alunos, a maioria deles não tinha ou nem pai ou nem mãe. Isso influencia muito na constituição do ser humano. É... não ter uma dessas duas figuras presentes na sua vida. Tinham alguns deles que não tinham nenhum dos dois. Alguns deles já tinham sido presos. Mas, a maioria dos estudantes eles que tinham passado o Ensino Fundamental inteiro regularmente, passou de ano, tudo normal, não tinha reprovado, não tinha aquele histórico de expulsões, nada disso. Então a sala se dividia nesses dois grupos, né. O primeiro grupo, Saiu rapidamente, não aguentou o tempo integral, e o segundo grupo permaneceu. E eu consegui segurar alguns deles até o final do ano. Final do ano a turma se desfez. Nas outras salas muitos alunos muito bons, excelentes, muito bons mesmo. Esse ano entrou a 2º turma que foi o 1º ano... os outros 1º anos do tempo integral e eles eram excelentes. Eles eram não, são excelentes, são muito bons alunos, a gente tem uma expectativa muito grande em cima deles. E já os alunos do tempo parcial eles ficaram como se fosse, assim... quase expulsos da escola. Ano passado muitos foram expulsos, afastados, reprovados. Muitos mesmo, muitos mesmo. É... por causa muito, por causa do seu perfil, assim, meninos que era muito inquietos, vinham pra cá, pra escola, muito nervosos ou muito sonolentos. A gente sabe que esse tipo de reação é na verdade, assim, uma reação ao que está acontecendo dentro da pessoa. Se ela é muito revoltada é porque tem alguma coisa acontecendo dentro dela, se ela é muito sonolenta é porque ela não quer estar acordada porque algo faz ela lembrar algo de ruim. Então, esses meninos, a maioria deles vinham assim pra escola, revoltados. E agora a gente só tem os 3º anos, são 4 terceiros, é... do A ao D e são alunos também que a gente tem uma expectativa muito baixa em relação a eles, muito, muito baixa...

[AL] Os terceiros anos do regular têm diretor de turma?

[TI] Não. Nenhum deles tem diretor de turma. A diferença é essa, pelo que eu percebo. Depois que eu conheci o programa... o projeto diretor de turma, eu percebi a importância dele. E esses meninos do 3º ano, acho que se eles tivessem diretor de turma, seria diferente.

Muito... por aquilo que eu tinha falado. Os professores eles entram na sala dos terceiros anos, eles dão aula de matemática, de história, de física, química, passam o conteúdo no quadro, e não tão nem aí se ele aprendeu ou não. Não tão nem aí se ele aprendeu ou não. Eles simplesmente sai da sala e volta, eles não têm nenhum tipo de compromisso, além de dar aula para os alunos, entendeu? E sabe muito bem que educação... a educação, mesmo antes de ser diretor de turma, eu já trabalhava com essa ideia, a educação ela não é somente você transferir um conteúdo programático do MEC ou do livro didático. Sempre vai existir uma relação mais afetiva, aquela coisa de você influenciar um aluno, aquela coisa de o aluno te ver como um herói. Muitos desses alunos, antes de vir pra escola, não tem nenhum herói na vida deles. Então eles vem... 'professor'... já teve aluno que chegaram pra mim, 'professor, um dia eu quero ser que nem você'. Eu falei assim: 'não, um dia você vai ser melhor do que eu, igual eu não quero que você seja'. Né, então... já ouvi várias vezes isso daí, é... tanto pelo *whatsaap* quanto pelo *Facebook*, tanto pessoalmente mesmo. Então a gente vai percebendo que essa relação de proximidade com eles muda completamente a relação, muda completamente o processo pedagógico e educativo também. Então... os meninos dos 3º anos eles não têm diretor de turma. Eu acho que isso influencia demais, alguns professores que entram na sala não tão nem aí, as vezes nem lembra o nome do aluno, a gente percebe isso e eu acho isso extremamente nocivo. Você não saber o nome do seu aluno, assim, nem sequer o... quem é aquela pessoa, então significa que você não nota as pessoas que estão ao seu entorno, né. E eu acho que isso influencia muito. Não basta você saber explicar muito bem, acho que você tem que ter uma relação mais próxima com o aluno. E a realidade que a gente vive é essa daí. Esses meninos dessa forma, eles não tão muito interessados no que a gente têm a dizer pra eles e eu acho que isso passa muito pelo fato de que a gente não tem uma relação muito próxima com eles. Então essa relação afetiva com eles é que eu tinha falado no início, você tinha perguntado, ela é também isso. Ela... essa proximidade a gente tem que tomar muitos cuidados, mas ao mesmo tempo tem que entender que ela é uma ferramenta de extrema importância pra gente poder, lidar com o aluno, de outra forma, assim. Conseguir fazer com que ele se desenvolvam muito mais.

[Ti/ TI] Vamos lá. Então eles se sentiram muito trocados, assim, então, teve muitas piadinhas, brigas, discussões. Até hoje o 2º ano B, que eu continuo com o 2º ano B, que o 1º D se desfez, o 2º B ainda não gosta de ninguém que entre na sala do 1º D porque eles lembram, eu acho engraçado isso, porque entrou uma turma nova, ninguém era do ano passado e sendo que eles olham lá, que eu tô na sala do 1º D, 'já vai me trocar pelo 1º D?',

já vai falando assim. Então, eles falam essas coisas assim, eu acho engraçado isso, como a gente consegue se aproximar tanto dos alunos, desses alunos.

[Alexsandra / AL] Tiago, me diz uma coisa, em outras entrevistas eu já escutei que os professores falaram dessa relação maternal, paternal. Será que isso não é um pouco complicado pro projeto?

[TI] É um pouco complicado porque assim...

[AL] Pro projeto não, pro professor.

[TI] Pro professor. Sim. Eu acho que o projeto não consegue impedir. Porque, assim, eu acho que as relações humanas são muito complicadas. Então é uma linha muito tênue, entre essa relação afetiva e outros tipos de relação que as pessoas possam imaginar que você venha a ter ou que você tenha ou que você nem pense em ter. É isso as vezes até atrapalha também. O ano passado eu sofri algumas perseguições aqui na escola em relação a isso. Certo? A minha sorte, sorte mesmo, porque eu tinha muita, muita credibilidade com o que eu fazia, era tudo muito transparente, então eu consegui me sustentar e me apoiar nisso tudo, pelo fato de eu ser muito transparente no que eu tava fazendo com os meninos, mas, de fato, essa relação muito próxima com os alunos ela se torna muito complicada a partir do momento que você se vê como professor e a outra pessoa é o aluno. Você não é pai dela nem e nem ela é sua filha ou ele é o seu filho então é complicado, mas eu acho que ao mesmo tempo ela influencia uma série de coisas positivas pra educação. Ela influencia uma série de coisas positivas. Então, em relação à parte negativa é essa. Em relação à parte positiva, pelo que eu vejo, assim, essa proximidade com os alunos me dá maiores possibilidades de trabalhar com eles. Então, assim, aquela relação interpessoal ela cria algumas barreiras de dificuldades que a gente não consegue fazer com que os alunos se envolvam em algumas atividades pedagógicas, que só o diretor de turma ou a pessoa que tem muita proximidade com o aluno consegue fazer com que ele desenvolva. Então, assim, quando você vai conversar com o aluno a conversa é diferente, quando você é diretor de turma a conversa é diferente, o jeito de conversar é tudo diferente, o assunto é diferente. Então, esse apoio que as vezes se torna um apoio emocional também, ele é fundamental porque a gente tem uma, uma legião de estudantes que são abandonados. E eles se apegam tanto ao diretor de

turma... isso demonstra uma fragilidade, uma fragilidade que existe muito hoje, que existe não, tá muito latente na sociedade, sempre existiu. É... que é essas fragilidades da constituição familiar. Então, muitos desses estudantes eles vem pra escola dessa forma. Ele já vem já totalmente desprotegidos.

[Alexsandra / AL] Ah, sim.

[Ti/ TI] Então, esse diferencial sobre os diálogos socioemocionais, ele passa muito pelos estudos desses psicólogos. Que também chegaram, acho, a formular o NTPPS. Então quando eles começaram a formular o NTPPS, é... eu não sei se o NTPPS é mais recente, diretor de turma é mais antigo.

[AL] Sim.

[TI] É. Então eu acho que essa absorção dos discursos dos psicólogos na educação ele veio primeiro no diretor de turma, de reconhecer a importância de a gente trabalhar o lado socioemocional dos alunos. Eu sei que veio de Portugal, mas eu não consigo, não consigo... só se for, assim, uma parte mais técnico-administrativa, se você trabalha o diretor de turma se não for pelo lado socioemocional. Aquela coisa de preenchimento de coisas pra você poder produzir dados, informações sobre os alunos.

[AL] Você consegue preencher o sistema?

[TI] Dificilmente. Dificilmente. Isso fica sempre em segundo plano. Sempre em segundo Plano. É muito papel. O Instituto Aliança já veio aqui, o Instituto Ayrton Senna já veio aqui, conversou com a gente, falou que eles estão tentando enxugar um pouco mais isso, justamente porque eles percebem que a parte técnico-administrativo não é tão importante, apesar de ser muito importante pra produzir informações, pra poder entender, avaliar a política pública e tal. Mas o lado socioemocional, o trabalho efetivo do diretor de turma, ele é mais importante. Então, assim, quanto mais tempo tiver pra desenvolver as atividades, melhor. E eu nunca desenvolvo em 4 horas. São 4 horas, uma pra planejamento da aula, atendimento do pai do aluno e a outra é pra preenchimento do sistema. Não funciona assim.

[AL] A aula de Formação Cidadã, você consegue ter um roteiro? Como é que funciona?

[TI] Eu tenho, eu peguei os modelo, as sugestões deles. Mas, assim, são sugestões genéricas, são coisas que podem funcionar em outras escolas. Então eu parto da minha realidade. Então, com os meninos eu as vezes faço assembleia... bem no modelo da

assembleia mesmo. Então os meninos vem, falam o que eles querem, as suas insatisfações. Eu falo as insatisfações dos professores em relação a eles. E aí eles rebatem, reclamam. Funciona mais ou menos dessa forma.

[Alexsandra / AL] É você consegue contato com os pais dos alunos que você tem?

[Ti / TI] Sim, consigo. Eu fiz um grupo de *whatsapp*, né. É coloquei no grupo todos os pais e mães e responsáveis, é pelos alunos que eu consegui o contato. Muitos dos alunos eles não têm pai e mãe, eles não utilizam essa ferramenta. Então fica um pouco difícil o contato. A gente tem que ligar e liga pro vizinho, pro vizinho falar com o vizinho, pra falar com a pessoa.

[AL] Se você fosse colocar uma porcentagem, quanto que você diria? 100 por cento da sua turma você consegue contato com os pais.

[TI] Os pais? Não. Acho que uns...

[AL] Você colocaria quanto?

[TI] Acho que uns 60 por cento. Isso é... eu acho que é muito. Muito mesmo porque aqui...

[AL] Quando era no 1º D no ano passado?

[TI] Ah... 20 por cento... dos pais e mães.

[AL] Você acha que tem relação com o fato de... da turma ter se desfeito?

[TI] Se tem relação... Eu acho que não tem. É... o contato com os pais, eu acho que não tem porque teve algumas situações que, por exemplo, teve um aluno que os pais queriam tirar ele da escola, daqui da escola, e os pais vieram... eu falei assim: 'mande os seus pais virem aqui'. Aí os pais vieram e eu fiquei umas 2 horas convencendo os pais do prejuízo que ia ser tirar ele da escola. Aí os pais desistiram. Aí foi assim que eu consegui manter o 1º D até o final do ano. Que quando chegou o final do ano aí não tem jeito, a gente não consegue segurar eles. Eles vão pras suas férias e voltam e... os pais levam pra cá, levam pra lá. Muitos pais e mães mudaram de cidade. Quando a gente olha pra esses alunos e pra essa assim gente pensa: 'poxa, por que que esse grupo se desfez?', esses alunos. Assim, é uma série de coisas, assim, que tão enroladas uma na outra que as vezes fica difícil de a gente identificar o problema. É a questão do machismo, da homofobia, do racismo, do preconceito, da questão de classe é um emaranhado de coisas. Muitos dos alunos saíram da escola porque eram perseguidos ou ameaçados de morte pelo namorado. Todos os dias tinha

menina, todos os dias... ‘tio, ele vai cortar meu cabelo. Tio ele vai me matar. Tio...’. Teve uma menina que eu tive que ligar pra polícia pra poder liberar ela de um cativo.

[AL] haaa (reação de surpresa)

[TI] Lá no... lá em Fortaleza. O irmão dela ainda estuda aqui. Aí então, assim, eu tava as vésperas, às vésperas da minha viagem, viajando de férias no fim do ano e ligando pra mãe e tentando acalmar a mãe da menina e dizendo: ‘não, vai dar tudo certo, não sei o quê’. O cara pegou a menina, levou ela lá...

[AL] Então, de férias você continuou diretor de turma.

[TI] Continuei... Não tem férias diretor de turma. Eu, pelo menos, não...

[AL] Não tem licença maternidade também, viu.

[TI] Também não. (risos) Nada, nada, nada. O Bento nasceu antes de eu entrar, mas, mesmo assim, semana passada aconteceu um problema com meu filho e eu fui, enquanto isso, tinha mãe me ligando, falando de alunos, que não sei o quê, preocupada com a minha filha, e com filho dos outros, não sei o quê. É mais ou menos assim, essa correria. É... então esses alunos eles saíram da escola por vários motivos, alguns foi por perseguição homofóbica, outros foi por racismo mesmo, claro, claro, racismo claríssimo. É outros foram por questões econômicas mesmo, então assim, a família tem uma, uma economia muito instável e... hoje eu tô morando aqui, amanhã eu não sei. Então, tem gente que muda de casa várias vezes, várias e várias vezes. Porque aqui não tá bom, o aluguel aumenta, não sei o quê, eu vou pra cá porque aqui é de graça, agora invadiram em tal lugar e aí eu vou ocupar aquele espaço ali que agora é de graça, não vou precisar pagar aluguel. Então, muitos, muitos alunos saíram por esse motivo, também, do tempo integral, saiu por esse motivo. E claro, relação, assim, a relação estreita com os pais ajuda muito. Tem muito pai e mãe aqui que eu já mantenho relação quase de amizade, assim, com os pais e mães desses alunos. Eu já sei quando o aluno tá mentindo. A gente começa a criar uns super poderes. A gente começa a adivinhar que o menino tá mentindo, a gente sabe que o menino não foi pra casa, a gente sabe de tudo. Começa a adivinhar tudo, assim. E sem nem precisar falar com os pais. Os pais já tem meus contatos, eu tenho o contato deles. Isso facilita muito, muito mesmo. Até mesmo a gente descobrir se o aluno não veio pra escola, é porque ele tava doente. Muitos deles não eles

dizem assim... pega o celular do pai e da mãe, manda mensagem pra mim dizendo que não vai poder vir pra escola porque está doente pra justificar a falta. Aí depois eu ligo pro pai e pra mãe, 'oi, tá tudo bem com fulano?' 'tá, tá sim, tá tudo bem'. E... 'ele tá bem?', 'tá', 'tá, mas ele conseguiu tomar o remédio?', 'não, não tá precisando de remédio não', eu disse: 'ahh, tá, porque ele falou que faltou ontem... ' 'Ai foi?', 'Foi'. Pronto. A gente vai começar...

[AL] Aí já pega na mentira.

[TI] É. Muitos deles faltam na escola pra ir pra essas lagoas que tem aqui, balneário, bica das Andréas, esses lugares que eles vão. E aí eles conseguem driblar a gente. Mas, aí é que entra a importância do contato com os pais. É assim que a gente consegue pegar eles na mentira.

[AL] Deixa eu te perguntar uma coisa, alguns meses atrás o jornal O Povo lançou uma notícia de que nós, no Ceará, temos o menor índice de evasão do Brasil. Nós temos um índice de evasão de 5 por cento, é inferior ao do Brasil. Você vê alguma relação com a questão do diretor de turma?

[TI] Com certeza. O projeto Diretor de Turma tem alguns objetivos. Todo diretor de turma tem alguns objetivos. E as vezes eu fico brigando com os meus colegas que dizem que eu, na verdade, faço mais que o necessário, pra não dizer as palavras que eles utilizam. É que eu faço mais que o necessário como diretor de turma. Mas eu acho que eu não faço mais do que o necessário. Eu acho que eu faço menos do que o necessário. Porque o necessário é tão difícil, tão difícil, tão difícil que eu acho que é raro você encontrar um diretor de turma que consiga ser efetivo, 100 por cento efetivo, no seu trabalho como diretor de turma. Os objetivos do diretor de turma: combater a evasão escolar. Gente, só nisso eu que lutei pela permanência estudantil na faculdade, eu sei muito bem o que é que é evasão escolar. Que acontece também na universidade. Pro estudante tá dentro da escola, ele precisa ter condições mínimas e básicas pra poder sim permanecer ali. Não basta ser e não precisar gastar dinheiro, ele precisa estar bem naquele espaço. Então, eu precisava de auxílio-alimentação quando eu morava, que enfim, eu morava numa cidade imensa, é no outro estado, muito longe da minha família, não tinha dinheiro, não tinha nada. Eu precisava de

auxílio-estudantil e eu precisava, nunca fui, mas eu acredito que precise sim de atendimento psicológico, essas coisas... de auxílio-transporte pra poder me locomover na cidade e auxílio-alimentação. Tudo isso me ajuda a continuar frequentando a faculdade. Além disso, foi criado os NEABS's, que é um espaço de acolhimento das pessoas negras, muito também de formação que me ajudou muito a permanecer na universidade.

[AL] NEAB significa o quê?

[TI] Núcleo de Estudos Afro Brasileiros. É uma proposta da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, curiosamente criada pelo meu orientador Henrique Cunha Júnior, e dá super certo, tem em todas as universidades do país. Na UFC se chama NACE. E esse foi um espaço que me acolheu, que me recebeu como eu sou, que conversou comigo sobre coisas que estão muito próximas da minha realidade. E coisas que me interessavam muito. Então, assim, eu tinha muita felicidade de ir pros grupos, de ir fazer as reuniões, de participar das atividades, enfim. Aqui a gente não tem o NEAB. Eu acho que quem faz o papel do NEAB é a direção de turma, que faz essa coisa da acolhida, do recebimento do aluno, daquela coisa mais afetiva, então o aluno se sente bem dentro da escola quando ele é percebido. Então, só o fato de eu olhar pro aluno e dizer: 'você... tá tudo bem com você?' Só isso já... muda, fica tudo colorido na vida dele. Por alguns minutos, mas fica. E aí a gente vai fazendo a manutenção dessa relação. O trabalho do diretor de turma ele é exatamente esse, combater a evasão escolar. Fazer com que o aluno permaneça dentro da escola e permaneça bem. Combater evasão escolar não é, simplesmente, você dizer: 'você vai pra escola e você não vai sair daqui'. Não é isso. É você criar mecanismos pra que esses alunos se mantenha dentro da escola. Então, esse tipo de atividade é uma forma de combater evasão escolar. Que tem aluno que fala: 'professor, tão falando que não sei o quê tá, acontecendo aí, vou voltar'. Semana passada teve os jogos escolares aqui. Muitos ex-alunos foram assistir e falaram pra mim que queriam estar na escola. Então, assim, são essas atividades, são esses projetos aliado a uma série de outras coisas que contribuem para que o aluno permaneça dentro da escola. Então, assim, o diretor de turma ele é, por excelência, um mecanismo de combate à evasão escolar, assim, muito efetivo, muito efetivo. Eu não conhecia esses dados do jornal O Povo, da realidade do Estado do Ceará em relação à evasão escolar, mas pra

mim faz todo o sentido. Faz todo o sentido a partir do momento que eu faço parte dessa realidade de direção de turma e vejo que os alunos estão vindo pra escola não porque eles estão felizes com a aula de matemática, de física, de química, de biologia, de história, mas porque eles estão felizes dentro desse espaço. E aí nisso a gente vai criando armadilhas pra que eles estejam em sala fazendo as atividades, façam as provas, passem de ano.

[AL] Você sabe o que é que significa esse perfil? O que é ter perfil de diretor de turma?

[TI] O que é ter perfil de diretor de turma? É o seguinte, eu de certa forma, concordo que venha a existir mesmo esse tipo de perfil, isso é meio polêmico aqui dentro da escola. É porque daí a gente cria vários outros perfis, perfil do professor do tempo integral, perfil do professor do tempo não sei o quê, não sei o quê, vários perfis. E as vezes esses perfis são excludentes, se torna um pouco complicado. Mas, se tratando de direção de turma, o perfil ele existe a partir do momento que a gente percebe que tem algumas pessoas que não estão nesse estado de espírito, que eu vejo a direção de turma como um estado de espírito. Tipo, você se torna um diretor de turma e muitas pessoas já tem esses elementos preestabelecidos do que é ser um diretor de turma. Aquela coisa da relação mais afetiva, de você ser um pouco mais aberta a situações da pessoa assim... acho que o ponto principal, quando você percebe que a pessoa não tem perfil diretor de turma, quando ela não gosta de aluno. Porque, tipo, eu não consigo conceber um ser humano que é professor e não gosta de aluno, sabe? E são essas mesmas pessoas que, de forma contraditória, reclamam que não sabem porque não é diretor de turma. Porque, assim, pra cabeça de alguns, diretor de turma é que nem PCA, é só mesmo pra você preencher suas horas de trabalho, entendeu? Só que tanto o PCA quanto o diretor de turma tem uma função, assim... incrível dentro da escola.

[AL] Como é que funciona aqui na escola a questão da escolha do diretor de turma?

[TI] Ela passa pela coordenação da escola, pela gestão da escola, que o diretor também entra nessa. E, assim, eu nunca perguntei pro meu coordenador por que que ele me escolheu diretor de turma. Eu cheguei em 2017 no Estado do Ceará, eu não conhecia esse projeto Diretor de Turma. E aí ele... e quando foi janeiro de 2018 ele chegou pra mim, falou assim: 'Tiago, tu vai ser diretor de turma'. Aí eu falei: 'tá bom'. Né, a gente sendo temporário, 'Tiago você vai limpar aqui', eu: 'tá bom'. É... aí então eu, eu disse 'tá bom',

mas eu não sabia o que era ser diretor de turma. Ele falou assim: ‘tá tudo bem contigo? São 4 horas, tal, não sei o quê...’. Aí eu falei: ‘tá, tá tudo bem, tem problema não’. É... aí fui, ‘pois tá bom, tudo bem’. E aí eu peguei, na hora que ele saiu, a primeira coisa que eu fiz foi colocar ‘diretor de turma’ na internet pra saber o quê que era diretor de turma. ‘Meu Deus do céu, o que é diretor de turma’. Aí eu fui buscar aí a CREDE 12, que eu acho que é lá de Sobral, sei lá, eles fazem um trabalho bacana, assim, eles divulgam muitas coisas sobre direção de turma e tal. Falam o que é, os trabalhos de cada um e tal. Aí eu fui me inteirando a partir disso, conhecendo um pouco mais sobre o que é ser diretor de turma. Mas eu acho que quem me escolheu foi a Suziê que era minha coordenadora antes, ano passado. No ano retrasado. E ele, e como eu nunca perguntei, ele também não... então não sei, mas que o 2018 o pessoal ficava com aquela piadinha, de ‘não, o melhor professor da escola’, aquela coisa toda... que tem um fundo de inveja também pela relação que eu tenho com os alunos. Eu... ainda bem, que... esse ano entrou outros professores que também tem uma relação muito estreita com os alunos, então tira um pouco o foco de mim que procuro manter uma relação estreita com os meninos, com todo mundo, mais da direção de turma ela é isso, a gente busca manter essa proximidade com os meninos, e eu acho que a forma como você se comporta, eu acho que... as vezes eu penso que eu sou uma pessoa sensível, que só o fato de apertar a mão, olhar no seu rosto, o jeito que você me recebeu, eu já percebo como que você é. Assim, uma série de coisas. É já percebo se você é uma pessoa mais aberta a determinadas coisas, se você é uma pessoa que consegue conversar, que é uma pessoa sociável, uma pessoa isso, uma pessoa aquilo. A gente percebe uma série de coisas. Então eu acho que é por isso que eu vejo como um estado de espírito, tem muita gente que não vai conseguir suportar ser diretor de turma porque pra essas pessoas diretor de turma é você dar advertência pro aluno. É, tipo, você chegar e dar bronca e tal. Não é isso. Tá muito longe de ser isso.

[AL] Se você fosse dizer o que é o professor diretor de turma em uma palavra, você diria o quê?

[TI] Eu acho que ele tem que ser afeto. Acho que, aquela coisa, assim, parece clichê ou frase de *Facebook*, mas empatia nem todo mundo tem. O fato de você se colocar no lugar do

outro, o fato de você conseguir se colocar no lugar do outro é muito difícil, muito difícil, muito difícil. Conversei com psicólogos da SEDUC, se dispuseram a me atender. Eu tava com várias crises de tanto receber problemas de alunos, e tentar resolver os problemas dos alunos. Então, vários problemas eu já resolvi aqui na escola dos meninos... problemas de assassinato, gente que veio aqui tentar matar aluno meu. Tentar esconder aluno dentro de carro pra poder chegar em casa vivo. É aquele fato da aluna ter sido colocada em cativo. É uma série de somatórias que eu acho que uma pessoa que não tá preparada pra isso não... eu acho que nem um psicólogo tá preparado pra ser diretor de turma. Acho que até mesmo o psicólogo ele, ele teria que passar por sessões de terapia porque se ele se envolve mesmo na atividade ele vai receber muita coisa.

[AL] Pela pesquisa que eu fiz o diretor de turma ele veio de Portugal.

[TI] Sim.

[AL] Mas, a gente aqui no Ceará tem um grande diferencial que é a questão socioemocional.

[TI] Hrum.

[AL] Por tudo de documento que eu já vi de Portugal, não tinha nada em relação à questão socioemocional. Como é que você trabalha essa questão do socioemocional? A questão do socioemocional como um diferencial do Ceará.

[TI] Olha, acho que a questão, a solução educacional, diálogos socioemocionais, foi desenvolvida pelo Instituto Ayrton Senna e pelo Instituto Aliança, eu acho também.

[AL] Não sei

[TI] É...

[AL] E tem a ver com o NTPPS também...

[TI] Sim, tem a ver com o NTPPS e esse ano, de 2019, eles tão buscando uma proximidade maior do NTPPS com o diretor de turma muitas coisas tão sendo trabalhadas juntas porque eles entendem a proximidade de um com o outro. Essa questão da proximidade, do lado socioemocional, ela vem muito de alguns discursos de muitos psicólogos que há muitos anos vem discutindo esses assuntos sobre educação, da importância de a gente conseguir trabalhar a questão socioemocional na educação.

[Alexsandra / AL] Você pretende continuar diretor de turma?

[Ti/ TI] Pretendo, pretendo continuar, eu acho que já falei, é algo fundamental e demonstra uma importância muito grande, um impacto muito grande na educação e eu acho que isso me faz estar mais vivo na educação, porque, assim, as vezes eu penso que a sala de aula é um espaço tão pequenininho pra gente fazer tanta coisa que a gente pensa. Se a gente pudesse, transformaria tudo isso aqui num espaço cultural mas não dá, a gente tem que se submeter às regras de cima pra baixo. Então, acho que a direção de turma me faz, me faz estar mais vivo dentro da escola. Perceber a minha própria importância de se trabalhar a educação, é a partir do lado emocional dos alunos. E eles próprios reconhecem isso, então acho que isso é o maior prêmio mesmo que a gente pode ter, assim. Sai da rotina completamente, assim, pra mim, assim, é perfeito o trabalho. Acho que falta mais tempo pra gente.

[AL] Então, era isso que eu ia perguntar. O quê que pode melhorar no projeto?

[TI] Eu acho que falta mais tempo, essas 4 horas não são suficientes pra gente trabalhar efetivamente. Então, muitas vezes eu uso meus horários de planejamento da aula do núcleo pra poder atender aluno, pai e mãe, porque não dá, é inconcebível você ter 1 hora/aula pra atender o pai e a mãe. A realidade dos pais e mães é completamente diferente lá fora. Então eu acabo ajustando e eu utilizo muito as minhas aulas de planejamento pra isso.

[AL] E você planeja que horas, então?

[TI] Eu tenho um privilégio, entre muitas outras, que as aulas do núcleo já estão planejadas. Então preciso só organizar os materiais, é muita coisa, leva pra sala as vezes. Mas, muitas vezes eu me envolvo nos projetos da escola. Então, as aulas do núcleo elas servem pra dar, muitas vezes, apoio às atividades que acontecem dentro da escola. Então, tipo, alguma atividade de ciências da natureza, da linguagem ou de ciências humanas.

[AL] Quantas turmas de núcleo você tem?

[TI] Eu tenho agora 5.

[AL] Então você dá duas aulas em cada turma, né.

[TI] De núcleo? São 4.

[AL] 4 aulas de núcleo.

[TI] Em cada turma.

[AL] Por sala. Isso.

[TI] Por sala. Eu entro na sala duas vezes por semana.

[AL] Então você tem 100 horas só de núcleo.

[TI] Eu acho que é mais... seis.

[AL] Você ainda tá professor de história?

[TI] Não. Eu tô como professor de núcleo e professor de disciplina eletiva e diretor de turma. Então, parte das minhas horas, eu tenho 255 horas, uma coisa assim. Um colega teve que sair, a gente ficou com parte das horas pra justamente não precisar criar... ele saiu faz pouquíssimo tempo. Pra não criar aquela coisa de ter que contratar alguém de fora, então eu e uma outra colega que é professora também de núcleo dividimos as horas dele e aí a gente ficou com uma parte. Mas, antes disso mesmo, eu já tinha 225 horas, que é muita coisa.

[AL] Dá tempo dormir?

[TI] (risos) Dá não. Eu durmo pouquíssimo, durmo pouquíssimo mesmo. Fim de semana... sábado eu durmo muito, domingo eu faço alguma coisa com a família, saiu, estudo. Mas, planejar mesmo, planejar, não dá muito tempo de planejar não. Eu vou organizando as coisas na hora mesmo porque... é assim, que nem você viu agora, sempre vem fulano, vem que fala, cicrano, vem que fala, 'fulano tô com dor de cabeça', não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. E a gente vai atendendo, vai conversando com os meninos, e as vezes não sobra tempo pra planejar.

[AL] É isso, então, quer falar mais alguma coisa?

[TI] Não... não, sei lá... falei muito, demais.

[AL] É... brigada, então.

**ENTREVISTA 04**

[ALEXANDRA / ALE] Você pode falar, por favor, o seu nome, a escola e a sua área de formação.

[CRIS / CRIS] Professor Cristiano, Cristiano Galdino, trabalho na escola Casimiro Leite de Oliveira há mais ou menos 20 anos e sou... pedagogo e pós-graduado em psicopedagogia.

[ALE] Que massa, você mora aqui na Pacatuba?

[CRIS] Moro em Guaiúba.

[ALE] Guaiúba?

[CRIS] É.

[ALE] Quanto tempo é da Guaiúba pra cá?

[CRIS] Mais ou menos... 10 minutos, 10 a 15 minutos de ônibus.

[ALE] Qual é o público que vocês costumam receber na escola?

[CRIS] Aqui a escola a gente não pode selecionar, então aqui é muito variado o tipo de clientela. Não tem um específico não, como as escolas profissionais. Aqui é muito variado o público, não tem uma definição exata do tipo...

[ALE] Você dá aula de qual disciplina agora?

[CRIS] Inglês.

[ALE] De inglês.

[CRIS] É.

[ALE] Haa, que massa. Você já foi diretor de turma antes?

[CRIS] Já, desde quando o projeto iniciou aqui no Ceará em 2010. Fui pra formação, foram 3 dias de formação lá no município de Maracanaú, né, a CREDE 1 ela ministrou essa formação, 3 dias. Desde lá a gente vem trabalhando com esse projeto aqui na escola.

[ALE] 2010, né.

[CRIS] Desde 2010 pra cá.

[ALE] Mas em 2010 a escola era regular.

[CRIS] Era regular.

[ALE] Tem alguma diferença entre ser diretor de turma de uma escola regular e integral?

[CRIS] Realmente há uma diferença, grande. Comparando o público da escola regular e escola de tempo integral a diferença a gente percebe... pra quem tem experiência na escola regular vê a diferença. É no público da escola de tempo integral é melhor de você trabalhar, você lidar, você conversar do que o público da escola de tempo parcial.

[ALE] Agora, como é a sua turma de direção de turma?

[CRIS] Tô trabalhando no 2º ano C e 1º ano C. As turmas são boas, o público é bom de você conversar, eles te escutam, eles compreendem, concordam as vezes quando tão errados. Alguns ainda tentam se impor, mas, no mais, na maioria das vezes, é um público mais maleável, mais tranquilo de trabalhar. Isso eu tô fazendo uma comparação com os outros que eu comecei a trabalhar, tempo parcial, que muito deles, na época eles peitavam mesmo o professor, eram mais agressivos.

[ALE] E é por que? Porque passa só parte do tempo na escola?

[CRIS] Realmente eu acredito que a escola de tempo integral ela influencie de alguma forma, há uma seleção natural, a escola não pode selecionar esses meninos, tempo integral não pode, a profissional pode selecionar porque tem uma outra escola pra eles irem. Aqui a gente não pode selecionar, excluir, porque não tem outra escola pra eles irem, eles não podem voltar pra profissional... sistema mais rigoroso. Então aqui eles, com essa seleção natural quando eles sabem que vão passar o dia na escola, aqueles que a gente pode até chamar de preguiçosos, que não querem estudar, assim, as vezes, entre aspas, eles se auto-pressionam, eles vão procurar outra escola, uma escola que seja tempo parcial, por exemplo, em Guaiúba. Lá tem escola parcial que é José Tristão Filho. Então nós temos aqui alguns alunos que começaram aqui e eles foram saindo naturalmente porque não conseguiam acompanhar o ritmo da escola.

[ALE] Então quando eles saem daqui eles vão pra Guaiúba.

[CRIS] Exatamente.

[ALE] Não pro Fausto, que é no Jereissati, não é mais perto?

[CRIS] Tem, na maioria das vezes, eles no Fausto nem pra cá vem, eles vão direto pra lá, do 9º ano eles já passam pra lá. Se tem algum que foi pra lá pro Fausto é raro. Uma boa parte

que eu conheço, que eram até das minhas turmas, que eu sou diretor de turma, que saíram foram pro Tristão, em Guaiúba.

[ALE] É longe essa escola?

[CRIS] Não, é mais ou menos... tempo que falei, entre 10 e 15 minutos e...

[ALE] E eles têm ônibus, transporte escolar pra ir.

[CRIS] Não, eles tem que pagar do bolso. Quando eles saem daqui, eles vão sair, é sabendo que vão ter que arcar com as passagens. Porque tem o transporte que vai até um certo ponto. De lá, dá até pra ir, só que é uma caminhada longa. Então, não. O município não mantém esse acordo, porque já tem a escola lá também, então não tem essa questão. Se eles saírem daqui pra irem pra Guaiúba eles vão, eles tem que pagar do bolso a passagem.

[ALE] Professor, quais os problemas que você costuma enfrentar? Você que tem tanta experiência na direção de turma.

[CRIS] As vezes a gente encontra dificuldade, principalmente, com os pais. A gente pede, chama os pais pra gente trabalhar pra ver se consegue melhorar o comportamento do estudante e quando a gente se depara com a vida desse estudante, a gente se assusta com a carga de problemas que eles trazem. Pais separados, violência doméstica, drogas na família, bairro perigoso, muitos deixam até de estudar porque próprio sistema da localidade deles não permite porque há rivalidade...

[ALE] De facção, né?

[CRIS] Isso. Há rivalidades. Então eles, as vezes, 'não, você não é pra tá em escola não porque aquela escola ali é... é facção X, então você não vai.' Então, a gente já houve casos assim de aluno que teve que sair daqui às pressas por receber ameaças, então essa dificuldade, complicado, a gente tentar fazer alguma coisa, mas chega um certo ponto que você tem que parar porque se torna perigoso pra própria escola intervir nessa questão.

[ALE] Tem um limite, né.

[CRIS] Exatamente.

[ALE] Tem a sua vida também, né.

[CRIS] Com certeza.

[ALE] No meio disso tudo.

[ALE] É. Professor, quais os critérios de seleção para o Professor Diretor de Turma?

[CRIS] Ah, certo. Geralmente o critério que eles usam, que até no treino mesmo que a gente tava vendo no dia dá preferência pra quem tem, assim, vou usar um termo bem popular, cabeça fria, não se estressar com bobagens porque vão saber lidar com conflitos, mediar conflitos.

[ALE] É o tal perfil?

[CRIS] Isso, exatamente, esse é o perfil básico. Quando a escola não detém alguém com esse perfil, então ela escolhe outro pra preencher, pra fazer parte do projeto. Mas se tiver alguém com esse perfil, ela opta por esse profissional, esse professor pra trabalhar com adolescentes.

[ALE] Então você tem essas características.

[CRIS] Eu acredito que sim. (risos) Pelo que eu conheço, eu me conheço, graças a Deus, eu consigo trabalhar, lidar com esses problemas, não esquento com muita coisa porque tem confusão as vezes assim, entre colegas, aquelas piadinhas, que acaba gerando um pequeno tumulto e aí você conseguir contornar, frear antes de crescer, acaba voltando ao normal na sala de aula. Então, tem essa... eu, até agora, tenho tido essa... eles mesmo colaboram comigo.

[ALE] Você vê alguma relação quase que paternal entre o diretor de turma e os alunos?

[CRIS] É...eles costumam dizer que eu sou o pai da turma. Certo? Inclusive uma vez, tem uma brincadeira, tem uma meninazinha que, que... que engravidou, aí disse 'professor, vai ser seu neto'

[ALE] (risos)

[CRIS] 'Vai ser o netinho da turma'. Mas, tem essa questão mesmo, eles chamam tio, as vezes, e tem esse vínculo de amizade, nasce esse vínculo de amizade e confiança da gente, deles conversaram, se abrirem, contar coisas que não contam nem pros pais, eles contam pra gente, embora a gente não possa fazer muita coisa ou quase nada... as vezes até nada. Só ouvir mesmo. Mas, cria esse vínculo de amizade, até como se fosse familiar mesmo. Principalmente agora no tempo integral que a gente passa mais tempo junto que o vínculo é maior.

[ALE] Professor, saiu reportagem no jornal O Povo alguns meses atrás que diz que o índice de evasão do Ceará é mais baixo do que o do Brasil, é um dos mais baixos do Brasil inteiro. Você acha que tem alguma relação com a questão do diretor de turma?

[CRIS] Não, eu acredito que não chega, a gente não tem esse poder, o diretor de turma, de influenciar na saída e permanência do estudante não. Acredito que a grande maioria, a grande massa mesmo das fugas da escola, da desistência deles é mais a questão mesmo pessoal, familiar, questão financeira, não chega a influenciar.

[ALE] Sobre o contato com a família, professor, se você fosse dizer, assim, uma porcentagem, você acha que tem contato com quantos por cento dos familiares?

[CRIS] Acho que uns... contato mesmo constante uns 30 por cento dos pais.

[ALE] Nossa, que é muito pouco. 70 por cento da turma é desassistida.

[CRIS] As reuniões que a gente tem aqui com os pais... depois que o diretor conversa com os pais, ele separa por turma e a gente vai pra sala da nossa turma, direção de turma, então gente vê o pouquíssimo. Os pais que a gente queria mesmo conversar são os que nunca aparecem.

[ALE] E aí, a escola liga... faz o quê?

[CRIS] A gente tenta entrar em contato, eles vem aqui, a gente conversa, mas só se chamar. E as vezes eles não vem.

[ALE] Mesmo chamando não vem.

[CRIS] A questão também das vezes não vir é a distância. Há localidades aqui na Pacatuba que o acesso é muito ruim, muito distante, então pra ele se deslocar do seu local pra vir pra cá demora as vezes duas horas. A estrada é ruim, eles preferem não vir.

[ALE] Então vocês recebem alunos da zona rural também?

[CRIS] Hrum

[ALE] Ah é?!

[CRIS] Tem muita localidade longe, sim, aqui nós temos um bairro chamado Pau Serrado, que é o local mais longe daqui, então durante o inverno essa localidade quase não tem transporte, eles quase não tem aula porque o transporte não vai até lá por causa da estrada que fica ato... é...

[ALE] É o escolar, né.

[CRIS] É. Aí, se eles quiserem pegar, as vezes, eles tem que se deslocar até um certo ponto, que fica distante, depois pegar o ônibus. Aí alguns pais já tiraram os meninos daqui nessa época do ano porque eles achavam perigoso esse trajeto deles pra casa até o local pra poder pegar o ônibus. Arriscado, então os pais tiraram, tiveram que tirar.

[ALE] Arriscado...

[CRIS] Isso, exatamente, questão de assalto, essas coisas.

[ALE] Entendi. Poxa. Você gosta de ser diretor de turma?

[CRIS] No princípio, quando eu vi a grande burocracia que era pra você preencher papéis, você fazer dossiê, uma coisa gigante. Me deparei no dia dos treinamentos, ‘eu vou fazer isso aqui tudin?’, né, imenso. Eu cheguei aqui na escola disse o diretor que não queria ser. Ele disse: ‘não, mas você não precisa, é... preencher tudo isso, só o essencial’. ‘Vamos tentar’. Aí eu fui como a turma na época, aqui era parcial, já peguei turmas um pouquinho complicadas de trabalhar, eu cheguei até a pedir à coordenação pra não me lotarem em direção de turma. Mas é pedido negado. Eles me botaram assim mesmo, mas deu pra gente contornar. Agora, não. Atualmente, uns 2, 3 anos pra cá, eu senti mais segurança nesse trabalho. Como tá tendo essa seleção natural, que eu chamo assim, na escola em tempo integral, é mais flexível, é menos problemático.

[ALE] Você está há 20 anos nessa escola?

[CRIS] Nessa escola

[ALE] É? Você mora aqui perto?

[CRIS] Não. Na Guaiúba.

[ALE] Haa, você disse já, desculpa. Você mora na Guaiúba. Existe um grande diferencial do Ceará envolvendo a questão socioemocional. Você percebe alguma questão com relação a isso? Uma demanda dos alunos ou é da escola?

[CRIS] A gente tá trabalhando com um material que a própria SEDUC também tratou de treinar a gente com esse material, que são os Diálogos Socioemocionais. Então a gente começou a trabalhar, mas não deu, não dá pra avaliar, assim, a influência desse material, assim, na vida deles ainda não. O que eu tenho ainda são as experiências mesmo do contato

que eu sempre tive. Dizer que esses diálogos socioemocionais influenciaram... não, não nas minhas turmas não, ainda não.

[ALEXANDRA / ALE] O quê que você acha que pode melhorar no Diretor de Turma?

[CRIS/ CRIS] Dependendo da gente, aqui da escola, é ter mais contato com os pais, a gente poder ter esse contato permanente com eles, se isso acontecesse, porque os próprios meninos eles gostam quando os pais vem aqui na escola, eles já comentaram que eles gostam, eles se sentem amados, sentem que alguém se preocupa com eles, eles gostam dessa questão, as vezes até dizem: 'hoje minha mãe vem aqui conversar com o senhor sobre mim', essas coisas. Eles mesmo dão essas dicas. Então, se a escola tivesse um transporte que a gente pudesse ir até a casa ou pedir pro pai vir aqui, acredito que melhoraria muito, muito mesmo essa questão. No mais, a gente faz o que pode, a gente as vezes utiliza outras áreas pra ajudar nessa questão da compreensão melhor de alguns problemas. Mas, assim, o ponto mais importante seria esse, ter a presença mais constante dos pais aqui na escola.

[ALE] Que é uma coisa que não...

[CRIS] Que não acontece.

[ALE] Não tem como obrigar os pais a virem ou fazer eles virem.

[CRIS] Não, não tem condição. Ainda tô com muitas provas dos estudantes, tá com mais de mês, praticamente, pra entregar. Provas e boletins. Os pais não vem. A minoria vieram pegar. Aí vem um aqui, outro aqui acolá, eles vem pegar e pergunta como é que tá o menino, mas a maioria das provas, uma grande parte, está ali guardada. E o boletim também. Muitos não tem condição, trabalha. Eles contam que as vezes a aula termina cedo e eles têm que ir pra casa, mas aí eles prefeririam ficar aqui na escola porque a mãe não tá em casa, não tem ninguém em casa, eles vão ficar em casa só. Eles mesmo ficam preocupados com isso. E as vezes saem turmas mais cedo, ficam outras, alguns eles não querem ir, eles ficam aqui na escola, ficam sem fazer nada porque tem muitos que a refeição que eles fazem é aqui na escola.

[ALE] É, isso é complicado também, né.

[CRIS] É muito delicado. Chega nessa questão, diretor de turma, você descobre muita coisa que você nem imaginava que... acontece isso mesmo? Parece coisa inacreditável.

[ALE] Mas é a realidade deles.

[CRIS] Cruel. Muitos, muitos... pra muitos desses meninos aqui a realidade é cruel.

[ALE] Professor, você consegue preencher o sistema bem?

[CRIS] A gente tem um tempo disponível, só que esse tempo não dá, não dá. Inclusive, quando eu tô em sala de aula, eu tenho que sair da aula, qualquer outra turma, pra ir meu trabalho de diretor de turma. Que chega o pai, uma mãe ou alguém querendo falar e o horário que eles tem pra vir, que eles vem aqui no Centro resolver um problema, aí passa aqui na escola, aproveitando a passagem, que eles não gastam. Uns não tem condição de gastar mesmo, não tem de jeito nenhum como pagar passagem, eles aproveitam e fazem um serviço só, vem aqui na escola, a gente tem que deixar o trabalho que a gente tá fazendo em sala de aula pra atender esses pais. A gente tem três horas pra fazer essa questão, boa parte burocrática e uma aula, 50 minutos, pra trabalhar com a parte da Formação Cidadã. Então a gente tenta, nesses 50 minutos, repassar o mínimo que a gente pode pra ver essa questão da Formação Cidadã e trabalhar a questão de direitos e deveres.

[ALE] Você tem um roteiro pra aula?

[CRIS] A gente tem um material que a própria SEDUC nos envia, mas eu acabo, particularmente, as vezes perguntando a eles o que é que eles queriam ver, tipo de assunto, que vocês queriam perguntar que vocês não tem coragem de perguntar, a gente pode transformar essa aula pra tirar dúvidas, sugerir temas e acaba sendo mais assim, mais do quê roteiro da própria SEDUC.

[ALE] Consegue ser melhor ainda, né.

[CRIS] É, porque como é uma sugestão deles, eles participam melhor do quê chegar um, jogar um tema assim pra gente trabalhar, eles não se interessam, não se encaixa na realidade deles.

[ALE] Entendi.

[CRIS] Então, no geral, professor, só pra gente finalizar, no geral você acha que o, o Diretor de Turma ele tem mais benefícios do que malefícios, então?

[ALE] Tem mais benefícios, a escola ganha com isso e os pais também, eles as vezes agradecem, alguns, os que vem, agradecem porque eles tem essa... os que tem contato, eles

acham legal porque tem essa ponte entre escola e família, eles tem uma pessoa a quem se direcionar antes de chegar na direção ou coordenação. Alguns deles têm o meu telefone, eles ligam pra mim diretamente, faz a pergunta, olha quem é que tá, pergunta se o menino tá na escola, que tem alguns que enganam os pais, né. Chega aqui, mas... sempre essa questão. Então isso é bom, eles confiam na escola e se torna mais fácil pra eles porque tem onde deixar o filho, e ainda uma pessoa com quem eles possam contar.

[CRIS] Confiar.

[ALE] Confiar. É até uma relação de confiança.

[CRIS] É.

[ALE] Que coisa boa. Professor, acho que é isso. Muito obrigada.

## ENTREVISTA 05

[ALEXSANDRA / ALE] Eu gostaria que você dissesse seu nome, nome da escola.

[SHIR / SHIR] Meu nome é Shirley Maia de Freitas, trabalho na escola como coordenadora acompanhando o projeto Diretor de Turma da Escola Luiza de Teodoro Vieira.

[ALEX] Quanto tempo que você é professora?

[SHIR] Há... há uns 15 anos.

[ALEX] Qual sua área de formação?

[SHIR] Letras, é, português francês.

[ALEX] Você acha que a disciplina que você é formada tem alguma facilidade pra questão da direção de turma?

[SHIR] Sim, sim, porque o português ele abarca todas as outras disciplinas, o que facilita no meu trabalho no PDT em relação à textos, à leitura, interpretação, sempre quando eu planejo alguma formação com os professores na hora de preparar o material, selecionar o que a gente vai estudar, faz com que eu faça isso com mais facilidade.

[ALEX] Quanto tempo você trabalha nessa escola?

[SHIR] Aqui, há 2 anos.

[ALEX] E você trabalhava em outra?

[SHIR] Sim, passei 6 meses no Gonzaga Mota, antes de vir pra cá, como coordenadora também, também acompanhando o PDT e na escola Joaci Pereira, lá no Planalto Airton Sena, também como coordenadora, também acompanhando o PDT. Estou na coordenação desde 2014 e sempre acompanhei o projeto.

[ALEX] Você mora aqui?

[SHIR] Sim.

[ALEX] Na Pacatuba?

[SHIR] Não, no Jereissati I. É Maracanaú, mas é pertinho.

[ALEX] É perto, né.

[SHIR] É.

[ALEX] Quanto tempo? Uns 15 minutos né, só.

[SHIR] É, no máximo 15. Uns 10 minutos pra chegar aqui.

[ALEX] Como é que os alunos são aqui?

[SHIR] Os alunos, no geral? Aqui da escola ou da comunidade?

[ALEX] Você pode falar dos dois.

[SHIR] Mas você diz no meu trajeto de lá pra cá?

[ALEX] Não, aqui.

[SHIR] Aqui na escola?

[ALEX] Os meninos daqui, como é que eles são?

[SHIR] Aqui na escola, assim, como eu vejo em outras escolas profissionalizantes, o perfil dos alunos é mais disciplinado. Eles buscam mais do que alunos de escola regular, até porque como a gente tem uma seleção, quem vem a gente seleciona a partir das notas. Então quando o aluno vem pra cá ele vem porque quer, sabe que aqui vai ter disciplina, vai ter que estudar. Então, naturalmente, a gente já seleciona um perfil de aluno que é aquele que quer fazer o ENEM, aquele que quer seguir um curso profissionalizante, aquele que tem mais disciplina do que um aluno de escola regular.

[ALEX] Quantas turmas têm na escola?

[SHIR] Aqui nós temos 9.

[ALEX] Todas as 9 tem diretor de turma?

[SHIR] Sim.

[ALEX] Bom, né.

[SHIR] É, muito bom.

[ALEX] Os professores que são diretores de turma eles geralmente gostam de ser? Alguns reclamam?

[SHIR] Pouquíssimos não tem afinidade com o projeto. Até nas outras escolas, pelas quais eu passei, sempre era assim, no máximo, 3, num quadro de 13 professores 3 só não gostariam de assumir porque, realmente, é uma responsabilidade maior, é um trabalho a mais e, geralmente, é um professor que já se acha muito atarefado e a gente também analisa isso, se é um professor que tem mais de uma disciplina, tem a carga horária mais preenchida com aulas, aí a gente analisa se coloca como PDT ou não porque a gente também analisa, principalmente o perfil do professor, se é um professor que tem um perfil que se encaixa, mesmo tendo muita disciplina, a gente vê, conversa com ele e vê se dá certo ele assumir.

[ALEX] E eu tava lendo algumas coisas sobre o projeto de Portugal e, mesmo lá, eles também escolhem por esse perfil, mas eu ainda não consegui achar nada que conceituasse o que é esse perfil. Porque, por exemplo, quando meu antigo diretor foi me escolher pra ser diretora de turma, de uma turma super complicada, inclusive, lá na escola, na época, ele só disse que eu tinha o perfil e eu não sei o que é isso. Você sabe o que é isso?

[SHIR] Eu tracei um perfil. (risos)

[ALEX] Você conceitua ele? Você diz? O que é o perfil?

[SHIR] Conceituo. Pra mim, o perfil do professor pra ser PDT é, primeiro, ele tem que ter aquela afinidade com os alunos, tem professor que consegue ser mais próximo dos alunos, a ponto de conseguir fazer até amizade, e tem professores que não. Tem professor que sabe lidar com um aluno na resolução de problemas, tem professor que tem dificuldade pra isso. Então, o PDT tem que ter essa facilidade pra chegar no aluno, conseguir conversar, ser parceiro, ter mesmo essa sensibilidade de compreender o aluno como pessoa, eu acho que a base é isso, ele conseguir compreender o aluno como pessoa, saber chegar próximo do aluno, ter aquela conversa com ele a ponto de ajudar o aluno a mediar os conflitos dele pro aluno conseguir progredir como aluno e como pessoa. Não é qualquer um que consegue isso. Eu acho que o PDT ele tem que ter isso. Nem sempre tem, aí quando não tem, Shirley,

como é que fica? A gente busca aquele que tem outras habilidades que vai colaborar. Tem aquele professor que, mesmo não tendo essa habilidade pra ter uma conversa com o aluno, ele é um professor que conquista o aluno, o aluno gosta dele, que ele é mais brincalhão, é mais descontraído, não é fechado. Então a gente procurar essas habilidades que torne o professor mais próximo do aluno porque isso, eu acho, é o principal, pra ele conseguir fazer o trabalho dele como PDT que é mediar mais de perto a vida do menino e orientar.

[ALEXSANDRA / ALE] Nas outras escolas, em alguma, você já trabalhou em escola que nem todas as turmas tinham PDT? Algumas tinham e outras não tinham.

[SHIR / SHIR] Sim. Já, era escola regular. As profissionalizantes todas têm PDT porque já é a filosofia, já é o regimento da escola profissionalizante.

[ALEX] Sim. Ah, então já faz parte do regimento ter o diretor de turma.

[SHIR] Faz, faz sim.

[ALEX] Então, faz toda a diferença também.

[SHIR] Faz sim porque, assim, a vantagem da escola profissionalizante é porque ela tem o professor exclusivo pra ela. O professor, mesmo sendo de inglês, por exemplo, que tem só uma aula por semana em cada turma, que é um quantitativo pequeno, ele se lota as 200 horas na escola profissionalizante. Aí essas outras horas que não serão preenchidas com a disciplina dele é preenchida com as disciplinas diversificadas, é assim o nome que vem na grade curricular dos meninos daqui, e entre essas disciplinas diversificadas tem a de Formação Cidadã que é a aula que o diretor de turma dá. É por isso que dá certo. Agora, na escola Joaci Pereira, lá no Planalto Aírton Sena, que era uma escola regular, lá não eram todas as turmas que tinham PDT. Lá tinham 12 turmas. Aí como é que a gente faz inicialmente a gente tinha colocado pros primeiros anos terem PDT pra gente ter uma força tarefa com os PDT's pra alinhar os meninos, assim que eles entram na escola, com a ajuda do PDT, a gente conseguia com que eles, seguissem mais a disciplina da escola, entre outras regras da escola. Aí essa turma ficava com o PDT até o terceiro ano. O primeiro formato foi esse. Aí depois a gente viu uma necessidade do apoio do PDT no primeiro ano, realmente, aí a gente ficou colocando pros primeiros anos terem PDT. Aí, o que acontecia, quando os meninos do primeiro chegavam no segundo não tinham mais PDT e era muito ruim. (risos)

Isso era muito ruim porque eles já estavam acostumados com aquele acompanhamento aí de repente era tirado deles e eles, mesmo assim, ainda ficavam recorrendo...

[ALEX] Ao professor.

[SHIR] Ao professor e o professor...

[ALEX] Eles meio que se sentiam órfãos, né.

[SHIR] Era, exatamente. E o professor tendo que assumir outras turmas. Aí dependia muito da disponibilidade que a gente tinha de professores, não era enviado um professor lotado pra todas as turmas, geralmente era assim, ou 4 ou 3. Teve até um ano que eu passei lá que não eram as 4 turmas de primeiro ano que tinham PDT, era só 3 e uma não tinha. Aí você imagina como é que essa uma turma se sentia, se sentia diferente das outras turmas.

[ALEX] E do ponto de vista de disciplina, vocês conseguiam perceber alguma coisa?

[SHIR] Fazia muita diferença, apesar de, quando eu comparo com essa escola aqui que é profissionalizante, a diferença ser maior ainda. Por que? O que é que eu percebia? Os professores que assumiam o projeto Diretor de Turma nessa escola regular, não vestiam a camisa do PDT, as vezes aparecia um ou outro que vestia, que esses eram os que a gente pegava mais pra ser PDT. Mas, as vezes, devido a lotação, a gente não conseguia. E a burocracia atrapalhava, as vezes o professor já vinha transferido de outra escola pra nossa na lotação dele tendo o Projeto Diretor de Turma e, geralmente, era um professor que não tinha o perfil. Aí o projeto não acontecia porque o professor não fazia o papel que ele deveria fazer de, realmente, o aluno procurar por ele, ele dar aquele apoio. Ele não fazia. E quando o aluno percebia isso, o aluno não procurava mais, aí era um PDT só no contrato, na realidade não acontecia. Aí tinha essa questão também do professor já vir com a lotação de PDT e a escola não poder escolher porque a escola é que conhece o perfil dos professores pra poder selecionar quem vai assumir o projeto. Aqui a gente pode fazer isso, então aqui o projeto acontece. Aqui e em outras escolas profissionalizantes que eu conheço o trabalho, conheço as pessoas que trabalham e também acontece do mesmo jeito que aqui.

[ALEX] Na hora que você vai escolher, você percebe que tem alguma área que fica mais contemplada. Por exemplo, os professores de português tem mais...

[SHIR] Sim, a área de linguagens... quase todos.

[ALEX] É?

[SHIR] É. Geralmente a área de linguagens. A área de ciências da natureza, é... geralmente tem perfil do professor não é muito de PDT, da área de exatas. A de humanas também, geralmente tem, só que de humanas tem bem menos professor. Como a área de linguagens é um quantitativo maior, aí realmente a maioria vai, mas em relação à carga horária, tem o professor da área de linguagens é melhor de lotar por causa disso, porque tem o quê, o professor de inglês, o de espanhol, o de educação física, tem muita carga horária livre pra assumir PDT. Mas a gente nunca deixa de olhar pro perfil, por exemplo, aqui nós temos a professora de filosofia e sociologia... carga horária dela é lotadíssima, mas ela tá como PDT porque ela tem perfil. Então, o professor que tem duas disciplinas, geralmente a gente não bota como PDT, a gente tenta não botar, mas se a gente vê que o perfil dele se encaixa mais do que o do outro que tem mais disponibilidade, a gente conversa com ele. É o caso da de filosofia e sociologia, é o caso também da nossa professora de espanhol e literatura, a carga horária lotadíssima, mas tem o perfil, gosta, assume, veste a camisa, ela são lotadas como PDT.

[ALEX] Quando vocês percebem que o professor tem perfil e ele não quer?

[SHIR] A gente tenta conversar, a gente tenta conversar, tenta convencer, mas se a gente vê que realmente não der certo, aí a gente parte pra outra. Por exemplo, é...

[SHIR / SHIR] As vezes, pode acontecer da gente selecionar um professor que não tá muito a fim de assumir o projeto, mesmo assim selecionar, e no meio do processo, no meio do caminho, acabar tendo que trocar. É por exemplo, aqui na escola teve um professor que assumiu, ele relatou que não tinha muito o perfil, mas que se a escola quisesse ele assumiria. Ele acreditava que não tinha o perfil, mas que sim, estava disposto a assumir. O que aconteceu, no meio do ano, houve um problema de relacionamento entre ele e a turma. A turma ficou pedindo pra trocar de PDT porque era a única turma que tinha um PDT que não era PDT, que não assumia, não parecia ser PDT. Que eles já sabem como é o perfil, é um professor que tá ali, realmente, perto, conversa e tudo. E eles estavam querendo trocar. Devido a isso, começou a piorar o relacionamento entre eles, foram se afastando mais ainda. Aí a gente sentou com ele, a gente pensou em como mediar da melhor forma e junto com ele

decidimos tirar e colocar outro, que a gente vê que tinha um perfil. Ele não só aceitou, ele sugeriu, ele procurou a gente pra conversar. Ele disse que na aula dele da disciplina dele, era ótimo, era muito bom o relacionamento, a aula fluía bem, tinha até brincadeiras. Mas quando era aula de Formação Cidadã, que era ele como diretor de turma, a aula não fluía, ficava aquela coisa estranha entre ele e a turma. Aí não tava acontecendo como deveria, a turma já não procurava por ele pra resolver problemas, ele não se sentia a vontade mais pra chamar individualmente e conversar, saber como é que tava, dar orientações, ou seja, não estava acontecendo como deveria. A gente trocou, no meio do ano, e quando a gente trocou a gente... foi alguém da gestão, no caso, eu, representando a gestão, o professor que ia sair e o professor que ia entrar. A gente conversou com a turma, explicou que o relacionamento deles deveria permanecer o mesmo, que a gente estava pensando, em melhorar mesmo a relação deles com o professor. Que ele, permanecendo como diretor de turma, não estava ajudando e assim, a turma gostou da troca, a gente teve a conversa de conscientização pra que eles soubessem que a gente não tava trocando só porque eles tinham o direito de escolher quem eles queriam que fosse PDT, mas pensando no melhor pra todos, pra eles, pro professor e para o projeto. O propósito do projeto é esse, é ter um professor ali ponto de apoio pra acompanhar de perto. Como não tava dando certo, a gente resolveu trocar. Aí deu certo. Deu certo e, apesar da outra pessoa ter assumido agora, mas, assim, eles já estão mais próximos do quê o que eles estiveram com o outro professor que eles tiveram mais tempo, que atualmente eles estão no segundo ano, terminando o segundo ano. Então, eles tiveram o primeiro ano todinho com o professor e, no meio do ano, do segundo ano, trocou, houve essa troca. Aí a nova PDT tá há poucos meses com eles, mas está dando mais certo do quê com o outro.

[ALEXSANDRA / ALE] Você consegue ver algum resultado na turma, alguma modificação da turma em relação...

[SHIR] Depois da troca?

[ALE] Sim.

[SHIR] Sim, consigo. A turma é uma turma boa, sabe. É uma turma focada, não é uma turma que apresentava problemas, mas, em relação à mediação de conflitos, os conflitos que

apareceram não foi nem de relação entre eles da própria turma, mas apareceu entre eles com uma outra turma, então essa mediação ela foi feita, a gente já vê o resultado porque quando a professora entra lá pra conversar com eles escutam uma professora que eles acolheram e receberam como PDT. Que tem isso também, da turma receber o professor como PDT. Que quando a turma não recebe aí o trabalho não acontece até a gente conseguir mediar e fazer eles entenderem que aquele professor está ali pra apoiar e pra ajudar.

[ALE] Na hora que você vai fazer a lotação, tem uma pré-disposição pra manter o professor durante os 3 anos com a mesma turma?

[SHIR] Sim, quando ele é lotado... assim, é um pouco complexo eu responder isso por causa dos professores temporários que todo ano tem a quebra de contrato. Como é temporário, faz a quebra do contrato pra não ter o vínculo empregatício, mas aqui a gente, graças a Deus, os professores temporários a gente não teve muito prejuízo não, houveram poucas trocas. Mas, quando a gente lota o professor numa turma, eu falo do temporário porque a maioria é temporário. Quando a gente lota um professor efetivo numa turma é pra ficar, realmente, até o final. Quando a gente lota o temporário é com o mesmo propósito, a gente quer que ele fique até o terceiro ano acompanhando aquela turma e a gente luta para que ele permaneça. Só que não depende da gente é se chegar um efetivo porque ele vai ter que sair. Aí a gente vai ter que repensar se esse efetivo assume o PDT ou se a gente coloca outra pessoa da nossa escola que a gente já conhece o perfil. Mas, de diretor de turma, as trocas que houveram já porque professor saiu, acho que foram só duas, por motivo de quebra de contrato.

[ALE] Então é menos, né.

[SHIR] É.

[ALE] Qual a maior dificuldade que os professores diretores de turma eles costumam enfrentar?

[SHIR] A maior dificuldade é essa mesma, de assumir, vou falar na linguagem deles, assumir o papel de pai e mãe. Aí... esse cuidado...

[ALE] É uma relação maternal, então?

[SHIR] É. (risos) Esse cuidado de não tornar a relação maternal.

[ALE] Ahh, de não tornar.

[SHIR] É. Esse cuidado de conseguir orientar, se envolver profissionalmente orientando, mas não se envolver emocionalmente.

[ALE] E você acha que dá? Você consegue não se envolver emocionalmente?

[SHIR] Acaba se envolvendo, mas tem que tomar cuidado pra se blindar e não se envolver ao ponto de lhe desestabilizar e você continuar conseguindo fazer o trabalho.

[ALE] É.

[SHIR] Principalmente quando... atualmente que a gente tá tendo muito problema de alunos com baixa autoestima, é problema de ansiedade, se auto mutilando, eu acho o que torna, atualmente, o trabalho mais difícil do PDT é quando entra essas questões de depressão e auto mutilação. Não que as outras questões não sejam graves, mas é algo que eles já conheciam, eles já vinham lidando com isso, é problema em casa, problema familiar, desestrutura familiar, mas a questão da depressão e da auto mutilação é uma coisa que a gente ainda tá aprendendo a lidar e o PDT é o que tá mais próximo do aluno, ele é o que sente mais. Eu acho que o mais difícil é isso.

[ALE] Faz sentido mesmo. É, você e os, os PDT's' conseguem contato com a família?

[SHIR] Conseguem, mas não é do jeito que nós gostaríamos porque não é todo pai que é disponível. Quando a gente promove uma reunião de pais, que pela escola mesmo tem, pelo menos, 3 vezes no ano. Quando eles matriculam os alunos aqui a gente já coloca no contratozinho, no termo de responsabilidade que eles assinam. Eles tem que comparecer, no mínimo, 3 vezes ao ano, que é nas reuniões de boletins, que é o PDT que recebe eles porque não é só receber o boletim, é o momento em que o PDT vai conversar sobre como tá a turma e vai ter a conversa individual também com os pais. Só que não é o suficiente. Além dessa reunião dos boletins, a gente convoca também os pais logo depois das reuniões intercalares. Nós temos reuniões que já fazem parte do projeto que são 4 reuniões por ano. Tem a reunião chamada 'diagnóstica' que é no início do ano, logo na primeira semana, e que todos os professores participam. E a reunião é que vai ser apresentada cada aluno para todos os professores pra gente saber como tá recebendo aquele aluno, como tá recebendo aquele aluno no início do ano, que é com todas as turmas, de primeiro, segundo e terceiro. Então, a

gente vê como aquele aluno tá no início do ano pra no decorrer das reuniões intercalares o PDT ir dizendo o que melhorou, o que mudou, o que ainda falta mudar. Aí a gente apresenta dois aspectos, o cognitivo, que são as notas, o rendimento, e o lado socioemocional: como aquele aluno é, como ele convive, com quem ele vive, como ele está emocionalmente, como ele é como pessoa. Aí as outras reuniões são as que acontecem logo depois do fechamento do bimestre com as notas, as médias bimestrais. Acontece a intercalar do primeiro, do segundo e do terceiro bimestre. A do quarto bimestre não acontece porque, quando termina o ano, a gente apresenta os resultados, aí já vem a recuperação final. O que a gente faz depois é um Conselho de Classe final pra analisar quem ficou de recuperação final, quem passou e quem não passou. Mas, com os PDT's, são essas quatro que eu citei: as três intercalares e a diagnóstica. Quando termina cada reunião intercalar, que o PDT vai anotando as observações que os professores repassam, ele já vai anotando os nomes dos alunos que precisam de intervenção ou só com o aluno ou com a família. Então, o que ele faz logo depois: ele chama esses alunos que precisam de uma intervenção, de uma conversa, a partir do que ele apura da reunião, ou então chama pra conversar junto com os pais dependendo da situação que for o caso, aí a gente convoca os pais e o PDT recebe no horário que ele tá livre de PDT. Que o PDT ele tem 4 horas de carga horária: uma de Formação Cidadã pra tá dentro de sala de aula com o aluno, e outras 3 pra atendimento e preenchimento do sistema.

[ALE] Você acha que é suficiente essas horas?

[SHIR] É não, é não porque o PDT ele acaba fazendo a função de PDT no horário de planejamento dele. Só dá certo porque ele tem o horário de planejamento dele.

[ALE] Mas aí não... as outras coisas não ficam...

[SHIR] Ficam, por isso que o professor é atribulado. Por isso que tem professor que não quer assumir PDT que sabe que é um trabalho a mais, por isso que tem professor que leva trabalho pra casa quando não dá tempo fazer aqui porque deixa de planejar pra resolver as coisas de PDT. Aí o que ele deveria planejar aqui, ele planeja em casa, que é elaboração de prova, elaboração de aula, correção de trabalho ou de prova.

[ALE] Pelo que eu pesquisei, mesmo o projeto tendo vindo de Portugal, lá não tem essa disposição socioemocional que você falou. Então, é uma espécie de inovação, do Ceará. Como é que você coloca essa questão? Você acha que isso é uma demanda social?

[SHIR] Assim, na verdade, esse projeto é um projeto que eu gosto muito, eu acho ele encantador e que eu lamento ele não ter um apoio do Governo. Que é um projeto assim, que foi lançado, não tem apoio nenhum, pelo contrário, o professor Diretor de Turma fez foi perder 1 hora, atualmente ele tem 1 hora a menos, que eu citei que ele tem 4, mas atualmente ele só tem 3. Foi retirado 1 dessas horas que ele ficava fora de sala pra poder preparar as coisas do PDT ou fazer atendimento.

[ALE] Então são só 2 agora.

[SHIR] São só 3. Eram 4...

[ALE] Formação Cidadã.

[SHIR] São 3, mas 1 é dentro de sala de aula com os alunos, que é a Formação Cidadã, e 2 fora de sala, 1 pra atendimento de pais e outra pra resolver coisas de sistema que é o dossiê, antigo dossiê. E, assim, é um projeto que foi jogado, que por incrível que pareça, ele até hoje está funcionando porque as pessoas adoraram ele, as escolas adotaram ele porque ele funciona. Mas ele funciona porque a gente quer, entendeu? Pelas pessoas, não pelo apoio do Governo. Se tivesse o apoio, o que é esse apoio? É ter material enviado pra gente, as formações... eles ainda, a CREDE ainda faz. Eu não sei como é que tá as escolas lá de Fortaleza que é a SEFOR que acompanha, que a SEDUC ela, pra acompanhar as escolas, ela tem as CREDES. É a CREDE é a que coordena as nossas escolas daqui. No decorrer do ano, eles ainda tentam disponibilizar algumas formações pra gente pra mostrar, assim, que eles ainda apoiam o projeto. Mas não é o suficiente.

[ALE] Mas a formação é pros coordenadores?

[SHIR] É pros coordenadores.

[ALE] E não pros professores.

[SHIR] Esse ano eles fizeram uma para os professores, mas geralmente, todo ano tem, para os coordenadores pra gente replicar para os professores, que fica mais fácil pra eles, porque são muitos professores. Então, assim, eles tinham que ter mais tempo, uma carga horária

maior porque exige muito tempo o Projeto Diretor de Turma. O professor que veste a camisa e, realmente, exerce a função Diretor de Turma, precisa de tempo pra acompanhar a turma. É acompanhar 45 alunos, acompanhar como tá o rendimento deles na escola e como tá a vida pessoal deles pra eles conseguirem levar essas duas coisas juntas. Então, é um projeto que até hoje acontece porque as escolas, os educadores dessas escolas, vestiram a camisa e faz com que ele aconteça mesmo não tendo as condições que deveria ter. O principal é tempo, o segundo eu nem relato, que é o mais difícil, é a remuneração. (risos)

[ALE] (risos)

[SHIR] Mas, deveria sim, ter uma remuneração, uma gratificação, pra quem é professor diretor de turma e ter uma carga horária maior de planejamento pra poder acompanhar os meninos. Seria maravilhoso, seria perfeito.

[ALE] Então, do seu ponto de vista, é o que pode melhorar... já era a próxima pergunta.

[SHIR] É, poderia melhorar sim. Por que? Atualmente, os professores que não querem assumir o PDT porque sabe que é mais trabalho sem o tempo hábil, sem o tempo que eles precisam ter. Eles sabem que vão ter que tirar do planejamento deles. Então tem que ter um jogo de cintura pra não levar nada pra casa, pra fazer porque o tempo que eles tem pra planejar as aulas deles, elaborar o material deles, eles vão ter que tirar dali pra poder assumir essa função que não é fácil porque entra também a questão emocional, como a gente já comentou aqui. São problemas pra resolver, aparece muito problema pra resolver. São problemas pra mediar. Então, se a turma já não está se comportando como deveria, deixou de focar nos estudos, caiu no rendimento, é a relação interpessoal entre eles... aconteceu algum problema ou, então, com outra turma ou, então, com algum em professor específico.

[ALE] Obrigada, é isso.

## **ENTREVISTA 06**

[PAS / PAS] Meu nome completo?

[ALEXSANDRA / ALE] Sim.

[PAS] Bom dia. Eu sou Passos, sou licenciado em química e sou especialista em Educação Profissional e sou coordenador da escola Casimiro Leite do município de Pacatuba.

[ALE] Quanto tempo que você tá coordenador?

[PAS] Estou desde 2016 nessa escola.

[ALE] Antes você foi coordenador em outra escola?

[PAS] Em outra escola no Maracanaú, passei 1 ano e meio lá, desde 2014.

[ALE] Era regular?

[PAS] É, é regular, lá.

[ALE] Você mora aqui na Pacatuba?

[PAS] Moro em Pacatuba.

[ALE] Quanto tempo você leva da sua casa pra cá?

[PAS] 10 minutos.

[ALE] Como é, geralmente, o público da escola que você trabalha?

[PAS] Nossa escola? Apesar de estar no meio do município, nós temos alunos de uma classe mais D e E. São alunos que são bem carentes, alunos que os pais não tem muito estudo, muitos pais não assinam, por exemplo. Muitos dos alunos moram que no meio quase que rural. As vezes que eu tive necessidade, oportunidade, de deixar ou buscar aluno por questão, por exemplo, de saúde, a menina passou mal, vamos deixar em casa, percebi que alguns que não tem saneamento, que as estradas são ruins, então vivem um pouco à margem.

[ALE] Geralmente esses alunos vêm a pé pra escola, vem de ônibus, como é?

[PAS] Pronto, eles tem transporte escolar. Esses que moram mais distantes que deveriam, poderiam pegar um transporte, eles pegam o transporte escolar, que moram a 10 ou 15 quilômetros da escola.

[ALE] É regular o transporte escolar aqui?

[PAS] É, é uma parceria do município de Pacatuba com o Estado. O Estado faz uma contrapartida e o município fornece transporte dos alunos do município, desde o ensino Infantil ao Fundamental, como também os nossos alunos. Então ele vem deixar e vem buscar todos os dias.

[ALE] Você disse que a escola tá passando a ser tempo integral.

[PAS] Tempo integral, a gente conclui esse ano o ciclo de 3 anos.

[ALE] Mudou alguma coisa? Do ponto de vista dos alunos que você recebe quando era regular e agora.

[PAS] Pronto, assim, a gente tinha uma quantidade maior de alunos, então reduziu um pouco o número de alunos porque muitos alunos não tem interesse no tempo integral. Por que? Muitos alunos fora de faixa, que já tem 17 anos, já pensam no mercado de trabalho, já começam a trabalhar. Nós temos muito histórico de alunos, ainda adolescentes, que já viram pais, mães... e, realmente, abraçam o mundo da vida adulta de forma precoce. Então, não tem como ficar no tempo integral, o dia todo na escola, somente estudando.

[ALE] Você é coordenador dos diretores de turma? Como é que funciona?

[PAS] Sim, eu coordeno os PDT's da escola.

[ALE] Antes você era diretor de turma? Como foi?

[PAS] Eu já fui diretor de turma durante 5 anos em outra escola na época que tava em sala de aula, de 2008 até 2013, 2012, 2013, se eu não me engano.

[ALE] Aí depois você passou a coordenar...

[PAS] Porque a escola que eu trabalhei foi uma das escolas piloto, quando veio a Aimê, que é de Portugal, ela veio e deu a formação pra gente. Nessa época eu estava na escola como professor na turma piloto.

[ALE] Entendi. Você recebe alguma formação pra passar pros professores? Como é que funciona?

[PAS] Não, a gente nunca recebeu nenhum tipo de formação pra trabalhar, o que a gente tem são, as vezes, reuniões porque, assim, um curso, nós somos chamados pras reuniões, essas reuniões capacitação de 2, 3 horas, conversa, acompanhamento, mas trata mais, por exemplo, os instrumentais, por exemplo, a gente trabalha com aquelas rubricas. Então, vê esse instrumental pra trabalhar com os alunos, que fala da questão das competências socioemocionais. Então, o que é que se percebe? A gente faz esse tipo de estudo com o bonde andando, o carro andando. Troca o pneu com o carro andando, a gente não tem como parar pra fazer isso não. Normalmente é feito até, por exemplo, 1 dia no semestre pra poder pontual.

[ALE] Como tá funcionando o diretor de turma aqui na, na escola?

[PAS] Assim, infelizmente, nós somos uma escola que temos muita coisa pra fazer. Então a gente é responsável por muitas coisas. Então, por exemplo, eu sou responsável pelo trabalho da pesquisa do NTPPS, pelo menos até 2019 eu era, vou passar pra tia Lu agora. Então, assim, eu sou responsável pelo NTPPS, o PDT e também o Jovem de Futuro, que é um projeto da escola que trabalha a questão das rotinas. Então, a gente tem que ficar se rebolando. Quando a gente tem professores que já tem um certo caminhar no PDT, a gente deixa um pouco mais à vontade, fazer isso, fica só perguntando como é que está, acompanhando, mas na verdade, a gente fica só um acompanhar de quê? Sempre tá ‘como é que tá? Como é que tá as coisas?’ como está sempre planejando, sempre acompanhando isso aí.

[ALE] Os professores Diretores de Turma tem que carga horária pra se dedicar ao projeto?

[PAS] Eles tem uma carga horária em sala de aula, que é a Formação Cidadã, é 1 aula semanal e tem 3 horas fora pra atendimento aos pais, atendimento aos alunos e também preenchimento dos instrumentais.

[ALE] Os professores conseguem fazer o preenchimento dos instrumentais mesmo com tão pouco tempo?

[PAS] Pois é, eles passam tanto tempo atendendo aluno e pai que essa questão do instrumental fica um pouco mais precário esse preenchimento.

[ALE] Mas aí você, como coordenador deles, o que é que você acha? Porque eles tão fazendo outra coisa, né.

[PAS] Eu entendo que seria interessante, só que do mesmo jeito que a coordenação tem muitos afazeres, os professores também tem muitos afazeres. São professores que tem uma carga horária com outras disciplinas, também que exigem muito deles.

[ALE] Todos os professores da escola são diretores de turma?

[PAS] Não. A gente, atualmente, só tem 6 professores que são PDT's.

[ALE] Aí como é que funciona a escolha dos PDT's?

[PAS] Perfil, professor que tem uma certa afinidade com os alunos, que tem uma certa disponibilidade. O que a gente percebe, tanto da gestão como os PDT's, é que, por exemplo, as coisas acontecem muitas vezes fora do horário escolar e do ambiente escolar. As vezes

um aluno que precisa, por exemplo, passar uma situação que aconteceu na escola por telefone, *whatsapp*... os professores também gerenciam grupo de *whatsapp*, não vou dizer todos, mas a maioria dos professores PDT's eles gerenciam o grupo de *whatsapp* da sala. Então, ali acontecem muitas coisas, ele tem que apaziguar conflitos. Então, nem todos os professores estão disponíveis pra esse tipo de trabalho.

[ALE] Então, é como se fosse um trabalho extra, fora da escola também.

[PAS] Também, também. Não é que seja, assim, um trabalho extra, ele não é obrigado a fazer isso, até eu já conversei com os professores que evitassem esse contato tão... com os alunos porque, por exemplo, tem filhos, são casados e eu acredito que isso não seja saudável pra ele, como pessoa, questão de ser salutar. Mas, numa emergência ninguém vai se negar a atender um aluno. Por exemplo, o aluno tem o seu contato, seu telefone pra poder lhe ligar, uma necessidade. Eu acredito que nem todo mundo tá disponível a entregar seu número pra um aluno.

[ALE] Mas os diretores de turma fazem.

[PAS] Se disponibilizam a fazer isso, eles são bem disponíveis nesse sentido.

[ALE] Aí como é que você percebe que um professor tem perfil?

[PAS] Eu vou lhe dizer o que acontece... os alunos pedem.

[ALE] É mesmo?

[PAS] Os alunos pedem... 'por que que fulano não é, não vai ser nosso PDT?'. Por exemplo, a gente teve uma situação dum professora que era PDT e teve um problema de saúde, pediu uma licença. Eles disseram assim: 'bota fulano pra ser nosso PDT'. Então os alunos escolhem 'por que que não bota fulano pra dar uma aula pra gente? Ele é tão legal conversando com a gente, ele conversa com a gente, ele nos entende'. Pedindo aula de sociologia. Então, quando agora surgir uma vaga para o PDT... Nós aumentamos de 7 pra 10 turmas com PDT, então a gente percebeu que esse professor ele tem muito perfil e a gente conversa com o professor, pergunta se ele tá disponível, se ele tem interesse. E o professor disse que tem interesse, também. É uma via de mão dupla.

[ALE] Então, há um trabalho de escuta da parte da coordenação em relação aos alunos pra escolha dos diretores de turma.

[PAS] Com certeza.

[ALE] E quando eles dizem o contrário? Quando não gostam?

[PAS] Os alunos?

[ALE] É... ou não acontece?

[PAS] Você tá falando no sentido de o professor já ser PDT...

[ALE] Ser PDT deles aí eles não...

[PAS] Não gostarem. A gente conversa com os alunos, tenta entender porque, assim, é necessário uma escuta e uma escuta empática pra poder entender o porquê, até onde faz sentido o que eles estão dizendo, até onde, realmente, é função do PDT ou não. Depois dessa conversa, a gente tenta, com certeza, filtrar um pouco do que tá acontecendo e trazer o que, realmente, faz sentido para o professor e conversa com o professor, pergunta o porquê tá acontecendo porque também a gente tem que entender... pode haver alguma situação com o PDT que a gente também não tá sabendo, a gente tem que ser um pouco assim, dá o benefício da dúvida. Você tá entendendo? E, por exemplo, a gente teve um professor agora, recentemente, que era PDT e não será mais. Mas, por que? Por que ele era um mau PDT? Não. Mas porque, assim, surgiu a carga horária maior e, colocando na balança, a gente percebeu que talvez o professor não tava tão satisfeito com a turma e vice-versa. Então, surgiu essa oportunidade e tem professores que tem o perfil melhor e professor também fez a troca. Acho que para o bem do professor, para o bem do aluno, para o clima, sem clima não vai funcionar bem.

[ALE]o projeto veio de Portugal mas tem uma novidade aqui pra gente, no Ceará, que é a questão socioemocional. Você acha que isso é um diferencial? Foi uma demanda nossa? Como é que consegue aplicar essa questão socioemocional na escola?

[PAS] Não sei se eu entendi bem tua pergunta. Se eu vejo como uma coisa importante?

[ALE] É.

[PAS] Sim. Com certeza, a gente percebe que essa questão só do cognitivo do aluno já caiu por terra há muitos anos. A gente tem estudado os materiais sobre a questão das competências socioemocionais, essas coisas, e anteriormente, material dos anos 90, já existia, já falava sobre as competências socioemocionais como inteligência emocional e

entre as competências socioemocionais a motivação é uma questão motivacional. Como é que eu vou motivar o aluno a querer aprender se ele não vê perspectiva? Então, essas competências como resiliência, a flexibilidade, abertura ao novo tem que ser trabalhado com o aluno pra poder ele entender. Eu digo muito pros professores e pros colegas quando a gente tem oportunidade que, assim, nós temos alunos que ninguém da família dele nunca entrou na universidade, ele não conhece ninguém do seu ciclo de amizade, da sua vizinhança, que tenha entrado na universidade. Aí eu te pergunto: é uma questão cognitiva do aluno ele entrar numa universidade? Não é. É uma questão emocional porque a motivação ela está ligada a questão das emoções, de ver motivos, de sentir... por exemplo, dele se sentir acolhido pela escola, acolhido pelo professor. Há muito tempo nós percebemos que muitas vezes o aluno ele não gosta, não é que ele não goste da disciplina, muitas vezes ele não gosta da disciplina porque ele não gosta do professor. Ele não tem empatia pelo professor, ele começa a odiar a disciplina. Então essas competências socioemocionais elas vem exatamente pra trazer esse pedaço que faltava da educação pra ser mais integral. Porque o integral não tá só no sentido do tempo não, mas a educação ser integral, ela ver outras partes da inteligências múltiplas. Então, eu vejo com bons olhos, acho necessário e hoje nós temos na escola uma carga horária maior, nesse sentido, porque nós temos o PDT, que trabalha as rubricas, trabalha essas competências, e temos o NTPPS que trabalha a questão da pesquisa e também as práticas sociais. E trabalha, por exemplo, o meio do aluno, a questão do convívio dele, do convívio em sociedade e também do mercado de trabalho. Sempre, em algum momento, ele vai trabalhar a questão do emocional.

[ALE] Tem uma coincidência entre PDT e o NTPPS? São as mesmas pessoas?

[PAS] São muito parecidos só que o NTPPS ele é mais estruturado. Já vem todo um material porque é um estudo que entrou em parceria com o governo do Estado e é todo estruturado e a gente tem a quantidade de aulas necessárias, vem tudo no manualzinho, então a aula 2, 3, 4, aula 20, tudo estruturado por bimestre. Já o PDT a gente percebe que é mais flexível, por exemplo, tem os instrumentais que existiam em 2008 quando e comecei e hoje não existem mais, as rubricas que surgiram agora com o Instituto Ayrton Senna. Então são... o PDT ele ainda tá ainda pegando mais cara. Porque, por exemplo, o PDT até uns 2 anos atrás, não

tinha essa questão das competências socioemocionais, surgiu agora, mais recentemente, porque eles perceberam a necessidade e também se viu o impacto desse professor dentro da escola, fazendo uma ponte entre professores, gestão e alunos. Ele está no meio e ele que faz essa conversa, essa mediação.

[ALE] É uma tríade.

[PAS] É uma tríade, com certeza, e ele está no meio dessa tríade aí.

[ALE] Eu perguntei se os professores de direção de turma geralmente são os professores de NTPPS.

[PAS] Nós temos um caso, o Tiago, ele é professor do NTPPS e também é PDT. Mas o Cristiano não é, professor Cristiano de inglês, Vitor não é, nós temos outra, a Patrícia, que não era PDT, agora vai ser PDT do terceiro ano além de NTPPS do terceiro ano trabalha e vai trabalhar agora a questão do PDT nessa turma, que não tinha porque a gente chegou agora, o terceiro ano, com o PDT.

[ALE] Entendi. O índice de evasão do Estado do Ceará é menor do que o do Brasil. Você acha que tem a ver? Porque o único Estado do Brasil que tem direção de turma.

[PAS] Bom, vou voltar a minha fala bem anterior pra justificar até essa questão do perfil do PDT. Então, nós temos um trabalho de busca ativa dos alunos. Então, quando percebe que o aluno está faltando com frequência, por exemplo, o aluno faltou 2, 3, 4 dias. Então esse aluno o professor PDT que está ficando com mais atenção, de forma mais assertiva, ele vai ter mais contato. Por que? Eu, na coordenação, tô gerenciando aqui 400, 500 alunos, pra eu sentir falta de aluno é mais difícil. A não ser que seja aquele aluno muito, assim, ou com muitos problemas... que a gente percebe sempre na coordenação eles aparecer ou então um aluno muito bom que de repente os professores começam a comentar. Mas o PDT, como ele tá com a turma dele lá de 40 alunos, ele já percebe, ele tem esse olhar um pouco mais atencioso, a verdade é essa. Então, ele percebe, já começa entrar em contato com os alunos... os PDT's, como eles tem o grupo do *whatsapp*, por exemplo, o professor Tiago ele tem o grupo dos pais. Então, com certeza a atenção é maior, e uma coisa que... de novo, aí as competências socioemocionais, acho que, eu acredito que entra, isso é uma percepção minha, é que quando o um professor ou o coordenador liga para o aluno e diz que tá

sentindo a sua falta, aquela pessoa sente pertencendo àquele ambiente, um sentimento de pertença. Tem até uma curiosidade interessante que não é do PDT, mas que eu acho que faz muito sentido é que... nas duas primeiras semanas de aula, alunos novos eu chamo pelo nome, ‘já sabe meu nome?’ ‘sim’. Então o aluno percebe que quando eu chamo ele pelo nome ele não sente mais aquela coisa, não, ele sente pertencendo. Então, se eu vejo a importância do nome do aluno, saber o nome dele, é porque o nome dele é importante. Então, é uma coisa que trás o aluno pra próximo da gente. Um comentário, já, da minha experiência como PDT, é uma coisa que eu não sei se foi boa, foi ruim... mas os alunos costumam me chamar de pai. ‘Ei, pai, pai’. ‘Eu não sou seu pai’. Tentei explicar, sensibilizar, não dizendo que sim ou que não, mas de não tomar o lugar do pai. Mas, depois, conversando com os alunos eu... também é uma coisa importante do PDT, vou frisar. O PDT conhece a história dos alunos que os outros professores não conseguem conhecer, devido a demanda que é muito grande, nós temos professores que tem 16 turmas porque ensinam duas disciplinas, por exemplo, sociologia e história, aí ele fica com a carga horária muito grande de turmas pra dar aula pra a carga horária. Então o PDT sabe história de alunos que, você fica assim... eu não imaginava. E é uma coisa muito importante, Alexandra, que é bom que eu vou comentar com você que, como eu acompanho os PDT’s, eu também converso muito com os alunos e, uma coisa interessante, você vê o aluno no pátio, o aluno sorridente, brincalhão, as vezes é o líder da sala, e quando a gente conversa com o aluno a gente vê história de espancamento, alunos que foram abusados por padrastos ou por primos ou alguém da família, a família as vezes sabe e não faz nada; alunos que o pai foi embora, abandonou, que não tem atenção. Nós temos alunos que, por exemplo, que moram com a irmã porque a mãe arranjou um novo marido e o marido não aceitou a pessoa que já é uma moça, 16, 17 anos, já tem que morar com o irmão. Então são essas histórias que mexem com o aprendizado do aluno. Aí o PDT vai estar lá pra conversar, pra poder fazer aquela pessoa se sentir presente. Nós temos depoimentos de alunos, quando eles escrevem, de dizer que se sentem bem na escola, em casa não. E como é que a gente vai saber disso? O PDT. Então o PDT trás muito essa questão da humanidade da escola, essa humanização da escola o PDT muito presente. Isso é uma percepção minha.

[ALE] Professor, numa visão geral, o diretor de turma funciona, é um projeto que funciona?

[PAS] A escola funciona por causa do PDT. Se a gente pudesse estabelecer as pernas da escola, o PDT é uma das pernas.

[ALE] E o que pode melhorar no Diretor de Turma? O que é que pode mudar pra que possa ser melhorado?

[PAS] Pronto, a reclamação que a gente escuta diariamente, o PDT já teve 5 horas, agora são só 4, diminuiu 1 hora. Mas, assim, é uma questão... primeiro, a questão da estruturação, a gente ainda tá um pouco ainda... é assim, esse ano, o que é que vai ser? Eu não sei. A gente vai ter, talvez, uma formação, vê como é que vai ser, a gente traz o instrumental, mas assim, não tem como planejar tudo. Ahh, não sei o quê, tá bruto. Não tá muito estruturado, eu sei que vai ter as rubricas, mas quando é que vem? Quando a gente começa? Eu não sei ainda, não tenho esse calendário. E também essa questão muito burocratizado, ainda é muito burocratizado, já mudou muito. A gente tinha um dossiê que era assim, tipo, 4 dedos de altura Pro professor PDT fazer, preencher isso aí, porque são muitas informações importantes, mas muitas informações, distância que mora da escola, mora com pai, com mãe, salário de pai, de mãe, das irmãs, recebe... era muita coisa, você está entendendo? E, pro professor, acredito que ele perdeu muito tempo preenchendo o instrumental e esqueceu do ser aluno, sujeito aluno. Então poderia ser mais estruturado e talvez ser menos burocrático para o PDT preencher tanto papéis.

[ALE] Então são 3 demandas: mais estruturado, mais tempo e menos burocrático.

[PAS] Sim. O tempo, também, faz muito sentido porque, o que acontece... vou até citar a questão do tempo. Temos muitas situações com os pais que você percebe essas demandas que eu tô lhe falando, então você já percebe que é necessário o professor conversar com os pais. A conversa com o pai não é menos que meia hora. Então, toda semana ele chamar os pais, então ele vai conseguir atender 4, 5 pais... numa semana. Então, num mês, ele só atendeu 20 pais. Aí você percebe que as demandas voltam? Não tem como atingir 40 alunos. Sem contar que ele atende pai e também atende alunos.

[ALE] Alunos

[PAS] Então, durante o dia do professor, o aluno vem, as vezes com as demandas, tá problema, conversar com o PDT. O PDT é o psicólogo, as vezes é o pai, a mãe. Claro que a gente não quer ter esse papel, mas acaba sendo porque numa necessidade... aí também o perfil do PDT, numa necessidade ‘haaa, eu não vou fazer isso porque eu não sou psicólogo’. Mas, escutar o aluno eu acredito que qualquer pessoa pode escutar, eu acredito que qualquer pessoa tem o potencial de escutar. Mas tá todo mundo disponível? Porque a gente tem que se colocar no lugar do aluno, a gente tem que ser muito humano pra tá atendendo um aluno e escutar sem julgamentos, isso é importante, e também trazer pro aluno que esse ambiente, a conversa, é um ambiente seguro, certo? E também, para o aluno, que o que tá sendo conversado ali, ali vai ficar. Então, nenhum PDT chega pra mim contando nenhuma conversa de aluno não. O PDT pode falar pra mim, assim, ó: conversa com o aluno, ele tá precisando conversar um pouco. Porque muitas vezes o aluno nos procuram, aqui da gestão escolar, pra contar uma coisa que seja um pouco mais... pesado. Até porque a gente precisa trabalhar com os alunos mediante uma estrutura, um conhecimento do aluno. Eu não posso trabalhar com todos os alunos, nossos 400 alunos, da mesma forma. Nós temos aqui 400 mundos. Então, por exemplo, nós temos alunos que de repente começam a chegar atrasado na escola. Aí, vamos lá, ah o horário da escola, a gente tem um horário da escola, mas eu vou barrar o aluno? Sabendo que o aluno, por exemplo, ele não vem pra escola tão cedo porque tem que deixar o irmão menor na escola, porque as vezes é um aluno que vem a pé de um local que não tem transporte escolar. Então, a gente precisa ter essa escola humanizada. Então o PDT nos traz essas informações e a gente as vezes também auxilia porque a gente percebe que essa conversa é uma conversa que precisa ter mais elementos.

[ALE] Então o PDT ajuda na humanização do ambiente escolar.

[PAS] Também, também.

[ALE] Interessante, né. (risos) Pois é, acho que é isso.

[PAS] Respondi certo? (risos)

[ALE] Respondeu. (risos)

[PAS] Na verdade não existe resposta certa ou errada...

[ALE] É.

[PAS] Existem respostas, existem situações e, assim, nossa escola. Então, a gente vai tentando sempre olhar o que pode ser positivo. O que vem a agregar a gente tá querendo, tá abraçando com unhas e dentes. Então, nunca vou querer que o PDT saia da escola porque é aquela figura que nos dá suporte muitas vezes, é o que faz a ponte, e a coordenação já é sacrificada com muitas demandas da escola do pedagógico e muitas vezes também do administrativo e o PDT ele filtra um pouco mais isso aí e também suporta, junto com a gente, essa carga. E isso é importante.

[ALE] Obrigada, viu!

### **ENTREVISTA 07**

[ALEXSANDRA / ALE] Pronto, você pode falar o nome e tua área de formação.

[VAL] Meu nome é Valnice Maria Rodrigues Gonçalves, sou formada em Letras Português, terminei a especialização em Gestão Escolar e Supervisão Pedagógica.

[ALE] Tá.

[VAL] É atualmente tô fora de sala de aula, tô trabalhando na gestão desde 2016, como coordenadora pedagógica na Escola Raimundo de Carvalho.

[ALE] Quanto tempo que você é professora?

[VAL] Professora, dou aula desde 2002.

[ALE] Aí você era professora de português?

[VAL] Sempre fui professora de português e em 2014, quando assumi o Estado, assumi as turmas de artes também.

[ALE] E você gosta de artes e de português?

[VAL] Eu gosto das duas por conta da minha ligação com a cultura, com os maracatus, com o reisado, isso.

[ALE] Você é coordenadora da parte dos PDT's?

[VAL] A gente não conseguiu chegar a dividir as funções porque a gente acaba tendo que fazer tudo ao mesmo tempo. O ideal seria que a gente tivesse, que a gente conseguisse focar apenas no PDT, mas também faz parte o acompanhamento dos PDT's. Aí pelo fato da gente

não conseguir focar só no PDT, a gente acaba não conseguindo fazer acompanhamentos 100 por cento. Todo mundo faz tudo ao mesmo tempo não faz nada.

[ALE] Você mora aqui?

[VAL] Não, moro no município de Fortaleza.

[ALE] Quanto tempo você demora pra chegar?

[VAL] Aí depende de como eu venho. Normalmente eu uso metrô. O deslocamento de casa pra cá pode ser de meia hora há 1 hora porque depende se coincidir com os horários do metrô e com o horário da topique também porque eu pego duas conduções, eu pego o metrô e a topique.

[ALE] Como é o público da escola que você trabalha?

[VAL] É um público carente, se bem que ultimamente a gente tem percebido que o perfil do aluno de escola pública tem mudado, até mesmo numa escola como a nossa que é aqui do Jereissate, a gente tem percebido que cada vez mais tá vindo gente que antigamente pertencia a uma classe média e hoje em dia que a gente tem recebido muito aluno de escola particular. Há cada ano a gente tem recebido mais, normalmente a escola, por ser do Estado, já tem a vaga destinada à alunos que vem do remanejamento da escola do município e a cada ano a gente tem recebido mais alunos vindos de escola particular. Isso aí já é um reflexo da própria posição financeira do país, da situação da crise, que as pessoas chamam tanto de crise, mas nada mais é do que a falta de assistência do governo refletindo na vida das pessoas, em relação ao aumento de coisas e a questão da prioridade. E, assim, quando a gente começa a querer cortar determinadas coisas na nossa vida, uma das coisas que a gente acaba cortando são os maiores gastos e a educação é um dos gastos que se tem numa família.

[ALE] Você acha que o perfil da escola mudou quando passou de regular pra integral?

[VAL] Isso aí é notório também, a gente percebe que tem mudado, assim, muitos problemas que a gente tinha antigamente, que a gente encontrava na escola pública, eu só posso falar de escola pública de 2014 pra cá, os problemas que eu encontrava em 2014, 2015, 2016 eram bem mais graves, antigamente, do que os que a gente encontra hoje em dia, eu tenho vários posicionamentos críticos em relação a isso porque a partir do momento que os alunos

que a gente tem não querem nada, que eu também odeio esse termo, eles acabam não querendo ficar o dia inteiro numa escola. Ao mesmo tempo que a escola perde ela deixa de cumprir o papel dela que é o de oferecer oportunidades de repente tirar um aluno do mundo do crime, por exemplo. E aí os alunos que conseguem vir pra escola de tempo integral abraçam a oportunidade pra ficar na escola ou, simplesmente, desistem. E, assim, tem mudado porque um aluno que não tem paciência pra ficar o dia inteiro na escola ele não vai ficar no tempo integral.

[ALE] Então é um filtro mesmo natural.

[VAL] É, é um filtro natural. Aí eu não sei até que ponto é interessante isso em relação à sociedade porque num futuro bem próximo a gente vai ter vários alunos, vários adolescentes na rua, porque eles não vão querer ficar na escola o dia inteiro e a escola acaba, as vezes, não sendo tão atrativa. Pra escola de tempo integral conseguir pegar esse adolescente que tá na rua ela tem que ser muito atrativa, mais atrativa do que o crime.

[ALE] E aí? A gente tá conseguindo?

[VAL] Aí é um trabalho que tem que ser feito com todo o mundo, todo mundo tem que realmente abraçar a causa da educação que é o que deveria ser, a educação é isso. A educação deveria ser pra transformar, deveria servir pra transformar as pessoas.

[ALE] Quantos diretores de turma a escola tem?

[VAL] Esse ano a gente vai conseguir ter diretor de turma em todas as escolas, em todas as turmas, 9 turmas e 9 diretores de turmas.

[ALE] E como que são escolhidos os diretores de turma?

[VAL] As pessoas têm o hábito de dizer que deve ter perfil pra um diretor de turma. Eu acho que o perfil do diretor de turma é gostar de gente, isso aí seria o essencial, o fundamental. Realmente, eu não posso colocar qualquer professor como diretor de turma porque a gente sabe que o Projeto Diretor de Turma faz efeito, isso é fato, ele muda a escola, ele muda a turma. As vezes a gente pega uma turma altamente problemática no início do ano e a gente tem um diretor de turma que abraça, a gente até fala que o diretor de turma vira mãe e pai da turma, mas é porque ele tem que gostar, ele tem que gostar do que ele faz, ele tem que gostar das pessoas, tem que gostar dos alunos, e gostar é você entender porque as vezes até

um aluno que é problemático é um aluno que tem sérios problemas, problemas até que a gente que tem o dobro da idade deles nunca nem sonhou em passar por aquilo ali. Quando a gente começa a conhecer a realidade do aluno a gente percebe o quanto é... não é justificar os problemas que ele tem, mas é tentar entender pra poder mostrar pra ele outros caminhos. O perfil maior é isso, é gostar de gente, é ter a sensibilidade de entender os problemas, entender as pessoas, tentar conscientizar, tentar mostrar pra eles uma outra direção, uma outra luz. É isso, aí assim, eu acho que basicamente é isso, o diretor de turma ele precisa gostar de gente, porque ele é essencial na escola, no andamento da escola e no próprio perfil da escola, que a escola também tem mudado por conta disso, por conta dos diretores de turma.

[ALE] O índice de evasão do Ceará é menor do que o do Brasil e o Ceará é o único Estado do Brasil com direção de turma. Você concilia essas duas informações?

[VAL] Com certeza porque o diretor de turma ele consegue mapear, ele consegue ser esse farol que a gente, da gestão, precisa pra saber onde é que anda o aluno, qual o aluno que tá faltoso, é essencial. É tanto que, hoje assim, uma coisa que eu considero que um dos projetos que não tem nem perigo do Estado deixar é o Diretor de Turma porque, assim, a gente percebe o quanto ele é fundamental, ele é essencial pra questão da evasão escolar, pra questão dos próprios problemas que a gente tinha antigamente de problemas mesmo que o diretor de turma ele consegue identificar rápido o problema em relação à violência, a crime, à questão de drogas, qualquer problema que aconteça na escola ele é um dos primeiros que consegue descobrir isso e trazer pra gente, a gente tenta chamar, fazer esse elo com a família e tentar resolver, procurar soluções pra esses problemas.

[ALE] Diretor de Turma ele é um projeto que veio de Portugal mas, aqui no Ceará tem um grande diferencial que é a questão socioemocional. Não tem essa perspectiva em Portugal. Como é que você encara essa questão do desenvolvimento socioemocional pro aluno, pra escola?

[VAL] O diretor de turma tá muito alinhado à questão da própria base nacional curricular que já prevê a questão do Projeto de Vida. O Estado acabou pegando o estudo das competências socioemocionais porque a ideia é cada vez mais a gente tirar a educação como

simplesmente passar conteúdo, mas trabalhar, preparar a pessoa pra vida, que educação é isso. E não tem como eu trabalhar educação sem tentar mudar as pessoas, transformar a pessoa se não, também, se não for através do desenvolvimento das competências socioemocionais. É por isso que o projeto Diretor de Turma hoje em dia ele tá muito ligado com o trabalho que é desenvolvido no núcleo que tem a questão do Projeto de Vida e as Competências Socioemocionais. E aí o Estado tem essa preocupação tem uns 4 anos que ele já trabalha a questão do Projeto de Vida e das competências socioemocionais. Porque é isso, porque educação não é só aquisição de conteúdos, também é transformação e pra transformar eu preciso transformar meu jeito de pensar a questão da empatia, a questão do protagonismo, de todas as competências que a gente tem é, emocionalmente.

[ALE] Você falou da questão do PDT e do núcleo. Hoje, mais cedo, eu entrevistei outro coordenador que também fez essa mesma relação, os professores do núcleo são escolhidos pelos mesmos critérios do diretor de turma?

[VAL] A gente sempre procura ter essa conversa, hoje mesmo eu tava conversando sobre a questão do projeto do núcleo em relação a isso. Os dois, núcleo e o PDT precisam ter essa preocupação com o outro, de tentar enxergar o aluno não somente como um ser que tá na hierarquia de uma escola, num ser inferior, que isso não existe. A educação, pelo menos a educação do século XXI ela é bem horizontal, ela é bem na questão da... horizontal não, bem da questão vertical, todo mundo tá no mesmo patamar, é a questão da gente compartilhar conhecimentos, a ideia bem é essa. E aí tem que ter essa preocupação com a questão de você ver o outro, de tentar incentivar a questão do projeto de vida, a questão de ter um porquê de tá estudando e entender o que se passa na vida do aluno, enfim.

[ALE] Você acha que o diretor de turma funciona?

[VAL] Ah, isso aí eu não tenho dúvida não tem como a escola sem o projeto diretor de turma, eu acho que a escola perder muito. É tanto que esse ano que a gente tá conseguindo... o perfil que existe na escola de tempo integral é, justamente, todas as turmas ter a Formação Cidadã como parte diversificada. Então, é obrigatório ter o projeto Diretor de Turma na escola de tempo integral. Então, assim, a escola esse ano vai ganhar muito tendo todas as turmas com DT, por exemplo, ano passado a gente tinha as turmas de tempo

integral funcionava com o projeto Diretor de Turma e os terceiros não, aí os terceiros acabava ficando um pouco deslocado porque a gente não consegue ter esse acompanhar... a gente teve acompanhamento das turmas de terceiro ano, não é a toa que a gente só teve uma evasão escolar, praticamente, um aluno que desistiu das duas turmas de terceiro que a gente tinha porque a gente, realmente, sentou e ficou acompanhando aluno-aluno, a gente fez esse trabalho que o diretor de turma normalmente faz. E não é a toa, assim, que quando a gente percebe... vai acompanhando os diretores de turma, a turma que tem o diretor presente, mais próximo, é uma turma que... eu não vou dizer que é uma turma perfeita, porque nenhuma família é perfeita, ninguém é perfeito, nada é perfeito, mas a gente consegue ter pelo menos um farol a procura de solucionar aquilo ali, já sabe qual terreno que a gente tá andando.

[ALE] Então se não for satisfatório, você coloca outra pessoa.

[VAL] Não, assim, eu não vou dizer que... a gente não... já aconteceu isso, do ano passado pra cá a gente não fez isso porque eu acho que o que a gente, o que a gente tem hoje como diretor de turma atende muito bem o que a gente quer.

[ALE] O que é que você acha que pode melhorar? Então, se você fosse dar algumas dicas pro projeto diretor de turma melhorar, quais seriam?

[VAL] Eu queria mais tempo porque eu acho pouco. Porque, assim, uma das propostas, eu... eu até acho que antigamente o diretor de turma eles tinham um pouquinho... mas se bem que ele foi sempre 4 horas.

[ALE] Teve um período que foi 5 horas, acho que 2016 mudou pra 4.

[VAL] A ideia do diretor de turma é ter tempo pra... se bem que agora acabou tanta burocracia que a gente tinha antigamente, que a gente passava mais tempo escrevendo, preenchendo papel. Hoje em dia a gente faz os acompanhamentos, mas não tem tanto papel, tanto a parte burocrática. Mas um dos papéis que o diretor deveria ter era ter essa ligação com a família, ter atendimento da família e ter pelo menos... antigamente eram 4 tempos, era 1 tempo para Formação Cidadã que era em sala que a gente, querendo ou não, sabe que é pouco. 1 tempo, se for numa sexta-feira, já quebra as pernas da gente, se for uma sexta-feira que tem impressado, já é complicado, mas dá pra gente acompanhar os problemas da

turma e trabalhar aquela temática. Aí fica 3 tempos pra preencher essa parte burocrática, atendimento do aluno e atendimento da família. Só que as vezes 1 hora, no início do ano que a gente tem, a gente consegue identificar vários problemas... é complicado a gente ter 1 hora não é suficiente pra atender tanta demanda em relação a acompanhamento dos alunos e receber a família também. Então eu acho que as vezes é a questão do tempo mesmo.

[ALE] Qual seria tua sugestão de tempo, então, que acha que seria mais viável pra ele?

[VAL] Não sei porque, assim, a gente não consegue... porque na prática a gente não consegue atender, fazer o atendimento direto da família, assim, eu não, pelo menos na prática, eu não... se a gente conseguisse pelo menos atender duas famílias por semana... digamos que uma turma tenha 40 alunos, se a gente dividir pelas 4 semanas, o diretor de turma deveria, se ele quiser fazer um atendimento perfeito, atender todas as famílias, ele deveria atender 10 familiares por semana, pelo menos. 10 familiares por semana em 1 hora não dá pra fazer isso. Ele não vai conseguir fazer isso. Ele vai poder, no tempo que a gente tem hoje, no máximo que ele vai conseguir fazer 5 ou 2 por semana, ele não vai conseguir mais do que isso.

[ALE] E as famílias são presentes? As famílias costumam vir? Os professores têm esse contato?

[VAL] Não, isso aí já é outro trabalho que a gente tem que ter que a escola também tem que ter porque as vezes a família joga o aluno na escola, matricula o aluno na escola e acha que aquilo ali já tá resolvido. A gente também... não vou dizer que é 100 por cento mas, no geral, a gente tem 20 por cento das famílias que são preocupadas, que estão presentes na escola. Umas 40 a gente consegue contato na hora que a gente pede, eles vem aqui, mas a maioria não tá nem aí, se o aluno puder resolver de matricular e pedir transferência, a família agradece.

[ALE] Você foi diretora de turma durante quanto tempo?

[VAL] Durante 2 anos. Foi 2 anos. Que eu entrei no Estado em 2014 aí já fui diretora de turma em 2014, 2015. Aí 2016 eu comecei como diretora de turma, mas aí eu saí no meio do ano.

[ALE] Aí qual foi o maior o desafio que você já teve nas suas turmas?

[VAL] Ai, eu não sei.

[ALE] Foi tranquilo?

[VAL] É, a turma era boa.

[ALE] Então... tá.

[VAL] Não tive problema não.

[ALE] Você recebe alguma formação pra ser coordenadora dos PDT's?

[VAL] A gente teve... ano passado teve uma, uma reunião só. É até uma crítica que a gente sempre faz porque o que é que a SEDUC faz? A SEDUC, quando ela começa com um projeto, ela faz formações maravilhosas e aí, no ano seguinte, ela já reduz a questão porque a ideia é você multiplicar, sempre quem participa multiplica, multiplica pra outros. O problema que a gente, nosso quadro não é fixo, a gente sempre tem uma rotatividade. Então, hoje eu tô aqui, amanhã posso estar em outra escola. Então a formação que eu recebi aqui na escola já não vai servir pra outra escola, não vai mais servir pra cá. A mesma coisa, a gente manda os diretores de turma pra uma formação, no ano seguinte pode ser que eles não estejam mais na escola, a gente tem essa dificuldade. Então seria interessante que a formação fosse contínua. Esse ano teve 2 formações de PDT, acho que foram porque só teve ano passado. Teve 2 formações eu participei de 1 como coordenadora porque a outra teve que era só pra diretor de turma.

[ALE] Só pros professores, né.

[VAL] Era só pra professores.

[ALE] Quantos professores foram?

[VAL] Eu acho que foram 2, que também não tem como todo mundo sair por conta do horário. Não dá pra desfalcar a carga horária da escola. Acho que só foram 2.

[ALE] Os professores planejam em horários diferentes do diretor de turma.

[VAL] É, eu tô tentando ver se eu consigo colocar todo mundo planejando no mesmo horário. Tô tentando.

[ALE] Tá. Então eu acho que é isso. Obrigada.

**ENTREVISTA 08**

[ALEXSANDRA / ALE] Eu preciso que você diga o seu nome e sua área de formação.

[PAT / PAT] Eu me chamo Patrícia Fernandes, a minha área de formação é geografia, eu me formei na UECE e atualmente eu estou na escola Fausto Arruda.

[ALE] Você disse que tava em outra escola também...

[PAT] Isso...

[ALE] Mas é...

[PAT] O EJA.

[ALE] Lá é EJA, não é?

[PAT] Lá é EJA.

[ALE] Não tem PDT em EJA.

[PAT] Não tem.

[ALE] Mesmo na escola Fausto Arruda agora também não tem PDT pra EJA?

[PAT] Não.

[ALE] Aí quanto tempo que você demora pra vir da sua casa pra escola que você trabalha?

[PAT] 1 hora e 15 minutos.

[ALE] Mas você vem de quê?

[PAT] De ônibus.

[ALE] Tu mora em Fortaleza?

[PAT] Moro em Fortaleza...

[ALE] E a escola na Pacatuba.

[PAT] Isso.

[ALE] Você foi diretora de turma ano passado.

[PAT] Isso.

[ALE] Aí como é que foi?

[PAT] Fui diretora de turma na escola Casimiro Leite de Oliveira, a experiência foi pequena, de uma certa forma porque eu substituí um professor que tirou licença, porém, essa experiência eu já tinha indiretamente porque eu sempre costumo ter essa integração mesmo

maior com os alunos, além disso eu fui e sou professora de NTPPS, então isso facilita bastante. A questão da experiência pra mim foi mais positiva do que negativa, o que mais teve de negativo é a questão da resistência aos alunos, a questão da evasão que é o maior problema, onde a gente algumas vezes não consegue ter o retorno. Mas, assim, de modo geral, a experiência de PDT, pra mim, é muito proveitosa. Eu acho que muita das vezes o ambiente escolar acaba sendo o maior reforço dos alunos, onde eles se sentem mais em casa e ter esse apoio, com o diretor de turma, eu acho que fortalece muito pra eles.

[ALE] Como era a tua turma quando tu tava lá?

[PAT] A minha turma era muito integrada... turma de segundo A.

[ALE] Era uma turma de regular ou uma turma integral?

[PAT] Integral. Era uma turma de segundo ano. Eles eram muito integrados, se ajudavam muito, eram muito próximos um do outro, se defendiam, se protegiam de todos e em relação aos projetos a turma era muito homogênea. Então, assim, quando um estava mais cabisbaixo o outro ia e ajudava, tinha realmente essa integração, realmente tive muita sorte, posso dizer assim porque tem outras turmas que tem outros desafios mais difícil. Eu não tive tanta experiência negativa.

[ALE] Então muito bom, né.

[PAT] É, foi muito bom.

[ALE] Você falou da questão da evasão, né.

[PAT] Isso.

[ALE] O Ceará tem o menor índice de evasão do Brasil, de 5%, enquanto o país tem de 8%, e é um dos estados com menor evasão. É o único estado do Brasil com direção de turma, você acha que tem alguma coisa a ver?

[PAT] Acredito que sim, mas ao mesmo tempo a gente fica se questionando porque essa questão do diretor de turma não é em todas as escolas, mas eu acho assim, que é algo, realmente, facilitador que pode amenizar porque eles se sentem com alguém que esteja por eles, que esteja cuidando, porque eles nos veem como alguém que cuida, alguém que está ali, que eles podem contar. Então eu acredito que tenha uma certa ligação sim.

[ALE] Você falou dessa coisa da ajuda... Você acha que a direção de turma tem uma relação maternal, paternal com os alunos?

[PAT] Eu não gosto desse termo, maternal, paternal, eu acho muito forte. Mas, assim, a gente ajuda e as vezes, indiretamente, a gente acaba fazendo o papel que muitas vezes eles não tem lá fora. Apesar de eu achar esse termo muito forte porque eu acho que não deveria substituir, mas infelizmente por conta da deficiência que a gente... os problemas sociais que os nossos alunos estão envolvidos, a gente acaba muitas vezes fazendo esse papel, e assim, a gente que se aproxima mesmo, que se envolve com os problemas dos alunos, eu costumo me envolver muito. Não sei se isso é bom ou ruim, eu acredito que seja bom porque eu acho... muitas das vezes tem solução, a gente consegue salvá-lo, de uma certa maneira.

[ALE] Da experiência que você teve, quais foram os problemas que você tinha lá com a sua turma?

[PAT] Além da evasão de alunos que realmente a gente não conseguia resgatar, teve um caso que me chamou muita atenção que uma aluna namorava, tinha um companheiro que era da mesma escola, de turmas diferentes e ela meio que mudou, foi mudando o comportamento depois de começar esse relacionamento. E aí no meio ela engravidou, era um relacionamento muito abusivo com ele. Ele a impedia, as vezes, de ir pra escola. Então, assim, isso foi mais dificultoso pra mim, foi um dos casos mais sérios em que a gente quase não conseguiu resgatá-la.

[ALE] E ela conseguiu voltar?

[PAT] Conseguiu, mas aí tem a gravidez e aí ela vai se afastar de novo, pelo menos no período da licença maternidade, mas a gente conseguiu com muita luta a gente conseguiu fazer com que ela voltasse. Amenizar a situação.

[ALE] É. Que realmente é um problema que a escola não dá conta.

[PAT] É verdade.

[ALE] Dentro da experiência que tu teve, tu conseguia ter contato com os pais dos alunos?

[PAT] Sim, geralmente, sim.

[ALE] Se tu fosse colocar numa média em porcentagem...

[PAT] 60 por cento, porque tem uns bem resistentes, tem uns que a gente não consegue, tem uns que, é... a gente é mal atendido, eles realmente colocam toda a responsabilidade pra cima da escola. Ficam chateados quando a gente liga pra avisar sobre algum problema ou alguma advertência que o filho sofreu, realmente, tem alguns que são bem dificultosos da gente manter contato. Então, 60 por cento mais ou menos.

[ALE] Um dos eixos centrais do diretor de turma tem a ver com a questão do socioemocional, Você conseguiu trabalhar isso com a tua turma? Deu tempo?

[PAT] Deu, porque eu já era professora de núcleo deles, a disciplina de NTPPS trabalha também essa questão. Então, eu consegui, eu consegui e eles, de uma maneira natural, já eram bem integrados, então, assim, eles realmente, tinham essa proximidade, eles se abriam comigo, então eu realmente tive essa facilidade com eles, de trabalhar essa parte socioemocional, de ajudá-los, de ver a diferença, a mudança contínua de alguns que eram mais acuados ou mais agressivos e foram melhorando, foram se integrando mais.

[ALE] Eu tenho uma pergunta com relação ao sistema, você conseguiu preencher o sistema?

[PAT] Ahh, a questão do sistema, realmente, eu acredito ser algo negativo porque a gente tem muito problema. Um deles é o tempo, a gente, apesar de ter aquelas 3 horas de planejamento exclusivamente para o diretor de turma, eu acho pouco tempo, para mim foi pouco tempo, e a questão do sistema mesmo, internet, as vezes a gente não consegue terminar em tempo hábil, não consegue acompanhar essa questão do sistema, sempre ficava atrasado.

[ALE] E se você fosse elencar as suas prioridades... o sistema ele estaria em qual lugar? Tem o aluno, tem a escola, tem os pais... enfim, todas as tarefas do diretor de turma, o sistema ficaria em qual lugar?

[PAT] Eu acredito ser o menos importante. Acredito ser o menos importante, ser o último lugar.

[ALE] Patrícia, no geral o projeto professor diretor de turma funciona?

[PAT] Essa pergunta é bem delicada porque, assim, eu acredito que pra ser diretor de turma tem que ter um perfil bem trabalhado e eu acredito, apesar dos problemas, dos entraves, eu acredito que ele funciona, pode funcionar, mas nós poderíamos ter um aparato melhor: mais

tempo. Nós também professores, já que trabalhamos com essa questão socioemocional, nós poderíamos ter um acompanhamento também. Ajudaria também se a escola tivesse acesso a psicólogos, que nos ajudaria bastante, muitas das vezes nós não conseguimos dar conta. Mas, de modo geral, acredito que o diretor de turma funciona.

[ALE] Você comentou sobre o perfil, o que é esse perfil?

[PAT] A questão da sensibilidade, de ter essa sensibilidade, a empatia, de perceber além do grosso modo os alunos, a gente conseguir perceber para além do que tá ali na nossa visão, a gente conseguir captar o que os alunos o emocional dos alunos. Você fala essa questão do perfil...

[ALE] É muito subjetivo, né.

[PAT] É muito subjetivo, então, assim, eu acredito que a sensibilidade, você ter esse olhar mais afetuoso, conseguir ter essa sensibilidade, você consegue captar porque o nosso dia a dia já é muito corrido. Então, realmente, as vezes a gente deixa passar, mas se você... as vezes a gente olha e consegue, quem tem mais sensibilidade, captar o que aquele aluno está sentindo, só de olhar.

[ALE] Você teve numa escola com PDT e agora você tá numa escola sem PDT. Qual é a diferença?

[PAT] Como eu gosto dessa proximidade com os alunos, eu acho um pouco ruim porque você não tem meio que a função, mas você acaba fazendo isso involuntariamente. Se tivesse diretor de turma, a gente poderia solucionar alguns problemas que infelizmente, por conta de não haver, a gente não consegue. A evasão em uma escola regular é muito maior, na maioria das vezes. Então, se houvesse Projeto Diretor de Turma a gente poderia diminuir esse problema.

[ALE] E a escola que você tá agora não tem Diretor de Turma, você me explicou em outro momento, que foi tentado, teve, não funcionou.

[PAT] Isso, isso, já foram feitas algumas tentativas, solicitado, mas não, não foi aceito. Eu não sei se é por conta de ser uma escola regular, não sei se é por conta da localidade porque a gente sabe que tem escolas regulares que tem o projeto Diretor de Turma mas aqui por dois anos seguidos foi solicitado e não foi aceito.

[ALE] Mas não foi aceito por quem? A gestão não aceitou?

[PAT] Não, a gestão solicita...

[ALE] Os professores?

[PAT] Não, a gestão solicita para os órgãos maiores.

[ALE] CREDE.

[PAT] Isso, e não, não é acatado, não é acatado. Assim como a disciplina de NTPPS.

[ALE] Nossa, gente. Uma pergunta que não tem tanto a ver, assim, com a questão da direção de turma: aqui tem AEE?

[PAT] Tem.

[ALE] O AEE tem uma boa funcionalidade?

[PAT] Tem, a gente tem uma sala específica de suporte, de assistência e quase todas as salas, praticamente todas as salas têm alunos, e a gente hoje tem 37 alunos e realmente tem uma assistência bem, bem bacana.

[ALE] Então são 2 problemas aí só: o diretor de turma e o NTPPS.

[PAT] Isso.

[ALE] Não existe previsão dessa escola ser tempo integral?

[PAT] Não, não.

[ALE] Porque já tem, bem perto aqui, duas, né.

[PAT] Isso. Ela hoje é a única da Pacatuba.

[ALE] Única regular.

[PAT] Regular.

[ALE] Pois é, tanto que eu...

[PAT] Aí tem a questão da superlotação de alunos que também gera problema.

[ALE] Patrícia é isso.

[PAT] É?

[ALE] Tá bom?

[ALEXSANDRA / ALE] Pronto.

[PAT/ PAT] Que a gente, com acordo interno, a gente, a gestão colocou essa demanda e os professores aceitaram que é assim, adotar uma turma, né.

[ALE] Trabalhar de graça.

[PAT] (risos) A seu gosto, né, então assim, a gente optou pelos primeiros anos, já que estavam chegando, pra se adaptarem, ficaram dois professores por...

[ALE] Por sala.

[PAT] Por turma, pra gente tentar integrá-los, ajudá-los, fazer mapeamento, essas coisas, a função de um diretor de turma. Eu aceitei de boa porque, como eu te falei, eu gosto dessa turma.

[ALE] E teve muitos professores que não quiseram?

[PAT] Não, até que aqui a aceitação foi de boa.

[ALE] Ah, que massa.

[PAT] Aqui é, assim, aqui é bem integrado, sabe? O pessoal é bacana.

[ALE] Que ótimo. Pronto!

## ENTREVISTA 09

JU/ JU] Eu sou a professora Juliete, professora de química e PDT do primeiro informática da escola Luiza de Teodoro Vieira.

[ALEXSANDRA / ALE] Obrigada, professora. A senhora pode falar sobre a sua área de formação?

[JU] Eu sou especialista em ensino de química pela UECE faz três anos e estou na educação há sete anos.

[ALE] Você trabalha só nessa escola?

[JU] Sim, devido a ser profissional a gente tem uma dedicação exclusiva, então, eu prefiro, realmente, ficar só com essa dedicação. (risos)

[ALE] Você mora aqui perto?

[JU] Moro, moro em Maracanaú. Então, pra chegar na escola eu levo uns 15 minutos, se eu não pegar um trânsito no meu bairro, mas... pertinho.

[ALE] Tá. Como é o público da escola?

[JU] Esses meninos que são mais visíveis é os que eu percebo mais, então... acontece até mesmo de ter alunos que já estão quase no final do ano e eu olhar e “meu Deus, esse menino realmente estuda aqui?” porque são tão quietos que eu não consigo percebê-los rapidamente. Mas, falando no todo, é visível sim, eles se tornam bem próximos... isso, o bom da escola profissional é isso porque a gente acaba se aproximando muito dos meninos, a gente consegue até conviver melhor, entender... as vezes nem é da nossa própria turma, mas a gente consegue até ajudá-los algumas vezes... um problema de casa, algum problema que tá passando no meio pessoal e que é só... aquele momento que ele ‘ahh, não, eu vou falar com esse professor porque as vezes ele é mais aberto, ele consegue me ouvir melhor’. A gente percebe sim, acho que todos os professores são bem visíveis e os meninos também se tornam muito visíveis pra nós.

[ALE] Você já trabalhou como diretora de turma em outra escola?

[JU] Não. Na minha primeira escola profissional eu não peguei direção de turma. Aí quando eu vim pra cá, me ofereceram a direção de turma. Só que como eu tava chegando e a turma estava no terceiro ano, eu perguntei à gestão se eu poderia não assumir porque eu me senti assim: poxa, os meninos não me conhecem e eu tô chegando no terceiro ano pra substituir um professor diretor de turma que foi no primeiro e no segundo, aí... Eu não me sentiria bem. Aí a gestão, realmente, aceitou de eu não pegar, mas no ano seguinte eu comecei com uma turma no primeiro ano e a gente foi até o terceiro.

[ALE] Então você já tá num outro ciclo, né.

[JU] Isso, eu tô no segundo ciclo. Seria o terceiro se eu tivesse pegue a turma que era, estava no terceiro ano.

[ALE] Aí você acompanhou desde o primeiro.

[JU] Isso, acompanhei essa que tá no primeiro e a que terminou eu acompanhei primeiro, segundo e terceiro ano.

[ALE] Haa, entendi. Como é a tua turma? Teus alunos...

[JU] Minha atual turma, né.

[ALE] É.

[JU] Assim, a minha primeira turma eu tive muita dificuldade, acho que justamente pelo fato de ser a primeira vez, direção de turma, eu não tinha essa noção. Quando eu estudava não tinha isso na minha escola, pelo menos eu não recordo. E, eu tive muita dificuldade, muita mesmo. Mas, algumas coisas eu percebo que os meninos conseguem conversar muito comigo, as vezes eu digo: ‘valha, por que será que o menino vem conversar logo essas coisas comigo’. Aí... eu ajudava, no que dava pra ajudar eu ajudava. Mesmo assim eu tentava ser muito presente, mas eu tenho uma leve grande impressão que eu não fui uma boa diretora de turma pra minha primeira turma. Aí, quando eu fui convidada pra ser diretora de turma dessa atual, eu me sinto também o curso, eu me sinto mais próxima da informática, eu sou da área das ciências, então, assim, me sinto mais próxima até nisso. Eu me sinto completamente diferente. Eu penso primeiro neles pra depois pensar em algo que eu posso fazer pra mim, dentro da própria escola. Aí as vezes eu brinco muito aqui na escola...

[ALE] Sua turma antiga era de qual?

[JU] Era enfermagem.

[ALE] Haa.

[JU] Aí, assim, tinha coisas que a gente não combinava e eu olhava assim pras outras direções de turma e ‘poxa, os meninos são igualzinho os professores. Por que que eu não consigo ser igual aos meus nem eles conseguem, então, ser igual a mim?’ (risos) Eu via, assim, uma certa distância, mas mesmo assim eu me fazia presente. ‘Olha, eu tô aqui pra qualquer coisa’. Mas, tinha momentos que eu, assim, ‘não, eu não posso dizer sim pra isso aí porque eu acho isso errado, eu não vou passar por cima de uma coisa que eu não concordo’. E na turma atual não, eu me sinto super bem, eu sinto que estou agindo completamente diferente. Pode ser que por mais que a gente não tivesse a empatia que a gente aparentemente tem, eu pensava assim: ‘não, eu vou fazer diferente, sendo eles do mesmo modo que foi a minha primeira turma ou não sendo, mas eu vou fazer diferente’. Aí eu brinco muito com eles, ‘olha, eu vou ser a melhor diretora de turma dessa escola, vou tomar o posto da professora’ que a gente brinca muito, que ela é super, super, a melhor professora diretora de turma, ‘eu vou tomar o posto dela’. (risos) Pra eu acabar trabalhando mais que eu posso ser melhor ainda. Aí eu vou conversando com eles, né, possível, e uma

coisa eu tô fazendo que eu não fazia antes, tô pensando primeiro em vocês pra depois pensar no horário, que eu possa tá estudando, revendo meu material de trabalho porque eu tenho aula depois. Não, mas eu tenho uma coisa pra fazer primeiro. Ah, então eu vou fazer esse negócio logo, depois eu vou fazer as minhas coisas. Eles que tão no meu primeiro lugar no momento. Mas tá sendo bom. Eu tô me identificando muito com a turma. Isso é a melhor, melhor parte porque se eu pegar abuso... aí vai ser difícil.

[ALE] Qual é o maior desafio que você vê no seu trabalho de diretora de turma?

[JU] Atualmente... amanhã tenho aula de direção de turma, é que eu vou começar mais uma vez. Tem alunos que não conseguem conversar comigo de jeito nenhum. É de eu sentar: ‘meu amor, como é que tá em casa?’ ‘Tá bem’. ‘Como é que você está?’ ‘Tá bem.’ ‘Só isso?’ ‘Professora terminou, não tenho mais nada pra falar com a senhora’. Pede licença e pede pra sair. Assim, eu tenho alguns alunos na minha turma que não conseguem conversar... as respostas são ‘tá tudo bem’, pode tá caindo o mundo eu tenho certeza que ele vai dizer ‘tá tudo bem’. Aí eu não sei se é a timidez, algumas vezes como é uma turma de informática tem mais meninos, aí os meninos não se sentem muito à vontade pra conversar algumas coisas com mulheres. E ainda eu brinco: ‘e aí, as gatinhas, e as namoradas? Tô vendo, viu, tô vendo vocês de conversinha’. Pra ver se quebra o gelo e eles conseguem conversar mais coisas. Mas tem uns que são bem fechadinhos.

[ALEXSANDRA / ALE] Vai dar certo.

[JU / JU] Vai.

[ALE] É...

[JU] Pra concluir. (risos)

[ALE] Tá.

[JU] Atualmente tá sendo, realmente, difícil conseguir ter mais acesso alguns alunos.

[ALE] O desafio, né.

[JU] É, esse tá sendo meu desafio. Amanhã tô pensando na atividade que eu consiga ouvir esses que querem permanecer para sempre calados, não é, tão querendo dizer que tá tudo bem na hora de ir embora. Somente.

[ALE] É, talvez seja o caso de... eu também sou diretora de turma e também passo por isso, as vezes, de tentar outras metodologias que não seja da fala, talvez os que não conseguem falar, conseguem escrever um poema.

[JU] Pronto.

[ALE] Desenho.

[JU] Eu passei uma atividade que, assim, eu fiquei tão encantada quando eu... tô dizendo que eu tô pensando completamente diferente com essa turma. Passei uma atividade que... era pra eles escreverem quatro, cinco sonhos, sonhos mesmo, eu tive até que dar noção, assim, gente não é assim: 'ah, eu quero um sapato'. Sapato a gente consegue comprar, então sem muito esforço. Quero coisa que vocês se esforcem e consigam, vocês tenham a certeza que vão conseguir. Aí eles escrevendo. Teve menino que escreveu que não tinha sonhos. Aí eu fico naquela, ele não quer me contar ou realmente não existe? Mas todos participaram. Eu gostei tanto que eu fiz a mesma atividade com os pais na reunião de pais e os pais amaram, aí depois eu troquei as cartinhas e agora no finalzinho do ano a gente vai rever pra ver se os sonhos realmente já mudaram ou se ainda permanecem os mesmos.

[ALE] Sugestão maravilhosa.

[JU] Teve muita gente conseguiu escrever, peguei um pouco mais de informações deles. Mas, teve gente que era assim: não... não tenho. (risos) Foram cinco pessoas que não tinha. Não tinha sonhos.

[ALE] E sobre a família, você consegue contato?

[JU] Sim, sim. Eles, nisso aí, eles consegue conversar comigo. A gente preparou com a professora que tá acompanhando a gente, ela preparou uma fichinha pra gente tá sempre preenchendo. Só que depois a gente mudou, 'não vamos fazer uma ficha diária, agora como nós estamos com um outro documento aqui na escola.' Só como eu já tava com o primeiro, eu comecei a usar. Aí, exemplo, eu vou começar atendimento individual o meu tema vai ser família. Eu atendi todos eles e anotando o que eles iam me dizendo, tudo, tudo. Eu tenho informações que o papel não pode trazer pra gestão porque tinha coisas que eles... por exemplo, é completamente confidencial, então pra gente já trabalhar a situação da confiança, assim, 'não, então esse papel vai ficar comigo. Aí elas vão dizendo pra conversar

com os pais pra elas saberem o que realmente os meus tinham essa visão da própria família. Tá comigo guardadinho, então a gente tá até mudando alguns temas da parte da família, o atendimento. Aí aqueles que chamaram mais atenção, que a luzinha acendeu, aí eu: ‘volta, já tenho...’. Conversei novamente pra saber como é que tá, se já melhorou. Vou passando tarefinhas, a minha brincadeira com eles é tarefinha: abraçar o pai, abraçar a mãe, dá bom dia e no dia que eu ver o pai, no dia que eu vê a mãe, eu vou perguntar: ele fez isso quantas vezes por semana? E ainda tem a obrigação de contar, que tem menino que não tem esse acesso direto por vergonha, por não se sentir bem com o pai, o pai e mãe é a referência, que eles falando você fica maravilhado com o encantamento que eles tem com a mãe. Mas com o pai... eu tenho referência tamanha do meu pai que eu nem sei dizer como é que esses meninos não tem um pai que seja referência pra eles? Aí a gente conversando eles vão dando informações eu ‘ah, e aí? Como foi? Como é que tá? Cadê a nossa tarefinha, tá dando certo?’ É o jeito. Aí depois: ‘ai, não deu certo fazer hoje’. ‘Pois é pior que vai ser duas vezes na semana, duas vezes no dia.’ Aí eu vou brincando, mas, assim, é pra ver se eles aumentam esses laços. Teve alguns pais que já chegaram: ‘tá tão diferente, fulana’. Aí eu: ‘Ah, isso é bom. Agora eu vou passar uma tarefinha pra senhora.’ (risos) Aí eu vou mudando e a gente vai. Vai dar certo, vai dando certo.

[ALE] E você consegue ligar pros pais? Quando você conversa com eles?

[JU] Pra falar mesmo por telefone só quando a gente, exemplo, se acontecer alguma coisa mesmo aí a gente liga. Pra eu tá ligando não, eu mando os recadinhos mesmo. Só que a turma, quer queira quer não, é uma turma tranquila, assim, desse negócio de pai tá precisando vir na escola por causa de alguma coisa. Casos sérios, como já aconteceu da gente precisar chamar porque tava dando comportamento inadequado, aí por ser o primeiro ano e ser os primeiros meses a gente tava no período de adaptação, eles ainda estão entendendo como é a escola profissional. Mas isso, no segundo semestre, já não, já fica mais tranquilo. Aí que vem o quê? As notas. ‘Gente, ó, já tá tendo problema, tá desde o comezinho com problema com nota, então, a gente tá chamando aqui é por causa disso’, mas ligar pra saber algum outro tipo de informação, não. A gente manda o recadinho, eles sempre aparecem na escola. Isso é muito bom porque aí eles se tornam presentes. Algumas

vezes eles vem assim, do nada, mas as vezes é necessário mesmo eu mandar um recadinho pelos meninos.

[ALE] Professora, no seu ponto de vista, você acha que acontece isso porque a escola é profissionalizante?

[JU] Não, jamais. Eu acho que acontece devido o professor, mas é porque na minha outra turma eu não ligava não, como nessa eu não ligo, mas nem recadinho eu mandava. Não mandava. Apesar de, quando a gente precisava, os pais que vinham já era um outro perfil, eram os pais que eram mais presentes. Vira e mexe a gente encontrava pai aí pela escola. Nessa minha turma, na minha primeira turma, teve uma atividade de... acho que foi a nossa primeira eleição pra liderança da sala. Aí eu convidei um pai pra vir assistir o debate pra saber qual era a equipe. Pai almoçou com a gente pra saber qual era a comida que o aluno tava tendo acesso na escola. Eu acho que depende muito do professor, se ele der essa abertura ou se ele não dá, eu acho que não é só porque é escola profissionalizante não. A minha referência à escola profissionalizante foi porque eu só trabalhei na escola profissionalizante, mas eu acredito que vai depender muito do professor mesmo.

[ALE] Então, você quer continuar diretora de turma?

[JU] Se eu pegar outra turma igual a essa agora, quero. Mas se eu pegar igual a outra, não.  
(risos)

[ALE] É.

[JU] Mas o da turma sim. Eu acho que a situação da gente se identificar com os alunos, sabe? Mas acho tranquilo, a gente tem turmas muito tranquilas aqui na escola e as vezes acho que até uma vez eu brinquei com a minha coordenadora dizendo assim: seria bom se a gente pudesse passar um mês tendo acesso às turmas do primeiro ano aí no segundo mês iria ter a direção de turma, aí o professor que tivesse mais identificação com aquela turma. Acho que seria um chute mais certo. Mas isso não pode acontecer. Passar um mês na escola sem auxílio de nada, aí não. Mas, logo no começo eu pensava assim: Seria ótimo a gente ter um mês de adaptação pra eles, eles com a gente, depois a gente escolhia qual era a turma.

[ALE] Professora, o Ceará ele tem a taxa de evasão mais baixa do que do Brasil. Você acha que tem a ver com o projeto diretor de turma? Porque é o único estado no Brasil que tem esse projeto.

[JU] Não sei, nunca parei pra pensar nisso. Pode ser que sim porque quer queira, quer não, o professor ele acaba, né, fazendo por onde deixar tudo mais próximo, né, assim, ‘ah, o aluno tá com uma dificuldade, vou chamar a família’. Tanto a escola como a família tá apoiando pra ele não cair mais e ter que sair da escola. Mas do mesmo modo isso acontece no contrário. Quando o menino tá muito mal a gente acha que não tá acompanhando a turma, a gente pode acaba fazendo de tudo pra chamar a família e dar a real. ‘Olha, não dá, ele não tá acompanhando, ele pode perder o ano. Não seria melhor se ele pelo menos trocasse.’ Né, eu acho que o projeto, ele acaba melhorando esse acesso com a família, escola e o próprio aluno. Mas só ele é o responsável por esse número de evasão menor não, nunca parei pra pensar nisso. Na sinceridade ... não sei. Acho também que depende do aluno. A gente teve um aluno, que era da minha turma, que ele era repetente, ele era da outra turma do segundo, muito fraquinho, mas a gente lutou, lutou, lutou. Ele também não se deixou cair. Ele não desistiu, ‘enquanto vocês puderem me dar oportunidade eu vou tá aqui, fazendo por onde’. Aí ele não passou no primeiro ano, aí repetiu o primeiro. Aí ele tá na minha turma. Mas não tá, não tava acompanhando. Ele ainda resistiu até setembro. Ele saiu recentemente. ‘É, realmente, agradeço tudo o que vocês conseguiram fazer pra eu não desistir no primeiro ano mesmo, em 2018, mas não dá.’ Aí ele saiu, ficou só num turno, numa escola não integral. Que eu acho que é melhor, as vezes, é o que acaba pesando mais.

[ALE] Então dependeu do perfil do aluno nesse caso.

[JU] É, também acho que ajudei muito. Deve ter várias coisas pra diminuir esse processo de evasão. Com certeza. Não consigo dizer só uma coisa. Acho que um conjunto propriamente pra fazer parte desse processo de evasão, a escola, a família e todo mundo pensando junto eu acho que aí diminui mais ainda. Porque se tiver só uma mesma, só o aluno pensa, mas também tem a família ‘não, menino, sai daí’ tudo seu valor.

[ALE] Professora, no seu ponto de vista, por que a senhora foi escolhida pra ser diretora de turma? Por que a gestão lhe escolheu?

[JU] Eu não sei porque como eu tive a minha primeira turma e eu acho que eu não fui bem, pra mim eu era a pior de todos eles. Pensa, de todos os professores da escola, o meu nome com certeza era o último. Se duvidar, eu ainda brigava com outro professor. (risos) Quando eu era PDT, ‘vocês tem certeza? Eu acho que aquela experiência não foi legal’. (risos) Sinceramente, eu não sei porque me colocaram pra essa turma. Não era porque não tinha outra opção, não era porque tem professores que não tem gestão ainda. Mas, eu não sei informar. Eu acho que, se eu não me engano, quando ela, a minha coordenadora veio falar comigo, ela até falou pelo fato, assim, de eu ter acesso muito aos meninos. Tem menino que não é da minha turma, que não é do meu grupo de química. Porque eu brinco muito assim, ‘entrou pro grupo de química, eu sei de tudo. E se não me contar, não se preocupe, eu descobro’. Aí, eu acho que, como ela sempre via, assim, eu conversando com todo mundo, as vezes eu sei de informação que... só as vezes só eu e o grupinho mais fechado do grupo, sabe, aí eu acho assim, ‘não, ela consegue conviver direitinho com todos eles, então vamos colocar ela de novo, vai que dá certo.’ Mas se fosse pela experiência do primeiro, eu acredito que não porque, pra mim, foi ruim, eu não me sentia bem. Eu fui firme e forte, fui até o terceiro e nenhum momento pensei em desistir. Nem desistir de mim, nem desistir deles. Mas dizer que foi agradável, não foi. (risos) Mas deve ser essa situação de eu conseguir conversar com eles, ser bem aberta, assim, eu vou na brincadeira, assim de... não vou tá no mesmo... de ‘ah, ele quer ouvir isso aí’ não, isso não parte muito de mim. ‘Ah, Juliete, eu quero fazer tal coisa.’ Se eu achar que é errado, assim: ‘é, se você quer ouvir a minha opinião ou você que realmente ouvir o que você quer ouvir?’ Né, e pra mim não, não vai colar isso. Se tá me perguntando alguma coisa eu dizer o que realmente eu acho. Não pra agradar. Gostando ou não gostando, foi perguntar o que é que eu tava pensando. E eu acho que isso pode ser o que eu já tinha pensado, eu consigo ouvir todos os meninos, as vezes eu consigo acabar dando uma real, assim, sem deixar eles mais pra baixo ou então, é realmente, pensando desse modo pode ser que melhore.

[ALE] Professora, a senhora consegue preencher bem o sistema?

[JU] O sistema, o sistema... eu nem mexo naquilo ali. Primeiro: o sistema que tinha quando eu tava, quando eu fui diretora de turma na primeira vez, ele era bem, até você olhava, ‘ah,

isso aqui eu sei o que é, isso aqui eu sei'. Era rapidamente você tinha noção do sistema. Esse agora, muitas vezes eu vinha na escola, a gente tava procurando por um comunicado aos pais... não tem. A gente tava procurando por um pra visita de campo, pra aula de campo, aquela solicitação que tinha no primeiro sistema, também não tem. O que tem da aula de campo: o que é que eles vão ter que elaborar, como se fosse um relatório pra ser entregue ao aluno e ele trazer pra escola. Tem coisa no sistema que, realmente, pra mim, não faz sentido. Ou seja, se no outro sistema, por mais que ele fosse simples, mas ele conseguia fazer com que a gente trabalhasse o que a gente, realmente, precisava, deixasse ele. Aí fizeram uma reforma no sistema que eu acho que quase nenhum professor mexeu porque não, não faz sentido. Nessa parte de documentação não, o porquê que eu vou usar isso aí. Não tem sentido. Aí eu mal uso mesmo. A gente pegou esse sistemazinho que a professora que acompanha a gente nos deu. Aí a gente preenche lá e tá tudo em papel. Todos os professores, melhor, não sei todos, mas os professores da direção de turma quase eles tão com os papezinhos, se tão preenchendo ou não eu não sei, mas o meu tô usando. Mas, pra o sistema mesmo, não tá alimentando nada, só mesmo a parte do mapeamento, porque tem que colocar, fotografia, essas coisas bem mais básicas. Mas, outra coisa, não. Eu não alimento. E as vezes eu olho e nem entendo o que é que eles estão falando, eu 'ah, meio que não dá', não tenho paciência não pra essas coisas.

[ALE] Ainda mais gasta tempo..

[JU] Se é uma coisa pra agilizar, porque sistema é uma coisa pra agilizar, só na área de informática tem que pensar em agilizar, mas aquele sistema ali não. Ele não faz sentido. Aí eu não uso, realmente eu não uso muito. Eu tenho, baixei os arquivos que eu tinha lá. Eu li, achei interessante, tá no meu computador, mas pra alimentação só o básico, só o básico mesmo. No outro tinha até, que nesse tem, mais eu acho que ninguém fez isso, que, antigamente, antes no primeiro sistema, ele quando a gente fazia a ata da eleição pra líder de sala, a gente tinha que escanear e postar lá. Nesse eu não vi o lugarzinho. Tem o documento que você imprime pra fazer, mas não tem pra gente anexar como um arquivo escaneado lá. Aí não tem sentido. É só pra gente ter uma folha... qualquer pessoa pode fazer uma folhinha básica e anexar em outro lugar. Aí eu não, não vi. Não tem serventia pro meu uso.

[ALE] Professora, você é da química e da informática, é isso?

[JU] Não, eu sou só... minha formação é química, mas a minha direção de turma é na área de informática.

[ALE] Ah, tá certo. Entendi.

[JU] Tem proximidade por ser curso de ciências, tem aquele negócio mais da área da matemática, acho que é onde a gente se sente mais afim.

[ALE] Então é uma coisa até a se pensar, pras próximas vezes.

[JU] Isso, eu acho que ajuda muito. Claro que tem professores... na minha primeira turma era enfermagem. Até na área de enfermagem tem química e tem muita parte de ciências, biologia pura, tal. Só que as vezes é o perfil mesmo, assim eu não sei, não sei se eu tenho a impressão da galera, alguns da própria turma, das turmas de enfermagem são mais relaxados, assim, mas de boa aí a gente as vezes quer pressionar só que não dá porque a pessoa é tão zen que aí a gente, 'é melhor não, vai que a pessoa estou, né, achando que vou pressionar'. Já na informática não, eles já tem mais aquela adrenalina, se não entendeu uma coisa, não adianta passar pra outra porque não vai dar certo. Aí já, eles já vem naquela situação de tá sempre na pressão aí... e já, e nós da ciências já vivemos nessa pressão de ensino superior mais difícil, e provavelmente os meninos não gostam, aí a gente vai acompanhando. Pega o ritmo aí com o pessoal da informática e da logística porque vão ter mais números e eles vão se sentir mais pressionados. Mas é legal.

[ALE] Só pra finalizar as perguntas, professora. O projeto diretor de turma veio de Portugal, mas existe um diferencial muito grande no Ceará que foi a adoção da questão do trabalho socioemocional. Você acha que isso faz alguma diferença pros alunos?

[JU] Com certeza, com certeza. Na nossa escola, só posso falar por ela porque eu só trabalhei aqui, e na outra não tive. Acho que a gente não tinha tanta informação sobre os problemas socioemocionais. Mas, ultimamente, aqui na escola a gente tá tendo muito, muito problema com isso, muitos casos, e a gente sempre tá conversando. A gente tá tendo apoio da nossa gestão, que elas conseguem nos ajudar. Aí vem aquela história da gente conseguir conversar com algum aluno. As vezes é essa ideia: 'e aí? vamos lá conversar alguma coisa. Como é que tá? Se sentindo bem?' Teve um período que a gente, todo aluno que a gente via

de casaco a gente: ‘deixa eu ver aqui um negócio nesse casaco tão bonito’. Porque tava... parecia assim, só porque eu fiquei sabendo que o aluno fez eu vou fazer também, por mais que eu não esteja sentindo nada. Aí, como a gente começou a ter mais acesso, a gente começou a criar aquela outra visão, ‘a gente precisa se preocupar’. Um fator que teve uma das nossas semanas pedagógicas é que a gente solicitou um psicólogo até pra nos ajudar... claro que a gente não vai sair dizendo: ‘a fulana é doido, fulano tem problema com tal coisa’. Não, não era isso, mas pra gente se sentir, pelo menos, um pouco mais amparado pra poder, pelo menos, dar um pinguinho de assistência aos meninos que a gente tava percebendo que tavam passando por isso. Eu acho que isso ajuda muito. Esse dia foi perfeito, todos os professores, professor que você imaginava que não tava se sentindo ruim porque não sabia ajudar o aluno, falou tudo o que tinha pra falar e a gente assim: ‘gente, eu não sabia que esse professor tava assim’ por causa de que não tava conseguindo ajudar o aluno. E esse projeto todo acaba ajudando, a gente acaba vendo os meninos de outro modo. Não é que a gente vai ficar: ‘ai, não vou passar uma prova pra fulano porque ele não tá bem, bichin toda vez que sente um pouquinho de pressão começa a chorar’. Temos que pensar um outro modo de avaliar. E, na escola, atualmente, assim, uns três meninos por turma é só pra começar. Não sei se é essa geração que é do imediatismo ou não aprenderam a ouvir não. Não sei, não consigo imaginar. Até a nossa, a psicóloga que veio disse assim: ‘olha, pergunta como por que não são bons pra eles que tão tendo problemas emocionais’. Só que aí como é que eu vou entender o meu aluno sem perguntar o porquê que aquilo aconteceu? Tô com um aluno que a gestão não sabe que ele me pediu pelo amor de Deus... aí eu tô brincando com ele sobre uma flor, uma flor mexicana, que eles fazem assim: toda vez que uma pessoa tem a flor, ela tá com o poder da palavra, então ela faz o que ela pensar. Aí: ‘eu tenho uma coisa pra contar pra senhora’. ‘Pronto, ótimo, vamos sentar’. A gente começou a conversar, ‘tá acontecendo isso, aquele dia a flor tava comigo e eu prometi a senhora que eu não fazer de novo’. Aí eu disse assim: ‘então quer dizer que agora a flor vem pra mim?’ Aí pegou disse: ‘sim’. Vai, vai pra senhora porque a senhora vai chamar meu pai. Nem ele quer que a gente saiba, nem quer que a família saiba. ‘A senhora vai chamar meu pai e eu vou contar pra ele.’ ‘Ô coisa boa. Sinal que você tá se sentindo mais forte, tá se sentindo melhor.

Então a flor tá comigo, vai ser eu quem vou chamar.’ ‘Certo.’ Deu dois dias. Ele: ‘professora, por favor, me devolve a flor.’ Aí eu disse: ‘ah não, tá comigo.’ Até ontem... ontem ele chegou: ‘eu não consegui, eu sei que a flor tá com a senhora, mas ontem eu fiz, eu fiz de novo’. Aí eu não consigo, assim, eu disse a ele: ‘eu sei que eu não posso perguntar o porquê, mas eu vou ter que perguntar. O fato da gente tá conversando, fazendo o possível pra não fazer, então lá vai: por que? o que foi que aconteceu?’ Aí foi contar, tal, não tava se sentindo bem por causa disso, daquilo. Eu falei: ‘ó, a flor ainda tá comigo’. E a flor não existe, tá. Ele sabe que é a flor, mas a flor é... a gente ainda brinca, né, assim: ‘a flor tá comigo’. ‘A flor ainda tá comigo. Infelizmente você ligou pro seu pai dizendo que eu queria falar com ele... ele até pensou nisso, ele não vai ligar porque se não ele vai pensar que é uma coisa muito grave’. Então eu vou ligar, dizer... pra conversar, ele vai pensar que é sobre nota e tal e ele é bom. Aí ele disse assim: ‘pois eu liguei e ele vai aparecer a qualquer hora’. Pior, né, porque se a flor tá comigo eu vou mentir pro teu pai? Infelizmente, por enquanto eu não posso passar a flor pra você porque ela tá comigo e a gente não conseguiu ajeitar. Assim, na minha turma tem, assim, um leque de situações. Eu tenho um aluno que graças a Deus a família tá ajudando tanto, até agora a gente não viu mais nada. Ele se cortava porque ele gostava. Não era porque ele tava se sentindo mal, o sentir era gosto. Pra ele era muito bom, a sensação era muito boa. Só que um dia ele fez isso na sala e a gente tem uma aluna que tem fobia a sangue. Foi, assim, um alvoroço porque quando ela viu a menina começou logo a passar mal, só deu tempo ela chegar aqui porque se não ela tinha desmaiado na hora. E o professor tem problema com sangue. Pronto, aí ficou parado. ‘Meu Deus do céu’. Fui lá porque eu pensei, não pensei em corte, pensei outra coisa, que alguém tivesse se machucado no meio das cadeiras. Aí quando eu cheguei procurei assim por ele, não tem ninguém com sangue. Por que foi que fulano passou mal. Aí ele se acusou: ‘não, professora, foi eu’. Aí eu fui conversar com ele, aí eu disse que... ‘por que, né? Por que que aquilo estava acontecendo’. ‘Não, professora, eu gosto. Já faz muito tempo, eu senti, achei uma sensação tão legal e eu faço isso sempre’. Não é porque eu tô sentindo coisas ruim não, é porque eu acho legal. Eu disse: ‘ó, presta atenção, vamos fazer disso, vamos diminuir a situação. Eu sei que você não vai parar de uma vez, não vai, mas vamos evitar na escola

porque a gente tem os colegas, tem colega que não tem essa sensação, vai pensar que você tá passando por algum problema deve tá: como é que eu posso ajudar fulano?’ Aí ele: ‘mas a senhora não vai contar pra minha mãe’. Eu disse assim: ‘hoje não, mas se eu descobrir mais uma vez vou contar’. Só que ele fez de novo e a menina passou mal de novo.

[ALE] Ô meu Deus.

[JU] Aí eu não tava na escola porque sexta-feira é minha folga. Aí quem atendeu ela foi o pessoal da gestão. Aí a gestão ligou pra mãe dele. Aí ele pensa... taí, ele se fechou comigo, esse é o meu próximo ponto com ele. Ele se fechou comigo porque ele pensa que foi eu quem contou pra mãe.

[ALE] Entendi.

[JU] Entendeu? Aí é essas as coisas, desse menino, ninguém sabe, tá na minha folhinha. Por enquanto eu tô bem a... hoje mesmo: ‘eu preciso de novo conversar com esse menino’. Aí eu tô sentindo que vai vir de novo, que fez de novo. Sabe? É necessário, eles não tem um psicólogo pra tá nas escolas? ‘Amor, tem. O problema é que é duas psicólogas pra CREDE 1. Daqui que ela encontre na lista dela a nossa escola, vai terminar o ano.’ E quando ela chegar aqui ela vai ter o fulano, o fulano, o fulano, até chegar seu nome vai demorar. Vamos procurar ajuda com os pais pedindo pra nos ajudar. ‘Não, mas se a minha mãe souber disso...’. Né, todo o drama. Mas é o único modo, eu não posso levar você pro hospital. ‘Primeiro, quem é você? O que é que você é dele?’ Aí eu vou dizer: ‘não, eu sou professora dele’. Não faz sentido, gente, vamos pedir apoio aos pais. Posso não contar pra gestão agora, mas se eu for, falo direto com os pais. ‘Não, professora, pelo amor de Deus, não sei o quê’. Aí... eu não sei., e olha lá que eu vou ficar perguntando. Pergunto. Aí, de vez em quando a gente tem uma meninazinha que ela tem... ela não me disse nada, ela disse que nunca aconteceu nada com ela, muito tranquila, só que ontem ela passou, ela passou mal terça-feira, quinta-feira passada e passou mal ontem. Quinta-feira teve apresentação de um trabalho aí ela foi lá pra frente, ela não conseguiu. Ela começou a chorar, o professor ficou nervoso, pediu pra ela ir lá pra fora, se acalmar, depois ela entrar. Ela não conseguiu voltar. Quando foi ontem teve outra apresentação de trabalho, ela passou mal de novo. Aí eu, ‘aí tem’. ‘Aconteceu alguma coisa? Ela: ‘não, professora, nada não, só não tô me sentindo

bem'. Aí a gente ligou pra vó, a mãe tava no trabalho, a gente conversou e a vó veio buscar. Eu liberei ela. Aí eu fiquei conversando com dois meninos que é muito amigo dela aí os meninos acabaram me dizendo, que ela já teve depressão quando ela estudava no Ensino Fundamental I, no Ensino Fundamental II, que ela já tentou suicídio. Mas, quando eu conversei com ela, na minha folha tem lá: nunca tentou suicídio. E fui bem, eu fui bem sincera, 'tem coragem de fazer isso?' Ela disse: 'não'. 'Já tentou? Certeza?' 'Não'. Então, assim, as respostas dela sobre isso, então era uma pessoa que eu não sacava porque quando eu conversei disse que não, que não fazia, não era do caso dela. Aí quando a gente ligou pra mãe dela, assim: 'olha, fulana tá... não tá bem, tal'. Aí ela começou assim: 'teve apresentação hoje?' Aí: 'teve'. Aí ela: 'professora, tá começando tudo de novo'. Foi o que ela disse: 'vamo... pedir minha mãe pra me buscar'. Ela não quis me contar. Aí é outro, outro... parti daí, que ela... já que ela não me contou, quando eu for conversar com ela alguém me disse. Como houve a ligação, então ela não vai interpretar que não foi os meninos que falaram, pode ter sido a própria mãe que deu só uma perninha e eles já perceberam que se der isso aqui eu vou perguntar até... ficar sabendo uma resposta. Aí é onde eu tenho que conversar com ela. Mas é muito puxado, muito puxado. Assim, o que o nosso Estado pudesse ajudar, trazer de ajuda, tanto pra professores, diretamente para os alunos, tão viável, tão viável que... as vezes eu paro e penso assim: 'meu Deus do céu, agora todo mundo me encontra assim, tô com um problema, pronto, tá com depressão'. As vezes nem é, as vezes é só uma coisa básica. Mas a gente já tá com tanto medo de tanto ouvir os meninos: 'tô com isso, tô me sentindo assim', que a gente... as vezes eu fico assim: 'meu Deus do céu, todo mundo que tá na minha vida eu tô vendo que tá com depressão'. Porque a conversa é assim: 'eu não tô bem, hoje eu tava me sentindo desse jeito, e eu não consigo ter o apoio de nada'. Aí eu: 'meu Deus do céu, será que eu não tô sendo suficiente?' Aí eu disse: 'Minha gente, eu já disse, o que vocês quiserem conversar, que for pra contar, que horas vocês comeram? carne e arroz? Tudo eu tô pra ouvir. Mas eu preciso que vocês contem, eu não posso é chegar: 'e aí, foi assim? Não foi assim?' Porque nem eu consigo chegar, assim, já de cara e perguntar alguma coisa. Eles: 'não, professora, a gente vai conversar com a senhora'. Aí alguns eu estou esperando, eu tento, tento, aí fico na espera.

Mas é uma situação que eu acho que a gente precisa olhar com mais, com mais cuidado. Mas esse olhar não pode ser tão retardado. Tem que ser, tipo, pra amanhã mesmo, porque se não a gente perder alunos bons, até mesmo que não são tão bons, mas perder por causa que a gente teve a oportunidade e não sabia da situação que tá me preocupando agora, saber da situação e não ter sido possível ajudar.

## ENTREVISTA 10

[JOR / JOR] Olá, me chamo Jorge Lucas, sou professor da Escola Luiza de Teodoro, professor de física e professor diretor de turma do 2º ano de informática.

[ALEXSANDRA / ALE] Você é professor de física?

[JOR] Isso.

[ALE] Quanto tempo que você tá professor diretor de turma, professor?

[JOR] Nessa escola eu tô desde maio. Nós já estamos em dezembro, então... praticamente 8 meses, mas eu já fui professor diretor de turma de uma outra escola, ano passado.

[ALE] Então foi ano passado e esse ano sua experiência.

[JOR] Isso, isso.

[ALE] A outra escola é tempo regular, tempo integral?

[JOR] Era regular, era regular.

[ALE] É? Que bom. O senhor percebe uma diferença, professor, entre ser diretor de turma de uma escola regular e uma escola profissionalizante?

[JOR] Muito, muito grande a diferença porque na regular eles não davam, assim, tanto apoio ao diretor, ao professor diretor de turma.

[ALE] Eles quem?

[JOR] Assim... tanto o núcleo gestor, como os professores. Então, assim, não, não tem essa cultura ainda de professor diretor de turma na regular. Já na profissional eles já tem essa cultura, já trabalha com isso. Então é totalmente diferente.

[ALE] Era que turma lá, na outra escola?

[JOR] Era 1° ano, 1° ano D.

[ALE] Aí aqui é?

[JOR] Aqui é 2° ano de informática, que já trabalha com os cursos.

[ALE] Entendi. Como é que é a sua turma, professor, agora?

[JOR] Minha turma do 2° A? É assim, uma turma bastante agitada, bastante pró-ativa, se fosse taxar eles como grupo de pessoas seria grupo de líderes. Em contrapartida também tem alguns grupos que já são pouco mais retraídos, mas é por conta da personalidade deles mesmo. Mas, assim, eles são uma turma muito boa, muito boa mesmo.

[ALE] Que bom. Você mora por aqui, professor?

[JOR] Não, eu moro em Fortaleza.

[ALE] Quanto tempo que você leva pra vir pra cá?

[JOR] Meia hora. Meia hora de viagem.

[ALE] Você vem de metrô?

[JOR] Não, venho de moto.

[ALE] Ah, é perto, né.

[JOR] É.

[ALE] No geral, como é que você aponta que é o público da escola?

[JOR] O público da escola...

[ALE] É, o público da escola no geral. Você falou um pouco da sua turma. E dos alunos das outras turmas?

[JOR] Ah, sim. Assim, é uma escola muito boa. Entende? O público no geral é um público bastante atencioso. É os alunos eles são, porque se eu for fazer uma comparação em qual eu trabalhei anteriormente, os alunos são bem mais dedicados, muito mais dedicados. Em questão também do público que está aqui, são alunos mais interessados, são alunos mais participativos, tem baixa evasão escolar. Então, assim, é um público muito bom de se trabalhar.

[ALE] Você gosta de ser diretor de turma?

[JOR] Sim, sim.

[ALE] É interessante, até, que você faça essa comparação entre a escola... porque são dois públicos diferentes. A outra escola era em Fortaleza?

[JOR] Era em Maracanaú.

[ALE] Regular em Maracanaú.

[JOR] Isso.

[ALE] É interessante. Eu também tô fazendo uma pesquisa em regular de Maracanaú e a gente consegue perceber mesmo discurso diferente. Você falou da questão da evasão, professor, o Ceará tem o menor índice de evasão, menor do que o do Brasil, e é o único Estado do Brasil que tem diretor de turma. Você acha que tem alguma coisa a ver a questão do baixo índice de evasão e o desempenho dos diretores de turma?

[JOR] Com toda certeza. Porque, assim, uma vez eu tava em Sobral e eu conheci uma das diretoras de uma escola destaque de lá, tive a oportunidade de conversar com ela. Aí eu perguntei pra ela: “qual o segredo, né, das coisas, que ela fazia tanto sucesso”? Ela disse o seguinte...

[ALE] Era uma escola estadual?

[JOR] Escola municipal.

[ALE] Ah.

[JOR] De Sobral. Aí eu perguntei pra ela, qual o segredo, ela disse: “porque nós fazemos o acompanhamento individual com cada estudante, a gente pergunta, a gente quer saber da vida do estudante, se ele tá bom nessa disciplina, se ele não tá”. Então... eu adotei isso pra mim como diretor de turma. Eu acompanho cada aluno individualmente. Eu olho as notas deles aí eu pergunto: “você está bem nisso? Você está bem nisso?” Tipo como tá aqui, eu vejo como é que tá as notas deles, aí eu vou logo, chamo ele pra conversar individualmente. Aí eu pergunto o que é que tá acontecendo, né, “o que é que tá acontecendo com você? Por que é que você tá assim? Tá tendo problema com algum professor ou tá tendo problema com a disciplina?” Aí eu vejo, se ele tá dando problema com alguma disciplina, aí eu intervenho, pedindo pra conversar com os pais, pra recomendar um reforço, não é, pra que ele melhore naquela disciplina que tá crítico. Agora, se o problema for outro, aí eu tento tomar medidas cabíveis, a respeito disso. Mas, assim, acho que a questão da evasão se responde assim, no

acompanhamento pessoal. Entende? Quando a gente sabe o que tá acontecendo com o aluno. Por exemplo, tem alunos meus que faltam demais. Aí eu pego e já ligo pra ele ou no dia que ele tá aqui na escola eu converso com ele, pergunto porque é que ele tá faltando demais. Se tá faltando por causa de doença, vá num médico, consiga um atestado. Aí, todo final de bimestre a gente tem reunião com os pais. Aí eu aproveito nessa reunião com os pais pra conversar sobre o filho deles e perguntar o que é que tá acontecendo. Ah, nisso também eu peço muita ajuda dos pais porque a educação não é só minha, vem dos pais também.

[ALE] Se você fosse dizer, assim, em porcentagem, quantidade de pais dessa turma que você tem contato, você consegue contato com 100% dos pais?

[JOR] 100% não. Em reunião de pais, vem uns 80%, 80, 85, vem muita gente. Aí os que não vem eles vem ao longo da semana. Porque é o seguinte, as vezes a gente põe uma regra, quando os pais não vem. Porque, assim, o aluno só entra na escola se o pai vier pra assinar o boletim. Se o pai não vier pra assinar o boletim, o aluno não entra. Aí quando a gente faz isso, aí o pai vem. A gente conversa com o pai, né. Aí eu acho que esse apoio da família é muito, muito importante para a construção do saber do aluno.

[ALE] Professor, porque que você acha que foi escolhido como diretor de turma? Porque tem uma questão do perfil.

[JOR] Ah, sim.

[ALE] O que é que você pensa em relação a isso?

[JOR] Assim, a princípio, foi por conta de carga horária. Tá certo? Porque eu tinha que preencher minha carga horária, então me tornei professor diretor de turma. Mas, eu quis ser professor diretor de turma. Então, foi duas coisas que, assim, me serviram muito bem. Porque, assim, eu vim de escola profissionalizante, eu sou aluno de escola profissionalizante.

[ALE] Ah, massa, massa.

[JOR] É

[ALE] Você teve professor diretor de turma?

[JOR] Tive professor diretor de turma.

[ALE] Durante os 3 anos mesmo?

[JOR] Exato, mesmo professor. Então, assim, no caso com uma professora, ela foi uma inspiração pra mim. Então, assim, como eu tive essa inspiração, até inspiração mesmo para ser professor, então eu me inspirei nela pra eu me tornar professor diretor de turma também... porque eu queria fazer o que ela fez com os alunos, no meu caso, eu queria fazer o que ela fez, eu fazer com eles também. Certo?

[ALE] Entendi. Massa, né?

[JOR] É.

[ALE] Tem uma outra questão, professor, eu sei que você tá um pouco apressado, mas, pelas pesquisas que eu fiz em relação à questão do diretor de turma, veio de Portugal, mas o Ceará tem um diferencial que é a questão socioemocional.

[JOR] Sim.

[ALE] Como é que você trabalha essa questão socioemocional?

[JOR] Assim, eu não vou mentir pra ti, é difícil. Primeiro porque a gente não tem preparo, não tive preparo, preparo que a gente tem é da vida, de algumas cadeiras que a gente vê na faculdade que é psicologia do ensino ou então didática, que a gente vê muito pouco...

[ALE] Você não foi pra nenhuma formação, né.

[JOR] Não, não fui pra nenhuma formação. Mas, a gente faz aqui que a gente pode. Com as nossas vivências, nossas experiências, a gente faz aquilo que a gente pode. Então, assim, tento trabalhar em todas as aulas competências que eu vejo que a turma, no geral, precisa, questão de respeito, questão da amabilidade, questão de gestão de tempo. Então, assim, tudo organização. Então tudo isso eu vou tentando trabalhar na aula de Formação pra Cidadania.

[ALE] Mas tem um roteiro?

[JOR] Roteiro, assim, é... porque a gente ficou, aqui na escola, ficou separado que tenha seis, seis eixos. Então, assim, é... cada ano ficasse com dois. 1º ano ficou com dois eixos, 2º com dois e 3º com dois. Aí eu trabalho em cima desses eixos. Então, assim, eu tenho dois eixos pra trabalhar ao longo desse ano com os meus alunos, que no caso é o respeito e a questão mesmo de trabalho em equipe. Trabalho em equipe e respeito, então trabalho com esses dois esse ano. No próximo ano eu já vou trabalhar outras competências. Mas, eu digo

que não é perfeito, entende? Assim, no papel, no roteiro, é lindo, mas na prática, é diferente porque a gente pode trabalhar o respeito aqui, mas as vezes esse respeito deveria ser tratado individualmente, entende? Aí é que eu entro a questão da carga horária porque eu acho que falta horas pra gente conversar com os alunos individualmente. Porque, assim, eu acho que o ideal seria conversar com cada um individualmente. Mas como são muitos alunos e o tempo é pouco porque eu não sou só professor diretor de turma, sou professor de física de todas as disciplinas.

[ALE] De todas as turmas.

[JOR] De todas as turmas. Então, as vezes você chega a ser um pouquinho pesado em relação a isso.

[ALE] Então se você fosse dar uma sugestão pro projeto melhorar seria mais tempo.

[JOR] Mais tempo pra o professor diretor de turma. Mais tempo pra atendimentos individuais. Os alunos necessitam disso, eles precisam disso. Assim, eu tenho uma lista na ordem de quem que eu devo conversar. Mas as vezes eles estão tão assim, tão angustiados, que aí eu as vezes tenho que colocar eles na frente, as vezes eu pego o que tá lá na frente e subo ele, antecipo, pra eu poder conversar com ele. E eles buscam isso, sabe? As vezes eles não tem essa con... eles não tem essa conversa em casa com os pais... que é o que eu sinto falta, as vezes, porque os pais trabalham o dia, o dia todo. Tem pais dos meus alunos, tipo uma mãe, que trabalha viajando. Tá dois dias em casa, final de semana, e os outros dias tá tudo viajando, né. Então eles sentem falta disso, de, de uma conversa as vezes fraternal, mesmo. Uma conversa até mesmo sobre coisas que eles tão passando, coisas que eles tão enfrentando, eles não tem com quem conversar. Aí o professor diretor de turma entra pra, pra dar essa assistência.

[ALE] Não corre o risco de haver uma relação quase que paternal, então?

[JOR] Assim, as vezes, a gente até se torna um pouco pai, né, porque... não que a gente seja, né, mas a gente, a gente acolhe eles duma forma como se fosse nossos filhos, né. A gente briga quando é pra brigar, a gente chama atenção quando é pra chamar atenção, a gente vê as tarefas, a gente olha as tarefas, vê como é que tá, vê se eles tá... tipo, as vezes o pai não faz isso, né, as vezes alguns pais não faz isso. Não que os meus pais não façam, boa

parte deles fazem, dizem que fazem, não é, mas a gente também tem esse reforço a mais com eles, né, de pegar, chamar atenção, vê o que tá fazendo.

[ALE] Eu tive de licença durante 4 meses e voltei essa semana pra escola, e aí teve um conflito lá entre os meus alunos e eu fui resolver e aí outra professora, colega: “eita, a mãe de vocês chegou, né, agora vocês se aquietam”. É porque, realmente, é quase isso mesmo, né, mas que é... a gente tem sempre que tá na, na linha entre ser professor e nossos limites, né.

[JOR] Exatamente.

[ALE] Professor, pra gente finalizar, qual é o maior desafio que você já enfrentou na sua experiência de diretor de turma? Tanto faz aqui ou na outra escola que já trabalhou.

[JOR] Assim, eu acho que o maior desafio foi quando eu comecei que eu não tinha experiência nenhuma. Então, assim, pra mim foi muito desafiador e, principalmente, na escola regular. Foi muito desafiador porque, assim, onde eu trabalhava era uma área de risco. Então, tinha aluno meu que traficava, tinha aluno meu que roubava, tinha aluno meu que era filho de presidiária. Então, assim, eu tinha que ter muito cuidado com as minhas palavras. E eu sentia que eu não me tornei um pai, assim, deles, eu me tornei mais um professor que tá ali com eles pra ver como é que eles estão, né. Mas, eu achei muito desafiador na escola regular. Muito. Aqui eu já me senti mais acolhido, bem mais acolhido. Enquanto que na escola regular eu achei muito dificultoso. Assim... por conta mesmo, assim, porque você não conhece os alunos, entende? Então você fica com um pouco de medo, entende? De conversar com eles

[ALE] Ser mal interpretado?

[JOR] Ser mal interpretado. Então eu sentia muita dificuldade lá. Agora aqui, aqui na escola... acho que só foi enquanto eu, eu me organizava, assim, quanto ao planejamento das aulas porque, como eu lhe disse, a gente não teve preparo, não teve preparação. Então, eu sinto falta disso, de uma psicóloga que venha conversar com a gente, de falar como é que a gente deve agir, como é que a gente deve, né, deve tratar certos assuntos. Então, a maior dificuldade que eu tive foi essa, a questão do preparo, que não teve preparo. Simplesmente...

[ALE] Jogou.

[JOR] Jogou.

[ALE] É, é complicado.

[JOR] É.

[ALE] Pois é, é isso então, professor. Obrigada, viu, muito obrigada.

## ENTREVISTA 11

[LET / LET] Eu sou a Letícia da Escola Luiza de Teodoro, trabalho como diretora de turma desde o ano passado, então desde 2018. Comecei com a turma no 1º ano, agora acompanho eles no 2º ano. Como eu sou professora temporária, não tenho a certeza se vou acompanhá-los no 3º ano, mas a intenção é essa, fazer o acompanhamento contínuo com eles, do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. O grande desafio é entender a personalidade de cada um deles e conseguir trabalhar com a melhoria tanto humana como também de notas.

[ALEXSANDRA / ALE] De rendimento.

[LET] De rendimento, pronto, rendimento escolar e também melhoria psicológica, acompanhamento, gerenciamento do emocional deles porque eles também tem que aprender a lidar com as emoções. Então, eles também procuram muito uma pessoa com quem eles possam contar, aquela coisa de uma segunda mãe, quase. Então, é um fardo muito grande porque ao mesmo tempo que a gente não pode se envolver com eles emocionalmente, não ter essa dependência, eles puxam muito isso da gente. Querem que a gente seja, tipo, 100% deles. Não é só a relação, tipo, de ser amiga, quer que seja realmente... quer escute, quer resolva problemas e por aí vai. E são coisas que, geralmente, a gente não tem como abarcar tudo, muitos deles não percebem o limite de... ela é professora e ela é professora naquele horário dentro da escola. Alguns passam e, tipo, como a gente tem número de whatsapp, esse tipo de coisa, eles ligam tarde da noite porque estão com algum problema em casa. Estão fazendo alguma coisa que foge dos parâmetros da escola, então a questão do diretor de turma ele transcende a relação aluno-professor porque querendo ou não a gente tem que tá, claro que não é uma obrigação, não é obrigatório a gente tá atendendo depois do nosso

expediente de aula, mas eles têm essa demanda que, se a gente não atender, é como se a gente rechaçasse essa relação com eles. Tive problemas com os meninos logo no decorrer no ano passado, do 1º ano, porque eles queriam muito essa relação de cuidado e eu não entendia como necessário. ‘Não, a nossa relação acabou aqui na escola’. E aí, tipo, com conversa, com entendimento, fazendo eles perceberem qual é o real papel do diretor de turma a gente melhorou essa relação, tanto de... até pra se comunicar as vezes ele: ‘ah, você não sabe o que é que se passa aqui dentro da nossa sala’. Eu: ‘claro que eu não sei, eu não tô com vocês o dia inteiro dentro da sala de aula, eu sou professora também de outra disciplina, de gramática, então eu tenho outras, aqui na escola são 9 turmas ao todo, fora a turma que eu sou diretora de turma eu tenho mais 8 pra dar conta de material’.

[ALE] Você é professora só de gramática?

[LET] Só de gramática.

[ALE] Redação...

[LET] Não, não, só gramática, dou gramática nas 9 turmas, então...

[ALE] Você tem 200 horas aqui?

[LET] Isso. Então é complicado eles entenderem que, tipo, a demanda não é só eles. É bem, bem complicado fazer entrar na cabeça do adolescente que ele não é o centro das atenções, que eles não vão me ter 100 por cento o tempo todo com eles, geralmente perguntava: ‘vocês me chamam de mãezinha, a mãe de vocês tá o tempo todo com vocês? Vocês contam tudo pra mãe de vocês? Vocês querem tanto que eu seja apoio de vocês, mas vocês não me retornam o que vocês tanto exigem’, né. E isso fez eles começarem a pensar que realmente era a relação que nós tínhamos aqui dentro. E melhorou. Melhorou então, tipo, quando eles tem uma demanda, eles passam pra mim, quando eles tão é... não só com problemas, mas também quando eles querem ajudar uns aos outros, eles: ‘Letícia, tô pensando em fazer dessa forma porque a gente tá querendo resolver isso, isso’. Por exemplo, tem uma colega deles que, na sala, que a família bem carente, e ele é um dos meninos da liderança que ajuda muito, é muito proativo, e ele não tinha celular. E era muito difícil eles terem contato pra estarem estudando, pra estarem formando grupos de estudo e manter contato. E aí eles fizeram uma vaquinha, fizeram uma rifa pra juntar dinheiro pra comprar um celular pra esse

colega. Então, tipo, ao mesmo tempo que eles trazem problemas, eles também trazem soluções. Eles são uma turma muito unida, mas eles não eram unidos no começo, foi uma coisa que foi sendo trabalhada pra criar neles esse sentimento de grupo, esse sentimento de empatia um com o outro.

[ALE] Letícia, você falou um pouco com relação a questão de eles te chamarem de mãezinha.

[LET] É.

[ALE] Que é uma relação quase maternal.

[LET] Isso.

[ALE] De outros professores também, mas parece que o diretor de turma é mais...

[LET] É mais forte.

[ALE] Você acha que isso pode prejudicar o seu trabalho?

[LET] Sim, sim porque, primeiro de tudo, eu peço que eles não me chamem de mãe porque eu acredito que eu não vou suprir o lugar da mãe de ninguém e o meu trabalho não é ser mãe. Eu vejo que pode prejudicar no sentido deles acreditarem tanto nesse envolvimento, nessa intimidade que eles têm com os pais e querer passar isso pra mim e num momento eles tem essa quebra de expectativa quando, por exemplo, dou uma fala mais dura ou não correspondo isso chamando eles de filhinhos, já cria aquela rechaça de ‘não, ela não gosta de mim, não, não sei o quê’, né, já... cria primeiro um problema daí. E segundo até mesmo com os próprios pais, de tipo ‘não, meu filho tá me trocando pela professora’, como já aconteceu, não comigo, já aconteceu com colegas de trabalho que eram diretores de turma. É... nessa turma que eu tô com eles em específico, tinha uma aluna que fazia isso, mas é porque ela não morava com a mãe. Aí depois eu fui entender que é porque a mãe era muito ausente, não sei o quê, ela realmente vivia...

[ALE] Tinha essa carência.

[LET] É, vivia atrás de alguém pra preencher essa lacuna que ela tinha. Mas eu conversei com ela, que era interessante ela, mesmo sem morar com a mãe dela, ela manter um contato e a mãe dela não morava com ela porque trabalhava pra conseguir sustentá-la, mas em outra cidade. E aí ela foi indo, foi indo, foi indo e parou de me chamar de mãe e se, realmente, se

reaproximou da mãe. Graças a Deus ainda não tive nenhum problema em relação a isso, consegui fazer eles desvencilharem desse problema. Mas, eu tinha medo de trazer consequências piores pra eles.

[ALE] Você falou muito da sua turma. No geral, a escola, como é que são os alunos da escola profissionalizante? Você já trabalhou em outras escolas?

[LET] Já. Já trabalhei, já trabalhei em escola particular e já trabalhei em escola pública da prefeitura. Os alunos daqui eu vejo um interesse maior por parte deles, sabe? Primeiro porque eles passam por uma espécie de seleção, não é prova, mas um afinilamento que avaliando as notas de todo o período do Ensino Fundamental II deles. E só o fato disso já mostra o interesse deles de vir pra escola. E quando estão aqui dentro, alguns tem dificuldades, uma das maiores dificuldades talvez é... interesse ou adaptação. Alguns, realmente, tem problemas cognitivos de desenvolvimento cognitivo mesmo. Então são desafios do nosso dia a dia. Mas, em geral, os alunos daqui de dentro são alunos que correspondem satisfatoriamente nossas expectativas. Por exemplo, proposição de algum trabalho, é... colocação de alguma atividade em grupo, eles fazem. Então, tipo, todas as atividades da escola que a gente passa, pelo menos que eu passei pra eles ou passo, eles fazem. Claro que existe um ou outro aluno que é aquele mais rebelde ou não vai com a minha cara ou não gosta da disciplina e aí não faz, 'ha, eu não gosto dessa professora'. E aí, os motivos a gente fica, né, 'por que?' Enfim, mas, geralmente os alunos são bem interessados, você vê um interesse maior dos alunos dessa escola. Em comparação com outras escolas que eu já trabalhei, da rede privada, você tem aquela coisa do aluno ser... eu não sei definir a palavra correta, talvez não seja essa, mas de ele querer ser um patrão, ele tem essa prepotência de achar que manda no professor quando na verdade ele, por ele pagar a escola, ele acha que manda. Mas na verdade ele só apenas paga o direito de ter aula com aquele professor, e eu tive problema com um aluno específico, numa escola que ele era, ele era neto do dono. Então ele achava que, por ser neto do dono da escola, ele...

[ALE] Era mais patrão ainda.

[LET] Era mais patrão ainda. Mas graças a Deus a coordenação foi bem incisiva nesse de tipo 'não, você é tão aluno quanto os outros; a, você estuda aqui, mas você é tão aluno

quanto os outros'. Não fazia essa distinção. Em relação aos alunos de escola pública da rede da prefeitura, eu trabalhei em uma que era tempo integral, eu era dessa nova roupagem que a prefeitura está colocando nas escolas, mas ainda sim eu acho que são escolas mais... eram escolas de periferia, tinham, dentro de algumas comunidades, essas comunidades que geralmente tem tráfico de drogas e na escola a gente também ainda vivenciava essa realidade do tráfico, de ver alguns alunos... não dos alunos traficarem no horário da aula, mas dos alunos fazerem parte do tráfico. Então era uma luta diária de, tipo, tirar esses meninos...

[ALE] E a escola profissionalizante não tem?

[LET] Aqui a gente não tem casos de meninos inseridos nesse meio. Alguns alunos já vieram pra cá viviam na comunidade mais próxima disso e chegavam a comentar: 'não, se eu não tivesse vindo pra cá, talvez, com o tempo livre, eu tivesse mais contato com esse tipo de coisa'. Aí como eles ficam aqui de 7 da manhã à 5 da tarde eu acho que isso tira um pouco do tempo de contato com eles.

[ALE] Com certeza.

[LET] E quando vão pra casa a maioria diz que: 'não, eu chego em casa pra dormir'. E as vezes eles até extrapolam, ficam aqui além do horário. Termina a aula, eles fazem geralmente uma listinha pra 'não, a gente vai ficar depois da aula pra fazer um trabalho, fazer alguma coisa'. Então a escola é, realmente, um berço de acolhimento.

[ALE] Só falta uma rede, né.

[LET] É, só falta a rede. (risos) Alguns deles, as salas com ar condicionado, eles trazem até lençol. Não, pronto, já. Daqui a pouco trás o travesseiro, colchão. Aí é realmente casa, passa mais tempo aqui do que em casa, vira realmente casa.

[ALE] Letícia, você mora aqui perto?

[LET] Morava. Eu estudei aqui na escola.

[ALE] Ai que massa. Coisa boa, né. Bom retorno.

[LET] É, eu fiz meu Ensino Médio aqui, saindo daqui em passei na federal. Fiz Letras-Português na Unilab, lá em Redenção.

[ALE] Olha, que massa.

[LET] E aí, depois que eu terminei a faculdade, já tava trabalhando na rede particular, ainda continuei por alguns anos, e aí eu conciliava rede particular com a da prefeitura de Fortaleza. E aí surgiu a oportunidade de vir pra cá e eu vim, que é uma escola que eu gostei muito de estudar aqui. Ter o parâmetro como aluna e também como professora é muito bom ver os dois lados da moeda, ver como as pessoas faziam funcionar na minha época. Eu morava aqui, agora eu moro em Fortaleza, mas é meu xodó, mesmo morando não tão perto...

[ALE] Quanto tempo você demora pra chegar?

[LET] Uns 20, 25 minutos.

[ALE] Ah, então não é tão longe, né.

[LET] Não.

[ALE] Você vem de quê?

[LET] Venho de carro, é no José Walter. Então do José Walter pra cá dá... não é tão longe.

[ALE] É, não é tão longe. José Walter também já é quase Maracanaú, né.

[LET] É.

[ALE] Você gosta de ser diretora de turma?

[LET] Gosto, gosto.

[ALE] Você pretende continuar?

[LET] Sim. É aquela coisa, um desafio de, tipo, será que a turma vai se dar bem comigo? Será que eu vou me dar bem com a turma? Porque não é uma via de mão única, tanto tem que ter empatia minha com eles, como também tem que vir de lá pra cá. Eu posso dizer que eu fui agraciada com essa turma de, apesar dos pesares, problemas que eu já tive com eles, de desentendimento, na verdade não desentendimentos, mas de... como é que eu posso dizer... de me fazer entender, sabe? De conversar porque eles são muito: 'Não! Eu quero tudo do meu jeito.' Por exemplo, ontem, eles têm umas brincadeiras de... gostam muito de bola. E aí já tinha sido pegue eles brincando com bola dentro da sala. E aí eu já tinha reclamado dizendo que eu não queria, que era proibido, inclusive, podia quebrar uma lâmpada, uma cadeira, acertar num colega, machucar, e aí ontem eles estavam fazendo isso de novo. Aí eu cheguei lá na turma, perguntei de quem era a bola, eles disseram que era da

escola, tinham pego pra jogar no horário do intervalo e ficaram com a bola na sala, não devolveram. E aí, aquele negócio, de ‘ó, o que foi que a gente já conversou... vocês sabem que não é permitido, é regra da escola e tal’. E aí suspendi eles de jogo com qualquer tipo de bola. Fora da educação física não é permitido mais estar jogando nos horários de intervalo e eles ficaram bem chateados, mas eles entenderam. Em um outro momento, algo desse tipo eles já teriam, tipo, aquela vontade de passar por cima da decisão do diretor de turma, teriam vindo na coordenação, tentar reverter o quadro da situação, mas hoje em dia não, eles sabem que eu tenho autonomia pra fazer esse tipo de coisa e que a coordenação dá esse suporte pra gente também, e corrobora nossas decisões.

[ALE] Dessa questão que você falou com relação a sua autonomia em relação a sua turma e a gestão. Você acha que isso foi construído?

[LET] A questão...

[ALE] De você decidir suspender e ser do jeito que decidi.

[LET] Sim, sim. É porque, assim, existem algumas regras na escola de tipo: a ordem que pode ser dada pelo diretor de turma e o que já é um excesso do diretor de turma, portanto o que o diretor de turma pode fazer nesses casos. É eu posso decidir suspender a turma ou não de alguma atividade em detrimento de alguma coisa que eles fizeram que ia de contra as normas da escola. Então, é de norma da escola não jogar bola dentro de sala de aula. Se eles desobedeceram essa ordem posso tomar alguma decisão que sustente essa prerrogativa, que era, no caso, suspendê-los de atividades que envolvessem algum jogo de bola, ou seja, futebol, vôlei, carimba, que eles gostam muito, né. Então, tipo, após tomar essa decisão, conversei com a coordenação, a coordenação ‘não, tudo bem, você tomou a decisão correta’, né. Nunca houve casos de, pelos menos comigo nunca houve casos de eu tomar uma decisão e a coordenação ser contra.

[ALE] Que bom.

[LET] Todas as vezes a coordenação sustentou. Por exemplo, tem alguns alunos que namoram pela escola e aí um casal específico que é da turma, eles dois são dessa minha turma, eles já tinham sido chamado atenção, de que não poderia ficar namorando na escola, e aí eu vi eles, tipo assim, mais abraçado... não era aquele abraçado, tipo assim eu te dou

um abraço e tudo bem, era um negócio mais... com agarrado. Eles não tavam se beijando. E aí eu coloquei: 'não, vocês não podem tá namorando. Próxima vez que eu, que eu ver vocês...'. 'Não, mas a gente não estava nem se beijando.' 'Mas vocês sabem que não podem estar com esse tipo de intimidade aqui dentro, então, próxima vez vocês vão ser suspensos'. Aí eles: 'não, Letícia'. A moça ainda tentou argumentar, mas, de novo: 'vocês sabem que é proibido, se é proibido é norma da escola e você tem que obedecer'. E tudo bem. Ele já, ele é mais medroso: 'não, tudo bem, tudo bem, tudo bem'. Ela ainda tentou argumentar. E aí logo em seguida eu já passei pra coordenação a situação, de como eles estavam e que eles estavam sobre aviso, né, de qualquer outra coisa seriam suspensos.

[ALE] Vocês têm uma das coordenadoras que acompanha o projeto?

[LET] Sim, sim. Até então era a Shirley, coordenadora Shirley, e acho que no começo... tem um processo, depois que chegou a nova coordenadora ela ficou de assumir o projeto e a gente está nessa fase de transição. Ela tá meio que assumindo o projeto. Então, tá passando tudo pra mão dela. Mas também é uma pessoa tão disposta quanto a escutar, acompanhar, esse tipo de coisa.

[ALE] Letícia, você consegue preencher direitinho o sistema?

[LET] Não. Pois é, o que é que eu consigo preencher? Eu consigo preencher o diário online, que é tipo assim as aulas que eu dou, frequência, esse tipo de coisa.

[ALE] Mas pro diretor de turma tem um...

[LET] É. O SIGE, o SIGE mesmo, o sistema, eu não consigo. Eu não consigo.

[ALE] Tem aquele de fotografia e tal.

[LET] Pois é, as fotos dos meninos a gente colocou. Que não foi eu que coloquei. Era um professor que ele tava no laboratório de informática, ele meio que ficou designado a fazer isso com todas as turmas. Então, eu já recebi o sistema com as fotos dos meninos. Mas, por exemplo, instrumental, as folhas de acompanhamento, as atas... não, não consigo. Tipo assim, as vezes o sistema abre e tá com problema, você não consegue mandar o arquivo. É um problema. E antes a gente ainda até tinha a facilidade de, por exemplo, tem alguns instrumentais que a gente utilizava como, por exemplo, uma declaração pro menino ir pra uma aula de campo, declaração pra uma visita em algum local, alguma outra escola, a gente

sempre imprimia já pronto do sistema e mandava pro pai que o pai teria que assinar ou o responsável. E agora nem isso mais. Outro dia a gente foi atrás, já não... teve uma atualização do sistema que nem isso mais não tem. A gente, realmente, tem que fazer um modelo aqui da escola mesmo.

[ALE] Você tem roteiro pra aula de formação cidadã?

[LET] Tenho. Como eu comecei primeiro ano tratando das relações socioemocionais deles, tratando sobre questão de liderança, relacionamento interpessoal é isso. (risos) Eu não lembro... deixa eu ver, puxar na memória... pronto, o último roteiro a gente estava falando sobre respeito às minorias. A gente tratou sobre racismo, sobre homofobia, a questão do respeito à mulher, o papel de cada um na sociedade. O pouco que se fala faz eles perceberem a atuação deles dentro da escola o papel deles, inclusive esses são minha turma. Fazer eles perceberem, tipo, qual é o papel da mulher, qual é o papel do homem na sociedade. Por que eu devo respeitar os negros? Por que eu devo respeitar os homossexuais? Trabalhando essa questão social com eles. O socioemocional trazia mais coisas pra... eles não tem muito apoio em casa, tipo assim, tem uma mãe que trabalha muito, o pai que não é muito presente ou é filho de pais separados. Então, tipo, fazer eles meio que entenderem a situação que eles vivem e conseguir contornar eventuais problemas que decorreriam disso, uma depressão, uma coisa do tipo. É tem um aluno que ele é bem... ele não gerencia, ele não sabe, tipo, emoções zero, controle zero de emoções. Então, tipo, ele teve uma acesso de raiva e quebrou o celular, chutou porta, lixeira, tudo e foi com uma coisa que não foi nem com ele, não era um grupo de colegas estava conversando, brincando, e aí ele tomou que era com ele a brincadeira. E aí ele ficou com raiva, aquela coisa toda e aí se trancou dentro do banheiro masculino. E eu fiquei eu vi os meninos mais estranhos e eu perguntei o que foi, e eles não iam me contar, iam proteger o colega porque achavam que eu ia expulsar o aluno, dizer pra coordenação expulsar o aluno da escola. E aí pedi aos colegas pra chamarem ele dentro do banheiro masculino. Ele saiu e a gente foi conversar. Ele disse que é porque estava chateado, a situação, aquela coisa toda. E aí logo após ele começou a chorar porque estava arrependido de ter assustado os colegas, de ter quebrado o patrimônio da escola, quebrado o próprio celular, que ele jogou na parede, assim, foi uma coisa que todo mundo,

todos os meninos ficaram, tipo, assistindo e não tiveram coragem de intervir na situação porque achavam que seria pior. Mas aí todo mês eu faço a divisão de assuntos, a gente tava tratando que o último assunto foram esses de respeito às minorias e aí eu mudei o cronograma pra falar sobre gestão de raiva, gestão de sentimentos, que muitas vezes eles não sabem como... e eu já tinha falado disso, tipo, há um tempo atrás, mas eu achei necessário.

[ALE] Então a questão socioemocional faz toda diferença, né.

[LET] Faz, faz, e aí...

[ALE] Porque o diferencial do Ceará... na pesquisa que eu estou fazendo, veio de Portugal, mas a questão socioemocional é uma coisa a nossa cara, só a gente tem.

[LET] Pois é, então tipo, aí eu vi a necessidade de começar a tratar isso de novo dentro da turma, especialmente por ele, mas também pra atingir quem não fosse tão visível assim como ele. E resolveu. Depois ele conversou, pediu desculpa a turma por ter agido daquela forma, disse que ia melhorar mais e aí, também, não só isso, tem o acompanhamento com os pais. A gente chamou família, o pai e a mãe, conversamos, dissemos que é interessante que ele tenha acompanhamento psicológico porque não é só a escola fazendo esse papel de conscientização, que é mais conscientização, não é um tratamento psicológico que a gente faz com eles. Mas que ele teria também que ter um acompanhamento fora da escola. Por sorte os pais também são bem presentes, os pais dele, e tavam realmente atrás dum tratamento, acompanhamento psicológico com ele. Tá encaminhando, tá...

[ALE] Graças a Deus.

[LET] Dando certo. É.

[ALE] Letícia se você fosse colocar uma porcentagem, você consegue conversar com quantos por cento dos pais dos seus alunos?

[LET] Uns 85 por cento.

[ALE] Um índice bom, né.

[LET] É. A maioria dos que não vem ou pra reunião ou porque a gente marca uma data específica pra reunião com eles, pra conversar com todos eles, mas nem todos... digamos que na reunião venha 70 por cento por conta do horário, alguns estão no trabalho, não

conseguem vir e aí, mas logo na semana seguinte ou até mesmo um pouco antes, um dia ou dois dias antes, já começam a vir pais que não vão poder vir no dia, na data marcada. E aí, com isso, a gente consegue atender pelo menos 80 por cento. Os que realmente não vem, ou porque não, realmente, não conseguem dispensa do trabalho, ou porque tem outras obrigações em casa, como, tipo assim, tem menino pequeno, não pode sair com a criança, não tem com quem deixar, é uma série de coisas mas, geralmente 85 por cento da turma a gente conversa, alguns é preciso estar chamando mais: ‘olha, seu pai ainda não veio. Olha, tem que vir pra reunião’. Aí depois de uma chamada mais de atenção esses outros 15 por cento vão vindo. Aí um ou outro deixam de vir. Ao todo eles são 41 e aí digamos que dos 41, 39 tenham vindo e 2 tenham ficado sem, realmente, sem assinar o boletim. Mas eu acho que é um percentual bom. A turma não é uma turma trabalhosa de ter grandes problemas, são essas coisinhas pequenas, uma desobediência aqui, uma brincadeira de bola ali que foi preciso ser suspenso, mas eles são bem, bem bons de lidar. É uma turma bem tranquila. Eu gosto da turma.

[ALE] Letícia, o Ceará tem o índice de evasão menor do que o do Brasil, é de 5 por cento o nosso. Você acha que tem alguma relação com o diretor de turma?

[LET] Eu acho que sim porque, esse ano, pronto, ano passado, no segundo ano eles eram 41 no primeiro ano, quando começou, eram 45, no meio do ano saiu uma aluna eles viraram 44. Então a gente começou o segundo ano com 44 alunos. A saída dessa aluna foi por motivos familiares, ela saiu porque a família ia se mudar pra longe da escola, não teria como ela continuar aqui. No segundo ano a gente teve desistência, uma desistência também por questão de família, é um outro que ele tava de progressão numa disciplina, não conseguiu acompanhar e saiu da escola, pediu transferência pra uma outra aqui perto, que não é profissionalizante. E aí aquela coisa de você não ter muito o que fazer porque ele não tinha notas pra continuar na escola, então ele até foi... ele regrediu do segundo pro primeiro ano, no meio do ano letivo, e não tinha muito o que fazer, e a outra situação foi de... Qual foi a outra? Ah, também foi um repetente que ele já, ele já não tinha passado pro segundo ano. Ele era... eles eram 43, são 44, isso. E aí saiu esses dois e agora, mais perto do final do ano, tinha um outro aluno também querendo desistir porque tinha tido... ele tinha uma namorada

e terminaram e ela tava aqui na escola também, e ele não queria ficar vendo ela todo dia, aquela coisa de adolescente, né. Dramáticos... pouco, não. E aí eu sentei, conversei com ele, conversei com a mãe que ele não... não era interessante ele perder os dois anos que ele já tinha passado aqui dentro da escola, ele já ia pro terceiro ano, começar estágio, esse tipo de coisa, não era interessante ele sair da escola e aí foi indo, foi indo, foi indo e ele ficou. Então, ele já tava... já tinha, praticamente, batido o martelo: 'não, eu vou sair da escola, eu não aguento mais estar aqui dentro, não aguento, não aguento, não aguento' mas ficou, mas ficou. (risos) Vai aguentar.

[ALE] Você acha que foi escolhida pra ser diretora por que? Você já ouviu falar do tal perfil?

[LET] Eu acho que não. Eu acho que não é por um perfil que a gente tem. É... eu entrei com a saída de uma professora, a professora que tava como titula da turma. Então eu entrei no meio do ano letivo. Se eu entrei na vaga dela automaticamente a turma veio pra mim, não foi bem uma escolha, nem uma escolha minha, nem da direção, nem uma escolha da turma querer que eu fosse diretora de turma. Mas, eu costumo dizer que a turma caiu como uma luva pra mim porque eles são, eles são muito de conversar, eles são muito de se entender.

[ALE] Qual o curso da sua turma?

[LET] Logística.

[ALE] Logística.

[LET] Mas quando eu estudei aqui eu fiz informática. (risos) Né, então, tipo, não, não por curso, não por apego, esse tipo de coisa, mas... a gente, o santo bate,. Graças a Deus o santo bateu, deu certo, a relação com eles é bem, bem bacana.

[ALE] Mas em algum momento a gente não escolheu se continua?

[LET] Sim, sim, sim.

[ALE] No segundo ano, por exemplo, poderia ter colocado outra pessoa, mas escolheu você.

[LET] É porque tava... falou que, não dá, aquele negócio, tipo que tá dando certo ninguém mexe. Aí eles viram que teve uma melhoria no comportamento dos meninos. Eu não sei se a professora que eu entrei no lugar dela ela não fazia o acompanhamento ou realmente ela não gostava de tá como diretora de turma, eu não sei, mas os meninos eles dizem que,

realmente, não... não tinham esse negócio de dizer ‘não, é ela a nossa diretora de turma, né’. E aí comigo eles já disseram que era diferente, que já, eu já tinha mais uma, uma presença maior. E eu ouvi dos meus colegas que, tipo assim, ‘não, a turma mudou; não, a turma tá melhor; o que foi que tu fez com a turma? num sei o quê, que agora a gente consegue dar aula direito’ porque tipo assim, eles eram muito afobados, muito afoitos. Logo no começo, quando eu entrei, a gente criou umas normas de convivência da turma que eram tipo como se fosse umas regrinhas, de ‘não pode fazer tal coisa, se fez tal coisa a punição é tal’. E eles mesmos foram... não fui eu que cheguei ‘olha, essa são as regras de convivência’. A gente sentou numa aula de formação cidadã e conversamos, tipo, o que é melhor pra convivência de sala de aula? O que é que vocês podem fazer pra melhorar o andamento da sala de aula? E aí eles foram dizendo: ‘não, a gente sofre muito com isso, sofre muito com aquilo, as vezes a gente tá querendo prestar atenção e o colega do lado está conversando’. E eu: ‘o que é que a gente pode fazer pra mudar esse quadro?’ ‘Não, é não conversar.’ ‘Mas só não conversar? E se o colega tiver conversando, o que é que a gente vai fazer?’, né. Aí eles iam bolando estratégias e punição pro colega que não obedecesse, como por exemplo, organizar a sala, limpar a sala, esse tipo de coisa que... não que a gente obrigue o aluno a fazer serviço de limpeza geral da escola, mas que era uma coisa que, tipo, a gente pede que eles sejam organizados, mantenham a limpeza da sala e aí o colega que desrespeitasse aquela norma, aquela regra, seria o responsável por ficar encarregado...

[ALE] Que faz todo o sentido.

[LET] Daquela limpeza, né. Então, com isso eles foram: ‘não, não vou conversar porque se não eu vou ser punido; não vou fazer isso porque se não vou ser...’. Começou com... com isso e depois não foi mais preciso, né, eles passaram o primeiro ano inteiro, o resto, a segunda parte do primeiro ano inteiro com essas regras e já no segundo ano não houve necessidade porque eles já tavam tão acostumados a serem organizados, a serem mais limpos, a não serem tão bagunçados que... não foi preciso implantar as regras de novo, né. E estão até hoje.

[ALE] Letícia, no geral, você acha que o projeto diretor de turma funciona?

[LET] Sim, acho que sim, pelo menos aqui na escola a gente tem realmente um dia pra conversar com os alunos, tem a aula de direção de turma em que ajuda muito. Não é de, por exemplo, um horário que lá no sistema tá como diretor de turma, mas na verdade tá entrando um professor dando aula de física, por exemplo. Aqui, realmente, é aula de diretor de turma. Então, funciona assim.

[ALE] E o que é que você acha que pode melhorar? O que é que pode acontecer pra que o projeto seja melhor?

[LET] Eu acho que poderia melhorar, por exemplo, se a gente tivesse uma formação direcionada pro diretor de turma. Apesar da gente ter um manual de como conduzir a disciplina, eu acho que poderia ter, por exemplo, uma formação de como a gente pode lidar com essas questões socioemocionais, como transpor alguns assuntos pra dentro da sala de aula, que na idade dele o assunto mais bombástico e polêmico é a sexualidade. Então, apesar de entender um pouco, mas... tá mais preparado, acho que falta mais formação pra nós, professores, pra lidar com esse tipo de assunto porque, por exemplo, sou formada em português, eu não sou formada em psicologia pra saber tratar desses assuntos. Então, é lendo, é indo atrás, mas eu acho que falta uma formação mais técnica, sabe? Acho que isso melhoraria bastante o projeto. Tenho colegas que estão na, como diretores de turma há mais tempo, então já tem um domínio maior de como proceder em determinadas situações, então, também com o auxílio dos colegas: 'ó, tô com tal problema, como é que eu resolvo? Me ajuda nisso aqui'. Então, a gente conversando também com os outros colegas da escola que são diretores de turma a gente consegue meio que resolver, mas poderia ser melhor.

[ALE] Então, eu acho que é isso, Letícia. Muito obrigada!

[LET] Por nada.

**ENTREVISTA 12**

[ALEXSANDRA / ALE] Boa tarde, Elisângela.

[ELI / ELI] Boa tarde.

[ALE] Eu vou precisar que você me diga seu nome, a escola que você trabalha e tua área de formação.

[ELI] Meu nome é Elisângela Maria da Silva, sou professora de língua estrangeira espanhola, e eu trabalho no Raimundo de Carvalho e na escola Martins Silva, todas duas são tempo integral.

[ALE] Você é formada por qual instituição?

[ELI] Universidade Federal do Ceará.

[ALE] Quanto tempo tu demora, geralmente, pra chegar da tua casa na escola que tu trabalha?

[ELI] Uma hora... uma hora e dez, depende. Depende do dia porque... depende do trânsito.

[ALE] Tu vem de ônibus, é?

[ELI] Isso.

[ALE] A outra escola que você trabalha, é em tempo integral?

[ELI] Não. Como assim?

[ALE] Passou a ser tempo integral esses dias?

[ELI] Sim, sim. Terceiro ano lá foi só agora, assim como aqui também, no Raimundo.

[ALE] Tu é diretora de turma lá também?

[ELI] Sou.

[ALE] Aí lá é que série?

[ELI] Atualmente é o terceiro da tarde, que é integral, e o terceiro da noite porque antigamente eu não tinha terceiro no integral... peguei esse ano PDT no integral.

[ALE] E tem turma a noite mesmo sendo tempo integral?

[ELI] Tem, lá tem o ensino regular. Lá tem o integral, de dia, manhã e tarde, e tem o ensino regular a noite.

[ALE] Tem quanto tempo que tu é diretora de turma?

[ELI] Eu acho... três anos. Com esse, eu acho.

[ALE] E tu gosta?

[ELI] Depende. As vezes eu gosto, as vezes não. Depende da turma.

[ALE] Ah, então depende mais da turma... depende mais da turma ou mais da escola?

[ELI] Depende... não sei explicar. Você se aproxima mesmo sem querer. É como uma família mesmo e do mesmo jeito que você briga com seus irmãos, com a sua mãe, você briga com eles também. É como se fosse outra família a parte. Talvez eu não goste porque é puxado, é como se eu tivesse mais de trinta filhos, e sem querer... querendo por querer você tem que se aproximar deles, tem que saber da vida de cada um. Aí fica pesado. Em duas escolas, né. Certo que o turno da noite eles não dão tanto trabalho assim de indisciplina, de chamar atenção. O problema deles é mais é infrequência. Já são adultos.

[ALE] Então se tu fosse fazer uma comparação pra tua realidade de agora, que tu é diretora de turma de uma sala integral e uma do ensino noturno.

[ELI] É totalmente diferente. Sempre foi totalmente diferente. Eu peguei aqui eu acho que tá com uns dois anos de PDT. Sempre, sempre foi totalmente diferente. Eu sempre tinha aqui, no integral e lá a noite. São dois PDT's totalmente diferente. O que eu faço com o PDT do integral não é o que eu faço com o PDT da noite, não é. Como eu disse, a faixa de idade. Eles são adultos da noite. O problema dos da noite é o que? A infrequência.

[ALE] E o maior problema dos adolescentes, então?

[ELI] É a indisciplina. É o entender o que é que eles têm que fazer, o que eles têm que seguir. Porque enquanto eles não completam... diz a lenda, enquanto eles não completam dezoito anos você ainda pode ajeitar eles pra sociedade, o que eles devem fazer, o que é correto, você ajuda, né. Mas o da noite não, eles já são formados, eles já são cabeça feita. Eles não aceitam a sua opinião. Você conversa com eles quando tem algum problema com algum professor... porque tem, aluno sempre é aluno. Então quando tem algum professor, um desentendimento, eles não aceitam o que você diz. Você conversa mais detalhadamente do que com um adolescente. É melhor você trabalhar com um adolescente porque você, como PDT, porque você tem o apoio dos pais. Eu não trabalho só, com o integral, eu tenho o apoio dos pais. A noite não, eu tenho que resolver com eles.

[ALE] Tu sempre consegue contato com a família ou é as vezes ou é de vez em quando?

[ELI] Sempre, sempre tive contato com a família, claro. Tem aqueles mais afastados que não te dão muita importância.

[ALE] Se tu fosse fazer uma média em porcentagem tu diria quanto? Oitenta por cento dos pais. Cinquenta, sei lá.

[ELI] É, do integral. Lembrando que eu sempre procuro falar com a família com o integral. É muito difícil procurar falar com a família do pessoal da noite. Geralmente resolvo com eles.

[ALE] Tá, e assim da tua experiência de diretora de turma, qual foi o maior desafio que tu já enfrentou?

[ELI] Vish, eu não sei. É tanta coisa. É... como assim que tipo de desafio?

[ALE] Mesmo que seja um desafio diário, alguma coisa que te marcou, alguma experiência, alguma coisa que tu fez com eles que foi bom, que foi ruim...

[ELI] Eu acho que o maior desafio é o processo de aceitação, né, porque eles não te veem... quando você passa a ser a diretora de turma, eles não te veem mais como a professora de espanhol. Eles esquecem que o espanhol é uma disciplina que eles se divertem, né, por ser outra língua. Eles esquecem. Passam a olhar pra você de uma maneira diferente como se fosse: 'ah, lá vem ela cobrar'. Entendeu? 'Ah, lá vem ela falar'. É tanto que o desenvolvimento em espanhol melhora bastante, mas eu não sei se melhora bastante é porque eles gostam ou se é porque eu fico cobrando. Eles já sabem que eu cobro. Nessa turma que eu sou diretora de turma eu nunca sei se eles estão aprendendo espanhol porque querem ou porque eu estou submetendo... porque 'ah, é a disciplina da diretora de turma, então vamos fazer de tudo pra ficar bem'. Entendeu?

[ALE] Então isso é ruim.

[ELI] É ruim, eu não sei, nunca sei quando eles... eu vejo a diferença da turma de diretor de turma pra outra turma. A outra turma é mais solta porque eu não tenho o PDT com eles. Eles se soltam mais, a gente aprende mais. Eu não estou dizendo que na turma do PDT eles não aprendem, pelo contrário, eles aprendem demais. Como professor a gente sabe. Mas eles olham pra você diferente. Essa parte aí eu não gosto.

[ALE] Tu acha que existe uma relação quase que maternal, então?

[ELI] Existe, eu já fui chamada de mãe.

[ALE] Mas tu gosta disso?

[ELI] Não me importo, eu não me importo. Eu vejo como afeto. Eu vejo respeito, pronto, eu gosto porque tem o respeito. Eu vejo que eles me respeitam e confiam em mim. Mas alguns já me chamaram de mãe e é sem perceber e me pediram desculpa.

[ALE] (risos) Nossa, legal, num ato falho bem afetivo, né.

[ELI] Foi. É.

[ALE] Eli, tem essa questão do PDT que é a questão do socioemocional, que mandam algumas diretrizes pra gente trabalhar... aqueles diálogos e tal. Funciona esse tipo de trabalho socioemocional com os adolescentes?

[ELI] Funciona, funciona. Não funciona do jeito que o governo quer porque socioemocional você vai trabalhando é dia-a-dia, na sala de aula é que você vai conhecendo, não preenchendo aquela ficha. Ali eles colocam porque eles querem. Entendeu? Ali eles colocam...

[ALE] Então...

[ELI] Como eles querem que você veja eles.

[ALE] Funciona no dia-a-dia, mas não funciona...

[ELI] No papel.

[ALE] Então é melhor do que... o contrário, geralmente, né.

[ELI] É, acho que sim.

[ALE] Então é bom.

[ELI] É, de certo modo é.

[ALE] Eli, tem outra coisa, olha: saiu uma reportagem, alguns meses atrás, que diz que o índice de evasão do Ceará é menor do que o índice de evasão no Brasil e que a gente tem uma das menores evasões do Brasil inteiro. Tu acha que isso tem a ver com o diretor de turma, já que nós somos o único estado do Brasil que tem?

[ELI] Eu acredito que sim porque a gente faz o trabalho de procura por eles: 'tá faltando por que? Não veio por que?' A gente avisa os professores. 'Professor, fulano de tal faltou por isso e por isso'. 'Mãezinha, cadê o fulano?' Eu acredito que sim.

[ALE] Então é porque o PDT faz o que a gestão chama de busca ativa.

[ELI] É, pode ser.

[ALE] Você acha que tem sucesso quando faz a busca ativa?

[ELI] Tenho mais sucesso quando eu falo com as famílias.

[ALE] Do quê diretamente com eles, né.

[ELI] É, que é o caso do integral, né.

[ALE] Eli, se tu fosse elencar algumas coisas pra melhorar o projeto, o que é que pode melhorar? O que é que tu acha que não funciona bem? O que é que pode ser melhor?

[ELI] Eu acho que teria que ter mais horas, porque, no caso, a gente tem uma de sala e três de planejamento. Essas três de planejamento não existem. Por que? Porque você usa mais de três, você acaba usando até mesmo o planejamento da sua disciplina pro PDT. Não há como você ajudar a turma com três horas, não dá, não existe. Não dá, não dá certo.

[ALE] Então se você usa o seu horário de planejamento pra fazer o trabalho da direção de turma, em que horário você planeja?

[ELI] Quando dá. Se eu mexo no meu planejamento pessoal, quando eu tiver um horário, uma hora vaga, no domingo, no sábado, as vezes fica assim. Por que? Porque o que eu tinha de planejamento na semana eu resolvi algumas coisas do PDT. Sempre tem alguém pra conversar, sempre tem um pai pra te procurar... ou você tem que fazer alguma ligação. Tem semana que é calmo? Tem, aí você corre tudo muito bem. Mas tem semana que não é. Tem semana que você pega todo o PDT.

[ALE] E aí, como é que funciona a questão do preenchimento do sistema? Porque você tá dizendo que já é meio que afogada... nas atividades diárias, do cuidado com o aluno e com os pais. E aí?

[ELI] O sistema, ano passado, o sistema funcionou metade, porque a secretaria mandou só que só abriu metade da turma. Aí, geralmente como é que eu faço? Eu pego os outros PDT's e nos nossos horários de planejamento a gente vai levando cinco em cinco. Se eu tenho uma turma, Suyane tem outra... PH tem outra, Leidiane outra. A gente era quatro ano passado a gente fazia assim. Olha na terça-feira que eu tenho planejamento, inclusive eu pegava do PCA e chamava, vou chamando. Cinco, cinco... pego cinco meu, não só do meu, mas

também de outras turmas pra ajudar. Porque amanhã a Suyane fazia a mesma coisa. Na quinta, a Leidiane fazia a mesma coisa. Enquanto eu tava fazendo os outros PDT's estavam em sala dando aula. Então a gente tipo que trocava pra poder se ajudar. A gente se ajudava pra poder preencher as coisas porque não dá.

[ALE] Se você fosse colocar então uma linha de prioridades. Ficaria o quê em primeiro lugar, em segundo, em terceiro... envolvendo a questão do diretor de turma.

[ELI] Disciplina ou PDT?

[ALE] É o PDT. Você falou no aluno, você falou na família e falou no sistema, né.

[ELI] O aluno.

[ALE] Aí depois?

[ELI] Sistema.

[ALE] Aí depois a família? Porque existe uma cobrança pelo sistema.

[ELI] É. Mas eu foco primeiro no aluno, depois o sistema e a família porque a família... por que a família por último? Porque nem sempre a gente pode contar com a ajuda da família também não. As vezes a família chega pra contar com você dizendo que não sabe o que fazer com isso ou aquilo.

[ALE] E tu sabe?

[ELI] Do próprio filho. Eu já tive mães que me disseram: 'ele escuta mais a senhora do que a mim'.

[ALE] Isso no fim das contas não é uma coisa problemática, também, essa transferência que os alunos fazem da família pro professor?

[ELI] Depende muito... depende muito. Depende da família, do aluno porque eu vejo que as mães de hoje tem a mesma... são da mesma geração deles. A gente como é de outra geração, nós professores, a gente aprende a escutar, a conversar, a negociar. A gente não sabe como é que é em casa a família, tem os problemas deles também. Talvez eles vejam na gente aquela pessoa diferente.

[ALE] Eli tu já foi diretora de turma de uma turma regular ou só integral?

[ELI] Só integral. Regular, só do noturno.

[ALE] Mas de uma escola regular, já.

[ELI] O noturno.

[ALE] Tu pode fazer uma diferenciação entre a escola regular e a escola de tempo integral pro trabalho do diretor de turma?

[ELI] Não.

[ALE] Faz diferença?

[ELI] Eu não tinha, eu não tive PDT de ensino regular. Com adolescente que você fala, né? Não, não tive.

[ALE] Então pronto. Acho que é isso, Eli. Obrigada, viu.

[ELI] De nada.